

Gabriel Delanne

A Evolução Anímica

Traduzido do Francês

L'Évolution animique.

Essais de psychologie physiologique suivant le spiritisme,
2^a édition, Paris, Chamuel, 1897.



**Caverna de Altamira
Espanha**



Conteúdo resumido

Conforme as próprias palavras de Delanne na Introdução desta obra, o objetivo da mesma é estudar a evolução física e psíquica do Espírito encarnado, tendo em vista os tão lógicos ensinamentos do Espiritismo e as últimas descobertas da ciência.

O autor procura demonstrar que é mediante uma evolução ininterrupta, a partir das formas mais rudimentares, até à condição humana, que o princípio pensante conquista, lentamente, a sua individualidade, elevando-se, por uma série de reencarnações, para destinos mais elevados.

Os estudiosos da Doutrina Espírita encontrarão aqui rico material sobre o importantíssimo elemento de ligação entre o corpo e o Espírito: o perispírito, cuja realidade Delanne busca comprovar.

Devemos lembrar ao leitor que esta obra foi publicada originariamente, em francês, em 1895. Muitos conhecimentos científicos aqui expostos sofreram, no correr dos anos, sua natural transformação e progresso, o que, entretanto, não invalidou o vigor e a firmeza dos conceitos espiritistas emitidos pelo autor, mas, antes, vieram afirmá-los cada vez mais.

Introdução

Constitui-se o Espiritismo de um conjunto de doutrinas filosóficas, reveladas pelos Espíritos, isto é, por inteligências que viveram na Terra. Seu estudo pode dividir-se em duas partes distintas, a saber:

- 1^a) Análise dos fatos concernentes ao estabelecimento de comunicações entre os vivos e os impropriamente chamados mortos;
- 2^a) Exame das teorias elaboradas por esses ditos mortos.

A característica deste nosso fim de século é, não há negá-lo, uma evolução radical de idéias.

Partindo do materialismo, homens de alta envergadura científica lograram convencer-se de que o niilismo intelectual é a mais balofa das utopias. Hipótese contraditória de quantos conhecimentos se têm adquirido a respeito da alma, ela, de fato, nada explica da natureza e só produz um profundo desânimo e abas-

tardamento das inteligências, em face do nada. As velhas crenças imortalistas, apoiadas no ensino religioso, dir-se-ia estarem quase desaparecidas; e, daí, a evidência de conseqüências lamentáveis a que assistimos, como resultantes da falta de um ideal coletivo.

É mais que chegado o tempo de reagir vigorosamente contra os sofismas dos pseudo-sábios que, orgulhosamente, decretaram a incognoscibilidade da morte. É preciso quebrar todas as resistências arbitrárias, impostas à perquirição do além, tão certo como o é podermos afirmar hoje que a sobrevivência e a imortalidade do ser pensante são verdades demonstradas com evidência inconfundível.

O Espiritismo chegou justo na sua hora. Diante das negações de um grosseiro cepticismo, a alma afirmou-se viva depois da morte, mercê de manifestações tangíveis, que a ninguém já fora lícito contestar, sob pena de incidir na pecha, aliás justa, de ignorante ou preconceituoso.

Debalde tentaram, em começo, combater pelo sarcasmo a nova doutrina. Todos os ridículos foram inócuos, de vez que a verdade traz consigo o selo da certeza, dificilmente irreconhecível. Mudaram, então, de tática os negativistas, e pretenderam triunfar da nova ciência, organizando-lhe em torno a conjuração do silêncio.

A despeito das numerosas investigações tentadas por físicos e químicos eméritos, a ciência oficial fechou, obstinada, ouvidos e olhos aos fatos, que davam brilhante desmentido às suas asserções, e fez constar que o Espiritismo estava morto. Mas, essa é uma ilusão que importa desfazer, pois que o Espiritismo, ao presente, afirma-se mais do que nunca florescente. Iniciado com as mesas girantes, o fenômeno atingiu proporções verdadeiramente extraordinárias, respondendo a todas as críticas contra ele lançadas, mediante fatos peremptórios e demonstrativos da falsidade de quantas hipóteses imaginavam para explicá-lo.

À teoria dos movimentos espontâneos e inconscientes, preconizada por autoridades quais Babinet, Chevreul Faraday, os Espíritos opuseram o movimento de objetos inanimados a se

deslocarem sem contacto visível aos observadores, assim como o atesta o relatório da Sociedade Dialética de Londres.

À negação de uma força emanante do médium, responde William Crookes com a construção de um aparelho destinado a medir matematicamente a ação da força psíquica, a distância.¹

Para destruir o argumento predileto dos incrédulos – a alucinação –, as entidades do espaço consentiram em fotografar-se, demonstrando, dessarte, e de maneira incontestada, a sua objetividade.

Possível, também, foi obterem-se moldes dos membros de um corpo fluídico temporariamente formado, e logo desaparecido; e essas impressões materiais subsistem, como documentação autêntica da realidade das aparições.

Entrementes, davam os Espíritos a medida do seu poder sobre a matéria, produzindo a escrita à revelia de todos os meios conhecidos e transportando, sem dificuldade, através de paredes, em ambientes fechados, objetos materiais. Davam prova, enfim, de sua inteligência e personalidade, tendentes a demonstrar que tiveram existência real na Terra.

De fato, muito se tem dito e escrito contra o Espiritismo; mas todos que não tentado destruí-lo só conseguiram revigorá-lo e engrandecê-lo no batismo da crítica.

Todos os anátemas, todas as negações tendenciosas houveram de retrair-se e desaparecer, diante da avalanche de documentos acumulados pela tenacidade dos investigadores. O fato espírita conquistou adeptos em todas as classes sociais.

Legisladores, magistrados, professores, médicos, engenheiros, não temeram proclamar a nova fé, resultante de um exame atento, quanto de uma longa experimentação.

Faltando apenas a essas manifestações o beneplácito das ciências, eis que o obtiveram elas pela voz de seus mais renomados expoentes. Na França, Alemanha, Inglaterra, Rússia, Itália, América do Norte, sábios ilustres deram a essas pesquisas um caráter tão rigorosamente positivo que já se não pode hoje recusar a autoridade de suas afirmações, mil vezes repetidas. Longa e porfiosa foi a luta, de vez que os espiritistas tiveram de combater

os materialistas, cujas teorias se aniquilam em face de tais experiências e, de contrapeso, as religiões, que sentem oscilar os seus dogmas seculares, ao embate irresistível dos desencarnados.

Em obra precedente,² expusemos metodicamente o magnífico surto que a experimentação atingiu. Discutimos, ponto por ponto, todas as objeções dos incrédulos, estabelecemos a inani- dade das teorias imaginadas para explicar os fenômenos, seja mediante as leis físicas atualmente conhecidas, seja pela sugges- tão ou alucinação, e do nosso imparcial exame o que resultou foi a inabalável certeza de que esses fenômenos procedem dos seres humanos que aqui viveram.

Na hora atual, nenhuma escola filosófica pode fornecer expli- cação adequada aos fatos, fora do Espiritismo.

Os teósofos, os ocultistas, os magos e evocadores outros de antanho, em vão tentaram explicar os fenômenos, atribuindo-os a entidades imaginárias, ditas *elementais* ou *elementares*, *casas astrais* ou *inconsciente inferior*: tudo hipóteses, irresistíveis a um exame sério, de vez que não abrangem todas as experiências e só complicam a questão, sem necessidade. Também, por isso, nenhum desses sistemas pôde propagar-se, e eclipsaram-se todos, tão prestes quanto abrolharam.

A sobrevivência do ser pensante impôs-se, desprendida de todas as escórias, magnífica em seu esplendor; o grande proble- ma do destino humano está resolvido; rasgou-se o véu da morte e, através da ogiva aberta para o infinito, vemos irradiar na imortalidade os entes queridos, todos os afetos que acreditáva- mos extintos por todo o sempre.

Não vamos, pois, reexaminar aqui todas as provas que possu- ímos da sobrevivência, no pressuposto de feita estar a sua de- monstração.

Nosso objetivo, nesta obra, é estudar o Espírito encarnado, tendo em vista os tão lógicos ensinamentos do Espiritismo e as últimas descobertas da ciência.

Os conhecimentos novos, devidos às inteligências extraterre- nas, ajudam-nos a compreender toda uma categoria de fenôme-

nos fisiológicos e psíquicos, que, de outro modo, se tornam inexplicáveis.

Os materialistas, com o negarem a existência da alma, privam-se, voluntariamente, de noções indispensáveis à compreensão dos fenômenos vitais do ser animado; e os filósofos espiritualistas, por sua vez, empregando o senso íntimo como instrumento único de investigação, não conheceram a verdadeira natureza da alma; de sorte que, até agora, não lhes foi possível conciliar, numa explicação comum, os fenômenos físicos e os mentais.

O Espiritismo, facultando o conhecimento da composição do Espírito, tornando, por assim dizer, tangível a parte fluídica de nós mesmos, projetou viva luz nesses meandros aparentemente inabordáveis, de vez que permite abarcar em uma vasta síntese todos os fatos da vida corporal e intelectual, e mostra-nos as relações entre uma e outra, até aqui desconhecidas.

A fim de tornar mais compreensível o nosso pensamento, convém lembrar, em poucas palavras, as noções novas que da alma temos adquirido, e que servirão para fixar em alto-relevo a originalidade e grandeza da nova doutrina.

O ensino dos Espíritos foi, como sabemos, coordenado com superioridade de vistas marcante e lógica irrefragável, por Allan Kardec.³ Filósofo profundo, ele expôs metodicamente uma série de problemas relativos à existência de Deus, da alma, da constituição do Universo. Deu solução clara e racional à maior parte dessas questões difíceis, tendo o cuidado de forrar-se de raciocínios metafísicos. Daí o tomarmos-lo por guia neste sucinto resumo.

A alma, ou Espírito, é o princípio inteligente do Universo. Indestrutível, ao mesmo título que a força e a matéria, não lhe conhecemos a essência íntima, mas somos obrigados a reconhecer-lhe existência distinta, uma vez que as suas faculdades diferenciam-na de quanto existe. O princípio inteligente, do qual emanam todas as almas, é inseparável do fluido universal,⁴ ou, por outra, da matéria sob a sua forma original, primordial, o que vale dizer, em seu estado mais quintessenciado.

Todos os Espíritos, qualquer que seja o grau de seu progresso, são, portanto, revestidos de um invólucro invisível, intangível e imponderável. *Perispírito* é como se denomina esse corpo fluídico.

Com isso, o Espiritismo acarreta vistas novas e um novo ensino. Contrariamente à opinião comum, ele demonstra que a alma não é uma pura essência, uma como abstração ideológica, uma entidade vaga, qual a crêem os espiritualistas; mas, ao contrário, um ser concreto, dono de um organismo físico perfeitamente delimitado.

Se, no estado normal, a alma é invisível, pode, contudo, aparecer mediante condições determinadas, e com especificidade capaz de impressionar nossos sentidos.

Os médiuns vêm-na no espaço, sob a forma que retinha na Terra. Por vezes, ela chega a materializar-se de maneira a deixar lembrança duradoura de sua intervenção; e, neste caso, podemos, em resumo, dizer que, em se esquivando aos nossos sentidos, não deixa de ser, por isso, real e operante quanto o homem terrestre.

No decurso deste estudo veremos que, apesar da sua materialidade, o perispírito é tão eterizado que a alma não poderia atuar sobre a matéria sem o concurso de uma força, a que se conveio em chamar fluido vital.

O objetivo da alma é o desenvolvimento de todas as faculdades a ela inerentes. Para consegui-lo, ela é obrigada a encarnar grande número de vezes, na Terra, a fim de acendrar suas faculdades morais e intelectuais, enquanto aprende a senhorear e governar a matéria. É mediante uma evolução ininterrupta, a partir das formas de vida mais rudimentares, até à condição humana, que o princípio pensante conquista, lentamente, a sua individualidade. Chegado a esse estágio, cumpre-lhe fazer eclodir a sua espiritualidade, dominando os instintos remanescentes da sua passagem pelas formas inferiores, a fim de elevar-se, na série das transformações, para destinos sempre mais elevados.

As reencarnações constituem, dessarte, uma necessidade inelutável do progresso espiritual. Cada existência corpórea não

comporta mais do que uma parcela de esforços determinados, após os quais a alma se encontra exausta. A morte representa, então, um repouso, uma etapa na longa rota da eternidade. Depois, é a reencarnação novamente, a valer um como rejuvenescimento para o Espírito em marcha. A cada renascimento, as águas do Letes propiciam à alma uma nova virgindade: desvanecem-se os erros, prejuízos, as superstições do passado.

Paixões antigas, ignomínias, remorsos, desaparecem, o esquecimento cria um novo ser, que se atira cheio de ardor e entusiasmo, no percurso da nova estrada. Cada esforço redundando num progresso e cada progresso num poder sempre maior. Essas aquisições sucessivas vão alteando a alma nos inumeráveis degraus da perfeição.

Revelações são essas que nos fazem entrever as perspectivas do infinito. Mostram-nos a eternidade da existência a desenvolver-se nos esplendores do cosmo; permitem-nos melhor compreender a justiça e bondade do imortal Autor de todos os seres e de todas as coisas.

Criados iguais, todos temos as mesmas dificuldades a vencer, as mesmas lutas a sustentar, o mesmo ideal a atingir – a felicidade perfeita. Nenhum poder arbitrário a predestinar uns à beatitude, outros a tormentos sem fim. Unidos, só o somos de própria consciência, pois ela é quem, ao retornarmos ao espaço, nos aponta as faltas cometidas e os meios de as repararmos.

Somos, assim, o árbitro soberano de nossos destinos; cada encarnação condiciona a que lhe sucede e, mau grado a lentidão da marcha ascendente, eis-nos a gravitar incessantemente para alturas riosas – onde sentimos palpitar corações fraternais – e a entrar em comunhão sempre mais e mais íntima com a grande alma universal – a Potência Suprema.

Para dar a esses ensinamentos toda a autoridade que eles comportam, é preciso mostrar que os Espíritos que no-los ditaram não se enganaram. É preciso verificar-lhes as afirmações, passá-las ao crivo da razão e, sempre que possível, ver se concordam com os modernos dados científicos.

No intuito de nos submetermos a esse programa e proceder com método, começaremos por estudar o papel da alma durante a encarnação.

Mostraremos a importância funcional do novo órgão denominado perispírito, e grato nos será constatar que a fisiologia e a psicologia se beneficiam de clarezas novas, quando, no mecanismo da sua fenomenalidade, intermitimos o Espírito revestido do seu envoltório.

Preliminarmente, ensaiaremos determinar a natureza e as funções do perispírito. Bem conhecidas umas e outras, estudaremos, então, alguns problemas até hoje não resolvidos.

Interrogada a Ciência, no que diz respeito à evolução vital dos seres vivos, só nos dá, quando muito, vagas respostas, antes escapatórias. Por que se morre? Por que as mesmas forças que conduzem um organismo a completo desenvolvimento se tornam impotentes para mantê-lo nesse estado?

Por outro lado, de onde provém a fixidez individual e típica dos seres vivos, não obstante o fluxo permanente de matéria que renova o organismo a cada instante?

Tais as primeiras questões que nos propomos resolver, intermitindo o perispírito em nossas pesquisas.

A seguir, tentaremos evidenciar que os fenômenos da vida vegetativa e orgânica necessitam, a seu turno, da presença de uma força agente e incessante, a fim de coordenar as ações reflexas do sistema nervoso, às quais são eles devidos.

Ressaltaremos, com toda a possível clareza, a característica psíquica desses atos, por demonstrar que todos eles têm uma finalidade inteligente, no sentido de concorrência para a conservação do indivíduo.

Daí encaminhar-nos-emos ao estudo das faculdades propriamente ditas.

Não há quem ignore as inextrincáveis dificuldades em que se debatem os filósofos, quando e sempre que se trata de explicar a ação do físico sobre o moral, ou da alma sobre o corpo. Pois o conhecimento do perispírito elimina radicalmente o problema. E o faz porque lança sobre os processos da vida mental intensa

clareza, permitindo compreender, nitidamente, a formação e conservação do inconsciente, fisiológico ou psíquico.

Em mostrar os matizes progressivos que religam e retraçam o instinto e a inteligência, expõe ao vivo o mecanismo das ações cerebrais e as conexões recíprocas existentes; explica por que a alma conserva unidade e identidade através de encarnações sucessivas, e dá, sobre as condições em que se verificam e completam esses renascimentos, as indicações mais precisas.

Finalmente, o perispírito revela-se o instrumento indispensável para compreendermos a ação dos desencarnados nas manifestações espíritas.

Por aí se vê que esta nossa obra tem um duplo objetivo.

Em primeiro lugar, visa demonstrar que a doutrina está concorde com as modernas teorias científicas; e, em segundo, colima tornar conhecido o papel físico de um órgão essencial à vida do corpo e da alma, cuja existência o público mal poderia suspeitar, por ignorada até agora; e, finalmente, objetiva evidenciar a importância considerável dessa descoberta.

A própria natureza das nossas investigações obriga-nos a respirar copiosamente em trabalhos recentíssimos de cientistas contemporâneos e, fazendo-o, aprez-nos reconhecer que os esforços desses experimentadores, com a sua metodologia rigorosa, muito adiantaram aos nossos conhecimentos. A determinação, cada vez mais exata, do funcionamento vital dos seres animados fornece preciosos apontamentos para o nosso estudo e se, na verdade, desprezamos as conclusões materialistas desses mesmos sábios, é que temos também, por nossa parte, fatos irrefutáveis que demonstram, com certeza, a erronia das suas deduções.

O Espiritismo dá-nos a conhecer a alma; a Ciência nos descobre as leis da matéria viva. Trata-se, portanto, para nós, de conjugar os dois ensinamentos, mostrar que eles mutuamente se auxiliam, se completam, tornam-se mesmo inseparáveis e indispensáveis à compreensão dos fenômenos da vida física e intelectual, por isso que de tal concordância resulta, para o ser humano, a

mais esplêndida de quantas certezas lhe seja facultado adquirir na Terra.

Não deixamos de reconhecer a própria incapacidade nossa à face de semelhante escopo, mas, por imperfeito que nos saia o esboço apresentado, esperamos alcançar que um verdadeiro cientista o retome e lhe dê, por si, todo o valor que ele comporta.

O essencial a estabelecer é que não existe incompatibilidade qualquer entre as novas descobertas e a realidade dos Espíritos, ou, por outra, que nada há de sobrenatural; que a existência de criaturas revestidas de um invólucro material pode conceber-se naturalmente, e que a influência dessas criaturas sobre o organismo é conseqüência lógica de sua mesma constituição.

Não ignoramos que as teorias aqui defendidas deveriam escorregar-se em demonstrações experimentais, para tornarem-se absolutamente irrefutáveis. Entretanto, certos estamos de que essas experiências virão a seu tempo. Que nos baste, por agora, apresentar hipóteses lógicas que não colidam com os ensinamentos científicos, explicando todos os fenômenos e mostrando a grandiosidade da síntese exequível, quando e sempre que se conjuguem os conhecimentos humanos com as revelações espirituais. Não é dizer que baste o só concurso da física, da química, da mecânica e da biologia para explicar os fatos espíritas, pois essas manifestações, aparentemente tão simples, exigem, para serem compreendidas, o emprego de todos os conhecimentos humanos. Assim é que, estudando o funcionamento cerebral do médium em comunicação com os desencarnados, o Espiritismo afeta os problemas mais árduos da fisiologia e da psicologia.

A natureza particular das forças em jogo nas materializações torna-se objeto de profundas elucubrações para o sábio, de vez que o processo de atuação sobre a matéria, por parte dos invisíveis, difere radicalmente de tudo o que até agora conhecemos.

No dia em que a Ciência persuadir-se da veracidade da nossa doutrina, dar-se-á legítima revolução nos métodos até aqui utilizados. Pesquisas que apenas colimam a matéria elevar-se-ão para a alma. E o mundo verá entreabrir-se uma Era Nova; a Humanidade, regenerada por uma fé racional, avançará na con-

quista de todos os progressos que até hoje mal tem podido lobrigar.

Muito tempo decorrerá, certo, antes que essas esperanças se realizem. Que importa? Nosso dever é aplainar o caminho aos pósteros. Tentemos, portanto, aproveitar as modernas descobertas, adaptando-as à Doutrina. Penetremos as profundezas do ser humano, em conexão com a fisiologia e aclarados pelo Espiritismo. tornemos, por assim dizer, palpável a influência da alma, ora em estado consciente, ora em estado inconsciente, sobre todos os fenômenos vitais.

Escrutemos, minuciosos, as relações tão delicadas quão importantes do físico com o moral. Tentemos determinar as conexões da vida psíquica com os fenômenos orgânicos. Procuremos no homem o elemento que subsiste e identifica o ser, bem como a sede das faculdades da alma.

Por fim, resumindo todas as observações, ensaiemos conciliar, numa visão de conjunto, tudo o que afete corpo e alma com as conclusões a que houvermos chegado.

Essas as condições que nos guiaram na feitura deste livro. Não temos a pretensão de haver aclarado completamente todas as questões, mas acreditamos concorrer ao debate com documentos novos e apresentar, sob mais compreensível prisma, fatos até agora obscuros e inexplicados. Esperamos, sobretudo, que deste nosso trabalho ressalte a convicção de que o Espiritismo é, positivamente, uma verdade, de vez que nos faculta a chave daquilo que a ciência humana é impotente para descobrir.

Gray, 10 de agosto de 1895.

Gabriel Delanne

Capítulo I

A vida

Estudo da vida. – Destruição orgânica. – Criação orgânica. – Propriedades gerais dos seres vivos. – Condições gerais de manutenção da vida. – A umidade. – O ar. – O calor. – Condições químicas do meio. – A força vital. – Por que se morre. – A utilidade fisiológica do perispírito. – A idéia diretriz. – O funcionamento do organismo. – O papel psicológico do perispírito. – A identidade. – O sistema nervoso e a força nervosa ou psíquica. – Resumo.

Ao iniciar este estudo, convém entendermo-nos sobre a aceção do vocábulo *vida*, assaz tomado em sentidos diversos. Às vezes, confere-se-lhe uma significação genérica, abstrata, para designar o conjunto de coisas existentes, quando se fala da vida universal; outras vezes, e mais comumente, empregamo-lo para caracterizar os seres animados.

Em fisiologia, por exemplo, a palavra vida corresponde a qualquer coisa de objetivo, como seja, para o ser animado, a faculdade de responder, por movimentos, a uma excitação exterior. Os filósofos, porém, que discorrem sobre a vida da alma, referem ao vocábulo uma significação inteiramente diversa, pretendendo com ele definir a espontaneidade da mesma vida, em contradita à definição precedente.

A fim de se evitar toda e qualquer confusão, vamos estabelecer uma distinção essencial entre as manifestações da alma, no estado de encarnação, e as que ela prodigaliza e acusa na sua existência incorpórea. As faculdades do Espírito, digamo-lo desde logo, são sempre as mesmas; mas, na Terra, elas têm exercício subordinado a condições orgânicas, por sua vez ligadas ao e dependentes do meio exterior, tal como havemos de comprovar a breve trecho, ao passo que, no plano etéreo, nenhum entrave lhe restringe o jogo das faculdades psíquicas.

A vida será, logo, para nós, a característica dos seres organizados que nascem, vivem e morrem. Atribuimo-la a uma modificação especial da energia: a força vital, cuja natureza teremos o

cuidado de bem definir e cuja presença haveremos de reconhecer com os fisiologistas, sempre que verificarmos num ser o movimento reativo de excitação externa, ou seja, o fato de que esse ser é *irritável*.

Segundo a nossa forma de ver, a vida só existe em função da matéria organizada, e impossível fora descobri-la alhures, podendo dizer-se, sem paradoxo, que a alma não é vivente porque seja mais e melhor: tem “existência integral”, visto que, não sendo organizada, não se submete à morte.

A vida, em seus aspectos multifários, jamais deixou de ser um problema fascinante para todos os pensadores.

As diversas escolas filosóficas em desfile pelo mundo, cada qual por sua vez, procuraram abordar a questão e, consoante as idéias em curso de ocasião, deram-lhe soluções muito díspares. Mas foi, a bem dizer, do último século a esta parte que os progressos alcançados em todos os setores do conhecimento humano permitiram abordar o problema a sério e determinar-lhe os limites. Uma visada rápida das condições necessárias à manutenção e ao desenvolvimento da vida impõe-se-nos, a fim de podermos saber se ela é devida a um princípio especial, ou se não passa de resultante das forças naturais, em ação permanente no mundo.

Estudo da vida

Vamos resumir os trabalhos mais recentes sobre o assunto.⁵ Para todos os seres, a vida resulta das relações existentes entre a sua constituição física e o mundo exterior. O organismo é preestabelecido, pois que provém dos ancestrais, por filiação.

A ação das leis físico-químicas, ao contrário, varia segundo as circunstâncias. A essa oposição de forças, Claude Bernard denomina *conflito vital*.⁶

“Não é – diz ele – por uma luta contra as condições cósmicas que o organismo se mantém e se desenvolve, mas, muito ao contrário, por uma “adaptação”, um acordo. O ser vivo não constitui exceção à grande harmonia natural, que lhe faz que as coisas se adaptem umas às outras. Ele, o ser vivo, não rompe

nenhum acordo, não está nem em contradição nem em luta com as forças cósmicas. Muito pelo contrário, ele faz parte do concerto universal, e a vida do animal, por exemplo, não passa de fragmento da vida total do Universo.”

Esse conflito vital origina duas espécies de fenômenos:

- 1^a) Fenômenos de *destruição orgânica*, isto é, de desorganização ou desassimilação;
- 2^a) Fenômenos de *criação orgânica*, indiferentemente chamados organização, síntese orgânica ou assimilação.

Destruição orgânica

Coisa curiosa são os fatos de destruição, porque são os mais aparentes, aos quais geralmente se liga a idéia de vida. A destruição orgânica é, com efeito, determinada pela função do ser vivente. Quando, no homem ou no animal, sobrevém um movimento, uma parte da substância ativa do músculo se destrói ou se queima; quando sensibilidade e vontade se manifestam, há um desgaste de nervos; quando se utiliza o pensamento, é porção de cérebro que se consome. Poder-se-á, então, dizer que *jamais a mesma matéria serve duas vezes à vida*. Realizado um ato, a matéria que lhe serviu à produção deixa de existir. Reapareça o fenômeno, é matéria nova que a ele concorre.

“A usura molecular é sempre proporcional à intensidade das manifestações vitais. A alteração material será tanto mais profunda ou considerável, quanto mais ativa se mostre a vida.

“A desassimilação expulsa das profundezas do organismo substâncias tanto mais oxidadas pela combustão vital, quanto mais enérgico se verifique o funcionamento dos órgãos. Essas oxidações, ou combustões, engendram o calor animal, produzem o ácido carbônico que se exala pelos pulmões, além de outros produtos eliminados por diferentes glândulas da economia. O corpo gasta-se e sofre consunção e perda de peso, que traduzem e medem a intensidade das funções. Por toda parte, a bem dizer, a destruição físico-química liga-se à atividade funcional, e nós podemos encarar como axioma fisiológico a seguinte proposição:

toda manifestação de um fenômeno vital liga-se, necessariamente, a uma destruição orgânica.”⁷

Essa destruição é sempre devida a uma combustão, ou a uma fermentação.

Criação orgânica

Os fenômenos de criação orgânica são atos plásticos, que se completam nos órgãos em repouso e os regeneram. A síntese assimiladora reúne os materiais e as reservas que o funcionamento deve despender. É um trabalho íntimo, silencioso, esconso, nada havendo que o possa trair exteriormente.

A viveza com que se nos apresentam, externamente, os efeitos da destruição orgânica ilude-nos ao ponto de lhes chamarmos fenômenos vitais, quando, na realidade, são letais, por isso que se engendram destruindo tecidos.

“Não somos impressionados pelos fenômenos da vida. A reparação de órgãos e tecidos opera-se íntima, silenciosamente, fora de nossas vistas. Só o embriogenista, acompanhando o desenvolvimento do ser vivo, apreende permutas e fases reveladoras desse trabalho surdo. É aqui um depósito de matéria; ali uma formação de invólucro, ou núcleo; acolá uma divisão, uma multiplicação, uma renovação.

“Muito pelo contrário, os fenômenos de destruição, ou de morte vital, saltam-nos à vista e é por eles, aliás, que costumamos caracterizar a vida. Entretanto, quando se opera um movimento e um músculo se contrai; quando vontade e sensibilidade se manifestam; quando o pensamento se exerce; quando a glândula segrega, o que se dá é consumo de substância muscular, nervosa, cerebral: portanto, fenômenos de destruição e morte.”⁸

Em todo o curso da existência, essas destruições e criações são simultâneas, conexas, inseparáveis. Ouçamos sempre o eminente fisiologista:

“As duas ordens de fenômenos de destruição e criação apenas se concebem separáveis e divisíveis, espiritualmente falando. Por natureza, elas se encontram estreitamente ligadas e cooperam em todo o ser vivente numa entrosagem que jamais se poderia

romper. As duas operatórias são absolutamente conexas e inseparáveis, no sentido de que a destruição é condicional imprescindível da renovação. Os atos destrutivos são os precursores e instigadores daqueles por que as partes se restauram e renascem, ou seja, dos de renovação orgânica. Dos dois tipos de fenômenos, o que se poderia dizer o mais vital, o fenômeno de criação orgânica, está, portanto, de algum modo subordinado ao fenômeno físico-químico da destruição.”

Propriedades gerais dos seres vivos

As propriedades gerais dos seres vivos, as que os distinguem da matéria bruta dos corpos inorgânicos, contam-se por quatro: *organização, geração, nutrição e evolução.*

Dessas quatro propriedades fundamentais, a Ciência não explica claramente mais do que uma, a *nutrição*, se bem que, ainda aqui, o fenômeno mediante o qual as células selecionam, no sangue, os materiais que lhes são úteis, não está bem estudado.

Veremos dentro em breve que organização e evolução não podem ser compreendidas só pelo jogo das leis físico-químicas.

E, quanto à reprodução, se é certo que lhe conhecemos o mecanismo, a causa continua sendo um mistério.

Condições gerais de manutenção da vida

Todos os seres vivos têm necessidade, para manifestarem sua existência, das mesmas condições exteriores, e nada há que melhor demonstre a unidade vital, a identidade da vida nos seres organizados, vegetais ou animais, do que a carência das quatro seguintes condições: 1^a- *umidade*, 2^a- *ar*, 3^a- *calor*, 4^a- *uma determinada composição química do ambiente.*

A umidade

Indispensável é a água na constituição do meio em que evolui o ser vivente. Como princípio constituinte, entra ela na composição dos tecidos e, ao demais, serve para dissolver grande número de substâncias, sem as quais as reações químicas incessantes, de que é laboratório o corpo, não poderiam efetuar-se. A utilidade

funcional da água evidencia-se, o bastante, pelos célebres jejuadores Merlatti, Succi e o Dr. Tanner, que puderam vingar longos períodos de 30 a 40 dias sem comer, mas, bebendo água destilada. Experiências feitas com cães mostraram que eles resistiam durante 30 dias à privação de alimento, desde que se lhes desse água. A subtração deste elemento ocasiona, em certos rotíferos, curiosos fenômenos de vida latente: esses animais, convenientemente privados de água, perdem todas as propriedades vitais, ao menos na aparência, e podem assim permanecer anos a fio. Desde, porém, que se lhes restitua um pouco d'água, recomeçam a viver como antes, dado que a privação não tenha ultrapassado certos limites. No homem, o coeficiente de água contida no corpo é de 90%, o que só por si representa o seu alto valor substancial na economia orgânica.

O ar

O ar, ou melhor, o oxigênio que lhe compõe a parte respirável, é necessário à maioria dos seres vivos, mesmo aos inferiores, quais as leveduras ou micodermas. Pasteur mostrou que os microrganismos originam fermentações, em se apropriando do oxigênio. Experiências feitas em coelhos evidenciaram que o animal sucumbe quando a proporção do oxigênio, de 21/104, diminui de 3 a 5/100.

O calor

É o terceiro dos elementos que entretêm os corpos vivos. Sabemos que a vida dos vegetais se mantém em correlação íntima com a temperatura ambiente. O frio intenso congela os líquidos do organismo e desmancha os tecidos. Há, mesmo, para cada animal, uma temperatura média, correspondente ao máximo de vida. Os elementos do corpo, nos animais superiores, são assaz delicados, e os limites extremos, entre os quais a vida pode manter-se, são, a seu turno, convizinhos. Não pode a temperatura interna do organismo descer abaixo de 20 graus nem elevar-se acima de 45, para os humanos, e de 50, para as aves. Assim, nos animais superiores há uma temperatura média, que se mantém constante, graças a um conjunto de mecanismos governados pelo

sistema nervoso. Sem essa fixidez, a função vital jamais poderia executar-se.

Condições químicas do meio

Para bem compreendermos o alcance dessa condição, é preciso não esquecer que denominamos *organismo vivo* tanto a célula componente dos tecidos vegetais e animais, como a esses mesmos vegetais e animais. De fato, a célula é bem um ser vivo: organiza-se, reproduz, alimenta-se e evolui, tal como o animal superior.

Após os trabalhos de Schleiden, em 1838, de Schwann, em 1839, de Prévost e Dumas, em 1842, de Kolliker, em 1844 e, mais tarde, de Max Schultze, sabe-se que, a partir da célula livre e única, por Haeckel chamada “plastídio”, até o homem, todos os corpos vivos não passam de associações de células, idênticas em natureza e composição, mas gozando de propriedades diferentes, conforme o lugar ocupado no organismo.

Assim, os mais variados tecidos do corpo – ossos, nervos, músculos, pele, unhas, cabelos, córnea ocular, etc. – formam-se de agregados celulares.

A seguir, veremos que a natureza oferece todos os graus de complexidade na reunião desses elementos orgânicos primários, peculiares a todo ser vivente. Isto posto, voltemos à quarta condição. Além de calor, ar e água, torna-se indispensável que o meio líquido que banha as células contenha certas substâncias indispensáveis à sua nutrição. Durante muito tempo se acreditou que tal meio variava conforme a natureza do ser. Investigações contemporâneas permitiram, porém, verificar que o meio era uniforme para todos os organismos vivos, devendo conter:

- 1º) Substâncias *azotadas*, nas quais entram azoto, carbono, oxigênio e hidrogênio;
- 2º) Substâncias *ternárias*, ou seja, compostas dos três elementos: carbono, oxigênio e hidrogênio;
- 3º) Substâncias *minerais*, como sejam os fosfatos, a cal, o sal, etc.

Uma circunstância a ser bem observada é que essas três espécies de substâncias, quaisquer que sejam as formas de que se revistam, são indispensáveis ao entretenimento da vida. Com essas matérias-primas fabricam os organismos tudo o que lhes aproveita à vida do corpo. Essas condições aqui estudadas devem realizar-se na esfera de contato e influência imediata sobre a partícula vivente, entrando com ela em conflito.

Somos, então, levados a distinguir dois meios, a saber:

- 1º) O meio *cósmico* ambiente, ou *exterior*, com o qual estão em relação todos os seres elementares;
- 2º) O meio *interior*, que serve de intermediário entre o mundo exterior e a substância viva.

Se quisermos bem considerar as partes verdadeiramente vivas dos tecidos, isto é, as células, notaremos que elas se resguardam das influências ambientes; que se banham num líquido interior que as isola, protege e que serve de intermediário entre elas e o meio cósmico. Esse meio interior é o sangue. Não, diga-se, o sangue *in totum*, mas o plasma sangüíneo, ou seja, aquela parte fluida que compreende todos os líquidos intersticiais, fonte e confluyente de todas as permutas endosmóticas.

Absurdo não fora, então, dizer-se que o pássaro não vive no ar atmosférico, nem o peixe na água, nem a minhoca na terra.

Ar, água e terra são, por assim dizer, um segundo envoltório do corpo, sendo o sangue o primeiro, visto ser ele que envolve imediatamente os genuínos elementos vitais – as células.

Não é, pois, de modo direto que o exterior influencia esses seres completos, que são os animais superiores, qual se dá com os corpos brutos ou com os seres vivos mais simples.

Há um intermediário forçado que se interpõe entre o agente físico e o elemento anatômico.⁹

O que acabamos de ver basta para mostrar que a vida física está na dependência do meio exterior e que o velho adágio *mens sana in corpore sano* é de uma veridicidade absoluta. Para que a alma possa manifestar as suas faculdades, sem constrangimento, preciso se lhe faz a integridade da substância corporal.

Similitude do funcionamento vital em todos os seres vivos

Como haveremos de ver que o princípio inteligente tem, provavelmente, percorrido todos os organismos até atingir o humano, urge patentear desde logo a grande lei de unidade das manifestações vitais em toda a Natureza.

Não podemos, aqui, estudar os fenômenos de destruição e reconstituição dos tecidos orgânicos, mas devemos assinalar que as ações físicas ou químicas em jogo são as mesmas que operam na natureza inorgânica. Por muito tempo se acreditou que os corpos vivos gozavam, neste particular, de um privilégio especial. Hoje, porém, sabemos que tal não se dá e que, físicos ou químicos, os fenômenos são idênticos, trate-se da matéria bruta ou de corpos orgânicos. O que varia são os *processos* postos em ação. Os resultados são, contudo, os mesmos. Pode-se também afirmar que em todos os graus da escala dos seres vivos as operações da digestão e da respiração são as mesmas e que o que difere são os aparelhos convocados a produzir tais resultados. Também idêntico é o modo de reprodução de todos os seres vivos, e essa notável similitude de funcionamento orgânico prende-se à circunstância de deverem todas as suas propriedades a um elemento comum: o *protoplasma*.

Assim se denomina o conteúdo vivo da célula, o que constitui a sua parte essencial, o que nela verdadeiramente vive. Só no protoplasma, portanto, importa procurar a razão das propriedades de todos os tecidos. Nele residem todas as modalidades possíveis, conservadas em estado latente, quando isolado sob a forma primitiva da monera. É diferenciando, é separando-lhe as propriedades, que as vamos reencontrar isoladas nos seres superiores.

O protoplasma é o agente de todas as reconstituições orgânicas, isto é, de todos os fenômenos íntimos de nutrição. Além disso, o protoplasma contrai-se sob a ação dos excitantes e preside, assim, aos fenômenos da vida de relação.

Pode-se, ainda, assinalar o sono como necessidade imposta a todos os seres vivos. Dorme a planta, como dorme o animal, e assim como no animal se completam as funções respiratórias,

circulatórias, assimilatórias, enquanto ele dorme, o mesmo sucede com os vegetais, quando dormitam.

O sexo e o casamento são as condições que presidem à reprodução no mundo vegetal. São os estames, o órgão masculino, e o pistilo, o feminino; e o ovário, o órgão onde se formam as sementes.

Finalmente, os anestésicos, que atuam tão poderosamente nos animais, produzem nas plantas os mesmos efeitos, como a provarem a existência de um princípio rudimentar de sensibilidade nos vegetais.

Todos esses fatos demonstram, à evidência, o grande plano unitário da natureza. Sua divisa é: unidade na diversidade, de sorte que, do emprego dos mesmos processos fundamentais resulta uma variação infinita, que estabelece a fecundidade inesgotável das suas concepções, de par com a *unidade da vida*.

A força vital

Até aqui só temos estudado o funcionamento da vida, a maneira pela qual o organismo vivo entra em conflito com o seu meio ambiente, mas nada sabemos ainda da natureza mesma dessa vida. Se compreendemos como, por exemplo, se exercem as funções digestivas, cumpre notar que é num *aparelho vivo* que elas se operam, isto é, num organismo que produziu, por processos peculiarmente seus, as matérias necessárias a essa combinação química e, se as leis de afinidade são as mesmas no laboratório vivo como no mundo exterior, não deixa de ser por processos particulares, inteiramente diferentes dos que agem sobre a matéria bruta, que a vida opera.

Eis, a propósito, o que diz Claude Bernard, juiz competente nestes assuntos:

“Posto que os fenômenos orgânicos, manifestados pelos elementos dos tecidos, estejam todos submetidos às leis gerais da físico-química, não deixam, contudo, de completar-se com o concurso de *processos vitais* peculiares à matéria organizada e, nesse sentido, diferem, constantemente, dos processos minerais que produzem os mesmos fenômenos nos corpos brutos. Esta

última proposição fisiológica, tenho-a como *fundamental*. O erro dos físico-quimistas procede de não haverem feito essa distinção e acreditarem preciso religar os fenômenos apresentados por seres viventes, não apenas às mesmas leis, mas também aos mesmos processos e formas pertinentes aos corpos brutos.”¹⁰

Tem, pois, a vida um modo especial, *vivente*, de proceder, para manter o seu funcionamento; existe no ser organizado *algo* inexistente nos corpos inorgânicos, algo operante por métodos particulares, *sui generis*, e que não só fabrica, como repara os órgãos. A esse *algo* chamamos *força vital*.

Essa observação tem sido feita por muitos naturalistas. Stahl imaginou, para explicar a vida, uma força vital extrínseca à matéria viva, seja uma espécie de substância imaterial – *a alma*¹¹ –, causa fundamental da vida e dos movimentos que se lhe prendem. Foi partindo da falsa idéia de que as forças naturais estão em antagonismo com o corpo vivo que ele acreditou residir nessa força anímica a faculdade de resistência às influências destrutivas. Nada obstante haverem Descartes e Van Helmont sustentado doutrinas análogas, Stahl desenvolveu e levou tão longe a sua teoria que deve ser olhado como o fundador do animismo em fisiologia.

Stahl estabeleceu uma diferença radical entre os fenômenos da natureza bruta e os da natureza viva. Conservaram esse fato interessante, mas abandonaram a teoria da alma. Não houve como deixar de recorrer a uma outra força fundamental, da qual dependem todas as manifestações de vida, nos vegetais como nos animais, designada por *força* ou *princípio vital*.

Essa força, que rege todos os fenômenos vitais, dá irritabilidade às partes contráteis de animais e plantas, ou seja, como vimos, a propriedade de serem afetadas pelos irritantes exteriores.

Admitiam, nos animais, a *alma* de Stahl, que, combinada ao princípio vital, presidia aos fenômenos intelectuais. Essa teoria teve como principais defensores, na França, Barthez; e, na Alemanha, Hufeland e Blumenbach.

A força vital de que falamos liga-se a esta última forma de ver, pois, de fato, cremos que haja uma força de natureza especial, que provê a matéria organizada do que inexistente na matéria bruta: a irritabilidade; ela diverge, porém, desde logo, porque nós não vemos nessa força mais do que uma modificação da energia, ainda desconhecida, modalidade da força universal, quais o calor, a eletricidade, a luz. Não fazemos dessa força uma entidade imaterial, surgida ao acaso, sem antecedentes, ou melhor, uma criação sobrenatural.

Diferimos também dos vitalistas em não vermos entre os animais e o homem mais do que uma diferença de grau, não de natureza. Tudo o que existe na Terra provém de inumeráveis modificações da força e da matéria. A força vital deve entrar no quadro das leis gerais, e a nós compete evidenciar a sua presença nos seres vivos.

Flourens parece compartilhar dessa opinião quando escreve:

“Acima de todas as propriedades particulares e determinadas, há uma força, um princípio geral, comum, que todas as propriedades particulares implicam e de que se fazem presumidas, e o qual, sucessivamente, pode ser isolado, destacado de cada uma, sem deixar de existir. Que princípio será esse? Seja qual for, é essencialmente uno. Há uma força geral e una, da qual todas as forças particulares mais não são que expressões ou modalidades.”¹²

Por que se morre?

Com Claude Bernard, temos constatado a originalidade de processos da matéria organizada para fabricação das substâncias necessárias ao funcionamento vital, atribuindo essas propriedades aos órgãos dotados de uma virtude especial, inencontrável nos corpos brutos. A existência de uma força animante do organismo torna-se, porém, mais evidente ainda, ao examinarmos a evolução de todos os seres vivos.

Tudo o que tem vida nasce, cresce e morre. É fato geral que quase não padece exceção.¹³ Mas, por que morrer? Excetuando-se os casos de acidentes ou de enfermidades que destroem irre-

mediavelmente os tecidos, como se dá que, mantendo constantes as mesmas condições gerais, indispensáveis ao entretenimento da vida, isto é, a água, o ar, o calor e os alimentos, o ser depereça até à dissociação total?

Dizer que os órgãos se gastam é indicar apenas uma fase da evolução, é demonstrar um fato. Neste caso, pergunta-se: mas por que se gastam os órgãos e por que se mantêm perfeitos na idade viril, do mesmo passo que aumentam de energia na juventude?

São interrogativas diante das quais a ciência materialista emudece. Sem embargo, uma explicação se oferece e nós vamos expô-la.

Desde que admitamos na célula fecundada uma certa quantidade de força vital, tudo se torna compreensível.

A vida total de um indivíduo é o resultado de um trabalho a completar-se, trabalho esse mensurável pelas incessantes reconstituições da matéria desgastada pela função vital, e a força para isso necessária pode considerar-se como uma função contínua, que aumenta, atinge um máximo e baixa a zero.

Se projetamos no ar uma pedra, comunicamos à pedra a força dos nossos músculos. A pedra eleva-se rápida, a despeito da atração centrípeta, até que as duas forças contrárias se equilibrem. Depois, a atração predomina, a pedra cai e, quando chega ao ponto de partida, toda a energia a ela comunicada tem desaparecido.

Pode conceber-se que algo de análogo se passe com os seres vivos. O reservatório de energia potencial, proveniente dos genitores, e que se encontra na célula original, transforma-se em energia natural, à medida que organiza a matéria. De começo, a ação é assaz enérgica, a assimilação, o agrupamento das moléculas, ultrapassam a desassimilação, o indivíduo cresce; a seguir, vem o equilíbrio de perdas e ganhos: é a maturidade, a estabilidade do corpo, até que, chegada a senectude, esgotada a força vital, não mais suficientemente alimentados os tecidos, a morte sobrevém, o organismo desagrega-se, a matéria retorna ao mundo inorgânico.

Assim, pois, acreditamos haja uma certa quantidade de força vital distribuída por toda criatura que surge na Terra; e, como a geração espontânea não existe em nossa época,¹⁴ é por filiação que se transmite essa força, aliás, só manifesta nos seres animados.

Mas, não só na matéria e no seu condicionamento residem as propriedades da vida orgânica. Há que lhe presumir, ainda, uma força vital renovadora, ou seja, refectiva das partes destruídas. Daí, o absoluto erro dos sábios, que imaginam surpreender o segredo da vida em promovendo a síntese da matéria orgânica. Suponhamos que, em conseqüência de manipulações químicas, tão sábias e complicadas quanto as possamos imaginar, e movimentando todos os agentes físicos – calor, eletricidade, pressão, etc. –, chegássemos a fabricar protoplasma artificial...

Mas... a vida? Tê-la-ia tal produto? Não, certo, porque o que caracteriza a vida é a nutrição reparadora do dispêndio.

Essa massa protoplásmica há de ser inerte, insensível às excitações exteriores, qual se não dá com a massa viva. Mas, ainda supondo que assim não fora, só pudéramos justificá-lo em detrimento da estrutura íntima, destruindo-se. Essa massa artificial poderia subsistir a título precário, mas, uma vez exausta, não haveria como reproduzir-se, não viveria mais.

Citamos o protoplasma porque ele representa a matéria simples por excelência; mas, se tomássemos uma célula, a complicação aumentaria, visto que a célula tem forma determinada e a Ciência é absolutamente incapaz de explicar essa forma, como veremos dentro em breve.

Aqui, importa definir precisamente o que pensamos, para que fique bem clara a nossa concepção.

Máquina delicada e complexa é o corpo humano; os tecidos que o formam originam-se de combinações químicas muito instáveis, devido aos seus componentes; e nós não ignoramos que as mesmas leis que regem o mundo inorgânico regem os seres organizados. Assim, sabemos que, num organismo vivo, o trabalho mecânico de um músculo pode traduzir-se em equivalente de calor; que a força despendida não é criada pelo ser, e lhe

provém de uma fonte exterior, que o provê de alimentos, inclusive o oxigênio; e que o papel do corpo físico consiste em transformar a energia recebida, albergando-a em combinações instáveis que a emanciparão à menor excitação apropriada, isto é, sob ação volitiva, ou pelo jogo de irritantes especiais dos tecidos, ou de ações reflexas.

Até aí, nada de mais explicável pelas leis físico-químicas.

Mas, quando ocorre uma dessas ações, quando a substância do músculo operante se destrói, é, então, que a força vital inter-vém para reconstituir o tecido, refazendo as células servidas à manifestação vital. Nisso está, precisamente, o que diferencia da matéria bruta o ser animado.

Na planta mais ínfima existe *alguma coisa mais* que no mineral, e essa *alguma coisa* não repara o corpo sempre nas mesmas condições. Essa refecção varia com a idade: integral na juventude, incompleta na velhice. É uma força que tende a diminuir, até que se extingue.

Há, portanto, uma força vital, inteiramente outra que as de nós conhecidas, mas, força que também não deixa de ser uma modificação da energia universal, tal como a eletricidade, que se distingue do calor ou do magnetismo, posto que estas duas forças não passem também de modalidades da mesma energia. Por si só, essa força vital nada engendraria, não lhe estivera a inteligência associada, a partir das manifestações mais rudimentares, por culminar no mais elevado complexo – o homem. Todo ser vivente possui uma parcela de inteligência rudimentaríssima, quanto a possamos imaginar nas formas vitais primitivas, mas que aumenta e especifica-se à proporção que galga a cadeia dos seres, para abrolhar na humanidade.

Teremos ocasião de voltar a este assunto tão relevante, tão logo tenhamos fixado o papel do perispírito nos seres animados.

A força vital por si só não bastaria para explicar a *forma característica* de todos os indivíduos, e tampouco justificaria a *hierarquia sistematizada de todos os órgãos*, sua sinergia em função de um esforço comum, visto serem eles, simultaneamente, autônomos e solidários. Neste ponto é que incide o ascenden-

te da intervenção do perispírito, ou seja, de um órgão que possua as leis organogênicas, mantenedoras da fixidez do organismo, através das constantes mutações moleculares.

A utilidade fisiológica do perispírito

Estabelecemos de princípio, por experimentações espíricas, que os Espíritos conservam a forma humana, e isto não só por se apresentarem tipicamente assim, como também porque o perispírito encerra todo um organismo fluídico-modelo, pelo qual a matéria se há de organizar, no condicionamento do corpo físico.

Vamos consolidar essa grande verdade estudando o desenvolvimento uniforme de cada ser, segundo o seu tipo particular, e mostrando, depois, a necessidade do duplo fluídico para hierarquizar a matéria e diferenciar-lhe as propriedades, segundo as necessidades dos diferentes órgãos.

Em primeiro lugar, vejamos a força que modela a matéria.

Idéia diretriz

Em cada ser, desde a sua origem, pode comprovar-se a existência de uma força que atua na direção fixa e invariável, segundo a qual se edificará o plano escultural do recém-vindo, ao mesmo tempo que o seu tipo funcional.

Na formação da criatura vivente, a vida não fornece como contingente senão a matéria irritável do protoplasma, matéria amorfa, na qual é impossível distinguir o mínimo rudimento de organização, o mais insignificante indício do que venha a ser o indivíduo. A célula primitiva é absolutamente idêntica em todos os vertebrados. Nada se lhe encontra que indique o nascimento de um ser que não outro, de vez que a composição é sempre uma e única para todos.

É forçoso admitir, portanto, a intervenção de um novo fator que determine as condições construtivas do edifício vital.

Precisamos recorrer ao perispírito, pois ele é que contém o desenho prévio, a lei onipotente que servirá de regra inflexível ao novo organismo e que lhe assinalará o lugar na escala morfo-

lógica, segundo o grau de sua evolução. É no embrião que se executa essa ação diretiva. Eis aqui, com efeito, a marcha do fenômeno, na opinião de Claude Bernard:

“Quando consideramos a evolução completa de um ser, vemos claramente que sua existência é resultante de uma lei orgânica que preexiste numa idéia preconcebida e se transmite por tradição orgânica de um a outro ser. No estudo experimental dos fenômenos de histogênese e organização, poder-se-ia encontrar justificativa às palavras de Goethe comparando a natureza a um grande artista. É, na verdade, que a natureza e o artista procedem por maneira idêntica na manifestação da idéia criadora. No desenvolvimento do embrião vemos, antes de tudo, um simples esboço, precedente a toda e qualquer organização. Os contornos do corpo e dos órgãos são, antes, simples lineamentos, a começarem pelos aprestos orgânicos provisórios que hão de servir de aparelhos temporários ao feto. Nenhum tecido ainda se distingue. Toda a massa apenas se constitui de células plasmáticas e embrionárias. Entretanto, nesse bosquejo *está traçado o desenho ideal* de um organismo ainda invisível, e que tem assinalado a cada partícula e a cada elemento o seu lugar, a sua estrutura e as suas atribuições. Lá onde hajam de estar vasos sangüíneos, nervos, músculos, ossos, etc., as células embrionárias se transformam em glóbulos de sangue, em tecidos arteriais, venosos, musculares, nervosos, ósseos.”

Então, o ilustre fisiologista define, assim, o que pensa:

“O que diz essencialmente com o domínio da vida e não pertence à química, nem à física, nem ao que mais possamos imaginar, é a *idéia diretriz* dessa atuação vital. Em todo o gérmen vivo há uma idéia dirigente a manifestar-se e a desenvolver-se na sua organização. Depois, no curso de toda a sua vida, o ser permanece sob a influência dessa força criadora, até que morre quando ela não mais se pode efetivar. É sempre o mesmo princípio de conservação do ser que lhe reconstitui as partes vivas, desorganizadas pelo exercício, por acidentes ou enfermidades.”¹⁵

Tomemos, por exemplo, várias sementes de espécies diferentes. Analisando-as quimicamente, não poderemos encontrar a

menor diferença em sua composição: temo-las absolutamente iguais.

Plantemo-las, após, no mesmo terreno e veremos cada qual submetida a uma idéia diretiva especial, diferente da de sua vizinha. Durante a vida da planta, essa idéia diretiva conservará a forma característica da planta, renovar-lhe-á os tecidos segundo o plano preconcebido e conforme ao tipo que lhe foi de origem assinado.

Sendo a matéria primária idêntica para todas as plantas, como idêntica é a força vital para todos os indivíduos, importa exista uma outra força que origine e mantenha a *forma*. Ao perispírito atribuímos esse papel, no reino vegetal, como no animal.

Essa idéia diretiva nós a encontramos tangivelmente realizada no invólucro fluídico da alma. Ela é que corporifica a matéria, vela pela reparação das partes destruídas, preside às funções gerais e mantém a ordem e a harmonia no turbilhão das permutas incessantemente renovadas.

O funcionamento orgânico

Chamamos mui particularmente a atenção do leitor para este ponto, talvez um tanto abstrato, mas de capital importância para a nossa teoria.

Se, precedendo à vida fetal, comprovamos a necessidade do perispírito para modelar a matéria, melhor ainda lhe compreendemos a importância, ao examinarmos o conjunto das funções do organismo animal, sua autonomia e a solidariedade que as reúne – todas – em sinergia de esforços tendentes à conservação do ser.

A irritabilidade, sinal distintivo da vida, pertence ao protoplasma celular. Na série dos seres que se vão escalonando da monera ao homem, a célula primitiva diversificou-se, especificou-se, por maneira que cada tecido evidenciou uma das propriedades desse protoplasma. Entretanto, os atos e as funções vitais não pertencem senão a órgãos e aparelhos, ou seja, a conjuntos de partes anatómicas. A função é uma série de atos ou fenômenos agrupados, harmonizados, colimando um resultado.

A digestão, por exemplo, requer intervenção de uma série de órgãos, tais como a boca, o esôfago, o estômago, o intestino, etc., postos sucessivamente em atividade para transformar os alimentos.

Vemos, portanto, que, para desempenho da função, intervêm atividades inúmeras de elementos anatómicos; mas, a função não é a soma bruta das atividades elementares de células justapostas, porque se compõem e perpetuam uma pelas outras, harmonizadas e entrosadas de molde a concorrerem para um resultado comum.

O resultado entrevisto pelo Espírito constitui o laço e a unidade. É ele quem promove a *função*.

Esta, a função, é, pois, algo de abstrato e intelectual, de modo algum representado, materialmente, por qualquer das propriedades elementares.

Há uma função respiratória, uma função circulatória, mas não há, nos elementos múltiplos que nelas concorrem, uma propriedade respiratória ou circulatória. Tem a laringe uma função vocal, mas não há nos músculos propriedades vocais, e assim por diante.

O corpo de um animal superior é organismo complexo, formado por um agregado de células diversamente reunidas, no qual as condições vitais de cada elemento são respeitadas, mas cujo funcionamento subordina-se ao conjunto. É como se disséssemos: independência individual, mas obediente à vida total.

Cada órgão tem sua vida própria, sua autonomia, pode desenvolver-se e reproduzir, independente de outros tecidos. Autônomo, no sentido de não apropriar, nem dos tecidos vizinhos, nem do conjunto, as condições essenciais de sua vida, porque estas ele as possui em si mesmo, por sua natureza protoplásmica. Por outro lado, liga-se ao conjunto por sua função, ou pelo produto desta.

Uma simples comparação far-nos-á melhor compreender esse duplo caráter dos órgãos.

Figuremos o ser complexo, animal ou planta, qual uma cidade com a sua fisionomia especial, que a distingue de todas as outras.

Os habitantes dessa cidade representam os elementos anátomo-orgânicos: todos esses habitantes vivem, respiram, alimentam-se do mesmo modo e possuem as mesmas faculdades gerais do homem (*autonomia dos órgãos, quanto às condições essenciais à vida*).

Entretanto, cada qual tem seu ofício, sua indústria, aptidões ou talentos, mediante os quais compartilha da vida social e dela depende (*subordinação de cada órgão ao conjunto, por seu funcionamento*).

O pedreiro, o padeiro, o açougueiro, o industrial, o artesão, fornecem produtos tanto mais variados e copiosos, quanto mais alto for o grau de progresso da sociedade em apreço.

É o que se dá com o animal complexo.

O organismo, a exemplo da sociedade, é de tal modo construído que as condições da vida elementar, ou individual, sejam respeitadas. Tais condições são as mesmas para todos, mas, sem embargo, cada membro depende, até um certo limite, por sua função, do *lugar* que ocupa no organismo, no grupo social. A vida é, pois, *comum* a todos e só as funções são distintas.

Essas funções tão variadas, que se harmonizam para concorrer à vida total, são necessariamente dirigidas por uma força consciente do fim a realizar. Não é o acaso que preside a essa tão sábia multiplicidade, a essa coordenação, pois os mesmos órgãos, as glândulas por exemplo, não obstante constitutivamente semelhantes entre si, fornecem secreções variadas, conforme o lugar que ocupam no organismo.

Há, portanto, uma hierarquia nesses aparelhos, uma ordem preestabelecida e rigorosamente mantida no curso da vida.

Ora, esse estatuto vital não está impresso na matéria mutável, permutável, incessantemente renovada; antes, reside nessa estrutura fixa, invariável, que denominamos duplo fluídico.

Esse perispírito, cuja realidade a experiência tem demonstrado, é indispensável à estabilidade do ser vivente, no meio de toda essa complexidade das ações vitais, dessa efervescência perpétua e resultante da cadeia de decomposições e recomposições químicas, ininterruptas, na trama, enfim, de nervos, músculos, glându-

las a se entrecruzarem, a circularrem, a se interpenetrarem de líquidos e gases, em desordem aparente, mas da qual sairá, contudo, a mais estupenda regularidade.

As grandes operações da digestão, da respiração, das secreções; as ações tão variadas dos sistemas nervo-motores, sensitivos, ganglionares, não serão perturbadas. Cooperando, sem tréguas, para entreter o meio orgânico, elas lhe fornecem os materiais da síntese assimiladora, e todas essas ações tão multiplicadas, tão diversas e, todavia, tão constantes, se completam, a despeito da renovação ininterrupta de todas as moléculas que formam esses variados órgãos.

A matéria nova, carregada pelos alimentos, parece dar testemunho de uma inteligência perfeita quanto aos fins colimados; mas, quando consideramos que todas essas moléculas são passivas, desprovidas de qualquer espontaneidade, somos necessariamente levados a indagar da força que dirige esses inumeráveis produtos químicos, utilizando as suas propriedades peculiares na manufatura grandiosa da harmonia vital.

Retomando o exemplo anterior, é como se cada indivíduo – pedreiro, padeiro, etc. – sucumbisse depois de haver feito uma só vez a sua tarefa, e fosse imediatamente substituído por um homem qualquer.

Haveria necessidade de alguém que indicasse ao substituto o que lhe cumpria fazer, o gênero de trabalho a ele destinado. Isso que, no plano social, só poderia conseguir-se mediante prévia educação, a natureza o realiza de improviso.

Todas as moléculas orgânicas, semelhantes entre si, vão realizar tarefas diferentes, segundo a colocação que tiverem no organismo.

É que a função pertence a um conjunto e não as unidades que o compõem. Esse conjunto resulta de uma lei que se liga à sua própria estrutura, mantida esta pela idéia diretriz que conformou, externa e internamente, o indivíduo, pelo perispírito.

Uma circunstância capital, que jamais devemos esquecer, é que, real e positivamente, todas as partes do corpo se transmudam sem cessar. Não há no ser humano a mais insignificante

partícula de tecido que não seja passível de substituição e renascimento perpétuo.

Já dissemos que a mesma matéria jamais aproveita duas vezes à manifestação vital e que, ao fim de poucos anos, toda a matéria foi integralmente renovada. Nem uma só molécula antiga subsiste, todos os membros dessa república cederam o lugar aos sucessores e, sem embargo, as funções jamais se interromperam, a vida continuou a engendrar, na mesma ordem imperturbável, os fenômenos de sua evolução, de vez que a sua lei orgânica reside no corpo incorruptível e imponderável – o perispírito.

Deveras surpreendente é o pauperismo das conclusões a que chegam inteligências robustas, quando afrontam esses fenômenos, cuja explicação se lhes torna impossível, para ficarem adstritos a idéias preconcebidas. Aqui temos um, não dos menores, Maudsley, ao esbarrar de frente com a identidade pessoal, persistente através do turbilhão vital. Vejamos como ele se safa da dificuldade:

“Se me viessem assegurar que não há uma só partícula do meu corpo de há trinta anos; que a sua massa mudou radicalmente e que absurdo é, neste caso, falar de identidade, tornando-se imprescindível presumir o corpo habitado por uma entidade imaterial, que lhe mantenha a identidade pessoal através das mudanças perpétuas e dos acasos estruturais, eu responderia que as pessoas que me conheceram, dos tempos de moço até hoje, não têm, mais do que eu mesmo, a certeza consciente da minha identidade e, todavia, dela estão convencidos, quanto eu mesmo, ainda que me tivessem pelo maior mentiroso deste mundo, e não acreditassem em uma só palavra do meu testemunho subjetivo. Diria, mais, que essas pessoas estão igualmente convictas da identidade pessoal dos seus cães ou dos seus cavalos, cujo testemunho subjetivo é nulo na espécie, e, finalmente, que, atribuindo-me uma substância imaterial, é forçoso admitir tenha ela sofrido tantas mudanças que me deixam inseguro de que algo lhe reste do que fora há trinta anos, de sorte que, na melhor das intenções, não vejo a necessidade, ou o benefício, a tirar da suposta identidade, ao meu ver supérflua.”

O benefício? – Mas é justamente o de explicar o que sem ela se torna incompreensível.

É comum esta objeção: se todo o organismo é radicalmente destruído para dar lugar a outro, o segundo será semelhante, mas não idêntico ao primeiro. E, neste caso, a persistência mnemônica, por exemplo, é inexplicável. O nosso filósofo responde que, uma vez que os outros o reconhecem, é que ele não mudou. É a famosa história da faca de Janot, a que tiraram sucessivamente a lâmina e o cabo, e ficou sendo a mesma para quantos a contemplavam, posto que radicalmente mudada.

Maudsley diz, simplesmente, na espécie: “todo o mundo reconhece a faca de Janot, logo, é quanto basta para que seja ela mesma”.

Confessemos que, para um filósofo, esse raciocínio não é lá grande coisa e que ele poderia ter encontrado algo melhor. Depois, aquela premissa de que, existente a alma, já não poderia ser a mesma... Mas, em suma, por que não? Não o diz, nenhuma explicação nos fornece a respeito. São simples afirmativas que em nada afetam o problema e, antes, evidenciam a impotência em que se encontram os materialistas, quando abordam as questões inerentes à alma e ao seu papel no corpo humano.

De fato, como não compreender a necessidade de um organismo fluídico, não submetido às mutações materiais, a fim de conservar e aplicar as leis orgânicas, cuja continuidade necessária está em oposição à mobilidade e à instabilidade características das ações vitais?

Por que prodígio se manteria o tipo individual? Em que parte do corpo se guardariam tradições raciais, hereditárias? Em que recanto misterioso do móvel edifício haveriam de refugiar-se os caracteres, tão constantes e inalteráveis, que diferenciam os seres entre si, tanto do ponto de vista individual como do zoológico?

O perispírito não é concepção filosófica imaginada para dar conta dos fatos; é um órgão indispensável à vida física, reconhecível pela experimentação. Foi no estudo da materialização dos Espíritos que o seu papel se revelou, pondo em destaque as suas

propriedades funcionais. Essa descoberta explica fenômenos que a ciência registrada apenas, sem poder justificá-los.

Esse esboço do ser, preexistente a toda organização, essa reparação perpétua dos tecidos, mediante regras fixas, essa ordem que se não altera, apesar dos sucessivos afluxos de elementos novos, essa evolução cuja lei domina, em todo o curso da vida, o conjunto das trocas materiais, de modo a modificá-las profundamente conforme a idade; tudo isso torna-se compreensível com a teoria espírita. Sem ela, ao contrário, indecifrável obscuridade se estende sobre todos os fenômenos que de tão perto nos tocam. Admita-se a existência do perispírito e tudo se esclarece e se compreende; a lógica dos fatos torna-se evidente, é uma explicação racional no lugar do mistério, descoberta que nos leva a dar um passo a mais no conhecimento tão difícil de nós mesmos.

Até aqui, não encaramos senão o lado material da questão, mas, do ponto de vista anímico, a necessidade do papel do perispírito insinua-se com tal autoridade, que não haveria como recusá-lo. É uma convicção de brecha fácil, desde que estudemos a vida intelectual do homem.

O papel psicológico do perispírito. – A identidade

A vida psíquica de todo ser pensante apresenta uma continuidade assecuratória de sua identidade. É por não sentirmos lacuna em nossa vida mental, que nos certificamos de ser a mesma, sempre, a individualidade em nós residente. A memória religa, de forma ininterrupta, todos os estados de consciência, da infância à velhice. Sob a forma de lembranças, podemos evocar eventos do passado, dar-lhes vida factícia, julgar-lhes as fases, dar-nos conta de que, mau grado todas as vicissitudes, lutas, abalos morais, desfalecimentos ou triunfos da vontade, é sempre o mesmo eu que odiou ou amou, gozou ou sofreu. Numa palavra: que somos idênticos.

Em que parte do ser reside essa identidade?

Evidentemente, no espírito, pois é ele que sente e quer. Na Terra, as faculdades intelectuais estão ligadas, em suas manifes-

tações, a um certo estado do corpo, e o cérebro é o órgão pelo qual o pensamento se transmite ao exterior. O cérebro, porém, muda perpetuamente, as células dos seus tecidos são incessantemente agitadas, modificadas, destruídas por sensações vindas do interior e do exterior. Mais do que as outras, essas células submetem-se a uma desagregação rápida e, num período assaz curto, são integralmente substituídas.

Como conceber, então, a conservação da memória e, com esta, a identidade?

De nossa parte, não hesitamos em crer que o perispírito, ainda aqui, representa um grande papel, evidenciando a sua necessidade, visto como os argumentos que validamos, para o mecanismo fisiológico, melhor ainda se aplicam ao funcionamento intelectual, bem mais intenso e variado que as ações da vida vegetativa ou animal. Dessas duas ordens de fatos, bem comprovados, resulta: a renovação incessante das moléculas e a conservação da lembrança, que as sensações e os pensamentos registrados não o são apenas no corpo físico, mas também no que é imutável – no invólucro fluídico da alma. Eis como se pode representar o fenômeno.

Todo o mundo sabe que para termos uma sensação faz-se preciso que um dos órgãos dos sentidos seja excitado por um movimento vibratório, capaz de irritar o nervo correspondente.

O choque recebido propaga-se até ao cérebro, onde a alma toma conhecimento dele, por um fenômeno dito de percepção. Mas, nós sabemos que, entre o cérebro e a alma, está o perispírito, que aquele choque deve atravessar, deixando-lhe um traço.

Com efeito, ao mesmo tempo em que é percebida a sensação – o que se dá no instante em que a célula cerebral entra a vibrar –, o perispírito, que transmitiu ao espírito o movimento, registrou-a.

A célula pode, então, desaparecer, cumprida a sua tarefa. A que lhe deva suceder será formada pelo perispírito, que lhe imprimirá os mesmos movimentos vibratórios que recebera. Destarte, a sensação será conservada e apta a reaparecer, quando o queira o espírito.

Importa, necessariamente, assim seja, pois a certeza do trabalho molecular do cérebro é absoluta. Pode-se até medir a intensidade da atividade intelectual pela elevação de temperatura das camadas corticais e pelas perdas excrementosas conseqüentes.

O substrato material é incessantemente destruído e reconstituído.

Não fosse o perispírito uma espécie de fonógrafo natural, a registrar sensações para reproduzi-las mais tarde, impossível se tornaria adquirir conhecimentos, pois o novo ser, aquele que incessantemente substitui o antigo, nada conhece do passado.

Lógico é, pois, admitir que o perispírito tem grande importância do ponto de vista psíquico, e nada há nisso que nos deva surpreender, por isso que, em suma, ele faz parte da alma e lhe serve de agente junto à matéria.

O sistema nervoso e a força nervosa ou psíquica

Temos assinalado a existência, no homem, de enorme quantidade de ações vitais, completando-se simultaneamente, e trabalhando cada órgão com autonomia própria, mas fiéis à comunidade e solidárias no conjunto de que são partes.

Tal coordenação de elementos tão diversos é obtida mediante os diferentes sistemas nervosos, cuja rede abarca todo o corpo.

Inútil lembrar, longamente, que todos os órgãos da vida vegetativa – coração, vasos, pulmões, canal intestinal, fígado, rins, etc. –, por estranhos que sejam uns aos outros e por absorvidos que pareçam em suas necessidades peculiares, estão, contudo, jungidos a estreita solidariedade, devida aos sistemas grande-simpático e ganglionário, cuja ação regular escapa à vontade.

Para que as funções se completem, sem tréguas, importa exista uma estabilidade que mal se ajusta à mobilidade característica dos atos voluntários.

Entretanto, esse sistema não fica isolado no ser; revela-se ao espírito por sensações de bem ou mal-estar, quais a fome e a sede, e, às vezes, por impressões mais nítidas, quando a enfermidade atinge um órgão.

Os fenômenos gerais da vida orgânica têm como regulador o sistema nervoso cérebro-espinhal, isto é, os nervos sensitivos, os motores, a medula espinhal e o cérebro.

A fisiologia tem estudado e demonstrado as respectivas funções desses órgãos. Chegou-se a isolá-los por diferentes processos, reconhecendo-se que a vida psíquica tem um território bem determinado. Onde situar a sede da atividade psíquica?

A experiência fornece-nos, a propósito, indicações precisas.

Tomemos qualquer vertebrado inferior, uma rã, por exemplo. Vemo-la saltar, coaxar, tentar fugir; sua atividade cerebral, por mais restrita que a suponhamos, se exerce por movimentos de luta e defesa, numa agitação incessante.

Pois bem: podemos, de chofre, suprimir todas essas manifestações, bastando destruir, a estilete, o sistema nervoso central.¹⁶

Muda-se logo a cena. O animal que gritava, saltava, debatia-se, defendia-se, tornou-se massa inerte, que nenhuma excitação pode revelar. Não mais movimentos, nem espontâneos nem reflexos.

Entretanto, o coração continua a bater e os nervos e músculos motores são excitáveis pela eletricidade – todos os aparelhos, todos os tecidos estão vivos, salvo o aparelho central destruído.

Suprimiu-se o aparelho adequado às manifestações intelectuais, o princípio inteligente não mais pode utilizá-lo, os fenômenos psíquicos desapareceram.

O nervo motor que põe em relação cérebro e músculos deve conduzir algo da célula central a esse músculo que se contrai à sua influência. Por idêntica maneira, a sensação, carregada pela fibra nervosa sensível, deve ser transmitida por algo que modifica o estado da célula central.

Podemos nós determinar a natureza desse algo e dizer o que ele seja? Questão posta tantas vezes, ainda não pôde ser deslindada. No intuito de forrar-se a embaraços, comumente se apela para a ação do nervo. Mas, quem diz *ação nervosa* não aclara grande coisa quanto à natureza dessa tal ação.

Os físicos pretenderam, contudo, reduzir essa influência a um agente físico outro, e era, então, a eletricidade que se apresentava naturalmente, de vez que, quando se subtrai um músculo à influência da vontade transmissível pelo nervo motor, pode-se, perfeitamente, substituir esta ação pela eletricidade.

Entretanto, essa teoria é indemonstrável no estado atual da ciência.¹⁷ Interrompido o filete nervoso, por seccionamento, a corrente elétrica ainda continuará pelas partes condutoras vizinhas, ao passo que a menor lesão, fisiológica ou anatômica, impede a influência nervosa de transmitir-se ao músculo.

A influência nervosa é, pois, uma ação especial, um agente fisiológico distinto de qualquer outro. Difere da força vital, como vimos na experiência da rã, cuja vida vegetativa e movimentos automáticos persistem, apesar da supressão da influência neuropsíquica, tal como sucede aos membros paralisados que continuam vivos, não obstante subtraídos à influência da vontade.

Os recentes trabalhos de Crookes e de De Rochas demonstraram, experimentalmente, a existência dessa força nervosa.

O célebre físico inglês publicou as investigações feitas com Home.¹⁸

Utilizando instrumentos de mensuração, exatos quão delicados, ele mediu essa força atuante sobre objetos inanimados sem contato visível.

Com Albert de Rochas, vimos como essa força pode exteriorizar-se, confirmando, assim, as experiências de Crookes.

Há, portanto, uma notável progressão entre a evolução do princípio inteligente e as forças que lhe servem para manifestar-se no organismo vivo.

Nos seres inferiores, nos quais não há funções diferenciadas, só a força vital se revela; mas, com o desenvolvimento do organismo e a especificação das propriedades protoplásmicas, aparece o regulador, o coordenador das ações vitais: o sistema neuroganglionar, sempre acionado pela força vital.

Finalmente, prosseguindo a evolução, os fenômenos da vida psíquica assumem importância cada vez mais crescente, o sistema cérebro-espinhal organiza-se e surge uma diferenciação

especial da energia: a força nervosa, que afetará especialmente a vida intelectual.

Mais tarde, veremos o papel que ela representa na vida psíquica e como as suas modificações determinam os estados sonambúlicos e as alterações outras na personalidade.

Resumo

Dos estudos parcialmente feitos neste capítulo, resulta que, consoante a frase enérgica dos teólogos, é a alma que condiciona o corpo, isto é, que o modela sob um plano preconcebido, tanto quanto o dirige por meio do perispírito.

A forma humana, ressalvadas as alterações próprias da idade, conserva o seu tipo, apesar do afluxo incessante de matéria que passa pelo corpo. Destarte, assemelha-se a uma rede, entre cujas malhas se insinuam as moléculas. Esse retículo fluídico contém, igualmente, as leis do mecanismo vital e fica estável através do turbilhão das ações físico-químicas, que destroem e reconstroem, incessantemente, o edifício orgânico.

Compõe-se, portanto, o ser humano de três elementos distintos: a alma com o seu perispírito, a força vital e a matéria.

A força vital representa aqui um duplo papel: dá ao protoplasma suas propriedades gerais, e ao perispírito o grau de materialidade necessária para que ele possa manifestar as leis que oculta, enfim, fazendo-as passar da virtualidade ao ato.

A grande autoridade de Claude Bernard, a quem consultamos muitas vezes, vem, ainda neste ponto, confirmar a nossa forma de ver. Eis como ele se exprime em seu livro *Investigações sobre os problemas da Fisiologia*:

“Há – diz – como que um desenho vital, que traça o plano de cada ser e de cada órgão; de sorte que, considerado isoladamente, cada fenômeno orgânico é tributário das forças gerais da natureza, a revelarem como que um laço especial, *parecendo dirigidos por alguma condição invisível na rota que perseguem, na ordem que as encadeia.*

“Assim é que as ações químico-sintéticas da organização e da nutrição se manifestam como se fossem *animadas por uma força impulsiva governando a matéria*, fazendo uma química apropriada a um fim e pondo em jogo os reativos cegos dos laboratórios, à maneira dos próprios químicos.

“É essa potência de evolução, imanente no óvulo – que nos limitamos a enunciar aqui –, que constituiria, só por si, o *quid proprium* da vida; pois é claro que essa propriedade do ovo, a produzir um mamífero, uma ave ou um peixe, não é nem física, nem química.”

A vida resulta, portanto, evidente da união da força vital com o perispírito, dando aquela a vida, propriamente dita, e este as leis orgânicas, concorrendo a alma com a vida psíquica.

Desses três fatores, só um é sempre e por toda parte idêntico: a vida. O Espírito, transitando pela matéria vivente, desde as primitivas eras do mundo, conseguiu, paulatinamente, a transformação progressiva e aperfeiçoada. Cremos seja ele o agente de evolução das formas orgânicas e, daí, a razão do perispírito, conservando-lhe as leis. Nem foi senão lentíssima e progressivamente que essas leis se lhe incrustaram na contextura.

Havemos de ver de que modo um movimento, voluntário de início, pode tornar-se habitual, maquinal e, por fim, automático e inconsciente... Este o lado fisiológico. A mesma coisa ocorre com as manifestações intelectuais, dado o paralelismo das duas evoluções. É difícil, em primeiro lugar, representarmos uma matéria fluídica, invisível, imponderável, agindo sobre a matéria, para ordená-la mediante leis; nada obstante, podemos encontrar analogias que permitem fazer uma idéia, assaz aproximada, dessa espécie de ação.

Conhecemos em física um instrumento chamado eletroímã, que nos vai servir de comparação. Compõe-se ele, principalmente, de um cilindro de ferro destemperado e dobrado em forma de ferradura, à volta do qual se enrola, à direita e à esquerda dos respectivos ramos, um longo fio de cobre isolado. Às extremidades de ferro chamamos pólos do eletroímã.

Fazendo passar uma corrente elétrica no fio de cobre, o ferro se imanta e conserva essa propriedade por tanto tempo quanto dure a ação elétrica. Se voltarmos o aparelho de modo a ficarem os pólos no ar, colocando por cima um cartão delgado e polvilhado com limalha de ferro, veremos que esta se ordena espontaneamente em linhas regulares, a formar desenhos variáveis e correspondentes à forma dos pólos. A essas figuras deu-se o nome de *fantasma* ou *espectro magnético*, e às aglomerações de limalha chamou-se *linhas de força*, por isso que traduzem objetivamente a ação das forças magnéticas.

Temos, assim, um exemplo material do que ocorre com todo ser animado.

Uma força invisível, imponderável – o magnetismo –, agindo sem contato sobre a matéria – a limalha. Em nosso exemplo, a eletricidade representa o papel da força vital, o eletroímã o do perispírito, e a limalha representa as moléculas componentes dos tecidos orgânicos.

Podem formar-se no ímã pólos secundários, chamados *pontos conseqüentes*, de sorte que também eles produzem espectros secundários, que, misturando-se aos primeiros, originam as mais complicadas figuras.

O magnetismo é bem uma força imponderável, pois que um ímã capaz de elevar um peso vinte e três vezes maior que o seu, nem por isso pesa mais do que antes de ser imantado. Comparando-se a ação do perispírito sobre a matéria à do eletroímã sobre a limalha, podemos fazer uma idéia do seu modo operativo. Concebe-se que lhe seja possível modelar a substância do ser embrionário, de feição a imprimir-lhe a forma exterior, fadada ao tipo específico, ao mesmo tempo em que facetar os órgãos interiores – pulmões, coração, fígado, cérebro, etc. –, propiciados às funções vitais.

O espectro magnético não forma senão um desenho no cartão, desenho que figura um agregado feito na esfera da influência magnética; entretanto, se pudéssemos dispor, em torno dos pólos e em forma de leque, uma série de cartões, veríamos o espectro magnético a estender-se e a formar um campo magnético em

todas as direções. É o que se dá com o perispírito, com a só diferença de serem internas as suas linhas de força, ou, por melhor comparar: o corpo físico é o espectro magnético do perispírito.

São simples os desenhos formados pelos pólos do eletroímã porque simples é o movimento molecular do ferro. No envoltório fluídico, esse movimento é muito complexo e, daí, uma grande diversidade nos seres vivos. Da mesma forma que a ação magnética se mantém enquanto a corrente elétrica circula no fio de cobre, mantém-se vivo o corpo enquanto haja força vital animando o perispírito.

Podemos levar ainda mais longe a analogia. As propriedades magnéticas do ferro brando permanecem latentes enquanto a eletricidade não as desperta, orientando as moléculas metálicas.

Assim, dormitam, também, as propriedades organogênicas do perispírito, por assim dizer, enquanto a alma pervaga no espaço, e não se tornam ativas senão sob a influência da força vital. A razão aí está de poderem os Espíritos, em suas manifestações, reconstituir um corpo temporário, acionando o mecanismo perispiritual, desde que um médium lhes forneça a força vital e a matéria indispensáveis a essa operação.

Temos, em suma, que uma força imponderável – a eletricidade – determina, por indução, o nascimento de outra força imponderável – o magnetismo –, que tem ação diretiva sobre a matéria bruta. No ser vivente, a força vital age sobre o perispírito e este pode, então, desenvolver suas propriedades, que são, qual o vimos, a formação e reparação do corpo físico.

Como o perispírito é matéria, tem forma bem determinada e é indestrutível, podemos conceber-lhe modificações sucessivas de movimento atômico, correspondendo a modificações e complicações cada vez maiores no seu *modus operandi*. Por outras palavras, vale dizer que, começando por organizar formas rudimentaríssimas, pôde, após longa evolução de milhões de anos e de inumeráveis reencarnações, dirigir organismos mais e mais delicados e aperfeiçoados, até chegar aos humanos. Alma e perispírito formam um todo indivisível, constituindo, no conjun-

to, as partes ativa e passiva, as duas faces do princípio pensante. O invólucro é a parte material, a que tem por função reter todos os estados de consciência, de sensibilidade ou de vontade; é o reservatório de todos os conhecimentos e, como nada se perde na natureza, sendo o invólucro indestrutível, a alma tem memória integral quando se encontra no espaço.

O perispírito é a idéia diretora, o plano imponderável da estrutura orgânica. É ele que armazena, registra, conserva todas as percepções, todas as volições e idéias da alma. E não somente incrusta na substância todos os estados anímicos determinados pelo mundo exterior, como se constitui a testemunha imutável, o detentor indefectível dos mais fugidios pensamentos, dos sonhos apenas entrevistos e formulados.

É, enfim, o guardião fiel, o acervo imperecível do nosso passado. Em sua substância incorruptível, fixaram-se as leis do nosso desenvolvimento, tornando-o, por excelência, o conservador de nossa personalidade, por isso que nele é que reside a memória.

A alma jamais abandona o invólucro, sua túnica de Nesso, mas bálsamo consolador também.

Desde períodos multimilenares em que a alma iniciou as peregrinações terrestres, sob as formas mais ínfimas da criação, até elevar-se gradativamente às mais perfeitas, o perispírito não cessou de assimilar, por maneira indelével, as leis que regem a matéria, pois à medida que o progresso se realiza as criações multifárias do pensamento formam bagagem crescente, qual tesouro incessantemente abastecido. Nada se destrói, tudo se acumula nesse perispírito tão imperecível e incorruptível como a força ou a matéria de que saiu. Os espetáculos maravilhosos que nossa alma contempla, as harmonias sublimes que se dilatam nos espaços infinitos, os esplendores da arte, tudo fixou-se em nós, e nós para sempre possuímos o que pudemos adquirir. O mínimo esforço é levado mecanicamente ao nosso ativo, nada se perde, e assim é que lenta, mas seguramente, galgamos a escada do progresso.

Com a morte do homem, quando o despojo mortal se lhe decompõe; quando os elementos que o conformaram entram no laboratório universal, a alma subsiste integral, completa, conservando o que fez sua personalidade, isto é, a memória, e, o que mais é: não apenas a da última encarnação, mas a de todas as que tenha experimentado.

Panorama imponente e severo que se lhe desenrola à vista, no qual ela pode ler os ensinamentos do passado e discernir os deveres do futuro.

Agora, queremos estabelecer como pôde o perispírito adquirir as suas propriedades funcionais, passando e repassando em sucessivas reencarnações pelo tamis da animalidade.

Preciso é, portanto, demonstrarmos a unidade do princípio pensante no homem e no animal, e estabelecermos que não há transições bruscas entre um e outro; que a lei de continuidade não se interrompe, que o homem não constitui um reino à parte no seio da natureza e que só mediante uma evolução contínua, por esforços consecutivos, chega a atingir o ponto culminante na criação.

Capítulo II

A alma animal

Os selvagens. – Identidade corporal. – Estudo das faculdades intelectuais e morais dos animais. – A curiosidade. – O amor-próprio. – A imitação inteligente. – A abstração. – A linguagem. – A idiotia. – Amor conjugal. – Amor materno. – Amor do próximo. – O sentimento estético. – A gradação dos seres. – A luta pela vida. – Resumo.

O problema da origem do homem é um dos mais difíceis de abordar aqui na Terra. Colocados, como nos encontramos, num estágio de civilização avançada, temos a impressão de que um abismo nos separa dos outros seres. Tem o homem, de fato, conquistado o cetro do mundo: submeteu à sua vontade toda a natureza, perfurando montanhas, unindo mares, secando pântanos, desviando rios, dirigindo a vegetação em sentido mais útil ou agradável às suas conveniências, domando os animais aproveitáveis – ele, o homem, soube utilizar todas as forças vivas e capazes de lhe aumentarem o bem-estar.

Os caminhos de ferro transportam-no longe, sem fadiga; a eletricidade conduz-lhe o pensamento aos confins do globo e adapta-se a todos os usos domésticos; o balão permite-lhe explorar altas camadas atmosféricas, ao mesmo passo que mergulha, pela mineração, nas entranhas do solo.¹⁹

Diante de resultados que tais, atingidos pelo seu gênio, prope o homem a crer-se formado de essência diversa e superior à dos animais, havidos por incapazes de qualquer progresso.²⁰

As religiões, que não passam, em última análise, de quimeras antropomorfas, têm estimulado, ingenuamente, essas tendências, fazendo do homem a imagem material da divindade, e da alma um princípio, uma causa especial, completamente diferente de quanto existe no mundo.

Entretanto, examinada de mais perto, essa magnífica inteligência está bem longe de ser perfeita, e faz-se preciso certa

parcela de parcialidade e de orgulho para imaginar que criaturas que se massacram ferozmente em combates sangrentos, sem outro ideal que o de semear desolação e morte entre vizinhos, representem a Inteligência infinita que governa o cosmo.

O esplendor de nossos progressos materiais não deve obscurer nossa modesta origem. Os ensinamentos da História aí estão para mostrar que o desenvolvimento intelectual foi, sobretudo, obra dos séculos.

A noite morna da Idade Média de há muito cessou, para que não deslembramos o passado e, ao demais, se é certo que uma fração da humanidade avançou, menos não o é que muitos de nossos semelhantes ainda jazem embotados na ignorância, vítimas de paixões bestiais, como a mostrar-nos o percurso da evolução humana.

Os selvagens

Ao lado da civilização, vegetam seres degradados que mal poderemos chamar homens.²¹ Entre essas tribos caracterizadas por inferioridade inaudita, costuma dar-se preeminência aos Diggers (Pau-Entaw), índios repelentes, de uma selvajaria extrema, que habitam cavernas da Serra Nevada e são julgados pelos naturalistas mais fidedignos como inferiores, de alguns graus, ao orangotango. O missionário A.-L. Krapf, que viu de perto os Dokos do Sul de Kafa e Qurage, na Abissínia, conta²² que esses selvagens têm todos os traços físicos de grande inferioridade.

Não sabem fazer fogo nem cultivar o solo. Sementes e raízes, arrancadas à unha, constituem a alimentação usual, e felizes se consideram quando podem pilhar um rato, um lagarto, uma serpente. Assim, erram pelas florestas, incapazes de construir uma choça, abrigando-se sob o arvoredor. Ignoram, mais ou menos, o pudor e apenas toleram efêmeros laços familiares, tão certo como as mães abandonarem o filho, ao termo da lactação.²³

Os Tarungares (Papuas da Costa Oriental) visitados pelo Dr. Meyer, são de um selvagismo inaudito. Completamente nus e

privados de todo sentimento moral, antropófagos inveterados, chegam, por vezes, a exumar cadáveres a fim de os devorar.

Que diríamos nós se os macacos assim procedessem?

Os Weddas do Ceilão são de pequena estatura, de um tipo abjeto, a fisionomia repulsiva, bestial. A conformação craniana apresenta traços que a aproximam da dos macacos: nariz chato, prognatismo agudo, à feição de focinho, dentadura saliente. Vivem como animais e mal se abrigam em furnas rupestres, quando faz mau tempo. Tal como os Boschimans, também constroem uma espécie de ninho. O missionário Moffat informa que esses ninhos se assemelham aos dos antropóides. De fato, sabemos que o orangotango de Sumatra e de Bornéu agasalha-se, em noites frias, construindo um ninho de folhagem.

O sábio e consciencioso naturalista Burmeister opina que muitos selvagens do Brasil se comportam como animais, privados de qualquer inteligência superior.

O doutor Avé-Lallement, que, na sua viagem ao norte do Brasil, em 1859, teve ocasião de observar várias tribos ameríndias, compara esses selvagens aos macacos domesticados. “Adquiri – afirma ele – a convicção de existirem também macacos bímanos.”

Esta comparação, talvez um tanto exagerada, ressalta, nada obstante, de quase todas as narrativas dos viajantes. O célebre explorador W. Baker diz dos Kytches e dos Latoukas (africanos) que eles mal se diferenciam dos brutos. “Verdadeiros macacos” – acrescenta. La Gironnière, ao percorrer as montanhas de Luçon (uma das Filipinas), ficou impressionado com o caráter simiesco dos Aetas, cuja voz e gestos dir-se-iam de perfeitos macacos. Darwin, na viagem do “Beagle”, chegou a espantar-se quando avistou os Fueguinos.

“Ao contemplar tais seres – escreve –, é difícil acreditar sejam nossos semelhantes e conterrâneos... À noite, cinco ou seis criaturas dessa espécie, nuas e mal protegidas das intempéries de um clima horrível, deitam-se no solo úmido, encolhidas sobre si mesmas e confundidas como verdadeiros brutos.”

Aí temos como é insignificante a diferença do homem para o macaco. Distingue-se o nosso ramo por qualquer coisa de verdadeiramente especial? A história natural e a filosofia demonstram que, nem do ponto de vista físico, nem do intelectual, não há diferença essencial. Que, entre o mais inteligente dos animais – o macaco – e o mais embrutecido dos homens haja diferenças, ninguém o negaria, ou o macaco seria um homem.

Tais diferenças, contudo, não passam de graduações ascendentes de um mesmo princípio, que vai progredindo à proporção que anima organismos mais desenvolvidos.

Estabeleçamos claramente, com exemplos, essa grande verdade.²⁴

Similitude dos organismos humano e animal

Já sabemos que os elementos componentes dos tecidos de todos os seres vivos são substancialmente idênticos na composição e, assim, que a carne de um animal, seja qual for, não se distingue da nossa. O esqueleto dos vertebrados não varia sensivelmente. A noção de um tipo uniforme tornou-se hoje banal. Sabemos todos que há sempre vértebras encimadas de um crânio mais ou menos volumoso, dois membros articulados ao tórax, dois outros à bacia; isto, tanto no homem como no macaco, na águia como na rã.

Sob esse aspecto considerada, a semelhança é tal, que, por mais estranhável que pareça, poder-se-ia conceber viver um homem com um coração de cavalo ou de cachorro. A circulação sangüínea far-se-ia em um, como em outro. Poderíamos atribuir ao homem um pulmão de vitelo, a respirar com a mesma facilidade peculiar ao seu pulmão. O sangue, que nos parece elemento capital da vida, apresenta a mesma identidade no boi, no carneiro, no homem, e os médicos legistas ainda não encontraram método seguro que lhes permita dizer, com certeza, se a nódoa sangüínea de um pano é de origem humana ou animal.

Coração, pulmão, fígado, estômago, sangue, olhos, nervos, músculos, ossatura, é tudo análogo no homem como nos verte-

brados. Há menos diferença entre um homem e um cão do que entre um crocodilo e uma borboleta.

Diariamente as descobertas dos naturalistas estabelecem, sobre bases mais sólidas, esta profunda verdade que Aristóteles – grande mestre de coisas naturais – magistralmente exprimiu: *a natureza não dá saltos*. Perpétuas transições ocorrem entre os seres vivos.

Do homem ao macaco, deste ao cão; da ave ao réptil e deste ao peixe; do peixe ao molusco, ao verme, ao mais ínfimo dos colocados nas fronteiras extremas do mundo orgânico com o mundo inanimado, nenhuma passagem é brusca. O que se dá é sempre uma degradação insensível. Todos os seres se tocam, formam uma cadeia de vida, que só nos parece interrompida pelo desconhecimento das formas extintas ou desaparecidas. Nessa hierarquia dos seres, o homem reivindica o primeiro lugar a que tem, certo, incontestável direito; mas isso não o coloca fora da série e quer simplesmente dizer que ele é o mais aperfeiçoado dos animais.

Não só é impossível fazer do homem um ser destacado do reino animal, como devemos conceituá-lo também ligado aos seres inferiores, visto que, entre animais e vegetais, não há delimitação concebível.

Certo, o vulgar bom senso, como diz Charles Bonnet, distinguirá sempre um gato de uma roseira; mas se quisermos avançar no estudo dos processos vitais que diferenciam o animal da planta, havemos de ver que não existem mais caracteres próprios do animal que falem à planta. Porque, de um lado, há plantas que, como as algas, se reproduzem por meio de corpúsculos agilíssimos e, de outro lado, animais que, no decurso de longa existência permanecem imóveis, aparentemente insensíveis, sem terem mesmo, como a sensitiva, a faculdade de subtrair-se às hostilidades exteriores. Ao homem é impossível viver de maneira diferente dos outros animais.

O sangue lhe circula do mesmo feitio, o ar é respirado nas mesmas proporções, mercê de idêntico mecanismo. Os alimentos são da mesma natureza, transformados nas mesmas vísceras,

mediante as mesmas operações químicas, pois, como temos visto, as condições indispensáveis à manutenção da vida são idênticas para todos os seres.

O nascimento não é fenômeno particular. Nos primeiros períodos de vida fetal é impossível distinguir o embrião humano do canino, ou de outro qualquer vertebrado.

A monera que haja de produzir o “rei da criação” é, originariamente, composta de um simples protoplasma, como a de qualquer vegetal.

A morte é também a mesma para toda a série orgânica. Idêntica nas causas, como nos resultados, ou seja, a desorganização da matéria viva, em retorno ao grande laboratório da natureza.

Resumindo: reconhecemos, com os sábios, que, por seus caracteres físicos, o homem em nada se distingue do animal, e que vã tem resultado a tentativa para estabelecer uma linha divisória que lhe permita atribuir-se um lugar privilegiado na criação. Resta-nos examinar se as faculdades intelectuais e morais são de natureza particular e se bastam para criar um abismo intransponível entre a animalidade e a humanidade.

Estudo sobre as faculdades morais e intelectuais dos animais

Podemos estabelecer, como princípio, a impossibilidade de conhecer os fenômenos psíquicos ocorrentes no íntimo do indivíduo por forma outra que não observando as manifestações exteriores de sua atividade. Se ele executar atos inteligentes, concluiremos que possui uma inteligência; se tais atos forem da mesma índole dos que observamos nos homens, deduziremos que essa inteligência é similar à da alma humana, de vez que, na criação, somente a alma é dotada de inteligência.

Ora, como os animais possuem, não apenas a inteligência, mas também o instinto e a sensibilidade; e considerando o axioma que diz que *todo efeito inteligente tem uma causa inteligente*; assim como *a grandeza do efeito é diretamente proporcional à potência da causa*, temos o direito de concluir que a alma

animal é da mesma natureza que a humana, apenas diferenciada no desenvolvimento gradativo.

Freqüentemente, falando-se de inteligência animal, corre-se o risco de não ser compreendido. Algumas pessoas figuram-se que, para demonstrar a existência de faculdades intelectuais ou morais da espécie animal, importa estabelecer que os animais possuam, sensivelmente, memória, discernimento, etc., no mesmo grau que possuímos, o que, aliás, é impossível, tão certo como ser o seu organismo inferior ao nosso.

Outros imaginam que admitir tal princípio equivale a rebaixar a dignidade humana.

Nós, entretanto, não vemos o que perder com esse paralelo, só a nós favorável, pois é incontestável que um dado animal não pôde, nem poderá jamais encontrar a lei das proporções definidas, ou escrever *O sonho duma noite de verão*.

Trata-se, simplesmente, de assentar que, se o homem é mais desenvolvido que o animal, nem por isso deixa de ser uma verdade que a sua natureza pensante é da mesma ordem, em nada difere essencialmente e sim, apenas, em grau de manifestação.

Eis algumas narrativas de molde a evidenciar algumas faculdades dos animais, tais como: *atenção, julgamento, raciocínio, associação de idéias, memória, imaginação*.²⁵

Inteligência e reflexão

Certa feita um abegão, através da sua janela, lobriga de madrugada uma raposa a conduzir o ganso apresado. Chegando rente ao muro, alto, de 1,20 m, a raposa tentou de um salto transpô-lo, sem largar a presa. Não o conseguiu, porém, e veio ao chão, para insistir ainda em três tentativas inúteis. Depois, eila assentada, a fitar e como que a medir o muro. Tomou, então, o partido de segurar o ganso pela cabeça e, levantando-se de encontro ao muro, com as patas dianteiras, tão alto quanto possível, enfiou o bico do ganso numa frincha do muro. Saltando, em seguida, ao cimo deste, debruçou-se jeitosamente até retomar a presa e atirá-la para o outro lado, não lhe restando, então, mais que saltar por sua vez, seguindo o seu caminho.²⁶

Que os animais refletem antes de tomar decisão, é o que acabamos de verificar com esta nossa raposa. Como este, outros casos análogos poderíamos citar. Mas, neles, a ação é muito mais demorada que em nós. Vejamos: Um urso do Jardim Zoológico de Viena, querendo colher um pedaço de pão que flutuava fora da jaula, teve a idéia engenhosa de revolver a água com a pata e formar uma corrente artificial.

Flourens conta que, por serem assaz numerosos os ursos do jardim das Plantas, resolvera-se eliminar dois deles.

Com tal intuito, lançaram-lhes bolos envenenados com ácido prússico, mas eis que eles, apenas cheiraram o alimento letal, puseram-se em fuga. Ninguém os suporia capazes de regressar e, contudo, atraídos pela guloseima, ei-los agora a empurrar os bolos com as patas para a bacia do fosso, onde os remexiam. Depois, farejavam atentos e, à medida que o tóxico se evaporava, apressavam-se a comê-los. Tal sagacidade valeu-lhes a vida, foram perdoados.

Um elefante esforçava-se, debalde, para captar uma moeda junto da muralha, quando, de súbito, pôs-se a soprar e, com isso, fez deslocar-se e rolar a moeda até o ponto em que ele se encontrava, conseguindo-o admiravelmente.²⁷

Erasmus Darwin atesta-nos estes dois fatos:

Certa vespa dispunha-se a transportar a carcaça da mosca, quando notou que as asas ainda presas à mesma carcaça lhe dificultavam o vôo. Que fez, então, nossa vespa? Pousou, cortou as asas da mosca e librou-se mais facilmente com o despojo.

Um canguru, perseguido pelo cão, prestes lançou-se ao mar e aí, sempre acossado de perto, avançou n'água até que só a cabeça emergisse. Isso feito, aguardou o inimigo que nadava ao seu encontro, agarrou-o, mergulhou-o, e tê-lo-ia infalivelmente afogado, se o dono não acudisse a socorrê-lo.

Citaremos, ainda, um traço curioso da inteligência de um macaco.²⁸

Eu estava assentado com a família junto da lareira – diz Torrebianca –, enquanto os criados assavam na cinza as castanhas.

Um macaco de grande estimação por suas diabruras lá estava a coibiçá-las, impaciente e, não vendo como pescá-las sem queimar-se, ei-lo que se atira a um gato sonolento, comprime-o vigorosamente contra o peito e, agarrando-lhe uma das patas, dela se serve, à guisa de bastão, para tirar as castanhas do borralho comburente.

Aos miados desesperados do bichano, todos acorrem, enquanto algoz e vítima debandam, um com o seu furto, outro com a pata queimada.

O curioso – acrescenta Gratiolet – é que, diante disso, o Sr. Torrebianca concluiu que os animais não raciocinam.

“Confesso – diz o espiritualista e religioso Agassiz – que não saberia como diferenciar as faculdades mentais de uma criança das de um chimpanzé.”²⁹

A curiosidade

Esta faculdade é muito desenvolvida, mesmo nas espécies menos inteligentes, quais os peixes, os lagartos, as calhandras. Ela cresce de ponto nos patos selvagens, nos cabritos monteses, nas vacas.

Superabunda, irresistível, nos macacos, indiciando já uma característica da curiosidade humana, ou seja, o desejo de compreender, de penetrar o sentido das coisas. O macaco possui a faculdade de “exame atento”.

O macaco, como bem advertiu M. H. Fol, sabe, de fato, “absorver-se completamente no exame de um objeto, passando horas a fio para compreender um mecanismo, e chegando, mesmo, a esquecer o alimento e tudo que o rodeia.

Ora, observa Romanes, quando um macaco assim procede, não há que admirar seja o homem um animal científico. Essa faculdade de exame atento tem, evidentemente, como base primária a curiosidade, mas já de muito lhe sobreleva: é uma das mais altas expressões da inteligência, a que visa o próprio aperfeiçoamento”.

O amor-próprio

Os cães não roubam o alimento de seu dono (Agassiz) e demonstram satisfação quando aplaudidos. Sanson³⁰ diz estar provado, por fatos inúmeros, que o cavalo de corrida é suscetível de emulação e experimenta o orgulho da vitória. Tal o caso de *Forster*, que, depois de um tirocínio longo e sempre invicto, ao ver-se uma vez na iminência de ser batido por *Elèphant*, já perto do poste de chegada, precipitou-se num salto desesperado e agarrou com os dentes o rival, no intuito de conjurar uma derrota jamais conhecida. E não foi sem muito esforço que conseguiram seqüestrar-lhe a presa. Outro cavalo, em condições semelhantes, também agarrou o rival pelos jarretes.

O elefante, o cachorro, o cavalo, mostram-se assaz sensíveis ao elogio; e, assim como o antropóide, também temem o ridículo, enfadam-se quando se lhes faz zombaria.

M. Romanes relata, a propósito, uma curiosa observação. Divertia-se o seu cão a caçar as moscas que pousavam na vidraça e, como muitíssimas se escapassem, ele, Romanes, entrou a chaco-tear, esboçando um sorriso irônico a cada insucesso.

Foi quanto bastou para envergonhar o cão, que fingiu, de repente, ter apanhado uma mosca e esmagá-la de encontro ao solo. O dono, porém, não se deixou iludir e, verberando-lhe a impostura, viu que ele partia a ocultar-se sob os móveis, duplamente envergonhado.

A imitação inteligente

Da imitação inteligente não faltam exemplos, e tanto mais dignos de nota quando atestam uma certa noção das relações de causa e efeito, de uma consciência da causalidade.

O orangotango e o chimpanzé, por exemplo, pronto descobrem o meio de abrir as fechaduras. O macaco de Buffon aprendera, por si mesmo, a utilizar-se de uma chave. A bugia *Mafuca*, do Jardim Zoológico de Dresde, querendo ficar livre para sair à vontade da sua gaiola, imaginou roubar e esconder cuidadosamente a respectiva chave. Cães, cabras, gatos, aprenderam por si mesmos, sem qualquer educação prévia, a tocar uma campanha

ou abrir uma porta. Apontam-se vacas, mulas, jumentos, que manejaram ferrolhos para abrir porteiras.

O professor Hermann Fol conta que, na vacaria-modelo de Lancy (perto de Genebra), pouco depois de instalar-se no pátio um bebedouro, foi preciso mudar-lhe a torneira por outra só utilizável à chave, mas chave que o vaqueiro teve de carregar sempre consigo, porque o gado logo aprendera a manejá-la. O mesmo aconteceu em Turim, na vacaria ali instalada por Henri Bourrit.

Nos macacos, a imitação inteligente é comumente desenvolvida ao extremo. Vários se têm visto que tiveram a idéia espontânea de cavalgar cachorros. Boitard cita um macaco *roloway*, que gostava de cavalgar um cão vagabundo, e Le Vaillant refere caso idêntico, de um bugio.

A abstração

A faculdade de abstrair, isto é, de tomar conhecimento dos objetos e determinar-lhes as qualidades sensíveis, quais sejam: amarelo, verde, mole, duro, rugoso, liso, etc.; a pedra, o animal, a árvore, etc.; a espécie de animal – cão, gato, homem –; tal espécie de homem, bem ou mal vestido, etc.; todas essas idéias abstratas os animais as possuem, pois, assim como assinala M. Vulpian,³¹ é evidentemente sobre estas idéias que se exercem a sua memória, a sua reflexão, o seu raciocínio. Eles podem mesmo elevar-se à compreensão de umas tantas realidades metafísicas, como o tempo, o espaço, etc.

“Os animais têm um tal ou qual sentimento da extensão – diz Gratiolet –, visto que caminham e saltam com precisão. Têm-no do tempo decorrido, porque o sentem; do presente, porque o gozam; e até do futuro, porque há casos de previsões, temores, esperanças. Mas, tudo isso não passa de idéias concretas, que jamais se elevam ao grau da verdadeira abstração.”

O naturalista Fisher certificou-se, mediante engenhosas experiências (*Revue Scientifique*, 1884), que os macacos mais inteligentes possuem a noção do número e sabem muito bem avaliar o peso.

Não é novidade que a pega pode contar até cinco, pois quando os caçadores são em número menor ela não voa, até que eles se afastem. Temos assim que, neste particular, a pega se mostra superior a muitos selvagens.

A linguagem

A linguagem articulada é apanágio do homem. Foi graças a esse poderoso instrumento de progresso que ele pôde desenvolver-se, enquanto os outros seres permaneceram quase estacionários. Diga-se, contudo, que os animais da mesma espécie podem comunicar-se entre si. O cão doméstico possui uma linguagem outra, que não a de seus ancestrais selvagens. Darwin nota que “nos cães domésticos, temos um ladrido da impaciência, como se dá em caçadas; o da cólera – um rugido; o grunhido ou uivo desesperado do prisioneiro; o da alegria, quando vai a passeio, e finalmente o da súplica, para que se lhe abra a porta”.

A linguagem expressa por sinais ou gestos é muito desenvolvida nos animais que vivem agregados, como os cães selvagens, os cavalos em liberdade, os elefantes, formigas, castores, abelhas, etc.

É incontestável que esses animais se compreendem. Vêm-se, algumas vezes, as andorinhas deliberarem antes de tomar um roteiro. Sendo, porém, simples, primitivas as suas idéias, e não podendo amplificá-las pela linguagem articulada, nem coordená-las para tirar delas todo o partido desejável, é claro que se não aperfeiçoam senão com lenteza inaudita, parecendo-nos por isso imutáveis. Contudo, uma observação atenta faz-nos ver que os instintos variam conforme as novas condições criadas para os animais.

As faculdades intelectuais também aumentam com exercícios reiterados, sobretudo nas espécies em contacto com o homem.

A idiotia

Se fizermos um confronto da suspensão do desenvolvimento da inteligência humana e o que ocorre com os animais, facilmente veremos que a diferença não é substancial. Quando a função do espírito é tolhida pela conformação defeituosa do organismo,

a alma só pode manifestar-se no exterior pelas formas rudimentares da inteligência. O idiotismo é disso uma prova flagrante.³² Como sabemos, os idiotas dividem-se em três classes— completos, secundários e imbecis.

- 1º) Os idiotas completos são reduzidos ao automatismo: criaturas inertes, despidas de sensibilidade, falta-lhes até o instinto animal. Olhar parado, inexpressivo, não têm paladar nem olfato, não sabem comer por si, preciso se torna levar-lhes o alimento à boca e à garganta, para provocar a deglutição. Alguns há que comem com mais facilidade, mas engolem, sem distinguir, tudo o que apanham: terra, seixos, pano, fezes, etc. Temos, assim, que os idiotas desta categoria estão abaixo dos cães, dos elefantes ou dos macacos. E, contudo, são homens. A alma, assim aprisionada num invólucro inerte, deve suportar largo e cruel martírio, pela impossibilidade de movimentar seus órgãos insubmissos.
- 2º) Os idiotas de segundo grau têm instintos, mas a faculdade de comparar, julgar e raciocinar é neles mais ou menos nula. Estão mais próximos dos animais, mas ainda se lhes não equiparam.
- 3º) Temos, enfim, os imbecis: são os que possuem instintos e determinações raciocinadas. Capazes de abstrações físicas muito simples, não podem, contudo, elevar-se a noções quaisquer de ordem geral, ou superior, ficando mais ou menos nivelados aos animais. O mesmo sucede com os cretinos.

Esses estados precários da inteligência, podemos aproximá-los aos da nossa infância, dado que, até o terceiro ano, a criança revela-se inferior aos grandes símios. Vale dizer que, do ponto de vista intelectual, a puerícia, a idiotia e o cretinismo facultam-nos o exemplo tangível e flagrante da evolução humana.

A evolução

Se tivermos bem de vista os fatos retrocitados, a respeito dos selvagens, compreenderemos melhor ainda a marcha ascendente

do princípio pensante, a partir das mais rudimentares formas da animalidade, até atingir o máximo do seu desenvolvimento no homem.

Os povos primitivos aí estão, como vestígios que demonstram as fases do processo transformista. Não esqueçamos que estes seres, que se nos figuram tão degradados, são, ainda assim, superiores ao nosso ancestral da época quaternária e poderemos, então, compreender que não há diferença essencial entre a alma animal e a nossa. Os diversos graus observados nas manifestações inteligentes, à medida que remontamos à série dos seres animados, são correlativos ao desenvolvimento orgânico das formas. Tanto mais o corpo se torna flexível, maneável, quanto mais as partes se lhe diferenciam e mais facilidades encontra a inteligência em exercitar-se, de sorte que, assim, sobe, da monera ao homem, sem hiatos nem solução de continuidade assinalável.

Havendo focalizado o desenvolvimento intelecto-animal, veremos agora que, no concernente aos sentimentos, eles nos oferecem surpreendente analogia.

Amor conjugal – Amor materno

Buffon adverte-nos que as aves representam tudo quanto se passa num lar honesto. Observam a castidade conjugal, cuidam dos filhos; o macho é o marido, o pai da família, e o casal, por débil que seja, mostra-se valoroso até ao sacrifício de morte, em se tratando de defender a prole.

Não há quem ignore o zelo da galinha na defesa dos pintainhos. Os animais ferozes – tigre, lobo, gato selvagem –, todos têm por suas crias o mais terno afeto.³³ Darwin, Brahm, Leuret, citam exemplos curiosos desse sentimento tão vivo. Aqui estão dois exemplos capazes de varrer qualquer dúvida a respeito:

Leuret conta que um macaco, cuja fêmea morrera, cuidava solícito do filhote, pobre rebento esqualido, enfermiço. À noite, tomava-o ao colo para adormecê-lo e, durante o dia, não o perdia de vista um instante. De resto, entre os macacos, os órfãos são sempre recolhidos e adotados com carinho, tanto pelos machos como pelas fêmeas.

Uma bugia (cinocéfalo), notável por sua bondade, recolhia macaquinhos doutras espécies e chegava a furtar cachorros e gatos pequenos, que lhe faziam companhia. Certa feita, um gatinho adotado arranhou-a e ela, admirada, deu prova de inteligência examinando-lhe as patas e, logo, com os dentes, aparou-lhe as garras.

Amor do próximo

O Sr. Ball relatou na *Revue Scientifique* o seguinte fato, por ele testemunhado:

O cão de fila aventurava-se adentro do lago congelado, quando súbito, se quebrou o gelo e ele resvalou n'água, tentando em vão libertar-se. Perto, flutuava um ramo e o fila se lhe agarrou, na esperança de poder alçar-se. Um terra-nova que, distante, assistira ao acidente, decidiu-se, rápido, a prestar socorro. Meteu-se pelo gelo, caminhando com grande precaução, e não se aproximou da fenda mais que o suficiente para agarrar com os dentes a extremidade do ramo e puxar a si o companheiro, desarte lhe salvando a vida.

“A previdência, a prudência e o cálculo mostram-se, diz o Sr. Ball, de um modo evidente nesse ato, tanto mais notável quanto absolutamente espontâneo. Os animais são, comumente, suscetíveis de educação e sua inteligência desenvolve-se em convívio com o homem. Mais interessante, porém, é acompanhá-los em sua evolução pessoal e constatar que são capazes, por assim dizer, de evoluir por si mesmos. Neste particular, o nosso terra-nova elevou-se, por instantes, ao nível da inteligência humana e, no tocante à observação e ao raciocínio, em nada inferior ao que um homem faria em tais conjunturas.”

Refere Darwin que o capitão Stransbury encontrou num lago salino do Utah um velho pelicano completamente cego e aliás muito gordo, que devia o seu bem-estar, de longa data, ao tratamento e assistência dos companheiros.

O Sr. Blyth me informa – diz ele – ter visto corvos indígenas alimentando dois ou três companheiros cegos, e eu mesmo conheço caso análogo, com um gato doméstico.

O Sr. Burton cita o caso curioso de um papagaio que tomara a seu cargo uma ave de outra espécie, raquítica e estropiada.

Assim é que lhe limpava a plumagem e procurava defendê-la de outros papagaios, soltos no jardim.

Mas, o fato mais demonstrativo é o seguinte, contado por Gratiolet: “O Sr. de la Boussanelle, capitão de cavalaria do antigo regimento de Beauvilliers, comunica o seguinte: Em 1757, um cavalo do meu esquadrão, já fora do serviço devido à idade, teve os dentes inutilizados a ponto de não poder mastigar o seu feno e a sua aveia. Verificou-se, então, que dois outros animais, que lhe ficavam à esquerda e à direita, dele passaram a cuidar, retirando o feno da manjedoura e colocando-lho à frente, depois de mastigado. O mesmo faziam com a aveia, depois de bem triturada. Esse curioso trabalho prolongou-se por dois meses, e mais durara, certo, se lá ficara o velho companheiro. Aí têm – acrescenta o narrador – o testemunho de toda uma companhia – oficiais e soldados.”³⁴

O sentimento estético

Muito se tem presumido que o sentimento do belo seja apatúgio da espécie humana. Entretanto, sabemos que as aves femininas são muito atraídas pela beleza de plumagem dos machos, tanto quanto por seu canto melodioso. Nem poderíamos duvidar que sejam uns tantos sons musicais compreendidos por muitos animais. Romanes viu um galgo acompanhar certa canção com latidos brandos. O cão do professor J. Delboeuf acompanhava regularmente, com a voz, um contralto na ária de *A Favorita*.

O asseio é modalidade da estética e nós podemos assinalá-lo nas aves que limpam o ninho, nos gatos que fazem a sua toaleta com minúcias e, principalmente, nos macacos.

Espetáculo curioso – diz Cuvier – o das macacas a conduzirem as crias ao banho, lavá-las apesar dos seus gritos, enxugá-las e secá-las, dispensando-lhes, na limpeza, tempo e cuidados que, em muitos casos, nossas crianças poderiam invejar.

Mas, onde o sentimento do belo e do confortável atinge o mais alto grau é, certamente, nas aves jardineiras da Nova Guiné.³⁵ Esses pássaros, da família das paradisêas, não se contentam com um simples ninho, pois constroem, fora da moradia ordinária, verdadeiras casas de recreio, que se tornam atestados de bom gosto. Tais construções, reservadas aos adultos, que a elas vão para entregar-se a brincos e deleites amorosos, apresentam grande variedade ornamental e as paradisêas gozam, realmente, o luxo de que se rodeiam. Cabanas há que atingem dimensões consideráveis. Têm o formato de quiosques com passadiços cobertos. Há uma espécie que constrói a casinhola colorida de frutos e conchinhas. As mais apuradas requintam em dar a essas mansões de prazer um luxo ainda maior, selecionando as conchas, preferindo pedras rútilas, penas de papagaio, retalhos de pano, tudo, enfim, que encontrem de mais vistoso. O pavimento é feito de varinhas entrelaçadas. Contudo, não haja vacilação em conceder supremacia à *Amblyornis inornata*, cujas construções valem por verdadeiras maravilhas, cercadas de um jardimzinho artificial, feito com musgo disposto em tabuleiros, e decorado, com muita arte, com flores constantemente renovadas, bem como frutos de matizes fortes, seixos e conchas brilhantes, etc.

A graduação dos seres

Poderíamos, aqui, mostrar também que os sentimentos morais, como o *remorso*, o *senso moral*, a *idéia do justo e do injusto*, encontram-se em gérmen em todos os animais, podendo manifestar-se em ocasiões oportunas. Para que o leitor melhor firme a sua convicção, indicamos-lhe as precitadas obras, certo de que um estudo atento demonstrar-lhe-á não existir, entre a alma do homem e a do animal, mais que uma diferença de graus, tanto do ponto de vista moral, como do intelectual.

O agente imortal que anima todos os seres é sempre uno e único. De início, manifestando-se sob as mais rudimentares formas, nos últimos estádios da vida vai, contudo, aperfeiçoando-se pouco a pouco, ao mesmo passo que se eleva na escala dos seres. Nessa longa evolução, desenvolve as faculdades latentes e

as manifesta de modo mais ou menos idêntico ao nosso, à medida que se aproxima da humanidade.

Vede como o grande naturalista Agassiz, em que pese às suas idéias religiosas, proclama a identidade do princípio pensante no homem e no animal:

“Quando se combatem, ou quando se associam para um fim comum; quando se advertem do perigo ou socorrem outro; na tristeza como na alegria, eles manifestam impulsos e atitudes da mesma índole dos havidos por atributos morais da espécie humana.

“A gradação das faculdades morais, nos tipos superiores e no homem, é tão imperceptível que, para negar aos animais uma certa dose de responsabilidade e consciência, é preciso exagerar, em demasia, a diferença entre uns e outro.”³⁶

Com efeito, não podemos conceber por que houvesse Deus criado seres passíveis de sofrimentos, sem lhes outorgar, ao mesmo tempo, a faculdade de se beneficiarem dos esforços que fazem por se melhorarem. Se o princípio inteligente que os anima fosse condenado a permanecer eternamente nessa condição inferior, Deus não seria justo, com o favorecer o homem em detrimento de outras criaturas. A razão diz-nos que tal não poderia suceder, e a observação demonstra a identidade substancial entre a alma dos brutos e a nossa. De resto, tudo se liga e se entrosa intimamente no Universo, desde o átomo insignificante ao sol gigantesco pendurado no espaço; desde a simples monera ao Espírito superior, a sobrepassar sereno nas regiões da eternidade.

A evolução da alma

Supondo que a alma se tenha individualizado lentamente por um processo de elaboração das formas inferiores da natureza, a fim de atingir gradativamente a humanidade, quem se não sentirá maravilhado de tão grandiosa ascensão?

Através de mil modelos inferiores, nos labirintos de uma escalada ininterrupta; através das mais bizarras formas; sob a pressão dos instintos e a sevícia de forças inverossímeis, a cega

psique vai tendendo para a luz, para a consciência esclarecida, para a liberdade.

Esses inúmeros avatares, em milhares de organismos diferentes, devem dotar a alma de todas as forças que lhe hajam de servir mais tarde. Eles têm por objeto desenvolver o envoltório fluídico, dar-lhe a necessária plasticidade, fixando nele as leis cada vez mais complexas que regem as formas vivas, criando-lhes, assim, um tesouro, mediante o qual possam um dia manipular a matéria, de modo inconsciente, para que o Espírito possa operar sem o entrave dos liames terrestres.

Quem recusará ver nos milhões de existências a palpitem no planeta a elaboração sublime da inteligência, prosseguindo incessante na extensão infinita do tempo e do espaço?

São as eternas leis da evolução que arrastam o princípio inteligente a destinos cada vez mais altanados, para um futuro sempre melhor, desdobrando-se em panorama de renovadas perspectivas, a partir da idade primária aos nossos dias.

Para quem quer que se disponha a interrogar a natureza, admirar a obra da vida em seus aspectos cambiantes, o quadro é grandioso pela multiplicidade das manifestações. É um desfile mágico de meios imprevisíveis, de metamorfoses multifárias, de uma originalidade maravilhosa, capaz de confundir a mais rica imaginação.

A natureza tem recursos tão inesgotáveis que o homem jamais poderia enumerá-los.

Apesar das ativas investigações dos sábios, mau grado à legião de observadores debruçados para o mistério da criação, o mistério escapa-lhes pela infinidade da produção, ou pelo esplendor da fecundidade. Entretanto, os tesouros prodigalizados indiciam, demonstram uma tendência para o belo, para o melhor, para o progresso, enfim. É a marcha avante e através da matéria caliginosa – a rígida matriz que importa abrandar, molgar, dominar. É o impulso para a onipotência radiante, para a luz, para a consciência universal.

Quem poderá pintar os meandros incontáveis desse painel eterno, as veredas múltiplas e tortuosas dessas existências que se

desenrolam na profundidade do solo e dos mares, como nas camadas atmosféricas? Contudo, nesse caleidoscópio cintilante, e mau grado à infinita diversidade das formas, nota-se uma idéia geral, uma vontade definida, um plano assentado.

Não foi o acaso que gerou essas espécies animais e vegetais. No seu desfile, a conseqüente possui sempre algo mais que a antecedente e, quando a Ciência nos desvenda os quadros sucessivos dessas transmutações, é que vemos a inapreciável riqueza nelas contida, a ampliar-se sempre. Quanta majestade nessas fases de transição! Que grandeza nessa marcha lenta, porém firme, para chegar ao homem, florescência da força criadora, magnífica jóia que resume e sintetiza todo o progresso, receptáculo de todas as formas, colônia viva, hierarquizada, de todas as formas de vida, pois que nele concorrem e se prestam mútuo auxílio todos os reinos. A estrutura óssea é o mundo mineral, mas, quão melhorado, vitalizado! Os sais, inertes *in natura*, aí estão vivos, mutáveis e permutáveis, mas conservando, em seu trânsito, o caráter essencial – a solidez!

Depois, é o mundo vegetal nas células que apresentam variedade e opulência incapazes de serem ultrapassadas por qualquer planta. Em seguida, é o reino animal, que fornece sucessivamente os melhores órgãos, nos quais encontramos o esboço de aperfeiçoamento, de espécie em espécie, até atingir o tipo definitivo da humanidade. O sistema nervoso é que tomou a direção do todo orgânico, disciplinou elementos díspares, hierarquizou-os em função de sua utilidade, estimulando ou sustando-lhe a ação. Sempre variável na sua atividade, ele vela por todos os pormenores e mantém ordem e harmonia no concerto tão complexo de todas as forças vitais.

Por fim, radia na cimeira a inteligência que tanto lutou para desprender-se de suas formas inferiores. Ainda entorpecida pela viagem através das formas subalternas, guarda em si as impressões do instinto que foi, por tão longo tempo, a sua única manifestação exterior. Os tesouros do intelecto, esses abrolham mais demoradamente, através da crosta dos apetites. O egoísmo, o pensamento do *ego* engendrado pela lei de conservação, cuja suserania predominara até então, vai diminuir pouco a pouco,

pois que no reino animal a maternidade já implantou na alma o sentimento de amor, embora sob as mais ínfimas e rudimentares formas. Entretanto, esses tênues lampejos, que mal estriam o sonho animal, irão aumentando de intensidade e mais irradiando, até que se tornem nas almas evoluídas a luz rutilante, o farol tutelar que nos guie em meio às trevas da ignorância.

Como foi que se completou essa gênese da alma? Por quais metamorfoses terá passado o princípio inteligente antes de atingir a humanidade? Eis o que o transformismo nos ensina com evidência luminosa. Graças ao gênio de Lamark, de Darwin, de Wallace, de Haeckel e de todo um exército de sábios naturalistas, nosso passado foi exumado das entranhas do solo. Os arquivos da Terra conservaram ossaturas de raças extintas, e a Ciência reconstituiu a nossa linha ascendente, a partir da atualidade, em sentido regressivo, até os períodos multimilenários que presenciaram a eclosão da vida no planeta.

Uma vez liberto das peias de uma religião feita de ignorâncias, o espírito humano senhoreou-se do seu tesouro. Desprendido dos temores que travaram as pesquisas dos antepassados, o homem ousou abordar o problema da própria origem e lhe encontrou solução. É um fato capital, de conseqüências morais e filosóficas incalculáveis. A Terra deixou de ser aquele mundo misterioso que a varinha de um mágico fez explodir um dia, equipado de animais e plantas, pronto para receber o seu suserrão – o homem.

Hoje, a razão esclarecida faz-nos compreender o quanto essas fábulas atestam de ignorância e de orgulho! O homem não é um anjo decaído, a lamentar a perda de um paraíso imaginário, não deve submeter-se à férula dos representantes de um Deus parcial, caprichoso e vingativo, nem carrega pecado original algum que o estigmatize do berço. Tampouco de outrem depende a sua sorte.

Chegou o dia da libertação intelectual; a hora da renovação soou para todos os que ainda se curvam sob o guante do terror dogmático. O Espiritismo aclarou o nosso futuro a desdobrar-se pelos céus infinitos. Graças a ele, sentimos palpitar a alma de nossos irmãos, entrevemos outras humanidades celestes.

Remontamos às espessas trevas do passado para estudar a nossa juventude espiritual e não encontramos, em parte alguma, esse fantástico tirano que a Bíblia tão tetricamente descreve.

Em toda a criação nada existe de ilógico, de arbitrário, que venha destruir a grandiosa harmonia das leis eternas.

Não há necessidade de apelo ao milagre para explicar a criação: é bastante observar as forças universais em sua constante atividade. As formas, tão diversificadas, dos seres vivos, animais ou vegetais, são, todas elas, devidas a duas causas permanentes, que jamais deixaram de atuar e continuam a manifestar o seu poder: a influência do meio e a lei de seleção, o que vale dizer – a luta pela vida.

A luta pela vida

O solo, a atmosfera, a água, são povoados de seres vivos, em número infinito. A massa profunda dos oceanos abriga miríades de organismos vegetais e animais. O ar, que nos parece tão límpido, contém multidões de corpúsculos, germens microscópicos, que servirão para engendrar incontáveis gerações. A gota d'água mostra-nos um mundo que se agita e subsiste nesse minúsculo universo.

O solo regurgita de colônias vivas e até nas regiões desertas, nas álgidas solidões polares, nos areais abrasados, tanto quanto nos mais altos píncaros rochosos, por toda parte, enfim, a vida manifesta-se desbordante. Por toda parte seres que nascem, crescem e morrem.

Se alguma coisa pode causar-nos admiração é o equilíbrio perfeito que impera nesse formigamento de seres diversamente dotados pela Natureza. Por toda parte os seres vivos se tocam, se comprimem, se abraçam, se alimentam uns dos outros, e quer nos parecer não haja, em nosso globo, um só lugar que eles não tenham invadido. Parece-nos que a vida atingiu o máximo de sua expressão e, no entanto, tudo nos leva a coligir que assim é há milhares de séculos. Conta-se por períodos milenários a luta dos seres vivos, disputando-se o solo, a água, o ar do nosso mundículo.³⁷

Quando consideramos a prodigiosa fecundidade de algumas espécies animais, ou vegetais, aterra-nos a perspectiva da invasão que resultaria do integral desenvolvimento de seus óvulos.

O bacalhau, por exemplo, que é muito prolífico, chega a produzir até 4.872.000 ovos. Uma pequena truta, pesando uma libra alemã, põe 6.000 ovos, mais ou menos. O Sr. G. de Sedlitz baseia-se nesses dados para fazer um cálculo curioso.

Supondo que uma truta forneça 3.000 descendentes fêmeas (estimativa assaz baixa), e que essa reprodução prossiga, sem obstáculos, por cinco gerações, as trutas, após 25 ou 30 anos, seriam bastantes para cobrir a superfície terráquea, à razão de 10 trutas por pé quadrado. Na oitava geração, teríamos um volume igual à massa planetária. Que se faça o cálculo com o salmão (80.000 óvulos), a cavala (500.000), o esturjão comum (1 a 2.000.000), e compreender-se-á a necessidade de causas destrutivas assaz enérgicas, para impedir a invasão de mares e rios.³⁸

Mas, é sobretudo no mundo dos infusórios que essa multiplicação se tornaria espantosa, se nada lhe coarctasse o surto. Assim, que há vorticelas cissíparas que se multiplicam a cada hora, com rapidez vertiginosa. Um só desses minúsculos seres daria, em treze dias, um número equivalente a 91 cifras!

Ehremberg calculou que um microscópico galional (*galional ferruginea*) engendra, por cissiparidade, 8 milhões de indivíduos em 48 horas e 140 bilhões em 4 dias!

As bactérias da lepra, do tifo, da pneumonia, etc., proliferam com celeridade terrificante. No espaço de uma hora, esses bacilos engendram dois novos rebentos, e assim por diante, em progressão geométrica, de sorte que, ao fim de três dias, haverá nada menos de 47 trilhões de monerianos! Segundo Davaine, um simples pique inoculante de uma única bactéria pode, dentro de 72 horas, determinar o nascimento de 71 milhões de indivíduos.

Finalmente, Cohn estimou que, ao quinto dia, o oceano se repletaria com a prole de uma só bactéria, se as condições mesológicas a isso se prestassem. Felizmente, para nós, elas de raro se encontram no corpo humano.

As plantas oferecem-nos os mesmos exemplos de proliferação progressivamente formidável. Um campo que produza trigo em abundância, com as espigas pressionadas entre si, não poderia nutrir maior número delas; por isso, e contendo cada uma das espigas várias sementes, importa que grande parte das novas pereça. É a lei inelutável. Em nosso orbe, a evolução se processa por meio de lutas renascentes. Seja ela surda e quase imperceptível, como no reino vegetal, ou seja ostensiva e terrível, como entre os grandes carnívoros, não deixa de operar, incessante, em todos os graus da escala.

Uma necessidade inelutável combate a fecundidade pela destruição, e todas essas ações simultâneas redundam na sobrevivência do mais apto a suportar a luta pela vida.

Nem sempre os mais bem aparelhados são os que resistem. Mudanças térmicas, tais como invernos rigorosos e tórridos estios, não permitirão subsistam senão os capazes de resistir a essas alternâncias extremas. A fome, as enfermidades, são fatores que se conjugam para uma seleção rigorosa entre as espécies vivas, e só às mais robustas é dado subsistir e transmitir aos descendentes as qualidades assecuratórias de sua posteridade.

Desde o aparecimento do protoplasma no seio dos mares primitivos, desde que as primeiras mônadas manifestaram fenômenos vitais, essa luta jamais teve um hiato, e sempre, e por toda parte, prossegue, imperturbável, no facetamento dos organismos, com uma perseverança implacável. Dessa concorrência encarniçada é que resultou a vitória dos melhores, dos mais aptos, dos mais robustos.

E foram esses esforços perpétuos do ser, reagindo às influências destrutivas no afã de adaptar-se ao meio para lutar com os seus inimigos, que engendraram o progresso evolutivo das formas e das inteligências.

A seleção natural atua, exclusivamente, conservando e acentuando as variações acidentais, vantajosas ao indivíduo nas condições do ambiente em que é chamado a viver.

Resulta, pois, da seleção, que toda forma vivente deve aperfeiçoar-se sempre, relativamente, pelo menos, ao seu modo de

existir. Ora, esse contínuo aperfeiçoamento dos seres organizados deve, inevitavelmente, conduzir ao progresso geral do organismo em todos os seres disseminados na superfície da terra.

Podemos, então, concluir com Darwin, dizendo:

“Assim é que a guerra natural, a fome e a morte, originam diretamente o efeito mais admirável que possamos conceber: a formação lenta dos seres superiores. Há grandeza em prisma assim a vida e seus diversos poderes, que animam originariamente muitas ou uma única forma, sob o influxo do Criador. E enquanto o planeta continuou a preencher ciclos perpétuos, adstrito às leis fixas da gravitação, essas formas se desenvolveram, inumeráveis, e, cada vez mais belas, mais maravilhosas, seguirão desenvolvendo-se num evoluir sem fim.”

Se a doutrina evolucionista encontrou tantos adversários, é que o preconceito religioso deixou vinco profundo nos espíritos, nativamente rebeldes, ao demais, a toda novidade. É que nos temos habituado a ver por toda parte o dedo de Deus, a interessá-lo em nossos negocinhos, a fazer da vontade divina um macio travesseiro para a nossa ignorância. Em lugar de procurar na própria natureza a causa de suas transformações, era sempre mais cômodo atribuí-las a uma intervenção sobrenatural, que dispensava longos e fatigantes estudos.

Certos naturalistas, observando seres aproximados da série animal, incapazes de fecundação por cruzamentos, concluíram pela imutabilidade das espécies.

A teoria transformista, porém, leva-nos a compreender que os animais contemporâneos não são mais que os últimos produtos de uma elaboração de formas transitórias, desaparecidas na voragem dos tempos, para deixar remanescer apenas os atuais.

As devassas da paleontologia aí estão a descobrir, todos os dias, as ossadas de animais pré-históricos, que formam os elos dessa cadeia infinita cuja origem se confunde com a da própria vida. E como se não bastara demonstrar essa filiação pelos fósseis, a Natureza encarregou-se de fornecer um exemplo em cada nascimento. Todo animal que nasce, reproduz, no início da

sua vida fetal, todos os tipos anteriores pelos quais passou a raça, antes dele.

É como que uma história sumária e resumida da evolução dos seus ancestrais, e ela estabelece, irrevogavelmente, o parentesco animal do homem, em que pesem todos os protestos mais ou menos interessados.

Resumo

Temos que é inútil e anticientífico imaginar teorias mais ou menos fantasistas para explicar os fenômenos naturais, quando podemos recorrer à Ciência para compreendê-los.

A descendência animal do homem impõe-se com evidência luminosa a todo pensador imparcial. Somos, evidentemente, o último ramo a florado da grande árvore da vida, e resumimos, acumulando-os, todos os caracteres físicos, intelectuais e morais, assinalados isoladamente em cada um dos indivíduos que perfazem a série dos seres.

Que se considerem os animais como existindo de maneira invariável desde a origem das idades, ou que os acreditemos derivados uns dos outros, menos certo não é que os espécimes da nossa época se ligam entre si de modo tão íntimo que podemos passar do homem à célula mais simples, sem encontrarmos soluções de continuidade.

Do ponto de vista anímico, as manifestações do espírito em todos os seres são graduadas de modo a identificar uma progressão ascendente, que se vai acentuando maiormente, à proporção que nos aproximamos da humanidade.

De modo que, posto exista entre os antropóides e os selvagens grandes diferenças intelectuais, não variam elas, contudo, senão no grau das manifestações, e não bastam para fazer crível no animal um princípio diferente do conhecido no homem. Estudar esse princípio, determinar o mais exatamente possível como pode ele desenvolver-se; mostrar, em seguida, as modificações que o tornam mais apto, em cada passagem terrena, a dirigir organismos de mais a mais aperfeiçoados, tal será o objeto do capítulo seguinte.

Capítulo III

Como o perispírito pôde adquirir propriedades funcionais

A evolução anímica. – Teoria celular. – Nos organismos, mesmo rudimentares, é preciso a presença do elemento perispiritual. – Diferenciação das células originariamente idênticas desde a sua formação. – Movimentos que se fixam no invólucro. – Nascimento e desenvolvimento dos instintos. – A ação reflexa, o seu papel, inconsciência e consciência. – Progressão paralela do sistema nervoso e da inteligência. – Resumo.

A Natureza é a grande mestra. Só ela contém a verdade, e todo aquele que saiba vê-la, com olhar filosófico, desvendar-lhe-á os secretos tesouros ocultos aos ignorantes. As leis que regem a evolução proteiforme da matéria física ou vivente atestam que nada aparece súbita e perfeitamente acabado.

O sistema solar, o nosso planeta, os vegetais, os animais, a linguagem, as artes, as ciências, longe de traduzirem rebentos espontâneos, são antes o resultado de longa e gradual ascensão, a partir das mais rudimentares formas até às modalidades hoje conhecidas.

Lei geral e absoluta, dela não poderia aberrar a alma humana e constituir uma exceção. Essa alma, vemo-la, passa na Terra pelas mais diversas fases, desde as humílimas e incipientes concepções do silvícola até as esplêndidas florações do gênio nas nações civilizadas.

Deverá nosso exame retrospectivo deter-se aí? Deveremos crer que essa alma, que manobra no homem primitivo um organismo tão complicado, tenha podido, de súbito, adquirir propriedades tão variadas e tão bem adaptadas às necessidades do indivíduo?

Deverá nossa indução limitar-se aos seres que tenham exatamente os nossos mesmos caracteres anatômicos?

Eis o que não cremos, pois as transições insensíveis que nos levam fisicamente do homem à matéria, nós as encontramos no domínio intelectual, com as mesmas degradações sucessivas, tal como precedentemente demonstramos. É, pois, no alvor da vida inteligente que precisamos fixar-nos para encontrar, senão a origem da alma, ao menos o ponto de partida aparente da sua evolução através da matéria.

Intencionalmente dizemos “o ponto aparente de partida”, visto não podermos concluir legitimamente pela existência da inteligência senão onde ela se manifesta com certeza.

Ora, como o sistema nervoso é o órgão indispensável a essa manifestação, ligado que está, intimamente, à vida anímica, segue-se que estudemos os organismos partindo dos primeiros vestígios de uma organização nervosa.

Também nos determina a proceder assim a circunstância de nos aparecer a alma indivisível no homem, e nada autorizar a supor que outro tanto não ocorra na série animal; os primeiros lampejos do instinto tornam-se os sinais reveladores de sua atuação, embora seja, talvez, possível remontar mais alto para ver, na irritabilidade e na motilidade, expressões inferiores da alma.

Mas, ainda recusada a hipótese, fora bastante, no assunto, partir dos animais relativamente simples como os zoófitos, para compreender como pôde o perispírito adquirir sucessivamente, mediante transformações incessantes, as suas propriedades funcionais.

Apesar das copiosas provas acumuladas no capítulo anterior, no intuito de mostrar a identidade do princípio que dirige o animal e o homem, julgamos útil estabelecer experimentalmente a existência do perispírito animal.

São fatos respigados na obra do Sr. Dassier,³⁹ autor que ninguém dirá suspeito de simpatias pelo Espiritismo.

Mais valor, por isso mesmo, tem o seu testemunho.

“Em fins de 1869, achando-me em Bordéus – diz ele –, encontrei, à noite, um amigo que se dirigia a uma sessão de magnetismo, e que me convidou a acompanhá-lo.

“Anuí, desejoso de ver de perto o magnetismo, que até então só conhecia de nome. A sessão nada apresentou de notável: era a repetição do que ocorre comumente nas reuniões desse gênero. Uma jovem criatura, parecendo muito lúcida, oficiava de sonâmbula e respondia às perguntas que lhe dirigiam. Um fato inesperado surpreendeu-me, contudo. Ia a meio a sessão, quando um assistente, percebendo uma aranha no assoalho, esmagou-a com o pé. “Alto lá! – gritou logo a sonâmbula – Estou vendo evolarse o Espírito da aranha!” Sabemos que, na linguagem dos médiuns, o vocábulo *Espírito* corresponde ao que eu chamaria fantasma póstumo.

– Qual a forma desse Espírito? – perguntou o magnetizador.

– A mesma da aranha – respondeu a sonâmbula.”

O Sr. Dassier não soube, a princípio, como interpretar a resposta.

Ele não admitia qualquer espécie de alma no homem e muito menos num animal. Não tardou, entretanto, mudasse de pensar, por isso que cita inúmeras manifestações póstumas de animais, e sempre sob as mesmas formas que tiveram na Terra.

E ele acredita possível até o desdobramento de certos animais, durante a vida terrestre.

Seja, porém, qual for a sua forma de ver, o indubitável já agora é que a chamada luz ódica de Reichenbach,⁴⁰ o duplo fluídico da vidente de Prévorst,⁴¹ o fantasma póstumo do Sr. Dassier, outra coisa não é que o perispírito, ou seja, o invólucro da alma; e que, tanto nos animais como no homem, o princípio pensante é sempre individualizado no fluido universal.

Se bem que esta questão tenha sido pouco estudada até ao presente, possível foi verificar, com os médiuns videntes, que a alma animal não é destruída pela morte.

A *Revue Spirite* de 1894 relata o caso de um cão fielmente descrito por um vidente, quando seu dono, o conde de Luvoff, recordava o devotamento do animal. A essas demonstrações de saudade, o belo animal cabriolava de alegria, feliz por ver-se alvo das reminiscências do antigo dono.

Ainda nessa Revista (1865), depara-se-nos a narrativa desta manifestação póstuma:

“Ultimamente, por volta da meia-noite, achando-me deitado, mas vigo, ouvi, como se partisse dos pés da cama, o grunhido característico da cadelinha, quando lhe apetecia qualquer coisa. A impressão foi tão nítida que cheguei a estender o braço fora do leito, como se quisesse atraí-la e acreditasse na realidade das suas carícias.

“Ao me levantar, de manhã, contei o episódio à minha mulher, que me disse: – Também ouvi a mesma coisa, não uma, porém duas vezes. O grunhido parecia vir da porta do quarto. A primeira idéia que me veio foi a de não estar morta a nossa pobre bichinha e que, fugindo da casa do veterinário, procurava o nosso teto.

“Nossa filha, então enferma e ocupando a alcova materna, também afirma que percebeu o mesmo grunhido.”

Aqui, não cabe a hipótese alucinatória, de vez que o fenômeno é identicamente percebido por três pessoas separadas.

Se o princípio inteligente do animal sobrevive, se o animal tem, de fato, uma individualidade, possível se torna aplicar-lhe as mesmas regras que dirigem a alma humana.

Por meio do Espiritismo, verificamos, experimentalmente, a necessidade da reencarnação para a alma humana, e a lei de continuidade, que temos assinalado em todos os seres vivos, nos induz a crer que o animal não se forra ao imperativo da mesma necessidade. Assim, o princípio inteligente viria sucessivamente utilizar organismos cada vez mais aperfeiçoados, à medida que se tornasse mais apto a dirigi-los. Podemos oferecer duas provas dessa nossa perspectiva, por confirmarem a teoria da encarnação animal.

Os monistas, que negam a existência da alma, pelo menos como realidade distinta do organismo, recorreram – veja-se bem – a hipóteses, a afirmativas puramente conjecturais, quando houveram de defrontar-se com uns tantos fenômenos que as propriedades da matéria só por si não explicariam. Assim é que dotam a matéria, não só a do sistema nervoso, mas toda ela, da

memória, que é faculdade essencialmente consciente. Eles que, tão acrimoniosos, censuram aos espiritualistas o abuso da metafísica, imaginam uma metafísica menos compreensível que a de Platão, de Bossuet ou de Descartes! Deixemos, contudo, falarem os fatos.

Assim se exprime Viana de Lima:

“A invencível repugnância, o instintivo horror inconsciente que ainda nos inspiram uns tantos animais inofensivos, e cujo aspecto nos deveria antes causar indiferença; esse temor, essa repulsão inatos não podem, em dados casos, explicar-se senão pela hereditariedade da memória orgânica, provindo de antepassados que houvessem, mui freqüentemente, sofrido malefícios desses animais. Ser-nos-ia fácil aqui transcrever inúmeros fatos roborantes do asserto, mas vamos contentar-nos com um exemplo da mesma índole, assaz instrutivo e menos conhecido, e que, ao demais, tem sido verificado por diversos observadores.

“Se levarmos a uma estrebaria um molho de palha servida em jaula de leões, ou de tigres, e, com essa palha, fizermos a cama dos cavalos, vê-los-emos, tão logo sintam o cheiro da palha, tomarem-se de pânico e tentarem fugir. “Laycock, o primeiro a relatar o fato, diz que incontáveis gerações de cavalos domésticos deveriam ter sucedido o seu ancestral selvagem, exposto aos ataques destes representantes da raça felina.” Entretanto, estes nossos cavalos domésticos, nascidos em nossas cocheiras e dos quais se pode assegurar não terem tido, jamais, uma prova experimental do perigo (não tendo mesmo avistado qualquer fera), ainda reconhecem o almíscar dos terríveis inimigos dos seus ancestrais.⁴²

Não é, decerto, a matéria viva desses cavalos que ressentem a impressão terrificante, visto que, das remotíssimas épocas do cavalo selvagem até o presente, a matéria do corpo físico foi completamente renovada, sem que reste dela um átomo, e isso um milhão de vezes. As moléculas extraídas da alimentação, feno, cereais, etc., moléculas que integram a forma do cavalo contemporâneo, não conhecem o leão ou o tigre, pois que elas não têm consciência. Como, então, explicar o pavor desses animais? Se admitirmos a existência de um princípio inteligente

no animal, e que esse princípio se revista de um perispírito no qual se armazenem os instintos, as sensações, e que a memória provenha de uma revivescência desses instintos e sensações, tudo se torna compreensível.

As mesmas causas produzem os mesmos efeitos. Os animais domésticos outros não são que os mesmos selvagens de outrora, em cujos perispíritos o almíscar das feras desperta lembrança de sofrimentos, quiçá de morte. Daí, o seu terror. No homem, o sentimento *instintivo* de repugnância por uns tantos animais, como os répteis, provém das camadas mais profundas do *eu*, são as sensações experimentadas pelo ser humano em sua passagem pela série animal. É também sob forma instintiva que eles se manifestam, e nós vamos ver, dentro em breve, como todos os atos decorrentes do instinto têm a mesma origem.

Este assunto, tão importante, do mecanismo orgânico do homem, não tem sido aclarado. Limitado o seu estudo às ciências naturais, nem por isso as teorias monistas, materialistas, etc., se remontaram, em qualquer momento, à causa dos fenômenos e, assim, só podem safar-se do impasse atribuindo à matéria propriedades que ela nunca manifestou.

O Espiritismo, muito ao contrário, nada inventa. Demonstrando a existência do perispírito, e que ele reproduz, fluidicamente, a forma corporal dos animais; que é estável, a despeito do fluxo perpétuo das moléculas vivas, conclui ser nele que se incorporam os instintos e as modificações da hereditariedade.

Imutável em si mesmo, apesar das mudanças incessantes que o homem experimenta, o perispírito é, por assim dizer, o estatuto das leis que regem a evolução do ser. Não se dissolve na morte e, porque nele se constitui a individualidade do princípio inteligente, registra a mais insignificante das numerosas alterações que as sucessivas existências lhe determinam, de sorte que, percorrida toda uma série, torna-se apto a conduzir e dirigir, mesmo à revelia do Espírito, organismos muito complexos.

Há neste automatismo algo de análogo com o que se observa no pianista exímio, quando de primeira vista interpreta uma partitura nova: flexibilizado por longos treinos o mecanismo

cerebral, tanto quanto o braçal e digital, obedientes à sua vontade, não há mais que se preocupar com os óbices materiais que embaraçam os principiantes bisonhos. Não lhe resta senão ler a partitura, porque os órgãos obedecem automaticamente ao espírito. Mas, quantos tropeços e labores, antes de conseguir esse resultado!

Esta maneira de encarar a utilidade indispensável do perispírito tornar-se-á mais clara ainda, à medida que melhor formos compreendendo a natureza das ações tão complexas de que resulta a vida física e intelectual dos animais e do homem.

O atavismo, isto é, o fenômeno pelo qual reponta, de repente, numa raça animal, um espécime com caracteres há muito desaparecidos e específicos nos ancestrais, é uma segunda confirmação da nossa maneira de ver. Trata-se de um fenômeno assaz frequente entre os animais, e os naturalistas atribuem-no à hereditariedade, mas sem com isso explicarem melhor o papel dessa força. Adiante, veremos como e por que esse fenômeno pode ocorrer.

Por agora, basta assinalá-lo de passagem.

A teoria celular

É difícil compreender nitidamente o papel do sistema nervoso no organismo e, portanto, o do perispírito, se não possuímos idéias bem precisas da maneira pela qual são constituídos os seres vivos.

Indispensável, pois, expor aqui os resultados a que chegou a ciência hodierna, no tocante à natureza íntima dos vegetais e animais.

Médicos, naturalistas, filósofos, falam constantemente de substâncias vivas, moléculas orgânicas, matéria organizada, tecidos de órgãos, etc., mas poucos fornecem desses termos uma definição precisa.

Nos animais superiores nota-se carne, ossos, tendões, nervos, vasos, membranas, etc. De que se compõem essas peças tão variadas? Poderemos achar em cada uma elementos constituintes

idênticos, cuja variação pudesse originar produtos assim diversificados?

Eis o problema agora resolvido pela ciência.

Já o célebre Bichat havia um tanto concorrido à coordenação das idéias, com o dividir todas as substâncias que formam a trama do corpo, apresentando por toda parte, e sempre, as mesmas propriedades, fossem quais fossem os seres vivos em que as estudássemos.

Vem, depois, a idéia emitida por Oken, de serem os tecidos formados de elementos simples, constitutivamente semelhantes para cada qual. Johannes Müller desenvolveu essa teoria, da qual compartilhou Schleiden; e, por fim, Théodore Schwann demonstrou que todos os tecidos são formados de células que não diferem das vegetais senão pela variedade de formas que afetam as células animais, e por sua membrana envoltória, geralmente mais delgada.

Destes, como dos trabalhos que se lhes seguiram, resulta a certeza de provir o organismo de um vegetal ou de um animal qualquer da reunião, da associação de um número formidável de células. As partes do corpo animal, ou vegetal, são oriundas das modificações experimentadas pelas células. Em química, os produtos mais complexos podem sempre ser reconduzidos aos elementos primários, aos corpos simples que os constituem, mediante uma série de decomposições sucessivas.

Assim, também, na História Natural a célula aparece como último resíduo, no estudo, cada vez mais profundo, dos tecidos mais diferentes. É o elemento anatômico por excelência, a molécula orgânica, com a qual se estruturam todos os seres vivos.

Mas, como é feita essa célula? Posto que extraordinariamente variável nas formas, ela se compõe, sempre, de três partes: um núcleo interior, sólido; um líquido que banha esse núcleo e uma membrana que envolve o todo. A parte essencial, verdadeiramente viva, é o líquido, a que chamaram *protoplasma*. De sorte que esse líquido gelatinoso constitui, realmente, o fundamento da vida orgânica. Enquanto ele se mantiver vivente nos milhões de células que integram um corpo, esse corpo viverá. Se ele perecer

num conjunto qualquer de células componentes de um membro, o membro morrerá. Finalmente, destruído o protoplasma no total das células, morrerá todo o corpo. A ser exata a teoria da evolução, a vida na Terra deveria ter começado pela formação do protoplasma. Este é um fato hoje verificado. A exploração das grandes profundezas submarinas⁴³ revelou a existência de uma substância gelatinosa que parece corresponder à primeira manifestação vital.

Os belos trabalhos de Haeckel, concernentes a esses seres rudimentares, confirmam plenamente as deduções de Darwin, dando ao transformismo uma base séria.

“As moneras – diz Haeckel, num artigo do *Kosmos* – são os seres mais simples que se possam imaginar. Não passam de massas pequeníssimas de protoplasma, destituídas de qualquer estrutura, e cujos apêndices proteiformes preenchem, por sua vez, todas as funções vitais e animais: movimento de sensibilidade, assimilação e eliminação, nutrição e crescimento, reprodução. Consideradas do ponto de vista morfológico, seu corpo é tão simples quanto o de qualquer cristal.”

Mas, as moneras não apresentam todas o mesmo grau de simplicidade, havendo as que possuem, no âmago da massa, um núcleo bem caracterizado. São as células nuas, chamadas *amebas*. Encontram-se na água comum e no sangue dos animais. Quando, enfim, a ameba se rodeia de um invólucro, constitui a célula propriamente dita. A reprodução celular opera-se de maneira simplíssima. Atingindo um certo volume, verifica-se uma ou mais de uma divisão em sua massa, que assim se biparte ou multiparte. Cada parte de *per si* se autonomiza, nutre-se, cresce e a seu turno engendra outras células. Às vezes sucede que as células nascidas da primeira não se separam e formam, então, uma série de células associadas, dando nascimento a outras também inseparáveis e assim por diante, conforme o grau de vitalidade de que são dotadas.

É o que ocorre com todos os vegetais, com os animais e com o homem. *Todos os organismos* da nossa época começam por não ser mais que uma célula única: *o ovo vegetal* ou *animal*, e, segundo a maior ou menor complexidade do ser nascituro, as

células se diversificam, mais ou menos, guardando, entretanto, cada qual, a sua autonomia peculiar.⁴⁴

Mesmo nas associações mais complexas, as células constituintes de um ser vivo não perdem completamente a sua independência. Cada uma vive por sua conta, e as diversas funções fisiológicas do animal outra coisa não são que o resultado de atos consumados por um dado grupo de células.

A finalidade de todo organismo é viver: cada parte concorre, na sua esfera de ação, para o objetivo comum. Pode comparar-se o corpo vivo à manufatura de uma fábrica: cada órgão representa um grupo de operários e cada operário corresponde a uma célula. Os operários têm, cada qual, a sua tarefa especial e, uma vez reunidas as peças, separadamente fabricadas, obtém-se o produto fabril. Na escala dos seres encontram-se associações celulares em todas as fases de desenvolvimento.

A esse respeito, eis o que diz Isidore Geoffroy-Saint-Hilaire:⁴⁵

“Tal como o indivíduo, a comunidade tem a sua unidade abstrata e a sua existência coletiva. É uma reunião de indivíduos, muitas vezes numerosíssima, e, no entanto, pode ser considerada em si mesma como um só indivíduo, como um ser uno e, não obstante, composto. E assim é, não por uma abstração mais ou menos racional, mas, na realidade, material para os nossos sentidos como para o nosso espírito, constituída em ser organizado de partes contínuas e reciprocamente dependentes, fragmentadas de um mesmo conjunto, posto que constituam, cada qual, um conjunto mais ou menos circunscrito, membros de um mesmo corpo, ainda que possuindo cada qual um corpo organizado, um pequeno todo...”

“Como a família, como a sociedade e como o simples agrupamento, a comunidade pode ser mui diversamente constituída. A fusão anatômica e, por conseqüência, a solidariedade fisiológica dos seres assim reunidos, pode limitar-se a algumas funções vitais, ou estender-se à quase totalidade dos órgãos e funções. Pode, igualmente, apresentar-se em todos os graus intermédios, passando por matizes insensíveis de seres organizados, nos quais

as vidas associativas permanecem quase independentes, e os indivíduos nitidamente distintos, e daí a outros em que os indivíduos se vão tornando de mais a mais dependentes e mistos, até aos em que todas as vidas confundem-se numa vida comum, desaparecendo, mais ou menos completamente, na individualidade coletiva, as individualidades propriamente ditas.”

Os animais superiores são essas individualidades coletivas, mas simplesmente do ponto de vista vital.

Vimos que a força vital é simultaneamente um princípio e um efeito: princípio, por tornar-se preciso um ser já vivente para comunicar a vida; e efeito porque, uma vez completada a fecundação de um germen, as leis físico-químicas servem ao entretenimento da vida.

Aqui, não pode haver equívoco: a força vital tem uma existência certa, pois cada ser reproduz um ser semelhante, e não podemos dar vida a um composto inorgânico. De resto, supondo que chegássemos, por exemplo, a fabricar um músculo sensível, de feição a produzir os mesmos fenômenos que um músculo natural, ele não poderia regenerar-se, como se dá incessantemente com o organismo vivo. Logo, posto que opere e se entretenha por meio de leis naturais, o princípio vital distingue-se dessas leis.

Ele é uma força, uma transformação especial da energia, não tem existência sobrenatural, mas é produto necessário da evolução ascendente, degrau primário não da organização, mas do entretenimento e da reparação da matéria viva. É possível encontrar laivos desse princípio reparador até na matéria bruta. Haja vista o cristal, que pode cicatrizar suas fraturas, como bem evidenciou Pasteur.⁴⁶

Quebrado em qualquer parte, se o colocarmos na solução de sua origem, não só cresce em todas as suas faces, como desenvolve na parte avariada um trabalho ativíssimo, prestes reparando o estrago e restabelecendo a simetria. Colocando-se o soluto de uma substância violeta, por exemplo, vê-se distintamente o trabalho suplementar reclamado pelo refazimento das partes destruídas.

O princípio vital é, pois, uma força essencialmente reparadora e, nos vegetais como nos animais, é ela quem refaz as células agregadas entre si, em função de um plano determinado. É, de alguma sorte, o desenvolvimento, o grau superior, a transformação exaltada do que denominamos *afinidade* nos corpos brutos.

Ao demais, o fluido vital age também sobre as moléculas orgânicas, como o fluido magnético sobre as poeiras metálicas que originam o fantasma magnético. Se negarmos a existência de uma força vital, ainda que invisível e imponderável, não nos será possível compreender por que um corpo vivo mantém uma forma fixa, invariável segundo a espécie, apesar da incessante renovação das moléculas desse corpo.

Enquanto a vida se apresenta difusa, como no caso dos animais inferiores; enquanto todas as células podem viver individualmente, sem auxílio de outras, o princípio inteligente mal se revela nítido, visto que nos seres rudimentares apenas se constata a irritabilidade, ou seja, a reação a uma influência exterior e, portanto, nenhuma sensibilidade distinta.⁴⁷ Mas, tão depressa surge o sistema nervoso, desde o instante em que as funções animais nele se concentram, a comunidade viva transforma-se em indivíduo, pois desde esse instante o princípio inteligente assume a direção do corpo e manifesta a sua presença com os primeiros claros do instinto.

Desenvolvimento correlato do gânglio cerebral e da inteligência, na série animal

Alguns zoófitos (animais-plantas), tais como as medusas e os ouriços marinhos, possuem alguns lineamentos de sistema nervoso; pelo que também se lhes distinguem rudimentos instintivos.

Na orla dos mares, receptáculo inexaurível de formas incipientes, quando se escava a areia úmida da onda que se retrai, é raro não se encontrar uma viscosa massa azulada como a goma de trigo, simples amálgama de geléia na aparência. Essa massa gelatinosa não oferece, à primeira vista, qualquer característico de animalidade; mas, se a colocardes num grande vaso com água

do mar, ou num poço assaz profundo onde ela possa desenvolver-se à vontade, vê-la-eis dilatar-se, arredondar-se e tomar, pouco a pouco, distintas formas a que não faltará elegância.

Tendes, então, à vista um ser singular, cujo corpo se compõe de um disco mais ou menos convexo, como um cogumelo, e dotado de vários apêndices colocados na sua parte côncava, servindo-lhe à respiração e à apreensão dos alimentos. Esses órgãos são pendentes ou flutuantes em várias espécies, sugerindo-nos à lembrança as serpes que exornavam a mítica Medusa, que lhes deu o nome. O vulgo conhece-as como geléias do mar.⁴⁸

Lícito é perguntar por que as medusas, possuindo estrutura tão variada e formas tão elegantes e delicadas, quando observadas no meio líquido, se tornam, segregadas do seu elemento, massas informes e confusas, nas quais o olhar mais arguto jamais encontraria traços do animal antes fixado. Pois é simplesmente porque os tecidos são muito tênues para conservarem no ar o seu respectivo lugar, enquanto na água, perdendo uma parte de peso equivalente ao volume da água deslocado,⁴⁹ não precisam oferecer mais que uma fraca resistência para conservar a estrutura e impedir as diversas partes do corpo de recaírem sobre si mesmas.

Por longo tempo esses bizarros seres foram desdenhados pelos próprios naturalistas, que não viam neles – como dizia Réaumur – mais que uma geléia viva. A ciência moderna, porém, soube penetrar os mistérios do seu organismo e determinar-lhes a verdadeira forma exterior. Nada de mais singular, certo, do que um animal sem boca, mas provido de trombas sugadoras, análogas a raízes vegetais, cuja cavidade digestiva se prolonga por todas as partes do corpo, à maneira de canais vasculares, e de feição a preencher, ao mesmo tempo, as funções de um estômago e de um coração. Outra não é, porém, a organização que Cuvier descobriu nesses zoófitos.⁵⁰

É de se ressaltar que, entre os seres mais simples, mesmo entre aqueles em que se não lobriga sistema nervoso distinto, nem órgãos sexuais, nem membros, o estômago é sempre encontrado.

Dir-se-ia ser ele o órgão da animalidade, por excelência, o fundamento da vida bruta e – parodiando Rabelais – que o

estômago é o contramestre dos artistas do universo, tendo ensinado aos animais e ao homem o que lhes era preciso fazer para viver, suscitando-lhes todas as necessidades e, com elas, todos os instintos.

As actínias, que se assemelham a flores vivas e cujas pétalas brilhantes são dotadas de grande motilidade, não são, na verdade, senão estômagos organizados, verdadeiras bolsas a transmitirem sucros nutritivos ao resto do corpo, por embebição. Nem outros instintos nelas se deparam, além dos reclamados para esse ato importante.

É que nelas o sistema nervoso ainda não está diferenciado. A sua substância encontra-se difundida por todo o corpo, como que amalgamada com a matéria gelatinosa que compõe o animal, de sorte que as faculdades ativas, tais como a visão, a audição, etc. – que nós possuímos especializadas em órgãos distintos – jazem, de alguma sorte, uniformemente espalhadas, em estado latente, nesses organismos primordiais.

É sob a influência permanente, ativa, incessante dos meios que atuam sobre o animal, e pela impulsão resultante de necessidades sempre renascentes, que as espécies se transformam, concentrando em órgãos particulares as diferentes faculdades originariamente confundidas entre si. Esses órgãos dos sentidos acabam perdendo uma parte de suas propriedades gerais, para só conservar e desenvolver as de sua especialidade.

A força nervosa, difundida em todas as partes do corpo nos zoófitos, centraliza-se parcialmente nos filetes nervosos, nos moluscos. As diversas ramificações de nervos, com seus raros e minúsculos cérebros, ou gânglios, começam a concentração, a coordenação, a unidade individual; mas isso só se dá progressivamente. O sistema nervoso, nos tipos melhor definidos, é formado principalmente por dois gânglios situados acima e abaixo do esôfago. O superior foi denominado *cerebral*, e prende-se ao outro por cordões nervosos que formam o colar esofagi-ano.

À medida que o organismo se complica – o que vale dizer, se eleva –, o gânglio cerebral duplica-se e as duas partes compo-

nentes podem ficar separadas ou reunidas. Nos animais-plantas temos comprovado ausência de quase todos os sentidos. Os moluscos apresentam já um progresso, pois revelam não só o tato, senão que muitos possuem vista e, talvez, olfato. Outros há que possuem também audição. Esse começo de aperfeiçoamento orgânico dá lugar aos instintos de nutrição, de propagação e mesmo outros, como atestam os ouriços marinhos, que perfuram os rochedos para neles fazer morada.

Estudemos os seres colocados um pouco acima, na série animal, e veremos que, nos articulados, o crescimento e o desenvolvimento do gânglio cerebral são muito acentuados.

Na quase totalidade dos membros desse grupo, os dois gânglios cerebrais aproximam-se e soldam-se, embora com indícios manifestos da primitiva separação. Daí resultam manifestações cada vez mais complexas dos instintos. Eis, segundo Leuret,⁵¹ a progressão dessas faculdades:

- 1º) Nota-se, em primeiro lugar, animais que parecem estabelecer uma transição com a classe inferior, apresentando instintos só adstritos à procura de alimento (*Anelídeos: sanguessugas*).
- 2º) Sensações mais extensas e numerosas, construção de um domicílio, extremo ardor genético, voracidade, crueldade cega (*Crustáceos: caranguejos*).
- 3º) Sensações ainda mais extensas, construção domiciliar, voracidade, arдил, astúcia (*Aracnídeos: aranhas*).
- 4º) Sensações amplíssimas, domicílio, vida de relação, provisão de guerra e defesa coletiva, sociabilidade, enfim (*Insetos: abelhas, formigas*).

Antes de passar aos vertebrados, parece-nos útil explicar o processo de elaboração dos instintos, bem como o papel que o perispírito representou na evolução, cujos pontos principais acabamos de expor sucintamente.

O perispírito

Temos insistido muitas vezes na íntima conexão existente entre os seres vivos, de sorte que os animais sucedem insensivelmente às plantas, havendo organismos que parecem participar das duas naturezas. Vimos, também, que o princípio vital representa o papel mais importante na existência dos vegetais, que é uma força nitidamente definida e não uma entidade vaga, visto como, sem a sua associação ao duplo fluídico, não se pode compreender a forma típica dos seres, mantida do nascimento até à morte.

Essa força, que impregna o gérmen e lhe dirigirá a evolução, não basta, porém, para explicar os instintos assinalados no animal e tampouco as manifestações inteligentes por nós referidas. Ao desenvolvimento do princípio anímico, portanto, atribuímos esses fatos que tão profundamente diferenciam os dois reinos. Nos organismos ambíguos, situados nos confins de um e outro reinos, e conforme seja mais ou menos intensa a união da força vital com o princípio espiritual, notar-se-á maior ou menor concentração, uma individualidade mais ou menos marcante.

Mas, tão presto se estabeleça o equilíbrio, entra a predominar o princípio espiritual, acelera-se a evolução e as formas se condensam. Em vez de moles, flácidas, apresentam contornos determinados, nitidamente regulados, ao mesmo passo que surgem, e mais energicamente se acusam, os instintos.

Ficou também estabelecido que o princípio inteligente se reveste sempre de um envoltório fluídico, e os episódios relatados por Dassier, e sancionados pela lógica, não nos permitem duvidar da realidade desse duplo perispiritual.

Examinemos, agora, a sua função nos seres vivos.

Nos primórdios da vida, o fluido perispiritual está misturado aos fluidos mais grosseiros do mundo imponderável. Podemos compará-lo a um vapor fuliginoso a empanar as radiações da alma; e, como ele se encontra intimamente unido ao princípio espiritual, este, não obstante possuir em gérmen todas as faculdades fadadas a evoluir, não as pode manifestar, impedido pela espessa materialidade do cárcere fluídico.

E dessarte, nos primeiros tempos, os fortes estímulos da fome tornam-se necessários para despertar a alma da sua atonia.

Sabemos que os fluidos são constituídos por estados de matéria eterizada e que a rapidez do seu movimento molecular é proporcional ao grau de rarefação das moléculas. Quanto mais densos, opacos, viscosos, maior resistência oporão a toda e qualquer modificação; e, contudo, é necessário que a alma chegue a mudar a direção dos movimentos do seu invólucro, a regularizar-lhe a atividade, para que possa ela manifestar-se exteriormente. Podemos ter uma idéia dos sucessivos fenômenos que as diferentes encarnações determinam no perispírito, imaginando uma grande fonte luminosa, um foco elétrico, por exemplo, metido numa esfera de vidro cheia de espesso fumo negro, formado de enorme quantidade de partículas sólidas.

A fulgurância do foco seria tão obumbrada por esse véu escuro, que nenhuma luz se projetaria fora. Quando muito, uma tênue claridade, como indício apenas da potente radiação do arco voltaico. Pois seja a alma o foco elétrico, e o vapor caliginoso o perispírito, nos primeiros tempos da vida terrestre.

Suponhamos agora que, devido a manipulações diversas, tais como resfriamento da esfera, compressão de gases internos, etc., conseguimos o precipitado de um pequeno número de partículas sólidas, e teremos que a luz já poderá manifestar-se com um pouco mais de facilidade. Sua expansão será um pouco mais forte, não se lhe poderá chamar ainda luz, mas é força reconhecer qualquer progresso sobre o estado precedente.

Renovando muitas vezes essa experiência e supondo que em cada experiência o vapor não se aclara senão em quantidades diminutíssimas, ter-se-á uma idéia aproximada do que ocorre com a alma e com o seu invólucro, enquanto percorre a série animal.

As faculdades superiores, assinaladas nos vertebrados, não se fazem notórias senão de intercorrência, não têm continuidade, dir-se-iam como relâmpagos através de nuvem escura.

É só em grau de humanidade que o princípio espiritual tem manipulado o órgão fluídico o bastante para que as principais faculdades lhe não sejam de contínuo entravadas, infirmadas.

Mas, quanto trabalho a realizar ainda, antes que chegue à completa depuração desse vapor! Quantas lutas por expurgar o fluido universal das suas moléculas grosseiras, até que possa a alma fulgurar na plenitude do seu magnífico esplendor!

A luz, sabemo-lo, é devida a um movimento vibratório do éter; mas, quão mais rápidas são as ondulações do fluido perispiritual de uma Entidade superior! Assim, não é metafórica, senão expressiva de fenomenalidade real, a descrição feita pelos médiuns videntes, referindo-se às almas puras, como se foram focos esplendentes de intensa luminosidade, ou estrelas cintilantes e variegadas.

Esta teoria será uma simples, imaginária concepção?

Absolutamente, de vez que a Ciência nos prova que todos os fenômenos podem reduzir-se ao movimento, qual fundamentamos com os físicos hodiernos.⁵²

O grande erro do materialismo, ou do monismo, é tomar sempre, em tudo e por toda parte, o efeito pela causa. É consciente e voluntariamente que esses filósofos atribuem ao sistema nervoso faculdades que nunca lhe pertenceram nem pertencerão jamais. Eles elegeram como princípio negar, obstinadamente, toda e qualquer realidade que lhes não afete os sentidos de um modo imediato. Daí a prevenção e, conseqüentemente, o erro.

Contudo, como os fatos por eles observados são reais, basta demonstrar serem a alma e o seu invólucro que gozam das faculdades conferidas à matéria, para que tudo se torne claro e compreensível. Tão difícil, por não dizer impossível, é explicar logicamente o que poderia ser *memória orgânica*, por exemplo, quão fácil seria fazê-lo admitindo-a residente no perispírito, como vamos demonstrar.

Isto posto, comecemos nosso estudo.

Formação dos órgãos dos sentidos, papel do perispírito

Antes de tudo, limitar-nos-emos a mostrar sucintamente como puderam formar-se os primeiros lineamentos do sistema nervo-sensorial e, paralelamente, o motor, inseparáveis que se apresentam, visto que a sensação se traduz sempre por um movimento, como vamos verificar.⁵³ Isto assente, fácil é figurar, por analogia, como as outras partes do sistema nervoso tomaram, pouco a pouco, a direção da vida vegetativa e orgânica. Logo, o que em primeiro lugar nos deve ocupar são as funções da vida de relação dos seres animados.

Essa vida compreende dois termos: ação do mundo exterior sobre o animal, traduzindo *sensibilidade*, e ação do animal sobre o mundo exterior, traduzindo *movimento*.

A faculdade de corresponder por movimentos a uma força externa é absolutamente peculiar a todos os seres viventes, e chama-se *irritabilidade*.

O que precisa ficar bem compreendido é que, em toda a natureza, *a força jamais se destrói*. Não se perde, não se cria, de sorte que, toda força, mesmo agindo sobre um objeto inerte, poderá, talvez, transformar-se, mas persistirá em estado de força e encontrar-se-á, *absolutamente integral*, na matéria inerte que lhe sofreu a ação.

Um fato curioso demonstra à saciedade este princípio de conservação da força sob a forma de impressão.⁵⁴

“Se colocarmos uma obreia – diz Draper – sobre um metal frio e polido, uma lâmina de navalha por exemplo; e se, depois de haver soprado sobre o metal, levantarmos a obreia, nenhuma inspeção, por mais rigorosa, revelará no aço polido qualquer traço, ou imagem qualquer. Mas, se soprarmos uma segunda vez no metal, havemos de ver que a imagem espectral da obreia reaparece; e isso tantas vezes quantas o desejemos, mesmo depois de alguns meses transcorridos.

“Uma sombra que se esbate numa parede nela deixa traços duradouros.”

Portanto, desde que uma força atue sobre um corpo, não deixará de o modificar, em certa maneira. Suponhamos um pedaço de ferro, por exemplo, num estado A de eletricidade, de temperatura, de equilíbrio mecânico e químico: se uma força qualquer F atuar nele, pô-lo-á em novo estado A de eletricidade, de temperatura, de equilíbrio mecânico e químico.

Supondo que a força F se esgotou inteiramente no corpo A , após a ação da força F , o corpo A será igual a $A + F$.

Isso leva-nos a admitir que, mesmo no caso de uma força não determinar movimentos aparentes num corpo, não deixa de lhe modificar a constituição molecular, transformando-se e imprimindo no corpo um novo estado diferente.

Ora, evidente é que o animal é muitíssimo mais sensível que o metal. Sendo a matéria que o conforma mais delicada, poderá ser irritada por forças menos enérgicas do que as atuantes nos corpos brutos, deixando no ser vivente traços cada vez mais duradouros de sua influência, à medida que mais se exercita.

O calor, a eletricidade, a combinação química, o peso, que se nos figuram tão diferentes, não passam, então, na realidade, de formas de movimentos moleculares, atômicos, vibratórios, não perceptíveis aos nossos sentidos, mas, em suma, movimentos que a Ciência conseguiu demonstrar redutíveis às leis mecânicas.⁵⁵

O ponto essencial, aquele que precisamos ter sempre em vista, é que o perispírito se liga, no ato do nascimento, a todas as moléculas do corpo. É por meio do fluido vital, impregnado no gérmen, que a encarnação pode realizar-se, sabendo nós que o Espírito só pode atuar sobre a matéria por intermédio da força vital. Dá-se, pois, íntima fusão entre o perispírito e o fluido vital, sendo este o motor determinante da evolução contida no trinômio *juventude, madureza, velhice*. Já notamos, igualmente, que cada célula, participando da vida geral nos organismos complexos, goza, contudo, de tal ou qual autonomia; de sorte que todo movimento nela produzido altera-lhe o equilíbrio vital e essa modificação dinâmica logo lhe percute o duplo fluídico, determinando nele um movimento.

Temos, assim, que toda ação interna ou externa produz um movimento no invólucro perispiritual. Assim entendidos, procuraremos explicar de que maneira puderam formar-se os órgãos dos sentidos.⁵⁶

1º caso – Imaginemos o mais elementar dos seres. Ele só poderá ser perfeitamente esférico e sem elemento diferenciado. A bem dizer, o organismo homogêneo é pura abstração teórica.

Se imaginamos essa massa sensível num meio homogêneo ou, o que vem a dar no mesmo, num meio que varia uniforme e concentricamente em relação a ela, compreendemos como possa experimentar um sentimento de tensão, mais ou menos pronunciado, conforme a maior ou menor correspondência do ambiente com o seu equilíbrio natural. E é tudo. Não terá sensação, visto não poder ressentir, como vamos ver, a *mudança*, e sim, apenas, o seu estado *presente*.

Não terá percepção, enquanto o meio se mantiver homogêneo, visto que, ao mover-se, nada muda em torno dela.

Pode, pois, compreender-se facilmente tal existência, imaginando que todas as causas exteriores se reconduzem por uma ação idêntica à da pressão atmosférica, e que a nossa sensibilidade se reduz à faculdade de sentir essa pressão.

2º caso – Tal não acontecerá, porém, desde o momento em que o ambiente seja heterogêneo, e que o centro de sua ação não mais coincida com o centro da massa sensível, pois esta será, desde logo, modificada no ponto de sua superfície diretamente exposto à força perturbadora.

Para termos uma idéia da ocorrência, podemos prefigurar que toda a sensibilidade reduz-se à faculdade de sentir o calor e que calóricas são as forças todas do ambiente.

O organismo começará a aquecer-se do lado voltado para a fonte calorífica. Esse lado será, por instantes, a sede única da sensibilidade, pois é aí que se dará, primariamente, a ruptura de equilíbrio. Ele equivalerá a um órgão, mas órgão *adventício*, isto é, acidental e *instantâneo* de sensação. E como ora um, ora outro lado será chamado a sofrer essa influência, poder-se-á, em tese, dizer que todo o corpo do animal venha a ser um campo perpétuo

de improvisados órgãos sensoriais. Só condicionalmente, subordinada à *diferenciação* da substância, é que pode haver sensação e, portanto, órgão momentâneo dos *sentidos*, visto que, neste caso, o animal percebe não apenas o presente, mas, ao mesmo tempo, o presente no órgão e o passado no resto do corpo ainda imune do foco.

Ele terá mais calor ou mais frio no órgão, antes de experimentar um efeito geral, e assim conhecerá o *signal* da mudança, isto é, saberá se há *mais* ou *menos* calor. E como, ao demais, haja de experimentar um sentimento inevitável de bem ou mal-estar, saberá em que sentido a temperatura o afeta, em relação com a posição de equilíbrio natural. Sentirá, vagamente, como faz *frio* ou *calor* e deduzirá um julgamento, mais ou menos grosseiro, da temperatura absoluta do exterior.

Decomponhamos o que aí se passa. As vibrações calóricas abalaram, por exemplo, a túnica de uma medusa. As células diretamente expostas aos raios solares foram irritadas, essa irritação engendrou mudança de equilíbrio na força vital dessas células e produziu uma vibração do fluido vital. Essa vibração repercutiu, imediatamente, no perispírito e, no mesmo instante, a alma da medusa foi advertida, por esse movimento perispiritual, de que lhe adveio uma modificação ao corpo. Toda percepção é seguida de um sentimento de bem ou de mal-estar e, assim, a alma será levada a esquivar-se às excitações externas que a incomodem, tanto quanto a buscar as contrárias. Sem dúvida que nos referimos a uma percepção extremamente vaga, mas nem por isso inexistente, e por muito confusa e lúrida que a suponhamos num animal tão rudimentar, menos dubitável não é que da sua persistência é que se origina o instinto.

Há uma curiosa observação que corrobora absolutamente a nossa presunção.

Um fato que prova o instinto desses animais tão insignificantes é que eles nunca se encaminham para a costa, senão quando os ventos para aí os impelem. Dir-se-ia pressentirem os perigos que lá os aguardam. Nada obstante as precauções, eles dão à costa em grande quantidade e lá se esmirram, ou antes, dissolvem-se ao sol.

O receio do calor é, pois, mais que justificado e basta para criar-lhes um instinto, de vez que a medusa, assim perecendo inúmeras vezes, acabará por se afastar instintivamente, nas encarnações seguintes, das plagas que lhe foram funestas.

Mas, retomemos nosso organismo teórico, visto não termos expendido todas as observações que ele enseja.

O órgão adventício, ou por outra, accidental, é o que possibilitou a sensação: é a *condição do sentido adventício*, isto é, a *faculdade de perceber, de modo diferenciado, as mudanças exteriores diferenciadas*.

De resto, dando o estado orgânico a medida do presente, enquanto o resto do corpo continua envolvido no passado, a comparação de presente e passado torna-se, não só possível, mas espontânea e constitutiva. Que se produza nova mudança e já lhe será possível apreciar a temperatura correspondente aos dois termos, sentir que *faz mais frio* ou *mais calor*.

Graças, pois, ao órgão adventício dos sentidos, a existência do animal compõe-se de uma série de experiências, cada uma das quais ligada às que lhe antecedem e sucedem. O órgão é a cadeia de *associação das impressões*, a condição da *individualidade psíquica permanente do animal*.

Mas isso não é tudo. Observamos ser pelo órgão accidental, formado nos pontos expostos ao calor, que o animal percebe as alterações externas. É também por ele que adivinhará se a alteração lhe será agradável ou não, e que poderá fugir ou evitar o perigo antes que seja tarde, e a menos que a desorganização não seja geral.

O órgão é, pois, *um produto cuja função está intimamente ligada ao que denominamos instintos de conservação*, e que adverte, a tempo, o prazer como a dor.

Enfim, qual ainda o vemos, o órgão é um *instrumento temporário da experiência*. Graças à confiança que temos em sua atuação espontânea é que podemos, no banho, perceber a tempo o afluxo demasiado de água quente ou fria, para fechar a torneira antes de sermos molestados.

Tais as particularidades da vida ao animal rudimentar, sem órgãos diferenciados e não gozando mais do que de uma diferenciação adventícia.

A maior parte dos zoófitos não apresenta senão fenômenos desta ordem. Vamos agora, examinar o caso mais complexo de um animal já dotado de um sentido permanente.

3º caso – Acabamos de ver que a sensação é devida a duas causas: 1ª- a uma diferença de ação externa; 2ª- à exposição direta de uma parte do corpo do animal a essa mesma ação, que, assim, a recebe mais forte nessa que em outras partes.

Suponhamos que, por um motivo qualquer, essa região seja chamada a servir de órgão de sentido adventício, e teremos que ela se transformará em órgão de sentido *permanente*, ou seja, dotado, a título perpétuo, de uma sensibilidade mais delicada, que diferenciará no ser a ação exterior, ainda que esta acuse apenas variações ínfimas e incapazes de agir sobre as outras partes sensíveis do animal.

O órgão permanente é, pois, *uma causa subjetiva de diferenciação*; é a condição do *sentido permanente*, isto é, da faculdade de receber, de *um modo diferenciado, as alterações exteriores, mesmo não diferenciadas*.

Para tornar mais clara essa concepção, imaginemos a sensibilidade uniformemente espalhada em todo o corpo, salvo num ponto, onde ela seja mais apurada, ou por outra: suponhamos só possuímos o sentido tátil e que a sensibilidade esteja acumulada no extremo de um só braço. Teremos que, no resto do corpo, se criarão *órgãos adventícios*, que advertirão das alterações supervenientes no mundo exterior. Mas, quando se tratar de conhecer mais exatamente a natureza e importância de qualquer dessas alterações, nós dirigiremos o órgão *permanente* nesse sentido, e será por ele, de preferência, que havemos de sondar o meio ambiente, visto ser o mais apto a distinguir as menores diferenças. Assim é que, caminhando na obscuridade, estendemos as mãos para a frente e avançamos em passo cauteloso, como que Tateando o terreno com os pés. Os crustáceos e os insetos possuem antenas, que desempenham esse papel. São órgãos móveis,

nos quais o tato está mais refinado, e é por esses apêndices que eles tomam exato conhecimento dos objetos exteriores. O órgão permanente será, portanto, o *instrumento* constante das experiências do animal, e a esse respeito adquirirá uma *aptidão especial*. Aperfeiçoando-se pelo exercício, ele fornecerá informes cada vez mais precisos e fidedignos. Além de todas as propriedades aqui reconhecidas no órgão adventício, e que, com mais forte razão, cabem ao órgão permanente, tem ele ainda a de religar a experiência da atualidade às do passado, tornando-se o elo de *associação das experiências*.

E como se dará a transformação do accidental em permanente?

É sabido que toda ação exterior pode reduzir-se, em última análise, a um fenômeno de movimento vibratório que vem contrariar o das moléculas corporais. Para que haja sensações é preciso que essas moléculas oponham uma certa resistência à causa perturbadora. Essa resistência provém de tal ou qual inaptidão das moléculas para vibrar em harmonia com o exterior. Uma vez vencida a resistência, a transformação da energia exterior deixará de si um traço mais ou menos profundo. Não há dúvida de que, se a mesma atividade exterior não mais voltar a agir sobre essas mesmas moléculas, elas tendem a retomar seu movimento natural. A coisa, porém, passar-se-á de modo diverso, se as moléculas experimentarem, não uma e sim milhares de vezes, essa atuação, e isso não só durante uma existência, mas através de cinquenta, cem, mil passagens pela mesma forma. Nesse caso, elas perderão, pouco a pouco, a tendência ao retorno do movimento natural e ir-se-ão progressivamente identificando com o movimento que lhes é impresso, a ponto de se lhes tornar ele natural e de, mais tarde, lhe obedecerem ao menor impulso.

O mesmo raciocínio ajusta-se às moléculas perispirituais, pois, assim como no campo magnético do ímã se verifica a existência das *linhas de força*, assim também, no perispírito, se criam linhas dessa espécie, ao longo das quais o movimento vibratório é diferenciado e permite à alma um conhecimento mais exato do mundo exterior, do que o teria pelo movimento confuso do resto do invólucro. Aqui, cabe uma notação impor-

tantíssima e que demonstra, ainda uma vez, a utilidade e – digamo-lo também – a incontestável necessidade do perispírito.

Não esqueçamos de que *em todos os seres vivos*, tanto nos zoófitos como no homem, a matéria viva destrói-se e regenera-se constantemente pela nutrição e que, num prazo bem curto, todas as moléculas do corpo são renovadas. Indispensável é, pois, que exista no animal um elemento permanente, no qual residem as modificações adquiridas, sem o que as novas moléculas não seriam mais aptas que as antigas a vibrar mais rápido, nem poderia o animal adquirir órgão qualquer dos sentidos.

O perispírito é, portanto, o fator direto do progresso animal; sem ele nada se explica, e a teoria precitada, que é, sem embargo, a da ciência, tornar-se-ia simplesmente inconcebível.

O movimento é indestrutível, na verdade; ele afeta e abala as células que encontra em seu percurso, as quais conservam, certo, esse movimento; mas, uma vez desaparecidas, levam consigo a modificação adquirida, e as novas células não mais possuem esse movimento vibratório.

Se, ao invés, admitirmos o princípio vital intimamente ligado a todas as regiões do perispírito, e que este, por sua vez, reproduza exatamente todas as regiões do corpo, tudo se esclarece, visto serem as novas células organizadas pela *força vital modificada*, segundo o movimento das linhas de força perispiritual. Conseqüentemente, temos que o organismo físico reproduz essas modificações e desenha no ser celular o local do sistema nervoso-sensorial e ao mesmo tempo motor, visto que o ser reage de contínuo contra o seu meio.

É dessa maneira que as células chegam a diferenciar-se e a manifestar propriedades particulares, em relação com o gênero de excitação especial, ou seja, com o movimento que atua mais vezes sobre ela.

As vibrações caloríficas são menos rápidas que as luminosas, e as ondulações sonoras menos ainda que as duas primeiras, de sorte que as células que receberem mais vezes um que outro desses movimentos acabarão adquirindo uma irritabilidade

apropriada à natureza de cada um dos agentes. Terá, em suma, especificado os órgãos dos sentidos.

Essa teoria exige apenas uma condição: o tempo.

Ora, nós hoje chegamos a determinar o lapso provável que nos separa da aparição dos primeiros seres em nosso planeta.

Os geólogos usaram para a resolução desse problema o seu método habitual, consistente na apreciação da ancianidade de um terreno pela espessura de uma camada em depósito e a provável rapidez de sua erosão. Depois de numerosas observações feitas em diversas regiões do globo, os naturalistas, com o ilustre Lyell à frente, presumiram que mais de *300 milhões de anos transcorreram* da solidificação dos leitos superficiais terrestres.⁵⁷

Essas conclusões foram contraditadas por alguns físicos que não admitiram mais que 100 milhões de anos.⁵⁸

Tomemos esse cálculo mais reduzido e teremos, para as três épocas geológicas, as cifras seguintes:

- 1º) Período primário ... 75 milhões de anos
- 2º) Período secundário 19 milhões de anos
- 3º) Período terciário 6 milhões de anos

Vemos, portanto, que os animais do primeiro período tiveram 75 milhões de anos para se diversificarem e adquirirem órgãos, criando o sistema nervoso.

As condições climáticas seriam mais ou menos semelhantes às que imaginamos para explicar a influência do meio sobre o animal, e a formação dos órgãos dos sentidos.

“Por toda a duração dos tempos primários – diz Lapparent –, um clima semelhante ao dos trópicos reinou do equador aos pólos e não foi senão por meados da era secundária que começou a manifestar-se o retraimento progressivo da zona tropical.

“Nos meados da era terciária, a Groenlândia ainda apresentava uma vegetação semelhante à da Louisiana dos nossos dias. A aparição dos gelos polares foi, portanto, assaz tardia e quase poderemos considerá-la como encerramento dos tempos geológicos propriamente ditos, para inaugurar a época atual.”⁵⁹

Os exemplos tomados prendem-se ao órgão do tato, mas também poderíamos utilizá-los tratando de outro aparelho sensorial qualquer, como sejam o auditivo ou o visual.

Os fenômenos vão se complicando mais e mais, à medida que nos elevamos na série animal e que o sistema nervoso se vai, de paralelo, aperfeiçoando. O processo, entretanto, é sempre o mesmo. Vamos, pois, estudar as propriedades fisiológicas do aparelho nervoso, mesmo porque o seu conhecimento facultará uma compreensão ainda melhor do papel do perispírito.

Sistema nervoso e ação reflexa

Lembremos ainda uma vez que o sistema nervoso não é senão a *condição orgânica*, terrestre, das ações psíquicas da alma e que, de si mesmo, não é inteligente nem instintivo, visto que, depois de sua destruição, a alma sobrevive, tanto a humana como a animal.

Mas, enquanto subsiste a incorporação, ele é a reprodução material do perispírito e toda alteração grave de sua substância engendra consecutivas desordens nas manifestações do princípio pensante.

Alguns sábios dizem: lesada gravemente tal região do cérebro, desaparece a palavra articulada e, portanto, destruída fica a faculdade de falar. Isso é incontestável. Mas, deveremos concluir daí que uma parte da alma desaparecesse? Não. O que concluímos é, simplesmente, que impossibilitaram a alma de utilizar seu instrumento, e não pode ela, então, manifestar-se dessa maneira. Responda-se aos sábios: não demonstrastes, com essa experiência, a destruição parcial da alma, e sim que lhe desorganizastes o funcionamento. Nada mais.

O adágio *mens sana in corpore sano*, alma sã em corpo sã, é verídico. Importa, necessariamente, estejam os órgãos em perfeito estado de saúde para que o Espírito deles se utilize com liberdade; mas, abstenhamo-nos de concluir que uma alteração do órgão acarrete alteração da alma, quando o que só determina é a *alteração da manifestação* dessa alma, o que não é a mesma

coisa. O certo é que estreitíssimos são os limites dentro dos quais se conserva a integridade do sistema nervoso.

Eles dependem da circulação, da respiração, da nutrição, da temperatura, do seu estado de sanidade ou enfermidade.⁶⁰

Vimos como se pode representar a criação do sistema nervoso sensorial e motor, mas é preciso não esquecer a importância das funções vitais e, como os alimentos são irritantes interiores e a célula do canal digestivo reage sob a sua influência, criou-se um sistema nervoso vegetativo, que atua sobre a nutrição dos elementos orgânicos.

Ocupemo-nos simplesmente do sistema nervoso que serve para manifestar a inteligência. Compõe-se ele de nervos ou cordões nervosos e de centros que, nos vertebrados, são a medula espinhal e as diferentes partes que compõem o cérebro.

Examinemos, de relance, um animal inferior, dotado de visão, por exemplo; ele quer fugir de um objeto ou persegui-lo: o deslocamento do corpo não lhe obedece imediatamente à vontade e esse animal deverá, por isso, fazer um esforço para vencer tais ou quais resistências provenientes de uma coordenação dos átomos perispirituais e das moléculas materiais pouco favoráveis ao movimento.

Esse movimento propaga-se, finalmente, seguindo a linha das moléculas cuja vibração natural se apresenta menos divergente e, à proporção que se propaga, vai diminuindo a divergência. Daí resulta que o mesmo movimento, desejado pela segunda vez, experimenta menos resistência e exige menor esforço. Por fim, à custa de repetições mil vezes reiteradas, o movimento opera-se com esforço tão insignificante que se torna quase insensível.

Assim, de início penoso, torna-se fácil, depois natural e, por fim, automático e inconsciente.

Logo, desde que um organismo responda automática, maquinalmente, a uma ação exterior, dá-se o que os fisiologistas denominam *ação reflexa*.

Nada mais fácil de compreender do que um ato reflexo elementar. Excite-se um nervo em sua extremidade periférica e veremos que a excitação caminha ao longo do nervo, sobe aos

centros nervosos e, aí se propagando, pouco a pouco passa pelo perispírito e desce aos nervos motores, para transmitir-se ao músculo que se contrai.

Muitíssimo importante é considerar que a consciência pode perfeitamente ignorar esse movimento, e nem por isso ele deixará de produzir-se com absoluta regularidade, pois acabamos de ver que foi o hábito prolongado, por tempos dilatadíssimos, que lhe conferiu essa prerrogativa de automatismo.

Da mesma forma que podemos ler sem recordar as fases de aprendizado para conhecer as letras, as sílabas, etc., assim também uma irritação do sistema nervoso determina um movimento correspondente que pode perfeitamente ser ignorado pela alma, e independente da sua vontade.

As ações reflexas são de naturezas diversas, e o Sr. Richet dá-lhes a seguinte classificação:⁶¹

- A) Reflexos oriundos de uma excitação exterior e, portanto:
 - a) sobre os músculos da vida animal, movimentos reflexos de relação;
 - b) sobre os aparelhos da vida vegetativa, movimentos reflexos de nutrição.
- B) Reflexos oriundos de uma excitação interior visceral e, portanto:
 - a) sobre os músculos da vida animal.

A medula espinhal é considerada pelos fisiologistas sob um duplo aspecto, a saber: como fio condutor, transmite ao encéfalo as sensações e reconduz dele as excitações motrizes; como centro nervoso, é a sede das ações reflexas.

A ação reflexa simples, que se pode definir como a que é seguida de uma contração simples, é o primeiro ato de automatismo e inconsciência que se nos depara.

A ação reflexa consiste, essencialmente, no movimento provocado em uma região do corpo por uma excitação vinda dessa parte e agindo por intermédio de centro nervoso outro, que não o cérebro.

Exemplo: uma rã, cuja *cabeça foi decepada*, põe-se a caminhar regularmente como se nada lhe faltara. Se a prendermos com os dedos, ou queimarmos qualquer ponto do corpo da rã decapitada, ela levará a pata ao ponto irritado, e o movimento do membro acompanhará a irritação onde quer que esta se verifique, e isso pelo hábito de reagir de pronto às excitações exteriores, por movimentos apropriados, que se tornaram absolutamente instintivos, isto é, automáticos.

O estudo minudente desses diversos reflexos, antes que a nós, interessa à fisiologia. Contudo, eles nos oferecem a seguinte notação importante:

Aqui, mais do que nunca, a existência do perispírito torna-se indispensável à compreensão desses fenômenos, pois não somente a matéria nervosa se renova constantemente e as moléculas novas devem adaptar-se ao organismo pela força vital modificada pelo hábito, como existe entre os reflexos uma tal coordenação, que eles se sucedem uns aos outros, tendo em vista uma ação determinada e visando uma função a completar-se, como a digestiva, por exemplo.

Ora, ainda uma vez, diga-se, as propriedades notáveis do sistema nervoso não podem subsistir na matéria mutável, fluente, incessantemente renovada. Preciso faz-se, pois, tenham elas o seu fundamento na estabilidade natural do invólucro fluídico.

À medida que o princípio inteligente passou por organismos mais complexos, habituou-se, mediante reencarnações sucessivas, em cada forma, ao manejo cada vez mais perfeito do aparelho material; e, como esses atos tornavam-se automáticos pela reiterada freqüência das mesmas necessidades, estabeleceu-se estreita relação entre o organismo e o perispírito, ao mesmo tempo que uma apropriação gradativamente mais perfeita do ser com o seu meio.

Pode quase dizer-se que, na vida de um animal, excetuados os fenômenos da vida psíquica superior e os fenômenos normais do coração e da respiração, tudo mais é ação reflexa.

Assim se compreende a imperiosa necessidade de um organismo fluídico invariável, que mantenha a ordem e a regularidade nesse mecanismo complicado.

Podemos comparar o corpo a uma nação, e o mecanismo fisiológico às leis que regem o povo. As personalidades mudam constantemente; morrem umas, nascem outras, mas as leis subsistem sempre, não obstante passíveis de aperfeiçoamento, à medida que o povo se moraliza e se torna mais inteligente.

O instinto

O instinto é a mais baixa forma mediante a qual manifesta-se a alma. Já vimos que o animal tem uma tendência para reagir contra o meio exterior e que a sensação lhe determina emoções de prazer ou de dor. Procurando umas e fugindo doutras, ele realiza atos instintivos, que se traduzem por ações reflexas de que pode ter consciência sem poder, muitas vezes, impedi-las, mas que se adaptam admiravelmente à sua existência.⁶² Assim, na lebre que dispara ao menor ruído, o movimento de fuga é involuntário, inconsciente, em parte reflexo, em parte instintivo, mas é, sobretudo, um movimento adaptado à vida do animal, tendo por finalidade a sua conservação. Para ele não há que escolher, foge fatalmente, porque os seus antepassados outro tanto fizeram em milhões de gerações; e é só na fuga que pode encontrar salvação.

Se destarte examinássemos todos os movimentos reflexos de conjunto, a conduta, a atitude dos animais, neles encontraríamos sempre os dois característicos da ação reflexa simples: a fatalidade e a finalidade.

O meio exterior em que vive cada animal excita, por sua atuação no aparelho sensorial, uma dupla série de efeitos: em primeiro lugar, uma seqüência de ações corporais reflexas; depois, uma classe de manifestações mentais correspondentes.

Já vimos que as ações mentais são vagas, primitivas, estreitamente limitadas ao organismo e seu ambiente.

Por outro lado, tendo cada família de animais a sua estrutura peculiar e quase idêntica para cada indivíduo do mesmo grupo,

essa estrutura própria exige determinadas condições de existência física, as mesmas para todos.

Segue-se daí que ações e reações são sempre as mesmas, mais ou menos, para uma espécie e, por conseqüência, que provocam as mesmas operações intelectuais obscuras.

Essas operações, incessantemente repetidas, incrustam-se de alguma sorte no perispírito, que petrifica, por assim dizer, o aparelho cérebro-espinhal ou os gânglios que lhe equivalem nos seres inferiores, assim chegando a fazer parte do animal.

A aptidão para manifestar exteriormente essas operações, que se acabam tornando inconscientes, é transmitida por hereditariedade – diz a ciência –, perispiritualmente, dizemos nós, por isso que se trata, só, de seres modificados, que vêm habitar novos corpos.

Tal é, ao nosso ver, a gênese dos *instintos naturais primitivos*.

É nessa categoria que se colocam os instintos, cujo objetivo é: nutrição, conservação, reprodução.

Ao estado rudimentar dos instintos naturais primitivos sucede, com o tempo e com a experiência, uma noção mais clara das relações do organismo com o seu ambiente.

A inteligência acaba adquirindo uma certa intuição do fim que, sob o aguilhão das excitações exteriores e interiores, o princípio espiritual colima sem cessar.

A inteligência um tanto despreendida do meio perispiritual grosseiro, intervém, portanto, para que o Espírito alicie, em proveito dos instintos naturais, melhor apropriação das condições ambientes.

*Os instintos naturais são, portanto, mais ou menos modificados ou aperfeiçoados pela inteligência.*⁶³

Se as causas que acarretaram essas modificações são persistentes, vimos que elas se tornam inconscientes e se fixam no invólucro fluídico. Assim, ficam sendo verdadeiramente *instintivas*.

“Pouco a pouco, entretanto – diz Edmond Perrier ⁶⁴ –, a consciência se amplia (segundo o grau de aperfeiçoamento cerebral), as idéias são mais claras, mais numerosas, as relações compreendidas, a inteligência insinua-se mais nítida.

“De começo, ela se mescla em todos os graus do instinto, até que lhe chega o momento de mascarar, mais ou menos, os instintos inatos, que é quando o que eles têm de fixo como que parece desaparecer sob a onda movediça das suas inovações.

“O que se transmite por hereditariedade não é mais que a aptidão para conceber, quase inconscientemente, tal ou qual relação; é a aptidão para procurar e descobrir novas relações, até que possa, enfim, mostrar-se na maravilhosa florescência da razão humana.”

E como se torna compreensível este progresso, patrimônio de muitos milênios, quando admitimos a passagem da alma através da escala animal!

Como clara se torna a existência e a pertinácia dos instintos no homem! É que, na verdade, eles constituem, de qualquer maneira, os fundamentos da vida intelectual; são os mais prístinos e mais duradouros movimentos perispirituais que as incontáveis encarnações fixaram, incoercivelmente, em nosso invólucro fluídico e, se o verdadeiro progresso consiste no domínio desses instintos brutais, infere-se que a luta seja longa, quão terrível, antes de conquistar esse poderio.

Era indispensável passasse o princípio espiritual por essas tramas sucessivas, a fim de fixar no invólucro as leis que inconscientemente regem a vida, e entregar-se, depois, aos trabalhos de aperfeiçoamento intelectual e moral, que o devem elevar à condição superior. A luta pela vida, por mais impiedosa nos pareça, é o meio único, natural e lógico para obrigar a alma infantil a manifestar as suas faculdades latentes, assim como o sofrimento é indispensável ao progresso espiritual.

E, a menos que vejamos na alma o efeito de um milagre, criação sobrenatural, é força reconhecer o magnífico encadeamento das leis que regem a evolução dos seres para um destino sempre melhor.

Temos assinalado o desenvolvimento dos instintos, à medida que o sistema nervoso se aperfeiçoa, nos invertebrados, mas essa ascensão torna-se ainda mais notória nos vertebrados. De fato, nestes, a gradação é simplesmente espantosa.

É de Leuret o seguinte quadro do peso médio do encéfalo em relação com o do corpo:

- 1º) Nos peixes a razão é de 1 para 5.668
- 2º) Nos répteis 1 para 1.321
- 3º) Nas aves 1 para 212
- 4º) Nos mamíferos 1 para 186

Verifica-se, portanto, uma progressão contínua, à medida que ascendemos na escala; mas tenhamos em vista a condicional de que esses pesos abranjam cada grupo, em bloco, e não tal ou tal espécie, examinada individualmente.

Porque, se há hoje um fato bem demonstrado, é o de o progresso animal operar-se não em linha única e reta, mas em linhas desiguais e paralelas.

Não podemos acompanhar em todos os pormenores os fatos tão numerosos e interessantes para o leitor, visto que alguns volumes não bastariam. Limitamo-nos, assim, a resumir, de escantilhão, tudo que se prende à evolução animal, assinalando a utilidade do perispírito para a compreensão dos fenômenos.

Nossa maneira de ver pode justificar-se com uma hipótese assaz ousada, de Herbert Spencer, cujo resumo aqui apresentamos:⁶⁵

Nossa ciência, nossas artes, nossa civilização; todos os fenômenos sociais tão numerosos e complicados, quaisquer que sejam, reduzem-se a um certo número de idéias e sentimentos. Estes, por sua vez, se reduzem a sensações primitivas, patrimoniais dos cinco sentidos. Estes cinco sentidos, a seu turno, reduzem-se ao tato. A fisiologia contemporânea tende a justificar a sentença de Demócrito: “Todos os nossos sentidos não passam de modificações do tato.” Enfim, o próprio tato deve radicar nessas propriedades primordiais, que distinguem a matéria orgânica da inorgânica. E muitos fatos tendem a mostrar que a

sensibilidade geral abrolha dos processos fundamentais, integradores e desintegradores, que são a base de toda a vida. Destarte, integração e desintegração, sensibilidade geral, tato, sentidos especiais, sensações e idéias, seu desenvolvimento no tempo e no espaço seriam, de um ponto de vista fenomênico, a ordem de evolução do espírito, do mais simples ao mais complexo. A mais complicada sociologia radicaria, assim, nas fontes mais ínfimas da vida.

Resumo

Acreditamos ter estabelecido neste e no precedente capítulo, com exemplos tirados da História Natural, a grande probabilidade da passagem da alma pela série animal.

O princípio espiritual evoluiu lentígrado, das mais ínfimas formas aos organismos mais complexos. Durante o longuíssimo período das idades geológicas, as faculdades rudimentares do Espírito desenvolveram-se sucessivamente, agindo sobre o perispírito, modificando-o e deixando nele, em cada etapa, os traços do progresso realizado.

O invólucro fluídico poderia comparar-se a essas árvores seculares que, de ano a ano, aumentam de diâmetro, imprimindo no tronco indeléveis traços, visto que a energia se transforma e jamais se perde.

Sob os impulsos da alma excitada pelo meio cósmico e a luta pela vida, o organismo fluídico criou, por diferenciação das propriedades do protoplasma, todos os órgãos materiais subordinados à direção progressivamente preponderante do sistema nervoso.

E, pelo mecanismo cada vez mais desenvolvido e coordenado das ações reflexas, puderam, enfim, manifestar-se os instintos. À medida que a ascensão vai-se acentuando, repontam os primeiros albores da inteligência e, por notável transformação, o hábito combinado com a lei da hereditariedade – que consideramos conseqüência do retorno da mesma individualidade, cada vez modificada, ao mesmo tipo – faz que se tornem inconscientes os fenômenos de início desejados e inerentes à conservação do

indivíduo. Assim é que categorias inúmeras de atos inconscientes atingem o automatismo e entram, por assim dizer, no físico da alma, incrustando-se no perispírito.

É de crer, portanto, que todos saímos do limbo da bestialidade.

Longe de sermos criaturas angélicas, decaídas; longe de haveremos habitado um paraíso imaginário, foi com imensa dificuldade que conquistamos o exercício de nossas faculdades, para vencer a natureza.

Nossos antepassados do período quaternário, fracos em comparação com os grandes carnívoros do seu tempo, a vagarem em pequenos grupos, em busca de alimento, procurando nos galhos do arvoredo ou na cavidade das rochas um abrigo momentâneo, tiritando aos açoites do vento ou às carícias da neve, longe estavam dessa idade de ouro que as lendas religiosas esmaltaram de ilusórios esplendores.

Terrível foi a luta do homem primitivo com os grandes espécimes da fauna. Ele teve de fazer guerra de extermínio às feras, até expurgar delas as regiões infestadas. Nem foi senão lentamente, por explorações dignas de Hércules, que ele conseguiu triunfar de tão numerosos quão formidáveis inimigos.

Quem deixará de admirar essa marcha lentíssima, mas gloriosa, para a luz? Quem se não emocionará diante dessa evolução desdobrada sob o látigo de necessidades implacáveis, que, arrancando o homem de sua abjeção primeva, eleva-o às regiões mais altas e mais serenas da racionalidade?

As sociedades hodiernas estão em progresso, relativamente às antecessoras; e se nós compararmos o nosso tempo ao de nossos pais, temos o direito de nos lisonjearmos com o resultado do esforço coletivo da Humanidade.

Entretanto, se fixarmos o olhar na eterna justiça, veremos todas as nossas imperfeições e o caminho que nos resta percorrer para nos aproximarmos desse ideal.

A luta pela vida, necessária à eclosão do princípio espiritual, tinha a sua razão de ser num mundo brutal e instintivo, onde nem uma consciência clara, nem uma inteligência viva repontavam.

Hoje, que a alma se manifesta sob as mais altas modalidades de sua natureza, essa luta deve atenuar-se e desaparecer.

Assiste-nos o dever de reclamar uma distribuição mais equitativa dos encargos e benefícios da comunidade. Importa nos sobreponharmos aos funestos ditames da ambição, que impelem povos contra povos. Que reivindicemos, finalmente, os imprescindíveis direitos da solidariedade e do amor.

Nossa doutrina, evidenciando a igualdade perfeita, absoluta, do ponto de partida de todos os homens, extingue as separações artificiais, alimentadas pelo orgulho e pela ignorância.

Ela prova, à saciedade, que ninguém tem o direito de exigir o respeito alheio, a não ser pela nobreza de sua própria conduta, e que nascimento e posição social não passam de meros acidentes temporários, dos quais ninguém se pode prevalecer, visto que todos podem auferi-los em dado momento de sua evolução.

Aí temos verdades consoladoras, dignas de serem difundidas em torno de nós.

Mostremos que só o esforço individual pode conduzir ao progresso geral, e a mesma potência que nos trouxe ao estado animal abrir-nos-á as infinitas perspectivas da vida espiritual, a desdobrar-se na ilimitada extensão do Cosmo.

Capítulo IV

A memória e as personalidades múltiplas

A antiga e a nova psicologia. – Sensação e percepção. – O inconsciente psíquico. – Condições da percepção. – Estudo da memória. – A memória orgânica ou inconsciente fisiológico. – A memória psíquica. – A memória propriamente dita. – Os aspectos múltiplos da personalidade. – A personalidade. – As alterações da memória pela enfermidade. – Personalidade dupla. – História de Félica. – História da senhorita R. L. – O sonambulismo provocado. – Os diferentes graus do sonambulismo. – O esquecimento das existências anteriores. – Resumo.

A antiga e a nova psicologia

No estudo da alma, a velha psicologia servia-se exclusivamente do senso íntimo. Afigurava-se-lhe racional, para conhecê-lo, estudar o ego pensante, em si mesmo, examinar os diferentes atos da vida do espírito, classificá-los segundo a sua natureza e examinar as relações existentes entre eles. Assim procederam todos os filósofos, da mais remota antiguidade aos nossos dias. Tal método, porém, não basta à explicação de muitos fenômenos intelectuais. Não se pode conciliar, por exemplo, a natureza da alma com a vida intelectual inconsciente, que, no entanto, forma a base do nosso espírito, visto não ser possível presumir estados inconscientes no que é, de si mesmo, consciente.

Os progressos da fisiologia contemporânea evidenciaram a ligação íntima da alma com o corpo. Ficou assentado, extirpando de quaisquer dúvidas, que as manifestações do Espírito encarnado são absolutamente dependentes do sistema nervoso. Ela, a fisiologia, demonstrou, com provas e contraprovas, que toda alteração ou destruição do elemento nervoso acarretava distúrbios e mesmo supressão de manifestações intelectuais. Mais adiante, veremos que a destruição de certas partes do cérebro determina a perda da palavra articulada, do conhecimento da palavra escrita, ou paralisa a audição da palavra falada, conforme a parte do encéfalo lesada.

Essa correlação do estado mórbido do corpo com o desaparecimento de uma fração do intelecto e, nos casos de cura, o restabelecimento da função coincidindo com a restauração dos tecidos, é a base da doutrina materialista, que faz da alma uma função do cérebro.

Não nos demoraremos no exame e confutação dessa teoria, porque há, em contradição, um fato peremptório, que demonstra haver pensamento sem cérebro, qual o da manifestação do Espírito após a morte. Entretanto, os fisiologistas, com o procurarem as bases físicas do espírito, prestaram-nos um grande serviço.

Já dissemos que o perispírito é o molde do corpo. Estudar, pois, as modificações do sistema nervoso vale por estudar o funcionamento do perispírito, do qual esse sistema nervoso mais não é que uma reprodução material.

A força vital que impregna simultaneamente a matéria organizada e o perispírito é o agente intermediário do corpo e da alma. Qualquer modificação na substância física produzirá modificação da força vital, que, por sua vez, modificará o perispírito, nas mesmas condições de variação que sofrerá em si mesma.

E, como essa força vital necessita de um suporte, de um substrato material, é no perispírito que ela o encontra, de sorte que as alterações sobrevindas ao corpo físico poderão ser conservadas, reproduzidas, mau grado as mutações perpétuas das moléculas orgânicas.

Em suma: a velha psicologia, fazendo da alma uma substância material, ficava reduzida a uma impotência absoluta para explicar a ação da alma sobre o corpo.

Depois de se haver afadigado em demonstrar que uma e outra nada tinham de comum, não conseguia tornar compreensíveis as reações mútuas e incessantes.

Os maiores gênios, os espíritos mais argutos, com Leibniz e Malebranche, fracassaram no tentame, por isso que ignoravam a verdadeira natureza da alma, que o Espiritismo veio revelar-nos.

Os materialistas, a seu turno, negando sistematicamente a realidade da alma e limitando-se a considerá-la não mais que uma

emanação, um resultado do sistema nervoso psíquico, não podem fazer compreensível o *eu*, o que se conhece a si mesmo – fenômeno este transcendente, que lhes escapa, dado que nada se lhe pode comparar em a natureza física.

Assim, ficam reduzidos a imaginar teorias inverossímeis, quando pretendem conciliar a perpetuidade da lembrança com o renascimento incessante do organismo, ou ainda, a transformação de uma sensação em percepção.

Podemos, então, desde logo, emparelhá-los com os espiritua-
listas, visto que nem uns nem outros explicam corretamente os fatos psíquicos, só encarando unilateralmente a questão.

Pois o Espiritismo vem conciliar essas doutrinas tão antagônicas. A noção de perispírito – nunca é demais repeti-lo – não é uma inventiva humana, uma concepção filosófica adrede destinada a remover todas as dificuldades, a fim de as extinguir, mas, antes, uma realidade física, um órgão até então ignorado, e que, por sua composição física, tanto quanto pela função que exerce no homem, explica todas as anomalias que as investigações de sábios e filósofos jamais puderam elucidar.

A indestrutibilidade e a estabilidade constitucional do perispírito fazem dele o conservador das formas orgânicas; graças a ele, compreendemos que os tecidos possam renovar-se, ocupando os novos o lugar exato dos antigos, e daí a manutenção da forma física, tanto interna como externa.

Com ele, concebemos perfeitamente que uma alteração interna, como a produzida nas células nervosas pelas sensações do exterior, pode ser conservada e reproduzida, visto que a nova célula se constrói com a modificação registrada no envoltório fluídico.

O princípio vital é o motor do perispírito; é ele que lhe desenvolve as energias latentes e lhe ministra atividade durante a vida. Admitida a sua realidade, compreensível se torna a evolução dos seres: nascimento, crescimento, maturidade, decrepitude, morte.

Alma e perispírito não fazem mais que um todo indissolúvel e, se nós os distinguimos, é porque só a alma é inteligente, quer e

sente. O invólucro é a sua parte material, o que vale dizer passiva: é a sede dos estados conscienciais pretéritos, o armazém das lembranças, a retorta em que se processa a memória de fixação, e é nele que o espírito se abastece, quando necessita de cabedais intelectuais para raciocinar, imaginar, comparar, deduzir, etc. Também receptáculo de imagens mentais, é nele que reside, finalmente, a memória orgânica e inconsciente.

O espírito é a forma ativa, o perispírito a passiva, e ambas, em seus aspectos, nos representam todo o princípio pensante.

Vamos, tanto quanto possível, pôr em destaque esses caracteres particulares e, uma vez melhor conhecida a natureza da alma, não mais ficaremos surpresos de ver desaparecerem por matizes insensíveis, pouco a pouco, os fenômenos conscientes, fundindo-se no inconsciente.

Compreender-se-á melhor, então, o mecanismo da memória orgânica, e ninguém se admirará de vê-la assimilada à memória psíquica. Elas são da mesma natureza, possuem o mesmo território, formam-se pelos mesmos processos, adquirem-se e perdem-se de igual maneira.

Sensação e percepção

Neste estudo e no subsequente, recorreremos às investigações dos cientistas contemporâneos, respigando em seus estudos, tão claros e convincentes, mas precatando-nos para introduzir, na boa medida, o elemento perispírito, tornando, assim, compreensíveis os fenômenos e dando-lhes uma explicação lógica, que de outra forma lhes faltaria.⁶⁶

Distingamos, preliminarmente, a sensação da percepção.

Quando um agente externo impressiona os sentidos, produz-se no aparelho sensorial uma certa alteração a que chamamos sensação. Essa modificação é transmitida ao cérebro pelos nervos sensitivos e, depois de um trajeto mais ou menos longo, chega às camadas corticais.

Nesse instante, dois casos podem apresentar-se: ou bem a alma toma conhecimento da alteração sobrevinda ao organismo e dizemos que há *percepção*, ou bem a alma não é advertida da

ocorrência, a sensação registra-se sem embargo, mas fica inconsciente. Como anteriormente observamos, essa transformação da sensação (fenômeno físico) em percepção (fenômeno psíquico) torna-se absolutamente inexplicável desde que se não admita a existência do *eu*, ou seja, do ser consciente.

Isto posto, examinemos mais atentos os fatos sucessivos que se encadeiam, do choque inicial à percepção.

Já sabemos que tudo é movimento na natureza. Os corpos que nos parecem em repouso não o estão nem exteriormente, de vez que participam do movimento da Terra, nem interiormente, de vez que as moléculas são incessantemente agitadas por forças invisíveis, que lhes dão as suas propriedades físicas particulares: estados sólidos, líquidos, gasosos e, para os sólidos, consistência, brilho, cor, etc.

Também os tecidos do corpo estão em movimento e, durante a longa travessia pelas formas inferiores, vimos como certas partes do corpo se diferenciaram pouco a pouco do conjunto, para engendrar os órgãos dos sentidos.

Essas modificações fixadas no perispírito iam cada vez mais encarnando-se na substância, à medida que aumentava o número de passagens pela Terra, e nós verificamos que não foram necessários menos do que milhões de anos para graduar o organismo ao nível em que o vemos hoje.

Qual a natureza das modificações produzidas?

Ensaieemos demonstrar que ela reside nos movimentos. Toda sensação – visual, auditiva, tátil ou gustativa – procede originariamente de um movimento vibratório do aparelho receptor.

O raio luminoso que impressiona a retina, o som que faz vibrar o tímpano, a irritação dos nervos periféricos da sensibilidade, tudo isso se traduz por um movimento, diferente, segundo a natureza e a intensidade do excitante. O abalo propaga-se ao longo dos nervos sensitivos e, depois de um certo percurso no cérebro, chega, conforme a natureza da irritação, a uma zona especial da camada cortical, sendo aí que o movimento origina a percepção. Tocamos, aqui, no ponto obscuro, pois nenhum

filósofo, nenhum naturalista pôde jamais explicar o que então ocorre.

Uns, como Luys, dizem que a força exalta-se, espiritualiza-se, o que vale por nada dizer; outros se contentam em dizer que a percepção pertence ao sistema neuropsíquico, quando modificado de certa maneira, o que vale por dotar a matéria das faculdades da alma, sem que nenhuma indução o justifique. A célula nervosa é o elemento que recolhe, armazena e reage.

Operará por vibrações, como a corda tensa que oscila, quando deslocada da posição de equilíbrio? Ou, antes, consistirá o fenômeno numa decomposição química do protoplasma?

É questão não resolvida, mas o que há de certo é que uma alteração ocorreu. Desde então, a força vital modificou-se num certo sentido, sofreu um movimento vibratório particular, este se comunicou ao perispírito. É então que se dá o fenômeno da percepção, se a atenção for despertada.

O Espírito não conhece diretamente o mundo exterior. Entaipado num corpo material, não percebe os objetos circundantes senão pelos sentidos, que lhos revelam. Ora, a luz, o som, só lhe chegam sob a forma de vibrações, diferentes segundo a cor, para a vista, e segundo a intensidade, para o som. Ele atribui um nome a tal ou qual natureza de vibrações, mas não conhece intrinsecamente a luz nem o som.

Exemplificando: a luz vermelha tem vibrações diferentes, em número, da luz violeta, e desde a infância nos ensinaram que a tal espécie de vibrações chama-se vermelho, e a tal outra, violeta. Pela mesma razão, tal vibração deverá atribuir-se ao som, aos odores, aos sabores, etc.; de sorte que o espírito não vê, mas sente a vibração correspondente ao vermelho; não sente tal odor, mas percebe a vibração que o determina, e o que lhe dá a impressão de uma nota musical é o número de vibrações perispirituais que, num segundo, correspondem a esse som.

O que dizemos de uma cor aplica-se a todas as cores, de modo que o globo ocular, que recebe milhões de vibrações diferentes, ao contemplar uma paisagem, ao ver uma ópera, transmite ao cérebro milhões de movimentos vibratórios, que se registram em

sua substância e no seu perispírito, ao mesmo tempo e de um modo indelével.

Já houve quem comparasse a célula psíquica ao fósforo, que, depois de sofrer a ação da luz, permanece luminoso na obscuridade. Nós, porém, como analogia, preferimos a comparação da placa sensível, que, impressionada pela luz, conserva para sempre, graças a uma reação química, fixo e indelével o traço da excitação luminosa.

Poder-se-á superpor nessa placa uma série de imagens, e qualquer que seja o número destas, em se sobrepondo incessantemente às precedentes, não as apagarão jamais.

Haverá sempre uma adição, um amontoamento de imagens e nunca uma destruição, uma extinção das primitivas pelas supervenientes.

Todo o mundo está de acordo em que as modificações produzidas nas células são permanentes.

Maudsley diz: “Na célula modificada produz-se uma aptidão e com ela uma diferenciação do elemento, ainda que nos não assista razão para acreditar que, originariamente, esse elemento diferisse das células nervosas homólogas.”

Delboeuf opina: “Toda impressão deixa um traço inapagável, isto é: uma vez diversamente dispostas e forçadas a vibrar de outro modo, as moléculas jamais retornarão ao estado primitivo.”

E Richet:⁶⁷ “Assim como na natureza não há, jamais, perda de energia cósmica, mas apenas transformação incessante, assim também nada se perde do que abala o espírito humano.

“É a lei de conservação da energia, sob um ponto de vista diferente. Os mares ainda se agitam do sulco neles deixado pelas galeras de Pompeu, pois o abalo equóreo não se perdeu e apenas se modificou, difundiu-se, transformou-se em infinidade de pequenas ondas, que, a seu turno, se transmudaram em calor, em ações químicas ou elétricas. Semelhantemente, as sensações que abalaram o meu espírito há 20 ou 30 anos, deixaram-me o seu sulco, ainda que esse sulco seja desconhecido de mim mesmo. Então, mesmo que não possa evocar a sua lembrança, ignorada e inconsciente em mim, posso afirmar que ela não se extinguiu e

que essas velhas sensações, infinitas em número e variedades, exerceram sobre mim uma influência assaz poderosa.”

É fato averiguado que a repetição de palavras e frases de um idioma acaba por tornar-se uma operação automática para o espírito. Ele não mais procura palavras e frases, que lhe acorrem de si mesmas. É uma verdade incontroversa, máxime em se tratando da língua materna. A memória consciente se esvanece e perde-se no inconsciente. Pois o que sucede com a linguagem ocorre com qualquer outra aquisição intelectual, seja matemática, física ou química, etc.

Em todos nós, a tábua de multiplicação tornou-se automática; e, contudo, começamos por decorá-la conscientemente.

Estas afirmativas colocam-nos justo em face do problema que assinalamos – a ressurreição das lembranças prístinas, a despeito da renovação integral e global das células.

Maudsley⁶⁸ presume que a rapidez extraordinária das permutas nutritivas do cérebro, parecendo, à primeira vista, uma causa de instabilidade, explica, *ao contrário*, a fixação das lembranças:

“A reparação, efetuando-se sobre o trajeto modificado, serve para registrar a experiência. Não é uma simples integração o que se dá, e sim uma reintegração. A substância restaura-se de um modo especial, o que faz com que a modalidade produzida seja, por assim dizer, incorporada ou encarnada na estrutura do encéfalo.”

De acordo, quanto ao resultado. Também acreditamos que os novos movimentos perispirituais, os que houverem sido determinados pela modificação da força vital da célula destruída, imprimem às células que se reformam as mesmas modificações que influenciaram as primeiras. Mas, se não houver perispírito, que será que imprime nas células novas o antigo movimento? É a eterna questão: quem faz a restauração? Poder-se-á presumir não seja a célula inteiramente destruída; que o seu remanescente tomou o novo movimento e que as moléculas substituintes adotem o novo ritmo vibratório.

Vamos supor que assim seja. Mas, em se dando nova permuta, haverá, necessariamente, diminuição de intensidade: 1º) por

causa do tempo transcorrido; 2º) por causa da inércia das antigas moléculas a vencer. Renovada inúmeras vezes a operação – o que é tanto mais certo quanto extrema é a rapidez das permutas nutritivas –, o movimento primordial será tão fraco que se poderá dizê-lo quase desaparecido. E o que é verdade para uma célula também o é para um conjunto de células, de sorte que as sensações delas dependentes, e que, por associação, formam uma lembrança, ficarão quase apagadas na velhice do indivíduo. Tais lembranças deveriam, pois, ser as primeiras a desaparecerem. Ora, o que se verifica é justamente o contrário, de vez que, nas pessoas idosas, as lembranças da infância são as mais persistentes.

Em suma: se adotássemos essa hipótese, nenhuma sensação poderia conservar-se no ser, senão por tempo assaz limitado. Demonstrando-nos a experiência que assim não é, importa procurarmos outra explicação.

Quando afirmamos ser no perispírito que reside a conservação do movimento, damos como prova direta a manifestação da alma após a morte. Ela, a alma, se nos revela dotada de todas as faculdades e lembranças, não apenas de sua última encarnação, mas abrangendo longos períodos pretéritos.

Acreditamo-nos, portanto, mais próximos de uma explicação adequada aos fatos do que aqueles que atribuem o pensamento à massa fosfórica de há muito destruída, quando a alma é imortal.

Condições da percepção

Para que uma sensação seja percebida, ou por outra, para que se torne um estado consciencial, há que notar duas condições indispensáveis, a saber: a *intensidade* e a *duração*.⁶⁹

- 1º) A *intensidade* é condição de tipo assaz variável, mas faz-se preciso um mínimo para que se verifique a percepção. Nós não ouvimos os sons muito brandos, nem temos sabores de somenos. Temos logrado meios de diminuir, graduar a intensidade, graças ao invento de aparelhos que nos aumentam os sentidos, quais o microscópio, o telescópio, o telefone, etc. É por não guardarem intensidade

constante que as percepções diminuem insensivelmente, até não mais poderem ficar presentes ao espírito, caindo, assim, “abaixo dos domínios da consciência”.

2º) *A duração* – O tempo necessário para que uma sensação seja percebida, ou por outra, para que o espírito tome conhecimento do movimento perispiritual, foi determinado há uma trintena de anos para as diversas percepções.

A do som faz-se ao fim de 0”,16 a 0”,14; a do tato em 0”,21 a 0”,18; a da luz em 0”,20 a 0”,22.

Para o mais simples ato de discernimento, o mais próximo do reflexo, temos 0”,02 a 0”,04.

Se bem que os resultados variem conforme os experimentadores, as pessoas, as circunstâncias e a natureza dos atos psíquicos estudados, ficou pelo menos estabelecido que cada ato psíquico requer uma duração apreciável, e que a pretensa velocidade infinita do pensamento não passa de metáfora.

Isto posto, é claro que toda ação nervosa, cuja duração seja inferior à requerida pela ação psíquica, não pode despertar a consciência. Para que uma sensação se torne consciente é imprescindível que o movimento perispiritual tenha uma certa duração, sem o que se fará o registro sem que a alma tenha dele conhecimento.

Tal como o fazemos em relação à intensidade, notaremos que um ato inicialmente dificultoso, e que demanda um certo tempo, torna-se mais fácil e mais rápido, quanto mais repetido.

Ao fim de muitas repetições, o tempo exigido será tão curto que o *eu* não mais o percebe e ele se torna, então, inconsciente.

O inconsciente psíquico

Gravam-se, portanto, no perispírito as sensações, com uma certa durabilidade. Há que observar, contudo, que elas não permanecem no campo da consciência. Desaparecem, momentaneamente, para dar lugar a outras, e tornam-se, por assim dizer, inconscientes. A mesma coisa dá-se em relação a tudo que temos visto, lido e aprendido. Por conseguinte, desde o nascimento,

nossa alma cria uma reserva imensa de sensações, volições, idéias, de vez que, como veremos, o mecanismo mediante o qual a alma atua sobre a matéria é igualmente mantido no invólucro fluídico.

Cada painel contemplado, cada leitura que fazemos, deixa em nós um traço. As idéias ligam-se e entrosam-se por lei de associação, que também prevalece para as sensações e percepções.

O território em que se escalonam esses materiais, copiosos e multifários, é o perispírito. É nele que coabitam essas aquisições todas, sem riscos de baralhamento. Delas poder-se-ia dizer que constituem a biblioteca de cada ser pensante.

É esse tesouro que denominamos o *inconsciente*.

Tem, portanto, o Espírito o seu armazém de idéias e sensações.

Podemos compará-lo a um sábio, cujos conhecimentos estivessem escritos em livros separados, mas dispostos em ordem imutável e religando-se uns aos outros, ao mesmo tempo que representando, cada qual, uma fração de cérebro e de perispírito, por isso que um e outro são inseparáveis durante a encarnação.

Quer o sábio estudar a física, por exemplo? Basta abrir – na figura da nossa comparação – o livro em que estiver inscrito o que reteve sobre essa ciência. Na realidade, o que ele faz é despertar, voluntariamente, os conhecimentos que em si jazem no estado passivo, isto é, sob a forma de ínfimos movimentos vibratórios. Faz com que voltem ao estado ativo ou, por outra, eles reverterem do inconsciente ao consciente, por um aumento de vibratilidade perispiritual e, conseqüentemente, das células em que estão registrados. É uma revivescência que ocorre normalmente, mas que também pode apresentar lacunas, conforme a idade e o estado de saúde do recorrente. O *eu*, o único ser que pode conhecer e compreender, é sempre ativo e operante; mas tudo o que aprende e sente classifica-se mecanicamente, em virtude da diminuição de intensidade e temporariedade das impressões, sob a forma de movimentos no seu invólucro, prontas a reaparecerem ao primeiro apelo da vontade. O inconsciente pode também ser movido pelo trabalho do espírito durante o

sono. Os atos psíquicos que se produzem, sem a intervenção do corpo físico, não têm a intensidade suficiente para se tornarem conscientes no estado normal, e então se constata coordenações de idéias, de sensações, de imagens às vezes desconhecidas do espírito acordado.

Podemos assim explicar as irrupções penosas de lembranças que nos parecem destituídas de qualquer associação, e que nos chegam a todo momento, no curso do dia; as lições escolares lidas de véspera e sabidas no dia seguinte; os problemas longamente ruminados, cuja solução nos rebenta brusca da consciência; as criações poéticas, científicas, mecânicas; as simpatias e antipatias secretas, etc. Há um caso curioso, citado por Carpenter, de um homem que tinha uma vaga idéia do que se passava em seu cérebro, sem atingir o grau de perfeita consciência.

“Um comerciante de Boston contou-me que, ocupando-se com um negócio muito importante, chegara a pô-lo de lado, convicto de incapacidade para resolvê-lo. Entretanto, tinha consciência de que algo se passava em seu cérebro, e isso era tão penoso e extraordinário que o fazia temer uma paralisia ou acidente outro semelhante. Depois de algumas horas, passou esse estado incomodativo, desapareceram as perplexidades e a solução procurada apresentou-se de si mesma, naturalmente. É que a solução se elaborara no período de perturbação e obscuridade.”⁷⁰

Em suma: reitor do corpo e guarda dos estados conscienciais, o perispírito está em constante movimento; já determinando o ritmo incessante das ações vitais da vida vegetativa e orgânica, já o correspondente a outras modalidades psíquicas da alma consciente, e já, finalmente de outras, bem mais numerosas, que representam os estados passados.

O perispírito é qual laboratório onde se processam mil trabalhos simultâneos e, assim, compreende-se que deve existir uma alma para pôr em ordem as sensações que lhe chegam a todo momento. Demais, o cérebro, representação material do perispírito, com os seus 600 milhões de células vivas e seus 4 ou 5 bilhões de fibras, está no mesmo caso. Importa seja a consciência distinta desse amálgama, sem o que nenhum desses movimentos

poderia, de si mesmo, harmonizar-se. Concebe-se, igualmente, a necessidade de uma classificação automática no perispírito, sem a qual não poderia o espírito aí reconhecer-se. Outra faculdade especial que lhe pertence é a atenção, que lhe permite concentrar-se sobre uma ordem particular de idéias, eliminando tudo quanto seja estranho ao seu objetivo.

Estudo da memória

Acreditamos de nosso dever estudar a memória e procurar explicar o seu funcionamento, pois ela é o fulcro da vida mental, contribuindo para fundar a personalidade, e, se bem conhecermos todas as modalidades dessa faculdade, poderemos compreender por que não guardamos a lembrança de pretéritas encarnações. Entrementes, como lhe cabe o papel mais importante no caso da personalidade dupla e nos diferentes estados de sonambulismo provocado, o seu conhecimento aprofundado tem para nós o maior interesse. Vamos, portanto, ver, sumariamente, os principais fenômenos que a caracterizam.

A memória orgânica ou inconsciente fisiológico

Na aceção comum do vocábulo, a memória compreende, para toda a gente, três coisas, a saber: *a conservação de certos estados, sua reprodução e sua localização no passado.*

Na velha psicologia, só o terceiro termo constituía a memória, mas nós pudemos comprovar a obrigação indeclinável de admitir o inconsciente, isto é, as lembranças não mais percebidas pelo *eu* normal, e que, no entanto, subsistem. Nesta categoria podemos colocar todos os atos funcionais do sistema nervoso, devidos às fixações seculares de movimentos do perispírito.

O instinto, dizem, é ato hereditário específico, e isso implica a existência de uma memória hereditária, memória orgânica, que sabemos residir no perispírito. Vamos uma vez mais demonstrar o mecanismo dessa operação:

1º – Há na vida orgânica, primariamente, fenômenos automáticos dependentes da vida em si mesma e que começam e acabam com ela. São os movimentos do coração e os respiratórios.

2° – Em seguida, temos toda uma série de ações reflexas, que se engendram sucessivamente, formando uma continuidade ininterrupta. O melhor tipo a apresentar, desses reflexos, é o conjunto dos fenômenos da digestão – quando, na boca, o alimento provoca deglutição e, a partir desse momento, vai produzir-se uma série de ações reflexas e progressivas no tubo digestivo, com a dissolução do alimento pelos líquidos orgânicos.

Toda a série de atos, mecânicos ou químicos, da digestão, são a consequência do movimento inicial da deglutição, e os reflexos se encadeiam uns aos outros, provocam novas excitações determinantes de novos atos, até que a digestão se complete.⁷¹

3° – Uma excitação exterior provoca movimentos reflexos de reação, que colimam uma adaptação melhor do ser vivo ao seu meio, seja por defender-se, fugir ou buscar. Definamos essas ações, hoje inconscientes, mas primitivamente voluntárias e tornadas instintivas, por efeito de repetições inumeráveis.

Se decapitarmos um pássaro e o lançarmos no espaço, vê-lo-emos voar até que se lhe esgotem as forças. A memória do movimento instintivo das asas fora-lhe conservada na medula espinhal. Porcos-da-Índia a que se extraem os lóbulos cerebrais saltam, caminham, tremem, quando excitados.

A substância parda da medula alongada preside a umas tantas contrações musculares, coordenadas, independentes da vontade e que, muitas vezes, não chegam à consciência. Um rato, privado dos hemisférios cerebrais, dá um salto brusco se dele nos aproximarmos imitando o miar do gato. Não há nisso um julgamento, é bem certo, mas um ato instintivo, irresistível. Decorridos milênios, aquele ruído teve como resultado determinar a fuga sem reflexão prévia; a ocorrência desse ruído está de tal maneira associada à idéia do perigo que, em se produzindo, o animal foge sem reflexão, incoercivelmente. Não há raciocínio nem consciência, é puro reflexo. O mesmo se passa em cães e gatos, que, privados dos lóbulos cerebrais, apertam os lábios como para se desembaraçarem de uma sensação desagradável, como se lhes houvessem ministrado uma decocção de colocíntida. São sensações inconscientes hoje, mas percebidas outrora.⁷²

4º – Também se produzem conjuntos de movimentos musculares pela simples ação da vontade, e que requerem quantidade enorme de ações reflexas apropriadas, a revelarem uma perfeita técnica orgânica, inteiramente desconhecida do espírito.

“Muitas vezes – diz o Dr. Despines – admirei essa ciência automática, ao contemplar o cão que segue a carruagem do dono, a saltar adiante dos cavalos, a passar por entre as rodas, e tudo isso com destreza gradativa e adequada, sem jamais se deixar colher pelas rodas ou pelas patas dos cavalos.

“Que matemática precisão muscular não se impõe à execução de todos esses movimentos! E dizer que tudo isso se executa sem que o deseje o animal, e sem que o saiba como! No homem, essa ciência automática revela-se ainda mais maravilhosa.

“Os músicos de cerebelo imperfeito jamais poderão executar uma partitura da maneira por que a sentem. Homens há, muito inteligentes e inábeis, ao passo que outros, de inteligência medíocre, possuem grande habilidade. Para ser bom peão, bom ilusionista, equilibrista ou atirador, basta possuir inteligência comum, mas não há que dispensar órgãos automáticos perfeitos. Não é a forma da mão que dá a destreza, pois que mão e dedos não passam de instrumento operatório.”⁷³

O verdadeiro tipo da memória orgânica deve ser procurado naquele grupo de fatos que Hartley, com tanta felicidade, denominara *ações automáticas secundárias*, em oposição aos atos automáticos inatos. Estas ações secundárias, ou movimentos adquiridos, constituem o fundo mesmo da nossa vida diurna. Assim, a locomoção, que, em muitas espécies inferiores, é um poder inato, no homem tem de ser adquirida, particularmente no que diz com essa capacidade de coordenação que mantém o equilíbrio a cada passo, graças à combinação das impressões táteis e visuais.⁷⁴

De modo geral, pode dizer-se que os membros e órgãos sensoriais do adulto não funcionam tão facilmente, senão mercê de movimentos adquiridos e coordenados, que constituem, para cada parte do corpo, sua memória especial, o capital acumulado

de que vive e mediante o qual age, tal como, das suas passadas existências, age e vive o espírito.

À mesma ordem pertencem os grupos de movimentos de feição artificial, que constituem o aprendizado de um ofício manual, jogos de destreza, exercícios ginásticos, etc.

Examinando-se como se adquirem, se fixam e se reproduzem esses movimentos automáticos primitivos, vê-se que o seu primeiro trabalho é o de formar associações. A matéria primária é fornecida pelos reflexos primitivos, isto é, pelos movimentos nervosos inconscientes, que temos estudado no capítulo anterior. Trata-se de os agrupar de certa maneira, de combinar uns com exclusão de outros.

Por vezes, esse período de formação não é mais que um longo tateamento. Os atos que nos parecem hoje tão fáceis e naturalíssimos foram, originariamente, adquiridos com grande e penoso esforço.

Com os movimentos automáticos secundários vemos reproduzir-se o que ocorreu com os primeiros movimentos automáticos do perispírito. Impõem-se uma aprendizagem, ensaios numerosos e reiterados, antes que o organismo fluídico adapte aos novos os seus antigos movimentos.

Quando a criança aprende a escrever, diz Lewes, é-lhe impossível mover a mão por si mesma. Vemo-la, então, contrair a língua, os músculos faciais, mover os pés, etc. Esses trejeitos acabam por suprimir-se com o tempo. Tornam-se inúteis. Todos nós, quando ensaiamos pela primeira vez um ato muscular, dispendemos grande quantidade de energia supérflua, que gradualmente aprendemos a restringir ao necessário. Com o exercício, os movimentos apropriados fixam-se, excluindo outros. Formam-se no perispírito movimentos secundários que, associando-se aos movimentos motores primitivos, se tornam mais ou menos estáveis, conforme a maior ou menor repetência dos mesmos atos. E, se estes forem reiterados a ponto de adquirirem rapidez sempre crescente, chegam a utilizar um tempo tão curto que ultrapassa o mínimo exigido para que o esforço seja perceptível, tornando-se o ato, assim, inconsciente.

Não diremos, pois, com Ribot, que a consciência é um fenómeno de superadição, visto que ela é a causa organizadora desses movimentos, e não desaparece da série senão quando se torna inútil e o ato corresponde perfeitamente ao seu objetivo.

É fácil constatar, pela observação, que a memória orgânica que nos aproveita na caminhada, na dança, na natação, equitação, patinagem, dedilhação de instrumentos, etc., em tudo se assemelha à memória psicológica, salvo num ponto – a isenção da consciência.

Sumariando-lhe os caracteres, surgirá a perfeita similitude das duas memórias.

Aquisição ora imediata, ora lenta, repetência do ato, necessária em uns e inútil em outros casos.

Desigualdade de memória orgânica, conforme as pessoas: temo-la rápida em uns e lenta ou refratária em outros (a inépcia é resultante de ruim memória orgânica).

Em uns, as associações, uma vez formadas, permanecem; noutros, há propensão de as perder, ou esquecer.

Disposição destes atos em séries simultâneas ou sucessivas, como para as lembranças conscientes.

Aqui mesmo, um fato digno de nota é que cada membro da série sugere o conseqüente, como sucede quando caminhamos, inconscientes de o estar fazendo. Sabe-se que, adormecidos, soldados de infantaria e cavalaria prosseguem a marcha, ainda que os últimos hajam de manter-se em constante equilíbrio. Essa sugestão orgânica torna-se ainda mais frisante no episódio citado por Carpenter – o do pianista exímio que executa, dormindo, um trecho musical, o que ele atribui menos ao sentido auditivo que ao muscular, sugerindo a sucessão dos movimentos.

Sem recorrer a casos extraordinários, encontramos em nossos atos diuturnos séries complexas e bem determinadas, isto é, cujos começos e fins são fixos, e cujos meios, *diferentes uns dos outros*, se sucedem em ordem constante, como seja no subir ou descer uma escada, depois de um longo hábito.

A memória psicológica ignora o número de degraus e a memória fisiológica conhece-o, à sua maneira, tanto quanto a

divisão dos andares, a distribuição dos patamares e pormenores outros, de sorte a jamais se enganar.

Não será, então, lícito dizer que estas séries bem definidas são, para a memória orgânica, o que para a memória psicológica sejam uma frase, uma quadra poética, uma ária musical?

Examine-se uma prancha anatômica e ver-se-á que, para produção do movimento, entra em jogo uma porção considerável de elementos nervosos, diferenciados entre si, tanto pelas formas variadas, como por sua constituição anatômica.

As células do córtex cerebral, da medula, dos nervos são fusiformes, gigantes, piramidais, etc.; os nervos motores diferem dos sensitivos e estes, por sua vez, dos músculos: pois, se bem nos lembrarmos de que cada um desses elementos concorrentes à realização de um movimento jamais são utilizados duas vezes na vida, e que guardam, entre si, relações íntimas das quais depende a conservação dos movimentos automáticos secundários, então, mais que nunca, reconheceremos a utilidade do perispírito.

Esses estudos da memória inconsciente e existente no sistema nervoso tornar-se-iam incompreensíveis sem a noção da alma com o seu envoltório fluídico, pois de outro modo haveria que atribuir à matéria organizada uma série de consciências, e isso é inteiramente impossível, visto termos a prova de que essa consciência existe fora de toda a matéria viva.

Esse fato, bem verificado, estabelece o papel da alma no corpo e mostra que a fisiologia não faz mais que evidenciar as propriedades do perispírito, que se manifestam tangíveis pelas propriedades do sistema nervoso.

Em suma, temos podido ver as transições insensíveis que relikam a consciência à inconsciência, nos fenômenos psíquicos; comprovamos que, para tornar-se despercebida uma sensação, concorrem duas causas, ou seja, insuficiência de intensidade e curteza de tempo.

A mesma coisa se dá, qual o vimos, com os fenômenos fisiológicos, que denominamos memória orgânica, de sorte que o inconsciente é um território comum da alma e do corpo, confirmando-se, assim, que o perispírito é a sua sede.

A memória psíquica

No registro da sensação reside, portanto, o fenômeno da memória.

Tendo visto como se dá a fixação no perispírito, resta-nos demonstrar onde se opera e localiza essa impressão.

Como de costume, guiar-nos-emos pelo sistema nervoso, que é a forma objetiva dos estados perispirituais.

Já assinalamos a estreita relação que existe e prende a alma ao corpo. *Durante a incorporação*, toda a manifestação intelectual exige, imperiosamente, o concurso do corpo, a integridade absoluta da substância cerebral; de sorte que as mínimas desordens do cérebro paralisam completamente as manifestações da alma. Bem refletindo, essa concomitância não é surpreendente à face da nossa teoria. Desde que o Espírito não atua sobre a matéria senão mediante a força vital, qualquer destruição de matéria nervosa subtrai, passageira ou definitivamente, uma parte correspondente da força vital ligada a essa parte e, desde então, o perispírito, que conserva o movimento, não mais pode agir, à falta do seu agente de transmissão. Mais tarde, dado que a força vital seja ainda eficiente para reconstituir os tecidos, a função se restabelecerá.

Eis alguns exemplos demonstrativos de localização da memória:⁷⁵

Perda da memória auditiva das palavras faladas, ou surdez verbal – Um doente, acometido de apoplexia, restabelece-se mais ou menos completamente da paralisia, mas, na opinião dos que o assistem, parece ter ficado surdo e mentecapto, de vez que responde desconexamente às perguntas que lhe fazem, como se não compreendesse a conversação.

E, contudo, um exame metódico atestará que esse enfermo não é surdo nem idiota. Não é surdo, porque se volta ao ruído da janela batida pelo vento, e mesmo ao rumor insignificante de um alfinete, ao cair no assoalho. Mais: impacienta-se ao ver que não compreende o que lhe dizem. Não é idiota, pois, se fala, exprime-se corretamente; se lê, responde com acerto às perguntas escritas. Que é que lhe falta?

Falta-lhe a compreensão da linguagem falada. Ouvindo o seu próprio idioma, age como se ouvisse linguagem estranha. Esse idioma, aprendera-o ele, como todos nós, por uma educação lenta, o que vale por dizer que se habituara a ligar uma idéia a um som. Esse mecanismo fixara-se nele, e o que agora lhe falta é precisamente esse mecanismo, que a enfermidade destruiu. Nesses doentes, autopsiados, nota-se, com efeito, sempre a mesma lesão: foi atingida a *primeira circunvolução temporal*. Podemos, pois, estimar como sendo essa circunvolução a sede da memória auditiva verbal.

Perda da memória das palavras escritas, ou cegueira verbal – Atacado de apoplexia no hemisfério cerebral esquerdo, o indivíduo fica hemiplégico, paralítico dos membros do lado direito. Essa paralisia foi, entretanto, passageira; o doente levantou-se e não apresenta qualquer distúrbio oral ou auditivo. Trata-se de um negociante preocupado com a interrupção dos seus negócios e que, não podendo ainda sair de casa, quer dar uma ordem por escrito. Toma da pena e escreve legível, mas julga que lhe escapou qualquer coisa; e, por isso, recomeça.

Nessa altura, revela-se, em toda a sua originalidade fantástica, o seguinte fenômeno: o homem pôde escrever, mas não pode ler o seu escrito! Impacientado, desejoso de repetir a experiência, recorre aos seus registros e também não consegue lê-los, nem compreender o que eles dizem. Tudo se passa como se ele estivesse a escrever no escuro. Conservou os movimentos manuais, assina o nome com facilidade, mas não pode, em seguida, distinguir sua firma da de outrem. As letras que acabou de traçar são-lhe tão significantes como se foram caracteres chineses, ou equivalentes.

Que perdeu, então, esse enfermo? Não foi a palavra, nem a audição dela, nem os movimentos da escrita, e sim o conhecimento visual dos caracteres da linguagem escrita. Habituara-se, da infância, a armazenar no cérebro a lembrança, as imagens visuais das letras, de feição a retê-las e reconhecê-las, ao mesmo tempo em que armazenava a lembrança dos movimentos da escrita. Ora, conservando a lembrança dos movimentos da escrita e perdendo a memória visual, é claro que foi ferido de cegueira

verbal. Pela autópsia, constata-se a lesão na *segunda circunvolução parietal* do hemisfério esquerdo.

Perda da memória motriz das palavras verbais – Os doentes desta categoria compreendem o que ouvem, escrevem, lêem, têm mímica expressiva, mas não podem pronunciar regularmente as palavras. Algumas, quase sempre monossilábicas, ou ditos familiares, é tudo o que lhes resta, e desse tudo servem-se eles a todo propósito, como a criança de vocabulário ainda incipiente.

O poeta Baudelaire, atacado de afasia (afásicos são chamados estes enfermos) apenas podia dizer *cré nom!* Essas criaturas perderam a memória complexa dos movimentos da laringe e da língua para a expressão verbal, desapareceu-lhes a memória motriz das palavras articuladas. Desorganizou-se-lhes a *terceira circunvolução frontal esquerda*.

Perda da memória motriz das palavras escritas – A hemiplegia direita manifesta-se em conseqüência da lesão do hemisfério esquerdo. O enfermo se restabelece em poucos meses, fala, ouve, lê e apenas uma coisa o perturba e preocupa, posto movimento e utilize com facilidade a mão direita para vestir-se, alimentar-se, etc. É que ela se recusa, absolutamente, a executar os movimentos da escrita. Quando o enfermo tenta fazê-lo, não consegue esboçar sequer uma letra. Diz conhecer perfeitamente os caracteres a traçar, nomeia-os, aponta-os num jornal, mas... não pode escrevê-los. O mais curioso é que o doente pode segurar a pena ou o lápis e até desenhar. Apresentem-lhe uma palavra escrita, ele a copiará lenta, laboriosamente, qual o faríamos com um idioma estranho. É que ele perdeu apenas a memória dos movimentos da escrita e essa perda coincide com a lesão da *segunda circunvolução frontal esquerda*.

Acabamos de apontar destruições pertinentes a toda uma categoria de fatos. Trata-se do desaparecimento de uma série de movimentos associados e coordenados, interessando à memória auditiva da palavra falada, à memória visual da palavra escrita, ou à memória motriz da palavra falada ou escrita; e, assim, podemos localizar no cérebro as partes atingidas, determinantes dessas supressões. Não são estas, contudo, as únicas localizações

estudadas e conhecidas. Vejamos, ainda, alguns exemplos dessas perdas em bloco:

- 1º) *Perda do sentido fisionômico* – Notável cientista muito meu conhecido – diz Carpenter – perdeu a memória fisionômica. Tinha ele 70 anos, quando nos reencontramos, certa feita, em casa de outro velho amigo comum. Não me reconheceu à entrada, nem à saída; mais tarde, a memória foi-se-lhe apagando, até que sucumbiu a um ataque de apoplexia.
- 2º) *Perda do sentido musical* – Uma criança – é ainda o mesmo doutor quem o diz –, depois de forte traumatismo cerebral, ficou três dias desacordada. Ao voltar a si, tinha esquecido tudo quanto sabia de música. Só de música, bem entendido.
- 3º) *Perda de todos os números* – São casos freqüentemente observados nas lesões do cérebro. Um frio excessivo pode acarretar o mesmo resultado. Sabe-se de um viajante que, por muito tempo exposto ao frio, perdeu a noção do cálculo.
- 4º) *Perda de dois números apenas* – É de Forbes Winslow o seguinte relato: Em consequência de uma trepanação, um soldado perdera tal ou qual porção de massa cefálica. Alguns dias após, verificou-se que esquecera por completo os números 5 e 7. Essa anomalia desapareceu mais tarde.

A fim de não nos alongarmos demasiadamente em citações, basta dizer que se verificou em diversos enfermos a perda de um idioma estrangeiro, a de todos os substantivos.

O doente designava os objetos chamando-lhes “coisa”. Temos, ainda, a perda do alfabeto e, enfim, a de uma só letra.

Todas essas observações atestam a localização das percepções e dos movimentos associados. É provável que todos os estados sucessivos de consciência, que caracterizam a vida mental, tenham por fulcro uma zona particular do cérebro, correspondente a uma região definida do perispírito.

A memória propriamente dita

Chegamos, agora, à memória propriamente dita, ao que em filosofia se chamou *reconhecimento*, e que é uma capacidade de evocação, o ato pelo qual se transfere um fenômeno da inconsciência à consciência.

Se a revivescência não é, de si mesma, suscitada por uma percepção da mesma natureza, pode renascer, impelida pela vontade, quando concentrado o pensamento na lembrança que se quer reconduzir ao espírito.

Efetivamente, que vem a ser recordar? É, se bem nos lembrarmos das fases por que passou a sensação para sair do campo da consciência, restituir-lhe as duas condições indispensáveis à percepção, ou sejam: intensidade e duração.

Ora, a atenção tem precisamente estas duas propriedades, como passamos a demonstrar:

Ensina a experiência ⁷⁶ que a atenção redonda no aumento de capacidade motomuscular, ao passo que diminui o tempo de reação. Quando, voluntariamente, concentramos o pensamento numa coisa que desejamos recordar, enviamos na sua direção uma série de influxos sucessivos, que objetivam dar ao movimento perispirítico o mesmo período vibratório que ele tinha, pode dizer-se, um tanto mais fraco, no momento em que fora registrado, isto é, percebido. Essa repetência de excitação, provocando, por superatividade funcional, uma espécie de congestionamento do órgão material, produz, abaixo mesmo dos limites da consciência, uma espécie de atenção passiva. Depois de uma série de excitações da mesma intensidade, com exclusão das primeiras, naturalmente insensíveis, a recordação torna-se nítida, muito embora momentos antes a lembrança não existisse.

Realmente, o papel da atenção é exagerar os movimentos; e é por isso que nós podemos fazer exsurgir um estado inconsciente, nos umbrais da consciência, ou seja: lembrar-nos.

Se as sensações antigas, que constituem a imagem mental, são recordadas por sensações semelhantes, é claro que a lembrança reaparecerá por si mesma, pois que a localização é a mesma.

Ouvindo, hoje, uma ópera inteiramente esquecida, as melodias nos virão de pronto à memória: será como uma ressurreição natural. Mas, não somente a imagem atual rememora a antiga, quando idênticas, como também se dá quando apenas se assemelham e mesmo quando não mais se assemelham, sob a só condição de existir entre elas alguma analogia.⁷⁷

Aí temos um dos mais estranhos fenômenos da inteligência, que é a evocação inteiramente fantasista das idéias, umas pelas outras.

É como se cada idéia irradiasse em diferentes sentidos para evocar outra idéia que se lhe aderisse por um traço qualquer, comum.

Assim, se de improviso pensarmos num perdigueiro, logo nos vem a idéia de caça, e esta nos sugere a de um coelho a pastar.

Neste exato momento, a última consonância desperta em nosso espírito a imagem do porto de Dieppe – que tem em Le Pollet um importante subúrbio – e nós estamos avistando o mar e já lembrando os seus perigos, etc.

Assim, a evocação das idéias antigas segue uma rota maravilhosa e pode traçar as mais caprichosas variantes. Quando, porém, queremos reaver uma lembrança precisa, o espírito emprega outros meios, servindo-se daquilo a que Ribot chamou *o ponto de referência*. Citemo-lo:

Teoricamente, para recordar, não temos senão um modo de proceder. Determinamos as posições no espaço, como no tempo, em relação a um ponto fixo, que, no que diz com o tempo, é o nosso estado atual. Notemos que essa atualidade é um estado real, que tem o seu quanto de duração. Por breve que seja, ela não é, como fazem crer as metáforas, um relâmpago, um nada, uma abstração análoga ao ponto matemático, pois que tem um começo e um fim.

Ao demais, esse começo não nos aparece como absoluto, visto que toca sempre alguma coisa com a qual estabelece continuidade. Quando lemos (ou entendemos) uma frase, na quinta palavra, por exemplo, resta da quarta alguma coisa. Cada estado de consciência não se apaga senão progressivamente. Assim é

que a quarta e quinta palavras estão em continuidade, tocando o fim de uma no começo da outra. Eis o ponto capital. Há uma contigüidade, não indeterminada e consistente, no contato de dois extremos *quaisquer*, e com a circunstância de tocar o extremo inicial do estado atualitário no extremo *final* do estado que imediatamente o precede.

Uma vez bem compreendido esse fato, o mecanismo *teórico* da localização no tempo também o será, desde logo, pois é claro que o retrocesso poder-se-á dar igualmente da quarta à terceira palavra, e assim por diante. Compreender-se-á que, tendo cada estado de consciência a sua duração, o número de estados conscienciais percorridos regressivamente e o *quantum* de sua duração darão a posição de um estado qualquer, em relação com o precedente, bem como o seu afastamento no tempo.

Praticamente, temos recorrido a processos mais simples e expeditos. É um curso que raramente invertemos, através dos meios intermediários, em sua maioria. Consiste, a nossa simplificação, nos *pontos de referência*. Tomemos um exemplo assaz comum. A 30 de novembro esperamos um livro de que muito necessitamos. Esse livro tem de vir de longe e a sua expedição requer mais ou menos 20 dias. Tê-lo-íamos encomendado a tempo? Lembramo-nos de que o pedido foi feito na véspera de uma rápida viagem, cuja data podemos fixar com exatidão: domingo, 9 de novembro. Desde logo, completa-se a recordação.

Se analisarmos este caso, veremos que o principal estado de consciência, a encomenda do livro, é, em primeiro lugar, rejeitada no passado, de um modo indeterminado; aflora, a seguir, dos estados secundários e, entre estes, um muito nítido: a lembrança da viagem; e, como a encomenda fora feita na véspera, a lembrança da viagem tornou-se o ponto de referência.

Os pontos de referência não são arbitrários, mas impõem-se-nos. A condição única a preencher é que o seu afastamento da atualidade nos seja bem conhecido. Em geral, são individuais, mas podem também estender-se a uma família, por um nascimento, um óbito, um casamento, ou ainda a uma coletividade, por um banquete periódico, e a uma nação, por um episódio como, por exemplo, a exposição de 1889.

Os pontos de referência permitem simplificar o mecanismo da localização no passado, pois, quando freqüentemente utilizados, a localização torna-se automática, tal como acontece com o hábito. Uma vez inúteis, os intermediários desaparecem e não restam mais que dois termos: a lembrança e o ponto de referência.

Esse retorno dos estados intermédios ao inconsciente é uma necessidade da vida mental, visto que, se fosse preciso percorrer todos os trâmites sucessivos, para atingir uma lembrança remota, a memória dar-se-ia por impossibilitada ante a longura da operação. Sem a reentrada de um prodigioso número de estados conscienciais no inconsciente, não poderíamos recordá-los. Tal eclipse no campo da consciência é, portanto, a condição essencial de uma boa memória e, daí, esta conclusão que poderia parecer paradoxal, sem as explicações precedentes, isto é: que o esquecimento é uma necessidade da memória.

Temos estudado mui sumariamente, mas no que têm de essencial, a sensação e a memória, sob as suas modalidades conscientes e inconscientes. O pouco que temos visto bastará para explicar os fenômenos de personalidade múltipla e comprovar, ao mesmo tempo, que as ilações tiradas desses fatos anormais são absolutamente inexatas.

Os aspectos múltiplos da individualidade

A psicologia fisiológica, aquela que estuda o corpo humano como condição essencial, e mesmo, no seu conceito, primordial, das manifestações intelectuais, rejeitou por inteiro as antigas concepções filosóficas acerca da personalidade e das faculdades da alma.

Segundo a nova doutrina, o *eu* não passa de simples unidade, formado por coordenação de elementos, cada qual com a sua vida peculiar, o que vale por dizer que é a associação do senso da existência com a memória, com as percepções, com as sensações, com as idéias, etc., o que engendra um resultado momentâneo, ao qual atribuímos uma unidade factícia, mas que não passa de ilusão do senso íntimo, porque na realidade não existe.

Eis o que a respeito diz Ribot:⁷⁸

“A unidade do *eu*, no sentido psicológico do vocábulo, é a coesão, por dado tempo, de um certo número de estados conscienciais claros, acompanhados de outros menos claros, e de uma multidão de estados fisiológicos que, sem se acompanharem da consciência, qual seus congêneres, atuam tanto quanto eles. Unidade quer dizer coordenação.”

Esta afirmativa, em nada aberrante das do materialismo, será verdadeira?

Dar-se-á, realmente, que o nosso *eu* não tenha existência distinta? Claro que a prova experimental do Espiritismo fecha a questão, de vez que a morte não destrói o Espírito, que do corpo não deriva. Mas, então, de onde provém o erro?

Exatas as experiências que demonstram a dualidade e mesmo a multiplicidade do *eu* pensante, elas são, a nosso ver, mal interpretadas pelos observadores, que tiraram – como tantas vezes sucede – deduções falsas de fenômenos reais.

A fim de torná-la mais compreensível, vamos expor sucintamente a questão. Estudaremos o que se tem impropriamente chamado desdobramentos da personalidade, nos casos que se apresentam naturalmente; depois, os provocados por manobras hipnóticas e assim poderemos verificar que a individualidade é *una*, embora revestindo aspectos diferentes; que é proteiforme, posto que substancialmente idêntica, ainda quando nela pareçam coexistir diversas personalidades.

Sobretudo, é preciso não perder de vista que a manifestação do Espírito encarnado liga-se rigorosamente ao estado físico do corpo material e que qualquer alteração ou mudança neste resulta em perversão e falseamento do mecanismo intelectual.

Outra razão incita-nos a estudar particularmente o assunto, qual a de haverem procurado nestes fenômenos uma arma contra a realidade de umas tantas manifestações espíritas.

Quando se estuda o Espiritismo, verifica-se, às vezes, que alguns médiuns adormecem espontaneamente e entram a falar. Notou-se que essas elocuições não tinham, as mais das vezes, qualquer relação com as idéias do médium no seu estado normal

e que o novo ser, que dessarte testemunhava a sua presença, dava pormenores, relatava episódios que o médium em absoluto não conhecia. Por vezes, a nova individualidade exprimia-se em idioma estrangeiro, de que o médium não tinha a mínima noção.

Neste caso, dizem os espíritas, trata-se de pessoa que viveu na Terra que se apodera do organismo do médium e dele se utiliza para comunicar-se. A esse fenômeno denominaram *encarnação*.⁷⁹

Temos descrito e comentado esse fenômeno em livro anterior,⁸⁰ e não cabe aqui reincidir; mas, esses diversos aspectos da personalidade permitem-nos estudar experimentalmente a memória, o que tem para nós grande valor.

Por bem compreender os fatos seguintes, importa não esquecer que, para tornar-se consciente um fenômeno, ou seja, para que o espírito o perceba, duas condições impõem-se como indispensáveis: *intensidade e duração*.

Para experimentarmos uma sensação, importa tenha a causa excitante um certo grau de energia, um mínimo de intensidade variável, necessariamente, conforme a delicadeza dos órgãos sensoriais de cada um; mas, não há concluir daí que, em não ser percebida, a sensação se perca. Seria um grave erro o supô-lo, porque, sem embargo, ela registra-se no perispírito, em estado de inconsciência.

Assim, também, a durabilidade da excitação torna-se condicional indispensável à percepção. Toda ação sensorial que não tem o mínimo de durabilidade não desperta a consciência, mas se grava no perispírito, e possível será encontrar-lhe o vestígio, mediante uns tantos processos. Em suma: intensidade e duração são funções que variam com o estado de sensibilidade individual. Se a criatura tem o organismo muito delicado, muito sensível, a sensação será mui rapidamente percebida, o que vale por dizer curtíssimo o tempo de reação.⁸¹

Se, ao invés, se tratar de um organismo grosseiro, a percepção será mais lenta, a ação demandará mais tempo, e mesmo – qual se dá com os histéricos e anestesiados – a sensação não será

percebida, absolutamente, pelo membro lesado, registrando-se, embora, no perispírito.

Pode também ocorrer que, no estado normal, não tenhamos consciência de todas as sensações corporais, como, por exemplo, quando temos o espírito absorvido, concentrado numa idéia.

Se o espírito estiver grandemente preocupado com assuntos absorventes, com trabalhos mentais muito abstratos, ou ainda sob a impressão de um desgosto profundo, *ipso facto*, perturbadas as relações normais da alma com o corpo, deixa de existir a consciência das sensações exteriores, mas nem por isso o cérebro deixará de reter a impressão e apossar-se da modificação sobrevida. A fase psíquica, ou consciente, não vinga existência; mas a etapa fisiológica, que é fundamental, subsiste. Não será, pois, de admirar que encontremos indícios desse trabalho cerebral, que não logrou atingir primordialmente a consciência. Mas, para isso, diga-se, é preciso que haja um abalo orgânico, um eretismo particular do sistema nervoso, que reponha o indivíduo no estado em que ele se encontrava quando se registrou a sensação inconsciente.

Isto posto, vejamos o que devemos entender por personalidade.

A personalidade

Já vimos que a memória é uma condição quase indispensável à personalidade, pois ela é que liga o estado de atualidade aos estados anteriores e nos afirma sermos hoje o mesmo indivíduo de há vinte anos. É a memória que constitui a identidade, porquanto, ao mesmo passo que persistem as sensações presentes, surgem, por ela evocadas, as imagens antigas, que são, senão idênticas, ao menos muito análogas. Uma árvore, por exemplo, vista agora – imagem presente, atual –, desperta em nosso espírito meia dúzia de lembranças quase idênticas, embora estejamos contemplando uma outra árvore. Do mesmo modo, um barco suscitará outra meia dúzia de imagens que serão ainda idênticas, seja qual for o barco entrevisto. Ainda em consequência da associação e complexão das idéias, não será preciso avistar um

barco para reviver essas lembranças, que poderão aflorar da contemplação de uma praia, de um rio, de um objeto qualquer que lembre, ainda que longínqua, a idéia de barco.

Nossa consciência está, por conseguinte, sempre presente a um certo e limitado número de imagens remotas, e sempre as mesmas, mais ou menos. Essas imagens, iterativamente reconduzidas ao mesmo *ego*, constituirão a personalidade do indivíduo, que se tornou estável, pela comunidade das mesmas.

Se, em conseqüência de um estado psíquico qualquer, as imagens ordinárias e comumente presentes à consciência se obliterarem de chofre, e se, por outro lado, aparecerem imagens até então desconhecidas, segue-se que o mesmo *eu* não mais se reconhece, julga-se outro e é todo um novo estado consciencial que emerge. Emerge, porém, na mesma individualidade. Os sonâmbulos apresentam, quase sempre, esse caráter, esquecendo-se, ao despertarem, do que se passou no sono. Mas, o que prova a integridade individual é que o segundo aspecto da personalidade, isto é, o personagem sonambúlico, conhece a pessoa normal, como veremos dentro em breve.

Essa falta de ligação, essa descontinuidade entre dois períodos da mesma existência psíquica, explica todos os fenômenos, desde que se tenha em vista um segundo fator da personalidade, que é o sentimento da vida.

Todos temos a noção de vivermos corporalmente, como bem o demonstrou Louis Pisse⁸² em contradita à doutrina de Jouffroy, que afirmava não conhecermos o corpo senão de um modo objetivo, tal como conhecemos um objeto estranho, um pano, um móvel, etc.

O médico filósofo responde:

“Será mesmo verdade que absolutamente não tenhamos consciência do exercício das funções orgânicas? Se com isso quisermos dizer que se trata de uma consciência clara, distinta, de locação determinável, qual a proveniente das impressões exteriores, é evidente que a não temos; mas, isso não obsta a que tenhamos uma consciência surda, inaudível, obscura e, por assim dizer, latente e análoga, por exemplo, à que provoca e acompa-

na os movimentos respiratórios, sensações que, apesar de incessantemente repetidas, passam como despercebidas.

“Não poderíamos, então, considerar como ressonância longínqua, fraca e confusa do trabalho vital universal, esse notório sentimento com as impressões acidentais ou locais, que, na vigília, despertam, estimulam e entretêm o jogo da sensibilidade.

“Estas sensações, ainda que incessantes, não fazem senão aparições fugazes e transitórias no teatro da consciência, ao passo que o sentimento em apreço dura e persiste, abaixo do cenário móbil. Condillac chamava-lhe, aliás com muita propriedade, o sentimento fundamental da vida, e Maine de Biran, o sentimento da existência sensitiva. É por ele que o corpo se figura ao *eu* como propriedade *sua*, e que o Espírito se reconhece, de qualquer modo existente e íntegro, na extensão do seu organismo. Monitor perpétuo e indefectível, ele fornece à consciência, incessantemente, o controle do corpo, manifestando assim, da maneira mais íntima, o laço indissolúvel da vida psíquica e da vida fisiológica.

“No estado normal de equilíbrio que caracteriza a saúde perfeita, esse sentimento é, qual dizíamos, contínuo, uniforme, sempre igual, o que lhe impede chegar ao *eu* no estado de sensação distinta, especial e local. Para que se torne distintamente notado, faz-se-lhe preciso adquirir uma certa intensidade.

“Nesse caso, traduz-se por uma vaga sensação de bem-estar ou de indisposição geral, indicando, no primeiro caso, uma simples exaltação do ato vital fisiológico, e, no segundo a perversão patológica do mesmo ato. Mas, neste caso, também não tarda a localizar-se a forma de sensação particular.

“Veze há em que também se revela de maneira mais indireta e, no entanto, bem mais evidente, que é quando vem a falhar em dada região do organismo, como, por exemplo, num membro atingido de paralisia. Tal membro prende-se ainda materialmente ao agregado vivo, mas desprende-se da esfera do *eu* orgânico, se assim nos permitem dizer. Ele deixa de ser percebido pelo *eu* como propriedade *sua*, e o fato dessa separação, ainda que negativo, traduz-se por uma sensação positiva, particular, conhe-

cida de quem quer que tenha experimentado o entorpecimento completo de um membro, seja pela friagem ou por compressão nervosa.

“Essa sensação não é mais que a expressão da espécie de falha, ou queda, que sofreu o sentimento universal da vida corpórea, e prova que o estado vital do membro era real, ainda que obscuramente sentido, constituindo um dos elementos parciais do sentimento geral da vida do todo orgânico.

“Assim, o ruído monótono da carruagem que nos conduz acaba por se tornar despercebido, mas, se a carruagem pára de súbito, logo perceberemos a cessação do ruído.

“Essa analogia pode facilitar a compreensão da natureza e do modo existencial do sentimento básico da vida orgânica, que não seria, nesta hipótese, mais que uma resultante, *in confuso*, das impressões produzidas, em todos os pontos vivos, pelo movimento intrínseco das funções, trazido diretamente ao cérebro pelos nervos cérebro-espinais, ou indiretamente pelos nervos do sistema ganglionar.”

O que precisamos reter é que a individualidade constitui-se, desde o nascimento, por essa sensibilidade geral, sobre a qual as sensações virão enxertar-se e servir-lhes de laço. O perispírito animado pela força vital é que dá à alma o sentimento íntimo e profundo do *eu*. Sejam quais forem, mais tarde, as variações do estado consciente, sempre restará esse sentimento para reatar entre si os diferentes processos da vida mental, desde que as condições associativas de alma e corpo se mantenham invariáveis.

Há uma certa tonicidade geral do sistema nervoso, mediante a qual as sensações se registram. Se essa tonicidade alterar-se, variam os mínimos de intensidade e durabilidade indispensáveis à percepção. Sem embargo, o registro faz-se, mas a alma não tem dele consciência quando retorna à tonicidade normal. Com alguns exemplos, far-nos-emos compreender melhor.

As alterações da memória pela enfermidade

Um doente foi, em pleno consultório, acometido de ataque epiléptico. Breve recobrou os sentidos, mas esquecido de haver pago de antemão a consulta médica.

Outro epiléptico, caindo numa loja, levantou-se presto, e fugiu, deixando chapéu e carteira. “Só voltei a mim – dizia – depois de percorrer um quilômetro; procurava o chapéu em todas as lojas, mas, na verdade, sem noção do que fazia. Esta, a bem dizer, só me veio uns 10 minutos depois, quando chegava à estação do caminho de ferro.”

Um empregado de escritório foi, em plena atividade, e sem outro qualquer distúrbio, assaltado de idéias confusas. Lembra-se apenas de haver jantado no restaurante, e depois disso nada lhe ocorria. Voltou ao restaurante e lá lhe disseram que jantara, pagara e saíra bem disposto, como se nada sentisse. A obnubilação durara três quartos de hora, mais ou menos.

Examinemos este último caso, que explica os outros.

Durante 45 minutos, a vertigem epiléptica subtraiu ao paciente a consciência de seus atos, mas lhe deixou o automatismo cerebral, e aos olhos do público era como se nada de extraordinário lhe houvera acontecido. Que se passou, então?

Acabamos de ver que, no estado normal, cada indivíduo tem, segundo a sua constituição fisiológica, uma tonicidade nervosa que lhe é peculiar e mediante a qual se lhe registram na consciência as sensações, com um mínimo de intensidade e outro mínimo de duração. Ora, esse homem, atingido subitamente por um ataque epiléptico, tem, de inopino, modificadas as condições de funcionamento normal do sistema nervoso, de sorte a se modificarem, concomitantemente, a força vital e as vibrações perispirituais correspondentes: as sensações inscrevem-se-lhe no perispírito e a alma as percebe, mas de outra maneira que não a normal.

De modo que, voltando a si, o paciente não tem noção do que sucedeu durante o ataque, enquanto, paralelamente, o automatismo cerebral, criado pelo hábito, levava-o a proceder como se o fizesse conscientemente.

Acentuemos bem que não há duas individualidades nesse homem, que o *eu* é sempre o mesmo; mas, durante o acesso, o ritmo perispirítico variou, as sensações inscreveram-se no organismo fluídico, modificado. Quando o perispírito volta à tonicidade normal, isto é, cessada a crise, a alma não mais tem consciência do que ocorreu, pois as relações normais se restabeleceram, as sensações passaram ao inconsciente, perdeu-se a memória. É um fenômeno que pode ser assemelhado ao do sonho.

Enquanto dormimos, nossa alma mantém-se em incessante atividade, mas as sensações internas são extremamente fracas e, se parecem fortes, não é porque na realidade o seja, mas porque nenhum estado forte existe para relegá-las a segundo plano. Desde que recomeça o estado de vigília, as imagens que não tiverem senão um mínimo de intensidade passam ao inconsciente: o sonho é esquecido.

No exemplo do empregado de escritório, há dois gêneros de vida a se sucederem no mesmo indivíduo, ignorando-se uma à outra; mas a existência extranormal não durou mais do que um quarto de hora, e nós ignoramos se ela se reproduziu.

Examinemos agora um caso que amplifica o precedente e no qual duas existências desdobram-se alternativamente, estranhas uma à outra.

Personalidade dupla

Este caso foi relatado por Machnisch na sua *Philosophy of sleep*.

Jovem americana, depois de um sono prolongado, perdeu a lembrança de tudo o que aprendera. Fez-se-lhe a memória uma como *tábula rasa*. Tornou-se preciso ensinar-lhe tudo de novo. Ela foi obrigada a readquirir o hábito de soletrar, de ler, escrever, contar e conhecer objetos e pessoas que a rodeavam.

Meses depois, ei-la presa de profundo sono e, quando acordou, era qual se mostrava antes do primeiro sono, com todos os conhecimentos e recordações de sua juventude. Em compensação, nada lhe restava do acontecimento intercorrido.

Durante mais de quatro anos, essa moça passou periodicamente de um a outro estado, sempre precedidos de profundo sono.

De sua dupla personalidade, tem ela a consciência que teriam, respectivamente, da sua própria natureza, duas personagens distintas.

Exemplo: no estado primitivo possui todos os conhecimentos primitivos; e no secundário só possui os adquiridos depois da enfermidade. No estado A tem bela caligrafia e no estado B apenas garatuja, o que a escassez do tempo permitiu-lhe exercitar. Para reconhecer as pessoas, não basta lhe sejam elas apresentadas num só estado, porque o conhecimento de um não vale para o outro. E assim acontece com tudo o mais.

No caso observado, temos uma existência seccionada a intervalos mais ou menos regulares, em estados durante os quais desaparece a memória normal. É sempre após longo e profundo sono que se opera a mudança. Os estados novos religam-se entre si pela lembrança, e no período intermitente a vida normal prossegue. Aliás, foi ela quem se interrompeu, e o indivíduo partiu da vida ordinária para voltar a ela, quando cessada a enfermidade. Ao conjunto dos estados intermédios é que se denominou *dupla personalidade*. Quiseram ver no fato um segundo ser psíquico, formando-se ao lado do primeiro, com existência própria e análoga à da personalidade normal.

Esta maneira de ver firma-se na coexistência de duas memórias conscientes que se ignoram, e na circunstância do desaparecimento, no estado anormal, da memória semi-orgânica, semi-consciente, que permite falar, ler, escrever. De nossa parte, acreditamos que se não formou nenhuma individualidade secundária, cuja existência temporária mal se poderia explicar, visto que, num como noutro caso, a inteligência e as faculdades ficaram intactas. Essa senhora experimenta uma série de suspensões momentâneas da memória psíquica e semi-orgânica, e o seu *eu*, privado de associar as idéias que lhe serviam de cortejo habitual, vê-se obrigado a criar outras, mas se servindo, para isso, das faculdades habituais, que se lhe não obliteraram.

Não há, portanto, uma nova individualidade – uma personagem parasita desenvolvendo-se em detrimento do verdadeiro *eu*, e sim um novo aspecto do *eu*. Aliás, não é difícil compreender como ocorre o fenômeno.

Durante o sono prolongado, produziu-se numa perturbação da força vital, como repercussão imediata sobre o movimento perispiritual. Variante a força vital, nos centros cerebrais e no sistema nervoso, onde residem as memórias psíquicas, semi-orgânica e semiconsciente, *ipso facto* muda-se a relação habitual do perispírito com o corpo.

As sensações antes registradas em dadas condições de intensidade e duração não mais podem reaparecer no campo da consciência, pois que outros são, agora, os mínimos de intensidade necessários à revivescência das sensações. O *eu* terá perdido a lembrança do passado. Importa não esquecer, nunca, que é o estado do corpo, *durante a vida*, o regulador da atividade intelectual.

As novas sensações, as dos estados intermédios, vão acomodar-se aos novos estados, registrar-se-ão no órgão material e no invólucro fluídico, simultaneamente modificados pelo novo *tônus* vital.

Elas estarão, por assim dizer, sobre um outro plano vibratório e poderão associar-se entre si. O *eu* terá delas consciência, poderá associá-las e formar um segundo reservatório, menos copioso que o primeiro, mas suficiente às necessidades diárias.

Ao reaparecerem as condições primitivas, isto é, quando a atividade vital retomar a tonicidade ordinária, as antigas sensações poderão renascer no campo da consciência, com exclusão das novas, naturalmente. Haverá, portanto, duas memórias para o mesmo *eu*, como poderão apresentar-se três, se três vezes mudar o estado geral da força nervosa, ou seja, as condições de registro das sensações.

Temos de reclamar mui especialmente a atenção do leitor para este ponto, pois aí é que devemos, a nosso ver, procurar a explicação desses diferentes estados do *eu*, denominados segundos, terceiros, etc.

Parece-nos que, seja por moléstia, seja por ação anestésica, ou pela de irritantes físicos do sistema nervoso, ou pelo magnetismo animal, alterando-se o estado vibratório da força vital, em consequência se modificam as condições ordinárias da percepção.

Essas percepções registram-se mediante novo ritmo vibratório, noutras condições de intensidade e duração, que persistem enquanto se mantém a perturbação vital, para recaírem no inconsciente logo que o ritmo se restabelece, mas prontas a reaparecerem todas as vezes que se mergulhe o indivíduo no segundo estado.

Essa hipótese explica satisfatoriamente a ocorrência de duas memórias distintas que se ignoram e poderá, igualmente, explicar todos os fenômenos observados, mesmo quando uma das memórias abranja o conjunto dos dois estados da vida, suposto que o segundo estado seja apenas uma como exaltação do movimento vital. Com este reparo passarmos ao exame doutros fatos.

História de Félida

Até agora, temos visto casos nos quais os aspectos do *eu* ignoram-se. O *eu* normal não conhece os atos praticados durante os acessos, assim como, nos intervalos, também se não lembra da sua vida normal.

O Dr. Azam publicou um caso de longa duração, importantíssimo, e que serviu de ponto de partida para observação de muitos outros.

Pensamos de nosso dever reproduzi-lo com muitos pormenores, por isso que é um caso típico.⁸³

Félida nasceu em Bordéus, em 1843. Seus pais eram sadios. Aos treze anos, sobrevindo-lhe a puberdade, começou a apresentar sintomas de histeria incipiente. Boa operária, inteligência desenvolvida, trabalhava, por jornada, como costureira.

Aos quatorze anos, sem motivo conhecido, e às vezes levada por alguma emoção, sentia uma dor nas têmporas e caía em profunda prostração, semelhante ao sono. Esse estado durava dez minutos, mais ou menos. Depois, abria espontaneamente os

olhos, como se acordasse, e entrava no segundo estado, a que convencionaram chamar *condição secundária*.

Durava isso uma ou duas horas, até que reapareciam a prostração e o sono, voltando a paciente ao estado normal.

Era uma espécie de ataques que se repetiam com intervalos de cinco ou seis dias. Tendo em conta aquela mudança de atitudes no estado secundário, e o seu completo esquecimento ao despertar, os pais da moça e quantos se lhe acercavam na intimidade acreditaram tivesse ela enlouquecido.

Chamaram o Dr. Azam, isto em junho de 1858. Em outubro do mesmo ano, eis o que ele nos diz:

“Félida é morena, estatura mediana, assaz robusta e bem disposta; muito inteligente e bastante instruída, em relação à sua condição social, também se lhe nota um caráter melancólico e grave. Assim, fala pouco, sua conversação é séria, seus desejos ponderados e grande o seu devotamento ao trabalho. Os sentimentos afetivos não me parecem muito desenvolvidos. O que particularmente impressiona é o seu aspecto sombrio e a sua discrição, quase mutismo, que apenas dá para responder ao que se lhe pergunta, e nada mais.

“Se examinarmos com solicitude o seu estado intelectual, achar-lhe-emos perfeitamente razoáveis os atos, as idéias, a conversação.

“Quase diariamente, sem causa conhecida, ou premida por alguma emoção, ela é tomada pelo que chama a *sua crise*. De fato, entra num segundo estado. Assentada, costura em mãos, de repente, sem que algo o faça prever e após uma dor violenta nas têmporas, pende-lhe a fronte sobre o peito, as mãos imobilizam-se, caem-lhe os braços a fio e dorme, ou parece dormir; mas, dorme um sono especial, visto não haver barulho, excitação, alfinetada, que a despertem. De resto, esse letargo apresenta-se absolutamente subitâneo, durando dois a três minutos. Outrora, era muito mais longo. Por fim, ei-la que desperta, mas não já no estado intelectual anterior ao sono. Tudo se apresenta diferente: ela levanta a cabeça e, de olhos abertos, saúda, sorridente, os circunstantes, como se tivessem chegado naquele momento. O

rosto, antes sombrio e inexpressivo, como que se ilumina e transpira alegria; a palavra é incisiva, lesta, e ela continua, cantarolando, o trabalho de agulha começado no estado precedente.

“Levanta-se, a seguir, caminha lépida e, se algo se queixa, é das muitas dores que pouco antes a torturavam. Despreocupa-se, então, dos trabalhos caseiros, passeia pela cidade, diverte-se enfim. O temperamento se lhe transformou por completo, de triste fez-se jovial, a imaginação como que mais se exalta e pelo menor motivo comove-se, na tristeza como na alegria. Passou da indiferença à supersensibilidade.

“Nesse estado, lembra-se perfeitamente de quanto ocorreu nos estados análogos, anteriores, bem como da sua existência normal. Nesta condição, tanto como na outra, as faculdades intelectuais e morais, posto que diferentes, podem dizer-se íntegras: nenhuma idéia delirante, nenhuma apreciação falsa, nenhuma alucinação! Félida é simplesmente uma outra criatura, e nada mais.”

Pode dizer-se, mesmo, que neste segundo estado, nessa *segunda condição* – como diz Azam –, todas as faculdades parecem mais desenvolvidas e mais perfeitas. A segunda existência, em que a dor física se torna insensível, é muito superior à outra, sobretudo pelo fato extraordinário de facultar a Félida a lembrança, não só do ocorrido durante os acessos precedentes, como o concernente à sua existência normal; ao passo que, durante a vida normal, não se lembra, em absoluto, do que lhe ocorreu durante os acessos.

A separação das duas vidas é tão radical que, tendo-se entregado, no estado secundário, a um rapaz que lhe prometera casamento, em regressando ao estado normal foi acometida de convulsões histéricas quando o médico, consultado sobre a dilatação do ventre, declarou-lhe que estava grávida.

A condição secundária, que em 1858 e 1859 não correspondia a mais que um décimo da existência, mais ou menos, foi-se amiudando e aumentando em duração, de modo a igualar e

ultrapassar a vida normal, até chegar gradualmente ao estado atual.

Presenciamos, aqui, dois aspectos do mesmo *eu*: no estado secundário, Félida sabe que é sempre o que foi. consciente de sua identidade e do prosseguimento da sua existência. Seu caráter mudou; porque as dores lhe diminuíram, sente-se menos subjugada que no primeiro estado e reflete a sua alegria. Qualquer de nós pode constatar as diferenças que a doença acarreta ao caráter. Não há, por isso, que inventar uma segunda individualidade. Retornando ao estado normal, Félida experimenta todos os dissabores provenientes do olvido, já não tem a noção dos seus negócios, quais as visitas emprazadas, os compromissos assumidos, etc. Dessarte, vê-se obrigada a escrever o que lhe cumpre fazer, sempre que, no estado secundário, prevê a crise de regressão ao estado normal.

Esses cuidados, aliados à enfermidade, podem muito bem modificar-lhe profundamente o caráter; mas nada autoriza a crer que haja nela duas individualidades distintas. Não é raro, infelizmente, encontrarmos criaturas extravagantes, incoerentes, de gênio caprichoso, e não há necessidade de recorrer à intermissão de uma personalidade suplementar para lhes justificar o caráter ora meigo, ora irascível.

Acreditamos, portanto, que se não legitima aqui a presunção de duas individualidades distintas, antes nos parece mais verossímil e racional a manifestação de dois aspectos diferentes da mesma individualidade.

Esta manifestação difere da precedente, pela circunstância de Félida conhecer toda a sua vida no estado secundário e esquecer, no estado normal, tudo quanto se passou durante a crise. Bastará supormos que essa crise, exaltando-se, modifica a força vital, para compreender o fenômeno.

Se o ritmo ondulatório dessa força muda de freqüência e torna-se mais rápido, o sistema nervoso será mais vibrante, mais sensível, mais delicado; não só poderá reproduzir as antigas sensações, mas também as novas registrar-se-ão no perispírito, com um mínimo de intensidade mais fraca do que durante a vida

normal, de sorte que, ao reaparecer o estado primário, impossibilitará o *eu* normal de conhecer o que se registrou durante a crise.

Presumimos o aumento de frequência vibratória do perispírito, porquanto, conforme uma experiência de Binet, que adiante veremos, o tempo de reação diminui, durante o sono hipnótico, para as sensações inconscientes. Supomos, então, que a crise tem, como tem o sono magnético, a virtude de aumentar e apurar as percepções sensoriais, visto que estas não mais se fazem pelos órgãos dos sentidos, e sim diretamente pelo perispírito, como vamos constatar num outro caso de dupla personalidade.

A história da Senhorita R. L.

O Dr. Dufay⁸⁴ começou a tratar da senhorita R. L. em 1845, e teve ocasião de observá-la quase cotidianamente, durante 10 anos.

A paciente contaria, então, os seus 28 anos. Alta, magra, cabelos castanhos, gozava boa saúde, posto que excessivamente nervosa e sonâmbula, aliás, desde os verdores da infância.

Os primeiros anos, passou-os no lar paterno, lar camponês. Mais tarde, fez-se dama de companhia, servindo em casa de famílias ricas, com as quais viajou muito. Depois, acabou escolhendo uma profissão sedentária: fez-se modista.

Vejamos a descrição da primeira modalidade da sua crise histérica: sonhando, ela vê a genitora e quer partir imediatamente para a sua aldeia; faz, apressada, um grande embrulho, pois a “carruagem está à sua espera”... Corre, então, a despedir-se das pessoas da casa, e não o faz senão derramando lágrimas abundantes; admira-se de encontrar no leito essas pessoas; desce rapidamente as escadas para só deter-se à porta da rua, da qual se teve o cuidado de retirar a chave. Aí, abate-se desolada e resiste, tenaz e longamente, à pessoa que insiste para que volte ao leito, a queixar-se amargamente da “tirania com que a tratam”.

Termina, mas não sempre, por voltar à cama, as mais das vezes sem se despir completamente. Esta circunstância é tudo o que lhe indica, quando desperta, não ter dormido tranqüila, visto nada recordar do que se passou durante o acesso.

Eis agora a segunda modalidade: São 8 horas da noite, mais ou menos, diversas obreiras trabalham em torno de uma mesa sobre a qual está a lâmpada. R. L. dirige a tarefa, compartilha dela ativamente e, o que é mais significativo, conversando com jovialidade, quase sempre. Súbito, ouve-se um barulho... É a cabeça da moça que se abateu sobre a mesa, pendido o busto para a frente. Assim começa o ataque. Aquela pancada, que impressionou a assistência, não lhe causou a mínima dor; ela perfila-se dentro em pouco, tira os óculos, agastada, e continua o trabalho encetado, *não precisando agora das lentes côncavas* que a ela, grande míope, tão necessárias se lhe fazem no estado normal. E agora, ei-la *que se coloca de jeito a que a costura se exponha o menos possível à claridade da lâmpada*. Se precisa enfiar a agulha, leva as mãos *debaixo da mesa* como que procurando a sombra e consegue, em menos de um segundo, o que no estado normal não logra sem dificuldade e só depois de muitas tentativas, mau grado o *auxílio dos óculos e da lâmpada*.

Falte-lhe um retalho, uma fita, uma flor de tal ou tal matriz, ela se levanta e vai, às escuras, procurá-las e encontrá-las mesmo fora dos lugares próprios, e aí, sempre no escuro, compara e separa o que lhe convém, sem jamais se equivocar.

Pelo costume que tem de trabalhar conversando, quem não presenciasse o começo do acesso jamais perceberia qualquer alteração, se a senhorita R. L. não mudasse a sua maneira de falar, logo que entra nesse estado a que chamaremos secundário.

Assim é que entra a baralhar o pronome pessoal *eu* com a flexão *mim*, qual o fazem as crianças, e usando a terceira pela primeira pessoa do verbo. Por exemplo: *quando mim está estúpida* quer dizer *quando estou no estado normal*.

Certo que a inteligência, já acima do vulgar no estado normal, adquire, durante o ataque histérico, notável desenvolvimento; *uma amplitude mnemônica considerável* permite à paciente minudenciar episódios conhecidos e ocorridos em qualquer época, quer coincidindo com os seus períodos normais, quer com os do estado histérico.

De todas essas recordações, contudo, as inerentes ou relativas aos períodos histéricos obliteram-se completamente, logo que termina o acesso. Aconteceu-me muitas vezes – diz Dufay – provocar a sua admiração, e até estupefação, lembrando-lhe procedimentos e atitudes da *estúpida criatura*, assim conceituada por ela, mas que a criatura histérica me havia revelado. Há assuntos que a senhorita R. L. trata com a maior naturalidade no estado histérico, mas suplicando que não se fale deles *à outra*, porque, diz, “*mim* sabe que ela não vo-los quer confiar, e tornar-se-ia muito infeliz”.

As pessoas do seu convívio cuidam, pois, de poupar-lhe a mágoa de saber que cometera uma indiscrição ou fizera qualquer confidência, que ela própria prejudicava lhe haveria de ser profundamente lastimável.

R. L. tem a noção perfeita da superioridade intelectual de uma das suas personalidades, bem como da notável acuidade dos seus sentidos no estado secundário. Normalmente míope, adquire, no estado histérico, uma vista admirável, não só durante o dia como à noite. Paladar, olfato, tato, não parecem modificados, mas a alma adquire extrema sensibilidade.

“Pensei – diz o Dr. Dufay – que essa indisposição diminuiria com a idade e acabaria por desaparecer naturalmente.

“Mais tarde, informaram-me de que assim foi, depois de uns 15 anos.”

No seu período de histeria, R. L. sabe perfeitamente que é a mesma criatura do estado normal e, no entanto, desejaria permanecer no estado secundário, de vez que, neste, passa melhor e as suas faculdades são mais ativas.

Há, portanto, exaltação da personalidade normal, mas não mudança do ser. A alma é sempre a mesma, mais afinada e menos engolfada no corpo.

É essencial, com efeito, notar que, assaz míope no estado normal, a sua vista tornou-se não apenas excelente, mas superaguda nos períodos histéricos. Assim é que não mais necessita dos óculos e enxerga no escuro, a ponto de enfiar agulhas, distinguir cores, etc. Não se trata de automatismo, porque ela procura e

encontra os mesmos objetos noutras gavetas, quando mudados sem que o saiba. Mais: não há meio de enganar-se, parecendo até que distingue melhor os ditos objetos do que no seu estado normal.

Como explicar essa retificação do órgão visual? Mudaram-se-lhe os olhos? Ter-se-á subitamente achatado o cristalino, antes tão acentuadamente bombeado? Não, certo, pois restituída ao estado normal, continua míope.

É, portanto, forçoso admitir que esse segundo estado lhe defere maior sensibilidade visual, e isso independentemente dos órgãos sensórios. Parece-nos difícil recusar, neste caso, o fenômeno da vista dupla. O paciente não mais percebe o mundo pela forma habitual, desprendido, em parte, do seu corpo, ou, então, de qualquer forma, menos peado que no estado normal. O perispírito radia em torno dele, o corpo fluídico entra, seja como for, num estado de tensão superior ao normal, e daí a acuidade de memória dos estados remotos. A doença é que determina o eretismo da força vital. Desde logo, diminuem os mínimos de intensidade e duração necessários para que o estado normal se revele consciente. Tudo que venha a ocorrer no estado secundário será perfeitamente registrado no cérebro, mas num sintonismo cérebro-celular já não compatível com a vida ordinária. De sorte que, libertada da crise, a senhorita R. L. não se lembrará do que pudesse ter dito, ou feito, durante o estado histérico; ao passo que este, com o lhe facultar maior sensibilidade, permite-lhe conhecer o que se passa em ambos os estados.

Os fenômenos precedentes são em tudo semelhantes aos que se observam no sonambulismo espontâneo ou provocado.

É fato mil vezes comprovado que o sonâmbulo pode, em transe, lembrar-se de episódios passados, de conversas havidas nos transes anteriores, perdendo de tudo a noção quando e logo que desperta.

Os antigos magnetizadores e hipnotistas não julgaram necessário criar uma individualidade suplementar, para esclarecer esse esquecimento parcial, quando tão facilmente podemos verificar

que é a mesma individualidade manifestando-se com caracteres diferentes, sempre que lhe superexcitam as faculdades naturais.⁸⁵

Poder-se-á ter qualquer dúvida quando duas pessoas parecem coexistir, viver simultaneamente no mesmo indivíduo, qual o pretende Binet; mas, ainda neste caso, supomo-la derivada de insuficiente interpretação dos fatos, como teremos ocasião de ver.⁸⁶

O sonambulismo provocado

Numerosos são os meios eficazes para provocar o sonambulismo. Tão numerosos, mesmo, que seria fastidioso aqui apresentar uma lista completa e heteróclita.

Um dos processos mais usados pelos hipnotistas é o de Braid, que consiste na fixação do olhar. O paciente assenta-se, faz-se silêncio em torno e o experimentador pede-lhe que fixe o olhar num objeto qualquer, brilhante ou não, isto à medida que lho vai aproximando dos olhos, de modo a determinar uma convergência forçada e fatigante dos globos oculares.

Ao fim de algum tempo, a visão perturba-se, as pupilas tremem, contraem-se, o paciente adormece.

Também se pode hipnotizar produzindo um ruído monótono e prolongado, ou violento e subitâneo. Igualmente um jacto de luz elétrica –, a compressão forte ou branda de uma parte do corpo, qual o vértex nos histéricos; a constrição dos polegares, os passes magnéticos, são outros tantos meios de hipnotização. Finalmente, também se emprega a sugestão, que consiste em cerrar as pálpebras do paciente e ordenar-lhe imperativa e reiteradamente que durma, para que o efeito se produza. Depois de repetidas experiências, a manifestação torna-se mais fácil, bastando, às vezes, a mais leve excitação, um sopro, um gesto, para que o sono se produza.

Podemos resumir todos os processos de consecução do fenómeno, nas pessoas a ele predispostas, classificando-os como outros tantos excitantes do sistema nervoso. Estes, sabemo-lo, são de três espécies: físicos, químicos e vitais.⁸⁷

Os irritantes físicos são: o ruído fraco e prolongado, ou brusco e estridente; a luz viva e de súbito projetada; as correntes elétricas demoradas e fracas, o ímã, as chapas metálicas de Burcq.

Os irritantes químicos são: o éter ou o clorofórmio, que, produzindo anestesia, muitas vezes ensejam o sonambulismo.

Entre os excitantes mentais, o melhor é a vontade, utilizada na sugestão verbal. Pode empregar-se simultaneamente, às vezes, vários desses processos, como nos passes magnéticos, nos quais ações brandas e repetidas sobre a sensibilidade geral conjugam-se à vontade de produzir o sono.

Todos esses processos, tão variados, resultam na modificação da força nervosa, engendrando uma espécie de eretismo e tendo por conseqüência a mudança das relações normais da sensação – portanto, a do estado vibratório do perispírito. Em sobrevindo essa mudança, temos o sonambulismo, que se manterá enquanto atuar a ação perturbadora.

Quem – pergunta Pierre Janet⁸⁸ – não se surpreende ao ver que uma histérica anestesiada no estado de vigília torna-se sensível no estado cataléptico? Torcei o pulso esquerdo de Leonina ou de Lúcia, despertas, e vereis que nada sentem; entretanto, se o fizerdes quando cataleptizadas, ainda que elas o não vejam, é possível sugerir-lhes um sentimento de cólera. Meta-se uma chave na mão esquerda de Leonina, em vigília, e ela não perceberá o que seja: façamo-lo no estado cataléptico e havemos de ver que logo gesticula como procurando abrir uma porta. Existe, portanto, no estado cataléptico uma correspondência tátil, inexistente no estado de vigília. Logo, não há que nos admirarmos maiormente se essas duas criaturas se esquecerem, no estado de vigília, de qualquer fato, para o relembrem sonambulicamente, ou seja, quando experimentam a sensação tátil.

Essa maneira de ver confirma a opinião por nós emitida⁸⁹ há mais de 10 anos, a respeito das modificações do perispírito e consecutivas às variações da força psíquica nos centros nervosos. Temos, assim, a satisfação de registrar que as numerosas experi-

ências posteriores mais não fizeram que confirmar o nosso ponto de vista a respeito.

Não é por mera satisfação de amor-próprio que assinalamos aqui o fato, mas por bem demonstrar que o conhecimento do perispírito, com as suas propriedades, permite-nos marchar firmes no dédalo complicado das experiências, tantas vezes contraditórias na aparência. O estado oriundo das manobras retrodescritas é, portanto, uma exaltação da sensibilidade. É uma espécie de desprendimento da alma. O perispírito fica menos tolhido pelo corpo, os liames habituais momentaneamente se afrouxam.

Esta ação pode ser levada até ao desdobramento, adquirindo os sentidos uma acuidade extrema, visto que a sensação não mais se exerce pelos órgãos dos sentidos. Eis por que um surdo ouvirá perfeitamente⁹⁰ e outro, cego e insensível, demonstra um tato refinado e enxerga até no escuro,⁹¹ como vimos no caso da senhorita R. L.

A célebre Estela do Dr. Despine (de Aix) era, quando em vigília, impotente e parálitica e, no entanto, sonambulizada, podia correr e saltar com agilidade.⁹² Subentende-se que o fenômeno pode apresentar-se em todos os graus, mas, nos indivíduos mais desenvolvidos é que a telestesia se torna mais freqüente. Os tratados dos velhos magnetistas estão repletos de exemplos e lamentável é que os hipnotizadores hodiernos os deixem em silêncio.

É fato que os modernos investigadores ocupam-se mais com o estudo do mecanismo do Espírito do que com o conhecimento da sua verdadeira natureza.

Em sua maioria, profundamente materialistas, eles afastam sistematicamente tudo o que lhes possa perturbar as idéias preconcebidas. Muitas vezes, acontece que os hipnotizados descrevem os Espíritos e fácil se tornaria aos investigadores levá-los a esclarecer o que houvera de real em tais descrições. Mas, para isso, necessário fora sair do campo da banalidade, além de uma grande coragem para proclamar resultados tão insólitos e impre-

vistos, qual o fez o Dr. Gibier, que teve a audácia de publicar as suas experiências espiritistas.

Isto, convenhamos, não é para todos, e também é verdade que a coragem custou-lhe caro, porque foi obrigado a exilar-se nos Estados Unidos.

Nada obstante, a verdade acabará por sair da toca. Assim como o magnetismo acabou, mascarado, forçando a porta das academias, assim também o Espiritismo acabará recebendo, com um pseudônimo arrevesado, a consagração oficial. E nós veremos, então, a turba dos imitadores atirar-se aos fenômenos, a qualificarem-nos como novidades; veremos inúmeros pseudo-sábios se vangloriarem de redescobrir o que já sabemos há mais de 50 anos.

Voltando ao nosso assunto, diremos: a modificação dos centros nervosos determina uma alteração correspondente no estado perispiritual. O Espírito, menos peado pela matéria, desenvolve as suas faculdades, os sofrimentos físicos restringem o seu domínio sobre ele, o caráter modifica-se e proporciona manifestações intelectuais elevadas e fulgurantes, como as não possui no estado normal. É o que temos anotado nos casos de sonambulismo espontâneo, com Férida e R. L., e é o que se verifica geralmente no sonambulismo provocado.

Se bem que a nossa opinião a respeito provenha dos nossos conhecimentos espíritas, ela tem sido compartilhada por um certo número de experimentadores.

Se o paciente apresenta-se, no estado normal, deprimido, pouco, o estado hipnótico proporciona-lhe as faculdades intelectuais que teria na vida comum, se a enfermidade não entorpecesse o seu funcionamento. É o que Janet verificou nos seus pacientes Lúcia, Rosa ou Leonina, que se mostravam mais inteligentes no sono do que quando acordados. O Sr. Baragnon⁹³ pensa que “este último fenômeno – o esquecimento ao despertar – faz crer seja o sonambúlico o estado perfeito”.

Myers, nos seus interessantíssimos estudos sobre a escrita automática, pergunta a si mesmo se o estado sonambúlico, ao invés

de “estado regressivo”, não poderá ser algumas vezes um “estado evolutivo”.⁹⁴

Nós não temos a menor dúvida a respeito. Quanto menos preso ao corpo estiver o Espírito, mais as suas faculdades independem das condições materiais para se manifestarem, e de feição superior às que revela no estado comum.

A duração longa dos estados sonambúlicos espontâneos não deve causar-nos admiração, de vez que temos podido reproduzir, experimentalmente, sonos artificiais muito prolongados.

O célebre abade Faria, que descobriu o hipnotismo antes de Braid, atesta⁹⁵ que alguns dos seus pacientes ficavam adormecidos durante anos e olvidavam, ao despertar, tudo quanto ocorrera no período da hipnose.

Um magnetizador chamado Chardel adormeceu duas moças no inverno e só as despertou meses depois, em plena primavera. As moças, ao despertar, ficaram surpresas com o viço e a floração das árvores, que se lembravam ter visto cobertas de neve, antes de serem adormecidas.⁹⁶

“Muitas vezes – conta-nos outro autor – eu deixava as minhas sonâmbulas adormecidas vários dias, de olhos abertos, no intuito de levá-las a passeio, sem despertar a curiosidade pública. Cheguei a prolongar por 14 ou 15 dias o transe de uma mocinha, minha empregada, e vi que, nesse estado, ela continuava desempenhando seus misteres, como se estivesse no estado normal. E, quando despertava, ficava como que desambientada, não mais se lembrando, absolutamente, do que ocorrera.”⁹⁷

Isto nos reconduz ao esquecimento que caracteriza as alternâncias de sono e vigília normais. Estudemos o que se passa no sonambulismo artificial.

Duas proposições resumem as principais modificações da memória, que acompanham o sonambulismo provocado:

- 1º) O paciente no estado de vigília não se recorda absolutamente de quanto se passou no estado sonambúlico;
- 2º) Pelo contrário, uma vez sonambulizado, ele se recorda, não só dos seus estados sonambúlicos transatos, como dos pertinentes ao seu estado de vigília.

A exatidão da primeira proposição pôde ser verificada facilmente por todos os experimentadores e assistentes.

As mais das vezes, quando se sonambuliza uma pessoa, deixamo-la nesse estado uma hora, mais ou menos, e empregamos esse tempo em promover uma série de experiências; ao voltar ao estado normal, o paciente de nada se lembra. Assim, terá de fitar o ponteiro se quiser ver as horas que esteve adormecido; se lhe apresentamos alguém no estado secundário, não o reconhecerá, não se lembrará, mesmo vagamente, de já o ter visto; mostre-se-lhe uma carta que acabou de escrever sonambulizado e ver-se-á que, reconhecendo a própria letra, não se lembra de tê-la escrito, nem pode dizer uma palavra sobre o seu conteúdo.⁹⁸

O esquecimento, porém, não constitui regra absoluta. Pode dar-se que, sendo breve o transe, o paciente desperto recorde-se de uns tantos episódios sonambúlicos. Se lhe citarmos, por exemplo, ao despertar, os primeiros versos de uma poesia antes lida, ele poderá lembrar-se dos restantes, ou ainda, como fez Delboeuf, poderemos despertá-los enquanto realizam um ato sugerido, e neste caso eles poderão recordar-se da ordem recebida. Isto, porém, não passa de raras exceções. O esquecimento é a regra geral.

Os diferentes graus do sonambulismo

Acreditou-se por muito tempo que só havia uma espécie de sonambulismo, isto é, que era um fenômeno simples e sempre idêntico. A escola de Salpêtrière demonstrou, porém, que era preciso distinguir, no estado hipnótico, três fases, a saber: a letárgica, a cataléptica e a sonambúlica. Cada qual desses estados assinala-se por caracteres físicos a eles ligados e por uma mnemônica peculiar. Já Bertrand⁹⁹ assinalava, em 1823, uma moça que evidenciava três espécies de sonambulismo e três memórias particulares, respectivamente, algo encadeadas, mas, de tal sorte que a última conhecia as outras, sem que fosse conhecida pelas que a precediam.

“Ainda que a paciente – diz ele – exercesse livremente a sua inteligência nos três estados, nada recordava, quando no estado

normal, do que dissera ou fizera nos três estados; mas, o que surpreende é que, no sono magnético, dominando, por assim dizer, todas as modalidades das vidas que vivia, ela recordava-se de tudo o que ocorria, fosse no estado sonambúlico, fosse nas crises nervosas, ou fosse em vigília.

“No sonambulismo, perdia a memória do sono magnético e a sua memória apenas se estendia aos estados inferiores.

“Nas crises nervosas, tinha, de menos, a lembrança do sonambulismo e, finalmente, no estado de vigília, como se estivesse no grau mais baixo, perdia a lembrança de tudo o que ocorria.”

O Dr. Herbert Mayo cita um caso de memória quántupla: “o estado normal do paciente era interrompido por quatro modalidades de estados mórbidos, dos quais ele não retinha qualquer lembrança ao despertar. Entretanto, cada qual dos estados conservava uma forma de memória que lhe era própria”.¹⁰⁰

O Sr. de Rochas,¹⁰¹ no seu livro sobre as forças não definidas e sobre os estados profundos da hipnose, distingue oito estados diferentes, ou antes, quatro estados: de credulidade, de catalepsia, de sonambulismo e de relação, todos eles separados por uma fase letárgica, que se acompanha de profundo suspiro. A cada estado prende-se uma lembrança peculiar.

Pierre Janet¹⁰² ilustra bem o fenômeno, referindo-se a um de seus pacientes. Assim, numera ele, para maior clareza, cada um dos estados, na ordem em que se produziram.

“Comecei – diz – por adormecer Lúcia, simplesmente, pelo processo comum, e verifiquei, a propósito deste segundo estado, os fenômenos mnemônicos peculiares a todos os sonâmbulos. Um dia, a propósito de uma sugestão que tinha em vista e não surtia efeito, ensaiei adormecê-la por mais tempo, esperando com isso aumentar o grau de sugestibilidade. Recomecei, portanto, os passes sobre Lúcia 2, como se ela já não estivesse sonambulizada. Os olhos, até então, abertos, fecharam-se, ela pendeu a frente e pareceu dormir mais profundamente.

“Houve, em primeiro lugar, uma contratura geral, que não tardou a dissipar-se, os músculos tornaram-se-lhe flácidos, como

na letargia, mas sem a aptidão das contraturas provocadas. Nenhum sinal, nenhuma palavra podia produzir o mais leve movimento. Este o estado de síncope hipnótica, já por mim assinalado. Tive ocasião de observá-lo mais tarde, muitas vezes, parecendo-me que, em alguns pacientes, constituía uma transição inevitável entre os diversos estados psicológicos. Depois de meia hora nesse sono, a paciente endireitou-se por si mesma e os olhos, antes cerrados, abriram-se a meu pedido, entrando ela a falar espontaneamente.

“A personagem que agora me falava, Lúcia 3 da nossa convenção, apresentava, sob todos os aspectos, toda uma coletânea de fenômenos curiosos. De momento, não posso assinalar mais que um – o estado da memória. Lúcia 3 lembrava-se perfeitamente da sua existência normal, assim como dos estados sonambúlicos anteriormente provocados, e de tudo quanto Lúcia 2 houvera dito. Além disso, podia referir-se, com minúcias, às suas crises histéricas, aos terrores que lhe causavam as figuras masculinas ocultas nos reposteiros, aos seus sonos naturais, em que se via a cuidar da cozinha e dos arranjos domésticos, aos seus pesadelos e episódios outros, enfim, que as Lúcias 1 e 2 jamais haviam recordado.

“Longo e trabalhoso impôs-se-me, então, o seu despertar. Após uma passagem através da síncope já descrita, encontrou-se ela em estado de sonambulismo comum; mas, Lúcia 2 já me não pôde dizer o que acabava de passar-se com Lúcia 3. Afirmava ter adormecido sem nada dizer, e quando, mais tarde, e com menor dificuldade, a reconduzi ao mesmo estado, Lúcia 3 recobrou facilmente as lembranças na aparência desaparecidas.”

Com a nossa hipótese das modificações que a vontade do operador produz sucessivamente sobre a força psíquica e, indiretamente, sobre o perispírito, é fácil compreender a formação de várias zonas, ou camadas perispirituais, cada qual caracterizada por um movimento vibratório especial, de mais a mais rápido, à medida que a ação se prolongue.

A alma registra em cada uma dessas camadas fluídicas as sensações percebidas nesse estado, e como o último é sempre superior ao antecedente, em movimento vibratório, poderá

conhecer a todos eles, visto ser o seu mínimo de duração e intensidade o mais reduzido de quantos lhe eram necessários.

Depois, cessada a ação magnética, a vibração nervosa e perispiritual diminui, uma zona mergulha no inconsciente e sucessivamente outra e outra, até que se reintegre no estado normal.

Compreende-se facilmente que, sempre que uma causa qualquer acarrete um estado vibratório já produzido, todas as lembranças desse estado reaparecerão, assim como as das zonas menos vibrantes, obnubilando a memória dos estados superiores.

Esquecimento de existências anteriores

Podemos agora compreender a impossibilidade de recordar as existências pregressas, visto que o perispírito, conjugado à força vital, tomou, ao encarnar, um movimento vibratório assaz fraco para que o mínimo de intensidade necessário à renovação de suas lembranças, ou seja, a sua passagem ao estado consciente, possa ser atingido.

Para que isso aconteça, é preciso que o ser encarnado se separe completamente do corpo físico, isto é, que morra. Neste caso, retoma ele a sua vida própria, o perispírito irradia com a sua tonalidade vibratória natural e a memória abrange, então, o panorama imenso das pregressas existências.

Nisso compreendemos, ademais, que o poder de evocação depende da elevação do Espírito. Assim como na vida sonambúlica acabamos de ver diversas fases de memória e lembrança mais ou menos amplas, segundo o grau de liberdade do Espírito, assim também, depois da morte tem ele todas as possíveis variações na força renovadora, conforme a potência vibratória do perispírito, que é sempre proporcional ao progresso moral e intelectual do ser.

Aqui na Terra é possível desdobrar a memória total do sonâmbulo, atuando sobre ele pela vontade. No espaço, os Espíritos superiores têm a mesma prerrogativa e podem, temporariamente, para melhora de um Espírito atrasado, despertar nele a lembrança de suas vidas anteriores, atuando sobre o seu invólucro.

cro perispirítico, para que reconsidere o que lhe falta, e julgue, pelo passado, o que lhe cumpre de futuro fazer para melhorar-se.

Não é por simples indução que admitimos a conservação indefinida, no perispírito, de todas as sensações, julgados e atos voluntários de nossa vida, de vez que é a experiência que no-lo prova. Existem depoimentos diversos, de criaturas afogadas¹⁰³ e salvas *in extremis*, perfeitamente concordes neste ponto: “que no princípio da asfixia tinham a noção de toda a existência transcorrida, com todos os seus mais insignificantes incidentes”. Um dos depoentes presume que os quadros de sua existência anterior ter-se-iam desdobrado em sucessão regressiva e não como simples esboço, mas com pormenores muito nítidos, formando um como panorama completo dessa existência, mesmo porque *todo ato* acompanhava-se de um *sentimento de bem ou de mal-estar*.

Em circunstâncias análogas, um homem de inteligência notavelmente lúcida transpunha a via férrea no momento em que um comboio chegava a toda velocidade. Não teve ele mais que o tempo de cair a fio comprido na entrelinha. Pois enquanto por sobre ele deslizava o comboio, a noção do perigo proporcionou-lhe à memória todos os incidentes da vida, como se o livro da consciência lhe estivesse aberto diante dos olhos.

Ainda que dando de barato qualquer exagero, diz Ribot, estes fatos nos revelam uma superatividade da memória, de que não podemos fazer nenhuma idéia, no estado normal.

Não há nisso, porém, nenhum exagero, e todas as comunicações concernentes à passagem para a vida espiritual estabelecem que, no momento da morte, dá-se uma revivescência de todos os acontecimentos da existência terrena.¹⁰⁴

Nenhum fato se perdeu; as boas e as más ações apresentam-se à consciência; há como que um balanço instantâneo, do qual resultará a nossa futura situação. Podemos, aqui em baixo, esquecer, mais ou menos, as horas aziagas em que cedemos às nossas paixões; a atividade dos negócios, prazeres e gozos, podem obliterar-se aleatoriamente, mas chegará a hora em que tudo isso haverá de ressurgir, aclarado por uma justiça inexorável. É o momento da morte. Nem uma só das testemunhas falta à

chamada, a se levantarem do passado, como acusadores inevitáveis, e nós, unicamente nós, somos o juiz dessa hora solene, para pronunciar o veredicto que determina nossa vida futura.

O que acabamos de dizer não é simplesmente paralogismo. Aqui mesmo, neste mundo, já é possível adquirir a prova de que nada se perde. Assim, o hipnotismo faculta-nos a certeza de que *todos os atos da nossa vida mental* deixam em nós estereotipada uma impressão indelével. Assim como na casca de uma carvalheira cada ano transcorrido deixa um traço inapagável, assim no perispírito os nossos anos de vida terrestre formam uma zona indestrutível, que retraça fielmente os mais fugazes movimentos do pensamento.

Nossos sentimentos, idéias e julgamentos modificam-se profundamente no decurso de uma existência. Não obstante, conservamos a mesma individualidade, os atos que praticamos aos 20 anos são outros que não os da madureza dos 40. A contradição é, muitas vezes, tão radical que chegamos a presumir dois seres distintos, a se sucederem no mesmo indivíduo.

Mas, se colocarmos o paciente nas condições da respectiva época; se revocarmos à sua consciência as horas desaparecidas, veremos que lhe renascem os acontecimentos passados, suscitados por associações de idéias formadas nessa época, e que vivem eternamente conosco, ainda quando pareçam desaparecidas para sempre nas brumas de insondável esquecimento. Deixemos falar os fatos, cuja eloquência é sempre significativa.¹⁰⁵

Se conseguirmos, por sugestão, colocar o paciente num período anterior da sua existência, revivendo nele, por momentos, uma época do seu passado, veremos que a lembrança do *eu* atual se lhe desvanece, assim como todos os conhecimentos adquiridos posteriormente à data fixada pela sugestão. Verifica-se uma separação entre o estado atual e o estado sugerido. É toda uma coleção de fenômenos atuais que desaparece, para ensejar uma síntese do passado.

Esta sugestão é a mais instrutiva, pois, em vez de uma personalidade fantástica, criada pela imaginação, o que se revela é um personagem verdadeiro. Não é, repetimos, um ser factício, que

jamais poderia manifestar-se novamente. Para levar o paciente a uma fase anterior de sua existência, os Srs. Bourru e Burot socorreram-se de dois processos: um, simplíssimo, consiste em suggestionar o paciente, persuadindo-o de que vive em tal idade, ou de que nos encontramos no ano tal; o segundo, mais complexo, mas, sem dúvida, mais interessante, é a invocação direta dum estado psicológico antigo, em data determinada. Uma vez emergente, esse estado suscita, por associação de idéias, toda uma série de fenômenos coetâneos. Assim, se o paciente fora parálitico do braço direito aos 15 anos, dando-se-lhe a sugestão da paralisia desse braço, há muitas probabilidades do reaparecimento de todas as lembranças correlatas a essa paralisia, e o paciente terá a ilusão de ter mesmo 15 anos. Podemos comparar esse fenômeno a uma corrente de idéias: se lhe puxarmos um elo, a atração transmitir-se-á aos outros elos e arrastará toda a corrente.

Eis um exemplo:

Joana R..., 24 anos, é uma moça muito nervosa e profundamente anêmica. Sujeita a crises de choro e soluços, não sofre convulsões, mas é passível de freqüentes desfalecimentos. Facilmente hipnotizável, mergulha num sono profundo e de nada se lembra ao despertar. Ordenam-lhe que desperte na idade de 6 anos. Ela se vê no lar paterno: a hora é de serão, as castanhas estão no braseiro. Tem vontade de dormir, pede que a deixem deitar-se; chama pelo irmão André, para que a ajude a concluir a tarefa, mas André diverte-se a fazer casinhas com as castanhas, em vez de trabalhar. “Preguiçoso, contenta-se em descascar dez, e eu que descasque o resto...”¹⁰⁶

De notar que nesse estado, fala no calão da sua terra, não sabe ler e apenas conhece o alfabeto. Sua irmãzinha Luísa não quer dormir. “É preciso sempre niná-la... a esta irmãzinha de 9 meses...”

Suas atitudes, vê-se, são infantis. Depois de lhe imporem a mão sobre a cabeça, dizem-lhe que dentro de dois minutos ela estará com 10 anos. Ei-la já com outra fisionomia, com outras atitudes. Agora, encontra-se em *Fraiss*, no castelo dos Moustiers, perto da sua residência. Vê e admira os quadros, pergunta onde estão as irmãs que a acompanharam, vai ver se elas vêm lá na

estrada e fala como quem está aprendendo a exprimir-se. Diz que está matriculada há dois anos no colégio das freiras, mas que deixou muito tempo de freqüentá-lo, porque sua mãe estava quase sempre doente e era obrigada a tomar conta dos irmãos. Começara a escrever ao fim de seis meses, recordou um ditado que lhe deram na quarta-feira e escreveu, *correntemente e de cor*, uma página inteira – justamente o ditado que escrevera aos 10 anos. Disse não estar muito adiantada. “Marie Coutureau terá menos faltas do que eu; estou sempre atrás de Marie Puybaudet e de Marie Coutureau, mas Louise Roland está depois de mim. Penso que Joanne Beaulieu é a que mais gazeteia.”

Disseram-lhe, ainda, que se visse com 15 anos e ela diz que está em Mortemart, em casa da senhorita Brunerie: “Amanhã vamos a uma festa, ao casamento de Baptiste Colombeau, o marechal. Léon será o meu par. Oh! vamos divertir-nos muito. Mas... oh! Não irei ao baile!... A senhorita Brunerie não quer que eu vá... Entretanto, lá estarei por um quarto de hora, sem que ela o saiba”. A sua conversa, agora, é mais desembaraçada do que há pouco. Escreve *Le Petit Savoyard*. A diferença de letra é enorme... Ao despertar, ficou muito admirada de haver escrito *Le Petit Savoyard*, do qual já não se recorda. Quando lhe mostraram o ditado dos 10 anos, limitou-se a negar que o tivesse escrito.

Vemos, nesta experiência, muitas vezes repetida por vários pesquisadores, que os fatos mais comezinhos, as reflexões mais fúteis, não se perderam. O perispírito tudo registrou, e para sempre. São recordações que dormitam dentro de nós. Estas investigações permitem compreender nitidamente que o esquecimento das passadas vidas é apenas passageiro, temporário, limitado a uma etapa terrena e que, uma vez restituída à sua verdadeira pátria, liberta das peias carnisais, a alma recupera a plenitude do seu *eu*. Nada se destrói; as aquisições feitas subsistem, eternamente guardadas. Nenhum esforço ficará perdido e volveremos a encontrar, intacto e incessantemente acrescido, o mealheiro dos nossos conhecimentos. É que o progresso espiritual segue uma rota ascendente e nada o poderia entrar. Eis por que nenhum retrocesso, nenhuma decadência se possibilitam. Quando houvermos, à custa de muitas lutas, fixado em nós um

novo conhecimento e o tenhamos bem compreendido, ele poderá apagar-se momentaneamente, mas sempre haveremos de reencontrá-lo no dia da libertação, e tão vivo e tão fresco como quando o adquirimos. Há muito que os desencarnados nos revelaram estas leis, e só hoje podemos delas facultar a prova material. Pois bem: a prova aí está feita, agora, mais uma vez, para que se reconheça que os ensinamentos espíritas estão de acordo com a ciência.

Resumo

Vimos que, para compreender os fenômenos da vida intelectual no seu conjunto, a psicologia necessita examinar as condições coincidentes com a produção do pensamento.

Durante a reencarnação, o Espírito está, pelo perispírito, tão intimamente ligado ao corpo, que toda e qualquer modificação mórbida na célula nervosa do cérebro equivale a uma alteração das faculdades espirituais.

No estado normal, as sensações, que não passam de formas de movimento, alteram a natureza do movimento vibratório da força psíquica, e se essa modificação for muito acentuada, isto é, se os mínimos de intensidade e duração forem ultrapassados, a sensação registra-se no perispírito de maneira consciente, haverá percepção, o que vale dizer que o Espírito toma conhecimento do que se passa. Se, pelo contrário, faltarem uma ou ambas as condições, a sensação registrar-se-á, mas inconscientemente.

É assim que em nós se gravam os estados da consciência: é a memória de fixação. Temos, porém, verificado que todas as sensações, como todas as recordações, não podem existir simultaneamente, e isso em consequência do enfraquecimento do seu próprio ritmo, que as faz descer, pouco a pouco, até abaixo do mínimo de perceptibilidade e entrar, assim, no inconsciente.

Todos os atos da vida vegetativa e orgânica não são conservados no perispírito, por essa maneira, durante a evolução da alma através da série de formas inferiores.

Assim, nós, em cada encarnação, adquirimos hábitos que acabam tornando-se semi-intelectuais, semi-orgânicos, como

sejam, andar, falar, escrever, esgrimir, nadar, etc. Todos esses movimentos foram originariamente conscientes, desejados. Depois, a repetição constante criou um hábito, formaram-se associações dinâmicas estáveis no perispírito com os movimentos fundamentais, estes se tornaram mais rápidos à força de repetição e, exigindo cada vez menos tempo e menos esforços, acabaram tornando-se inconscientes.

O estudo do Espírito tem de ser feito, portanto, abrangendo os seus dois aspectos: um, ativo, que é o da alma propriamente dita, ou seja, o que em nós sente, pensa, quer, e sem o qual nada existiria; outro, passivo – o do perispírito, inconsciente, almoxarifado espiritual, guardião inalterável de todos os conhecimentos intelectuais, tanto quanto conservador das leis orgânicas que regem o corpo físico.

A memória evocativa, que nos faculta recordar os conhecimentos anteriores, realiza-se por meio dos pontos de referência, cuja localização no passado nos seja bem conhecida.

Os acontecimentos agrupados em torno desses pontos, por associação de idéias, permitem, por conseguinte, transportarmos a épocas desaparecidas e conhecer o seu afastamento em relação a nós.

Essa revivescência efetua-se pela vontade auxiliada pela atenção, que tem por objeto aumentar o movimento perispiritual e imprimir a essas imagens um mínimo de movimento vibratório, suficiente para que elas se tornem conscientes.

Estudando as perturbações da memória no sonambulismo espontâneo, fomos levados a perguntar se, quando a vida mental se secciona em dois períodos e o paciente em cada estado ignora o outro estado, haveria realmente dois seres distintos, duas individualidades diferentes. Posto que a memória seja, comumente, o fundamento da personalidade, notamos ser preciso levar em conta um outro fator, qual a noção da existência. Para poder afirmar-se, no caso da memória alternante, que existe realmente uma segunda personalidade substituindo a personalidade normal, seria preciso que a segunda diferisse radicalmente da primeira e

tivesse faculdades não possuídas pelo paciente no seu estado normal.

Entretanto, qual vimos nos casos de Félida e R. L., tais variações, por maiores ou menores, não bastam para admitir-se o surgimento de uma personagem parasitária.

Pensamos que só através de uma psicologia deficiente se possa ver duas individualidades diferentes, nos estados de memória alternante.

Comparemos, por exemplo, o mesmo indivíduo aos 20 e aos 50 anos. Veremos que a evolução do *eu* foi radical, a vida se lhe modificou profundamente, outro é o seu critério, o conceito que faz do mundo, dos homens, das coisas.

A evolução operou-se em nossos conhecimentos, acrescidos e retificados em muitos pontos; as opiniões políticas, religiosas, literárias, sociais, transformaram-se; o caráter variou de um modo considerável. Poderemos inferir, daí, que tenha surgido uma outra individualidade? Jamais, visto que a memória aí está para entrosar todos os sucessivos estados conscienciais e mostrar-nos a trama que atravessamos.

Mas, suprimidas de chofre todas as lembranças dos estados intermédios, a individualidade desprovida de recursos de controle poderia acreditar-se outra. Nem poderia compreender como pensava tão mal aos 20 anos, e acabaria por abrir um vácuo enorme entre o seu *eu* atual e o daquela época.

Pois é o que sucede com os sonâmbulos, que, desprendidos, se amesquinham a si mesmos. É o caso da senhorita R. L. referindo-se à *moça estúpida*...

Alguns pacientes dizem *a outra* quando a si aludem no estado normal: é que eles estabelecem grande diferença entre os estados de transe e de incorporação, conquanto sejam espiritualmente idênticos. Não são mudanças e sim aspectos diversos da personalidade.

Também sabemos que, no estado secundário, a memória é completa, o indivíduo sente-se mais inteligente, mas não deixa de reconhecer que é sempre ele. É fácil compreender o mecanismo perispiritual que lhe assegura esse domínio.

Quando as relações de corpo e alma se alteram, produz-se um novo movimento vibratório, mais rápido; as novas sensações registram-se com os mínimos de intensidade e duração, superiores aos do estado normal, a alma tem consciência das duas vidas, dos dois estados, sua memória é integral. Reaparecendo o estado primário, as sensações do secundário voltam ao inconsciente, visto já não ter a relação normal um período vibratório capaz de as fazer renascer.

Igualmente, temos visto que o sonambulismo provocado apresenta os mesmos caracteres. Podemos provocar, artificialmente, casos análogos aos de Félida, provando, assim, que a denominação de sonambulismo espontâneo é bem justificada para esses casos de alternâncias da memória.

Mas, aqui, complica-se o fenômeno, porque ao invés de existirem simplesmente o estado natural e o sonambúlico, ocorrem diferentes sons, mais ou menos profundos, e cada qual assinado por uma memória particular, abrangendo a última todas as outras, sem delas ser conhecida. Em regra, cada memória tem conhecimento das que lhe antecedem, mas ignora as que lhe sucedem.

Ampliando, então, a nossa primeira hipótese, concluímos que há no perispírito zonas vibratórias de movimentos variados, a cada uma das quais corresponde um mínimo de intensidade, que aumenta à proporção que o sono se profunda, ou seja, à medida que a alma se desprende do corpo, para concluir que o movimento seria máximo, quando completa a separação, isto é, na morte.

E como o desenvolvimento da memória segue em marcha paralela, inferimos desse fato uma confirmação do ensino dos Espíritos, no tocante à revivescência da memória no transe da morte.

Esses fenômenos abonam a nossa opinião, visto que as pessoas milagrosamente salvas da morte viram desdobrar-se, no momento agônico, o panorama global de sua existência.

Provando as experiências hipnóticas, por outro lado, que nem uma só lembrança se perde, é fácil compreender que, no espaço, possa o Espírito recapitular todo o seu passado.

Assim se explicam, então, essas comunicações de longo fôlego, reportando-se a uma existência terrena de muitos séculos.

Não de outra forma Luís XI teria ditado sua vida à Srta. Hermance Dufaux, criança de 14 anos apenas, e médium mecânico. Os pormenores circunstanciados, que dão a esta obra um cunho tão pessoal, teriam, só por si, exigido um labor extremo de qualquer historiador erudito e, supondo-se mesmo não fosse Luís XI o inspirador, é força reconhecer que o feito provém de um Espírito dele contemporâneo e grandemente documentado. É um exemplo, entre muitos, do grande valor das mensagens de além-túmulo.

Os negadores do Espiritismo sentem fugir-lhes o terreno de sob os pés, e não tarda o momento em que estas verdades, tão longamente desprezadas, ganharão foros científicos.

As experiências diárias, em campos aparentemente estranhos ao Espiritismo, trazem-lhe, não obstante, um forte contingente de peremptórios argumentos.

Pelos fatos que acompanham a encarnação terrestre, vamos certificar-nos de que tudo se esclarece, desde que admitamos a verdadeira natureza da alma, ao passo que tudo se baralha e confunde em obscuridades, quando pretendemos atribuir somente à matéria as faculdades do Espírito.

Capítulo V

O papel da alma do ponto de vista da encarnação, da hereditariedade e da loucura

A força vital. – O nascimento. – A hereditariedade. – Pangênese. – A hereditariedade fisiológica. – A hereditariedade psicológica. – A obsessão e a loucura. – Resumo.

A força vital

No capítulo I procuramos evidenciar a existência real da força vital, independente das forças físico-químicas que regem o organismo. Nossa concepção difere dos velhos animistas e vitalistas, por não conceituarmos o princípio vital uma entidade distinta das forças naturais, e sim, apenas, uma forma de energia que até agora não se conseguiu isolar, o que o futuro, contudo, logrará fazer.

A Natureza opera sempre em continuidade nas manifestações sucessivas que perfazem o conjunto dos fenômenos terrestres.

Já no reino mineral se torna possível encontrar o traço de uma futura vida orgânica. O cristal é quase um ser vivente, visto que difere completamente da matéria amorfa, tendo as moléculas orientadas por uma ordem geométrica, fixa e, portanto, uma tal ou qual individualidade. Nele existem os primeiros lineamentos da reprodução, visto como a mínima de suas parcelas, mergulhada num soluto idêntico, permitirá o desenvolvimento regular e indefinido dessa partícula, constituindo um cristal semelhante ao primeiro. Não há, finalmente, uma só parte do seu bloco cuja avaria não se possa reparar.

A seguinte experiência não comporta qualquer dúvida:¹⁰⁷

O Sr. Loir toma de um cristal de alúmen, octaédrico (sulfato de alumínio e potássio), mutila-lhe os seis vértices, mais ou menos profundamente, e lima, depois, as doze arestas. Isto feito, mergulha o octaedro de alúmen de potassa – que é incolor – em solução saturada de alúmen de cromo (sulfato de alumínio e

cromo) – que é violeta. Ao fim de alguns dias, verificou que os seis vértices e as doze arestas se reconstituíram perfeitamente por meio do alúmen de cromo dissolvido. Era um octaedro perfeito, com vértices e arestas violeta. Terminada a reparação das fraturas, deixando-se o octaedro na dissolução violeta, começará, então, a formar-se uma camada em suas faces. Esse depósito jamais se forma enquanto as fraturas dos vértices e arestas não estiverem reparadas, isto é, enquanto a forma geométrica não for absolutamente restabelecida.

Com isto, certo, muito falta para que estejamos fronteando um ser vivo. Trata-se, na verdade, de rudimentar esboço. A matéria é ainda muito rígida; precisa maleabilizar-se; e a Natureza vai pedir essa maleabilidade aos compostos ternários e quaternários do carbono.

À medida que aumentam esses elementos, a coordenação molecular, o grupamento dos átomos e as proporções de sua agregação vão-se tornando necessariamente mais complexas e, se os elementos químicos forem dotados de propriedades favoráveis – quais uma forte afinidade química, por exemplo –, eclodirão matérias proteiformes engendrando fenômenos de natureza semelhante à dos fenômenos que caracterizam a vida, ou seja, uma extrema instabilidade do edifício molecular, uma agregação íntima muito frouxa, a faculdade de entrar em diversos estados sob a ação dos agentes externos, ou, por outra, uma tendência sempre progressiva de adaptação ao meio.

É precisamente o que se dá com os seres animados. A mais ínfima das células contém, não diferenciados, os caracteres todos da vida. Possui, em primeiro lugar, o movimento espontâneo, que o cristal jamais teve; depois, a faculdade de assimilar a matéria e desenvolver-se, não já por justaposição, como no cristal, mas, por integração e transformação do alimento, do qual só absorve o assimilável; em terceiro lugar, a reprodução opera-se de *motu proprio*, segmentando-se ao atingir um certo volume e seguindo a parte segmentada a viver, por seu turno, e a formar uma segunda célula.

Finalmente, temos a característica única e distintiva, que é a da *evolução* celular.

Apoiemo-nos nesta última característica, visto ser a que traça a linha divisória, absoluta, entre a matéria organizada e a matéria bruta.

À primeira vista, parece que a morte seja a coisa mais fácil de explicar. Diariamente, vemos morrerem os seres animados, isto é, deixarem de si um cadáver incapaz de prosseguir em suas funções, desde que os abandona esse *algo* a que chamamos vida. Mas, por que se dá isso? Por que os alimentos que desenvolveram e fortaleceram o corpo não continuam a sustentá-lo? Por que cessou, num dado tempo, o crescimento, ao invés de prosseguir indefinidamente? Problemas são estes, insolúveis para a ciência atual, visto que a noção de usura dos órgãos perdeu o sentido, depois das modernas descobertas.

Outrora, acreditava-se que o corpo humano era formado dos mesmos elementos, desde o nascimento até a morte; e nada fora mais compreensível do que a usura orgânica, utilizada por tanto tempo; hoje, porém, sabemos de fonte segura que essa crença não mais se justifica.

O corpo humano, longe de ser fixo, imutável em sua composição, varia constantemente, renova-se integralmente e essa renovação decresce à proporção que a idade aumenta.

Ora, tendo nós constatado que as variações não poderiam provir do perispírito, por ser este inalterável; nem da matéria, por ser inerte, é lógico que só ao desaparecimento da força vital podemos atribuir a morte.

Vejamos, pois, como se transmite essa força.

O nascimento

Primeiramente, vamos ver as condições materiais do nascimento, e depois procuraremos determinar o coeficiente de influência cabível a cada um dos fatores já estudados, separadamente, quais sejam: a matéria física, a força vital e a alma revestida do seu perispírito.

No gérmen que deve constituir mais tarde o indivíduo – gérmen formado pelo ovo fecundado – reside uma potência inicial,

resultante da soma das potências vitais dos genitores no instante da procriação.

Empregando a linguagem da mecânica, poder-se-ia dizer que o gérmen encerra uma energia potencial que se transforma em energia atual para o curso todo da existência. É esta uma força assaz variável, segundo a natureza dos seus componentes.

Se os genitores se encontram no vigor da idade, possuindo ambos uma vida intensa, o gérmen acumula em si uma grande energia latente; mas, se ao invés, a vida está em declínio – num ou em ambos os genitores –, ultrapassado um certo limite, não mais se transmite e a fecundação não se dará. Entre esses extremos podem existir todas as graduações de potência germinal.

A força vital é, portanto, uma energia de capacidade variável, conforme a sua intensidade primitiva, e também segundo as circunstâncias em que se desenvolve.

Poder-se-ia, grosseiramente, representá-la pelos diferentes estados de energia condensada em uma mola. A mola, comprimida, contém a força a restituir, quando se distender. De começo, ela vence as resistências e aumenta de poder, mas chega o momento em que a energia se iguala à resistência, até que esta se torna preponderante. A mola distendeu-se, desapareceu-lhe a força. Esta força, originariamente potencial, transformou-se insensivelmente em energia atual, até que seja completamente usada. E tanto que o seja sobrevém a morte.

Convém chamemos, aqui, a atenção do leitor para um ponto muito importante, em se tratando de fenômenos vitais, que é a extrema complexidade resultante da união de vários elementos.

Importa, neste caso, precatarmo-nos da simplicidade de uns tantos conceitos, como este: *tal causa, tal efeito, na causa deve haver, no mínimo, quanto haja nos efeitos*. Isto é exato, mas, para os casos em que não entrem componentes outros que os de ordem puramente mecânica. A vida, porém, resulta não só de considerações semelhantes, mas também de misturas, de combinações chamadas catalíticas, em química, que são de ordem físico-química e que escapam a toda e qualquer determinação rigorosa.

Conforme uma observação profunda de Stuart Mill,¹⁰⁸ todas as vezes que um efeito é o resultado de várias causas (e nada é mais freqüente na natureza), podem apresentar-se dois casos: ora o efeito é produzido por leis mecânicas, ora por leis químicas. No caso das leis mecânicas, cada uma das causas se encontra no efeito complexo, como se elas somente houvessem agido: o efeito das causas concorrentes é, precisamente, a soma das partes separadas de cada uma. Na química, pelo contrário, a combinação de duas substâncias produz uma terceira, cujas propriedades são inteiramente diferentes das duas outras, quer as tomemos separadamente ou em conjunto.

Assim, o conhecimento das propriedades do enxofre (S) e do oxigênio(O) não nos dispensa de estudar as do ácido sulfúrico (H₂SO₄). É que as propriedades dos corpos dependem dos movimentos atômicos de cada uma das substâncias em jogo e, quando a combinação é perfeita, o corpo dela resultante toma um movimento atômico inteiramente diverso do peculiar aos seus componentes.

O *peso* da matéria resultante é igual ao dos corpos que entram na composição, mas as propriedades são de ordem dinâmica, até agora inacessível a toda e qualquer previsão.

Nos fenômenos vitais a complexidade é muito maior que nos fatos químicos propriamente ditos, e eis por que existe, muitas vezes, tão grande desproporção entre a causa e o efeito. Uma partícula de pus no cérebro ou uma lesão apenas visível ao microscópio determinam, por vezes, a loucura, a monomania. O afluxo, ao mesmo órgão, de quantidade mínima de sangue alcoolizado engendra o delírio, e uma simples gotícula de ácido cianídrico produz a morte. Por outro lado, um espermatozoário, penetrando no óvulo, fecunda-o, engendra um novo ser, que possui formidáveis energias latentes.¹⁰⁹ Não se pode, pois, ver neste nosso exemplo da mola reprimida mais do que um esquema rudimentar, uma analogia, para recordar muito de longe os fenômenos numerosos, complexos e delicados, que ocorrem no momento da concepção.

A matéria protoplásmica do gérmen é de natureza complicadíssima, e já vimos que a multiplicidade dos elementos que a

compõem, que a sua instabilidade química, a predispõem a variações rápidas, a mudanças bruscas, a múltiplos aspectos inteiramente diferentes uns dos outros.

E preciso é que assim seja, pois essa pequenina massa, da qual vai abrolhar um ser organizado, é obrigada a transformar-se radicalmente, a evolver com celeridade prodigiosa, a revestir formas mutáveis, que fluem umas das outras, até que chegue ao tipo definitivo do ser vivente.

Vamos, agora, determinar o papel de cada um dos elementos constituintes. Segundo a hipótese das *Gêmulas* de Darwin, que mais de espaço exporemos com o nome de pangênese, é a matéria do gérmen que encerra as modificações particulares do corpo, transmitidas hereditariamente de pais a filhos.

Estamos, aqui, no terreno das hipóteses, visto que nenhum instrumento, por mais eficiente que o seja, permite lobrigar qualquer organização na matéria do óvulo. O ser vivo – diz o ilustre Baer¹¹⁰ – provém de uma *célula primitivamente idêntica* – o ovo primordial. Este se edifica por formação progressiva ou epigênese, conseqüente à proliferação desta célula primígena, que forma novas células, as quais, diferenciando-se cada vez mais, se associam em cordões, tubos lâminas, até constituírem os diferentes órgãos.

Essa estrutura vai-se complicando sucessivamente, de maneira que as formas se particularizam num crescendo, à medida que o desenvolvimento progride. A mais geral forma e a que primeiro se manifesta é a de ramificação, vindo, sucessivamente, a de classe, a de ordem, até à de espécie.

Portanto, de início, identidade fundamental de óvulo para animais e plantas; depois, nos animais, desenvolvimento serial, até o ponto atingido pelo animal na escala dos seres. No homem, o embrião reproduz, mediante rápida evolução, todos os seres pelos quais passou a raça. Todos nós fomos, no ventre materno, monera, molusco, peixe, réptil, quadrúpede, homem enfim. E, porque tenhamos visto o Espírito passar sucessivamente em todos os reinos e completar, lento, o seu progresso, fixando no invólucro um mecanismo vital cada vez mais complicado, é à

influência do perispírito, atuando na matéria, que atribuímos a rapidez dessa evolução embrionária.

A natureza, como tantas vezes temos assinalado, não dá saltos, nada organiza-se de chofre e, num ser perfeito, com todas as peças, ela parte sempre do simples para o complexo.

Assim como começou, originariamente, pelas manifestações mais rudimentares, para desenvolver, em seguida, a vida em formas cada vez mais complexas, assim também, em cada indivíduo, ela parte da primitiva simplicidade para atingir o ser superior. Somente, o que se dá é que hoje a evolução abscondida na vida uterina é infinitamente mais rápida, de modo que, se não conhecêssemos as diversas fases da vida fetal, poderíamos presumir que o ser nasce conformado, sem precedência de estados anteriores. A embriogenia, porém, instrui-nos sobre este ponto, a saber: que cada qual de nós é uma história abreviada da raça, levando em nosso ser o timbre indelével e grandioso de uma existência mil vezes secular. Portanto, a força vital, contida no gérmen, anima o perispírito e este desenvolve as suas leis. Essa força vital, contudo, foi mais ou menos modificada pelos genitores, e são estas modificações parciais que se vão reproduzir no novo ser, visto que a matéria física tem de ser organizada pelo perispírito, segundo a influência da força vital. Adiante, veremos numerosos exemplos dessa ação.

E qual será o estado da alma nesse instante? Os conhecimentos que temos, neste particular, advêm-nos dos ensinamentos ministrados pelos Espíritos, de uma época em que as pesquisas científicas ainda não nos haviam instruído de todos os fatos que acabamos de expor. Nada obstante, eles estão concordes com os dados da ciência, como é fácil de verificar-se.¹¹¹

A união de alma e corpo começa na concepção, mas só se completa no instante do nascimento. O invólucro fluídico é que liga o Espírito ao gérmen, e essa união vai-se adensando, torna-se mais íntima de momento a momento, até que se completa quando a criança vem à luz. No período intercorrente, da concepção ao nascimento, as faculdades da alma são pouco a pouco assomadas pelo poder sempre crescente da força vital, que diminui o movimento vibratório do perispírito, até o momento

em que, não atingido o mínimo perceptível, o Espírito fica quase totalmente inconsciente. Dessa diminuição de amplitude do movimento fluídico é que resulta o esquecimento.

O estado do princípio inteligente, nos primeiros tempos, é comparável ao do Espírito encarnado, durante o sono corporal: à medida que se aproxima o nascimento, suas idéias se obumbram, vai-se-lhe a noção do passado, do qual não mais tem consciência, desde que nasce na Terra. Que a operação se verifique em sentido inverso, isto é, voltando o Espírito ao espaço e retomando o seu dinamismo vibratório anterior, explícita se nos depara a restauração da sua memória.

As aquisições do passado permanecem latentes, não são destruídas; e como têm o seu fulcro, as suas raízes, no inconsciente, serão tanto mais opulentas e brilhantes, quanto mais longa tenha sido a trajetória da alma. Essas aquisições é que fazem o substrato do Espírito, isso que denominamos o *caráter*, a marca própria de cada qual, assim como os seus pendores cada vez mais amplos para as ciências, artes, letras, indústrias, etc. Há fatos irrecusáveis que o atestam, sem sombra de quaisquer dúvidas.

Se pretendermos inculcar a um Espírito menos evoluído, ou insuficientemente desenvolvido, conhecimentos muito superiores ao seu estado mental inconsciente, poderá parecer-nos que ele os assimila, mas a verdade é que apenas dormirão nele e acabarão presto esquecidos.

Tem-se notado, muitas vezes, que, nas raças inferiores, as crianças mandadas à escola mostram, a princípio, uma facilidade de compreensão surpreendente, que cessa, depois, bruscamente. Assim é que os habitantes das Sandwich têm excelente memória, decoram com rapidez maravilhosa, mas não podem quase exercer o raciocínio. “Na infância, diz Samuel Baker, o negrinho é mais lúcido do que o branco da mesma idade, mas seu intelecto não chega a dar o prometido fruto. Na Nova Zelândia, conta o professor Thomson, as crianças de 10 anos são mais inteligentes do que as crianças inglesas, mas poucos neozelandeses comportariam, em altas faculdades, uma cultura igual à dos ingleses. Uma das razões alegadas nos Estados Unidos, para não instruir os pretos em pé de igualdade com os brancos, é que, depois de

uma certa idade, os seu aproveitamento como que se paralisa, como se a inteligência do negro fora incapaz de ultrapassar um certo grau.”¹¹²

Se a evolução da alma não for lenta, não se consolidar com o tempo, a tenacidade dos instintos selvagens apresenta-se-nos quase erradicável. Eis um exemplo colhido num relatório de viagem às Filipinas, publicado na *Revue des Deux-Mondes*, 15 de junho de 1869:

“O que distinguiu sempre estes selvagens das outras raças da Polinésia é a sua paixão indômita pela liberdade. Essa repulsa dos *Negritos* (nome dado aos selvagens das Filipinas) por tudo que os possa submeter a qualquer jugo ou a regularizar-lhes a existência há de parecer sempre interessante ao viajante. Eis um exemplo do seu amor à independência:

“Numa batida de soldados indígenas à ilha Luçon, sob as ordens de um oficial espanhol, apresaram um negrito dos seus 8 anos... Conduzido a Manila, um americano requereu a sua adoção e o negrito foi batizado com o nome de Pedrito.

“Logo que atingiu a idade escolar, esforçaram-se por ensinar-lhe tudo o que fora possível adquirir naquelas regiões remotas. Os velhos moradores da ilha, que conheciam a índole dos negritos, riam-se à socapa das tentativas para civilizá-lo e prediziam que, mais cedo ou mais tarde, ele voltaria às suas montanhas. O tutor não ignorava a zombaria que dele faziam por tanta solicitude e, tomando o pião na unha, anuncia que levaria Pedrito à Europa. e, de fato, fê-lo visitar New York, Paris, Londres, só regressando ao fim de dois anos.

“Com aquela facilidade própria do negro, Pedrito voltou falando o espanhol, o francês, o inglês; só calçava botas finas, de verniz, e toda a gente ainda se lembra, em Manila, da gravidade digna de um *gentleman* com que ele aguardava o cumprimento das pessoas que lhe não eram apresentadas.

“Dois anos apenas transcorreram após o seu regresso, quando, certo dia, desapareceu da casa do protetor. Os maldizentes haviam triunfado. Nunca mais, provavelmente, poderiam saber

que rumo tomara o pupilo do ianque filantrópico, se não fora o singular encontro de um europeu.

“Um naturalista prussiano, parente do célebre Humboldt, resolvera fazer uma escalada ao Marivelez (montanha não distante de Manila). Estava a pique de galgar o cimo, quando se viu rodeado de uma nuvem de negrinhos... Aprestava-se para tirar alguns retratos, quando se lhe aproximou um indígena sorridente e perguntou-lhe, em inglês, se conhecia em Manila um americano chamado Graham... Pois era o nosso Pedrito, que logo entrou a contar a sua história. Mas, foi em vão que o naturalista procurou reconduzi-lo a Manila.”

O que assim se revela em toda uma raça igualmente sucede com os indivíduos. É notório que todos revelamos aptidões do berço. Nosso entendimento não é a *tábula rasa* imaginada pelos filósofos do século XVIII, pois a criança traz consigo, vindo ao mundo, aptidões intelectuais e vícios ou paixões que jazem latentes no seu invólucro perispiritual, para aflorarem, depois, sob o influxo das circunstâncias contingentes da vida terrena. As sensações, as idéias, as volições desta nova vida vão registrar-se no perispírito em condições particulares, mas já encontrarão um terreno preparado, não serão únicas, isoladas, e farão renascer, mais ou menos, alguns estados de consciência anteriormente percebidos. Mais: poderão revivificar certas impressões, cujas vibrações lentas se acentuarão. E assim, quanto mais velha for a alma, quanto mais tempo tiver vivido na Terra, maior será a sua bagagem inconsciente e menores esforços lhe cabem fazer para ressuscitar seus antigos conhecimentos. Daí, o profundo sentido e a absoluta justiça do apotegma de Platão: *aprender é recordar*.

Assim se explicam as aptidões extraordinárias e precoces para as artes, ciências, etc. Pico de la Mirandola, senhor, aos 16 anos, de todos os conhecimentos do seu tempo; Pascal compondo, aos 13, um tratado das secções cônicas de Euclides; Mozart, escrevendo uma ópera, aos 12, mais não fizeram que prosseguir na faina de encarnações anteriores. Certo, não se lembrariam de as ter vivido, mas, sem embargo, as aquisições anteriores aí afloravam brilhantes, porque eram Espíritos avançados, revelan-

do-se numa idade em que todas as crianças se mostram intelectualmente incipientes.

Por outro lado, pode inverter-se o fenômeno. O Espírito face-ta o corpo, mas as leis da hereditariedade podem acarretar-lhe entraves, de maneira que, durante a existência corporal, cerceada lhe fique a manifestação da inteligência em toda a sua amplitude e fulgurância. Em se lhe facultando, acidentalmente, um pouco de liberdade, vê-la-emos, então, demonstrar talentos que mal lhe suspeitaríamos em estado normal.

Vejamos um exemplo: Brierre de Boismont conta o seguinte caso, colhido de Abercombie:¹¹³

Uma pequenita de 7 anos e de ínfima condição, pastora de rebanhos, costumava dormir num cômodo contíguo ao de um tocador de violino, apenas separados por tabique. O violinista, músico ambulante e assaz vigoroso, freqüentemente executava, noite adentro, trechos escolhidos, que, para a menina, não passavam de ruídos incomodativos. Ao fim de seis meses, a pequena adoeceu e foi transferida para casa de uma dama caridosa, que a tomou, depois, ao seu serviço doméstico. Aí, passados alguns anos, eis que certa noite começaram a ouvir uma como bela récita musical. Verificaram, então, que o som partia de junto ao quarto da criada e, uma vez lá chegando, encontraram-na adormecida, a modular sons absolutamente idênticos aos de um violino. Ao fim de duas horas, começou a agitar-se e preludiou acordes que pareciam provir de um violino, visto que atacou trechos clássicos, com muito cuidado e precisão. Os sons emitidos dir-se-iam as mais delicadas modulações desse instrumento. Durante a execução, a sonâmbula detinha-se, às vezes, como para afinar o instrumento, e prosseguia com perfeita segurança o trecho interrompido, no ponto em que o deixara. Esses paroxismos sucediam-se a intervalos desiguais, variantes de 14 a 20 noites. Ao fim de dois anos, o sentido musical da sonâmbula já se não limitava ao violino, pois reproduzia os acompanhamentos do piano de casa, até que acabou cantando e imitando as vozes de todas as pessoas da família. Dentro de três anos, entrou a falar dormindo, como se estivesse lecionando a uma companheira mais nova. Era de vê-la, então, versar com exuberância e clareza

temas políticos e religiosos, assuntos de atualidade, homens públicos em evidência, etc., e, mais particularmente, sobre os membros da família e visitas da casa.

Nas suas preleções, demonstrava, amiúde, admirável discernimento, a par de uma ironia e vigor mnemônico prodigiosos. A exatidão e veracidade dos seus conceitos, fosse qual fosse o assunto, causavam sempre surpresa a quantos lhe conheciam a exigüidade dos dotes intelectuais e a limitada cultura...

Durante os acessos, era muito difícil acordá-la; as pupilas como que se insensibilizavam à luz; mas, aos 16 anos, ela começou a ocupar-se com as pessoas que a rodeavam, determinando quantas lá estivessem, posto que o quarto ficasse, de propósito, mergulhado em absoluta escuridade. Apta a responder às perguntas que lhe faziam, demonstrava, neste particular, uma argúcia surpreendente. Suas observações eram, não raro, de grande beleza, e tanto se identificavam com os acontecimentos que o povo do lugar lhe atribuía poderes sobrenaturais. Em todo o período dessa anomalia, longo, de onze anos, ela sempre se revelou, no estado normal, o que realmente era; tacanha, desajeitada, refratária a qualquer ensino, por maior que fosse o cuidado em lho ministrar. Enfim, uma inteligência em tudo inferior à das outras serviçais.

Em vigília, não tinha o mínimo gosto para a música e tampouco indiciava a mais leve reminiscência do que lhe ocorria no sono.

Essa observação denuncia-nos um caso de sonambulismo natural, quando o Espírito, momentaneamente desprendido do corpo, recobrava uma parcela de suas faculdades musicais e intelectuais, embotadas durante a vigília. O sono magnético pôde revelar, espontaneamente, a natureza culta do Espírito encarnado, o qual, no estado normal, parecia inculto.

Claro que em todas as criaturas não sonâmbulas difícil seria discernir a verdadeira natureza intelectual, pois vimos à Terra muitas vezes, e preciso é desenvolver, em cada vez, virtudes como a humildade, por exemplo, cuja aquisição se torna quase incompatível com um intelectualismo brilhante.

O Espírito escolhe, então, um invólucro refratário, que lhe impede as mais altas expressões da atividade intelectual, e, durante uma etapa terrena, poderá consagrar-se a tarefas mais humildes e, no entanto, imprescindíveis ao seu progresso espiritual.

Importa, todavia, notar que a alma nem sempre pode dar ao corpo físico a forma que desejaria. Não, ela não tem esse poder, uma vez que o invólucro corporal é construído mediante as leis invariáveis da fecundação, e a hereditariedade individual dos genitores, transmitida pela força vital, opõe-se ao poder plástico da alma. É ainda por força dessa hereditariedade que uma raça não produz seres doutra raça; que de um cão nasça um coelho, por exemplo, e mesmo, para não irmos mais longe, que uma mulher de pura raça branca possa gerar um negro, um pele-vermelha, e vice-versa. Sumamente importante o estudo das leis da hereditariedade, de vez que elas facilitam compreender, naturalmente, a transmissão de afecções mórbidas, em muitas famílias. Assim, também, as faculdades intelectuais parece que se podem transmitir de pais a filhos. Compreende-se que, se a alma ao encarnar fosse estranha aos genitores, ou deles independente, não devera herdar-lhes as disposições nocivas ou benéficas ao seu progresso.

E, como a tese materialista, que presume seja a alma uma função do cérebro, escuda-se nestes fatos para reivindicar probabilidades, preciso se torna aclarar por que assim se passam as coisas e demonstrar que as crenças espiritualistas não são, de modo algum, infirmadas.

A hereditariedade

O Sr. Ribot estudou perfeitamente a hereditariedade. Colocando-se num ponto de vista experimental estrito, ele procurou demonstrar que esse fenômeno obedece a leis físicas e que há uma hereditariedade fisiológica e outra psicológica, resultando esta daquela.

Recusando-lhe a teoria, que não nos parece justificada, porquanto sabemos que as almas têm existência individual e, por

conseqüência, que se não engendram mutuamente, vamos utilizar grande número de fatos recolhidos por esse mesmo sábio filósofo, para delimitar o coeficiente que importa atribuir à hereditariedade, nos fenômenos intelectuais.

Hereditariedade, subentende-se, é lei biológica mediante a qual todos os seres dotados de vida procuram repetir-se nos seus descendentes. A ciência contemporânea está inibida de dar qualquer noção positiva a respeito, para só se manter no terreno das hipóteses. Destas, a mais recente e melhor elaborada é a de Darwin, no seu livro *A variação dos animais e das plantas*, cujos traços gerais se encontram em *Princípios de Biologia*, de Herbert Spencer. Chama-se *Pangênese*.

Para bem compreender essa teoria, há lembrarmos que não só o organismo é um composto de células, como também que cada um desses microorganismos tem vida própria e possui as propriedades fundamentais da vida, a saber:

- a *nutrição*, que as leva a assimilar e eliminar continuamente;
- a *evolução*, que lhes faculta avolumarem-se e complicarem-se de partes mais perfeitas e numerosas;
- a *reprodução*, em virtude da qual cada célula pode engendrar outra, esta uma segunda, e assim por diante.

Virchow demonstrou que a moléstia pode limitar-se a uma única célula, de sorte que, não obstante a submissão às leis gerais do organismo, existe uma certa autonomia, podendo dizer-se, então, que esse elemento anatômico representa, no organismo, o mesmo papel do indivíduo no Estado, isto é, goza de tal ou qual independência e participando, sem embargo, do corpo social.

Já vimos que os organismos inferiores possuem um grande poder de reprodução. Mas, também algumas plantas gozam dessa propriedade em alto grau. A *Begonia phylomaníaca* pode reproduzir-se simplesmente por meio de uma partícula minimíssima de suas folhas, de sorte que uma só folha poderá originar uma centena de plantas. Estas, por sua vez, desenvolvem nas hastes e nas folhas miríades de células semelhantes, depositárias da mesma propriedade. Assim, pois, a célula original, destacando-se

da planta-mãe, levou consigo não apenas a capacidade reprodutiva, senão que a multiplicou e distribuiu por todas as células reproduzidas, e tudo sem diminuição de energia própria, durante gerações inumeráveis.

Pangênese

Para poder explicar essa potencialidade de reprodução e, em geral, a transmissão hereditária em todos os seres vivos, Darwin propõe a teoria pangenética, segundo a qual em todo o organismo cada átomo, ou unidade componente, se reproduz por si mesmo.

“Admite-se quase universalmente – diz ele – que as células se propagam por divisão espontânea, ou proliferação, conservando a mesma natureza, e convertendo-se, ulteriormente, em diversas substâncias e tecidos corporais. Ao lado dessa forma de multiplicação, suponho que as células, antes de se converterem em materiais formados e completamente passivos, emitem pequenos grânulos ou átomos que circulam livres em todo o sistema e que, ao receberem nutrição suficiente, se desenvolvem em células semelhantes às de sua origem. A esses grânulos denominaremos *gêmulas*.

“Suporemos que sejam transmitidas pelos ascendentes aos descendentes, desenvolvendo-se, em geral, na geração imediata; mas também se podem transmitir e conservar latentes através de várias gerações, reaparecendo mais tarde. É de supor que as *gêmulas* sejam emitidas pela célula, ou unidade, não apenas no estado adulto, mas em todos os estados de desenvolvimento.

“Finalmente, teriam as *gêmulas* mútuas afinidades entre elas, daí resultando a agregação em gomos e em elementos sexuais.

“De sorte que, estritamente falando, não são os elementos reprodutores que engendram novos organismos, e sim as células ou unidades do corpo inteiro.”¹¹⁴

Não se pode fazer qualquer objeção séria contra a tenuidade extrema das *gêmulas*, de vez que, sendo a noção de grandeza meramente relativa, nada poderemos julgar impossível no mundo físico.

Se considerarmos que o ascáride pode gerar sessenta e quatro milhões de ovos; que uma só orquídea tem, mais ou menos, igual quantidade de grãos; que as parcelas orgânicas, emitidas pelos animais odorantes, e que os micróbios das moléstias contagiosas devem ser de pequenez inconcebível e se multiplicam com celeridade fulminante, qualquer objeção torna-se precária.

Portanto, “é preciso considerar cada ser vivo como um microcosmo, um pequeno universo formado da multidão de organismos de uma tenuidade inconcebível e numerosos como as estrelas do firmamento”.

Esta hipótese permite a Darwin explicar um grande número de fenômenos muito diferentes na aparência, mas que a fisiologia considera fundamentalmente idênticos.

Tais são a *gemiparidade*, ou reprodução por gomos; a *cissiparidade*, mediante a qual o ser reproduz-se por seccionamento natural ou artificial das partes; a geração *sexual*; a geração independente de fecundação, ou *partenogênese*; as gerações *alternantes*; o desenvolvimento do embrião, a reprodução dos tecidos, o crescimento de novos membros em substituição dos perdidos, qual se dá com a salamandra, o caranguejo, a lesma, o lagarto, etc.; todas as modalidades de reprodução, enfim, e quaisquer que sejam as formas hereditárias.

Concebe-se que essas gêmulas, machos e fêmeas, estejam contidas no gérmen em grande número, e que, em consequência de sua evolução, o indivíduo que nasce herde as disposições particulares dos seus genitores.

A importância desse legado assinalar-se-á melhor ainda por um estudo rápido da hereditariedade propriamente dita.

Concebe-se que não possamos entrar aqui num exame circunstanciado da hipótese darwiniana. Nada obstante, advertimos desde logo que, modificadas em cada encarnação do Espírito as propriedades do seu perispírito, ficam, *ipso facto*, explicados todos os fenômenos acima enumerados.

E, assim, cremos que a nossa teoria esclarece, mais que qualquer outra, a evolução do feto. Mas, seja como for, vamos ao estudo dos fatos.

A hereditariedade fisiológica

Um fato vulgar que não escapa ao observador, por mais superficial que ele seja, é a semelhança física. Talvez não haja frase mais corrente do que esta: “Tal pai, tal filho.”

E a influência hereditária não se restringe a uma semelhança geral, porque afeta todos os membros do corpo, notadamente o rosto. Podem citar-se exemplos notáveis desse fenômeno. O cantor Nourrit tinha um filho, verdadeiro sósia.¹¹⁵ Mais impressionante, contudo, torna-se o fato quando a semelhança se estende a ambos os genitores.

Girou de Busareigne, num livro sobre a *geração*, conta que conheceu um casal com três filhos, dos quais dois rapazes eram, na infância, o retrato da mãe, ao passo que a menina se parecia com o pai. Semelhança absoluta, essa, impressionava a toda gente; mas o fato é que, na adolescência, as coisas mudaram, tornando-se os rapazes parecidos com o pai e a moça não.

A hereditariedade atua não só na conformação *interna*, como na estrutura *externa*. Nada mais comum que a transmissão do volume e mesmo das anomalias do aparelho ósseo. A proporcionalidade, em qualquer sentido, do crânio, do tórax, da bacia, da coluna vertebral e dos menores ossos do esqueleto é um fato de observação quotidiana.

Os sistemas circulatório, digestivo, muscular, nervoso, seguem as mesmas leis. Também os líquidos do organismo ressentem-se da influência hereditária. Famílias há nas quais o sangue é, mais do que noutras, abundante, predispondo-as a apoplexias, hemorragias, inflamações. Coisa notável: não somente os caracteres gerais internos se transmitem, mas também os subordinados, e, assim, até as atitudes pessoais se reproduzem por via seminal. Há exemplos que demonstram o fato.

Não se pode duvidar da influência hereditária no potencial de reprodução. Uma criatura teve 24 filhos, dos quais 5 mulheres, que deram por sua vez 45 filhos ao mundo. Entre a nobreza da França, os Montmorency tornaram-se célebres por sua fecundidade. Os quatro primeiros Guise tiveram, ao todo, 43 filhos, dos quais 30 masculinos. Achille de Harlay teve 9 filhos, o pai 10, o

bisavô 18. Famílias há em que essa força prolífica mantém-se por cinco a seis gerações.¹¹⁶

Dissemos, mais acima, que a força vital do nascituro resulta da força vital dos genitores no momento de procriar.

Vamos, agora, demonstrar essa proposição com os seguintes raciocínios.

Geralmente se reconhece que a longevidade depende muito menos da raça, do clima, da profissão, do gênero de vida e da alimentação, do que da transmissão hereditária. Consultando-se os tratados especiais a respeito, ver-se-á que o coeficiente de macróbios é muito maior na raça preta do que na branca, tanto ao Norte como ao Sul; e não só entre os cuidadosos, como entre os descuidosos de si mesmos.

Um mineiro escocês fruiu o triste privilégio de viver 133 anos, dos quais 80 trabalhando no seu mister.

Entre prisioneiros e galés encontramos muitos fatos análogos. O Dr. Lucas diz, e muito bem, que a média da vida depende, evidentemente, do lugar, da higiene, da civilização; mas, que a longevidade humana forra-se inteiramente a essas condições.

“Tudo demonstra – escreve ele – que a vida longa possui uma potência de vitalidade interna, visto como os privilegiados a carregam já do berço. Essa vitalidade está de tal modo impressa na natureza que se revela em todos os atributos da organização.” Este fato tornou-se tão notório na Inglaterra que as companhias de seguros de vida houveram de instituir a sindicância sobre a longevidade dos ascendentes do segurado.

Também se notou que a força muscular e as diversas formas de atividade motora são hereditárias, bem como os fenômenos dependentes da voz, quais a gagueira e o rotacismo.

O albinismo, o raquitismo, a manqueira, o beijo-rachado, enfim, todas as anomalias orgânicas, podem ser transmissíveis na procriação. Mas, ainda bem que elas nem sempre se reproduzem e a descendência tende a regredir ao tipo primitivo. A medicina, a partir dos seus primórdios, notou a hereditariedade de umas tantas moléstias, ou, pelo menos, a predisposição do organismo para umas tantas enfermidades semelhantes às dos ascendentes.

Em suma, vê-se que a hereditariedade modifica todas as formas de atividade vital, o que, aliás, não surpreende, visto que a força vital provém do casal e que o perispírito da alma a encarnar-se é movido por essa força modificada, que será mais ou menos eficiente em certas regiões fluídicas do invólucro espiritual, correspondendo, no feto, às partes fortes ou fracas dos genitores.

Se a transmissão hereditária não se faz de um modo absoluto, é que a força vital do recém-vindo deriva de dois fatores que se modificam reciprocamente, e também ao fato de o perispírito do encarnante prestar-se, mais ou menos, a essas modificações.

Neste caso, é claro que se tornam imprescindíveis muitas e reiteradas experiências para determinar a importância de cada um dos diversos elementos concorrentes à magna obra. Nada obstante, podemos desde já prismar, de conjunto, a série dos fenômenos que desfecham nesta coisa maravilhosa – a produção de um ser vivo.

A hereditariedade psicológica

Haverá uma hereditariedade psicológica? Não, se por isso entendermos uma transmissão das faculdades intelectuais, em si mesmas; sim, se quisermos com isso dizer transmissibilidade dos órgãos adequados à manifestação do pensamento.

Aqui, tocamos na questão tão delicada e tão controvertida das relações entre o físico e o moral. Os adversários da espiritualidade da alma tentaram fazer da hereditariedade uma arma contra ela. De fato, uma vez demonstrado que os pais transmitem aos filhos não só o corpo físico como as faculdades intelectuais, lógico fora presumir que alma e corpo promanam dos genitores. Contudo, não é bem assim, uma vez que temos a prova da encarnação e reencarnação do Espírito. dir-se-á, então que, neste caso, não haveria encarnações possíveis, senão entre espíritos e homens perfeitamente identificados no físico como no moral. Os fatos não permitem dar a esta ilação um ascendente absoluto. Não é raro vermos numa família filhos nada parecidos com os pais, quer física, quer intelectual e moralmente falando.

E, se é fácil demonstrar que o organismo material nem sempre é transmissível, mais fácil é admitir que a hereditariedade intelectual venha a falhar muitíssimas vezes. A história mostra-nos, a cada passo, filhos de homens notáveis, que são ou foram verdadeiras antíteses das virtudes e talentos paternos, ficando abaixo mesmo da craveira comum. Na antigüidade, o sábio Péricles teve dois filhos cretinos – Paralas e Xantipo – e um outro, louco furioso – Clínias. O íntegro Aristipo engendrou o infame Lisímaco. De Tucídides proveio Milésias. Fóclon, Aristarco, Sófocles, Sócrates, Temístocles, todos tiveram filhos degenerados.

A história romana contemporânea é todo um quadro de filhos nada comparáveis aos pais.

Nos domínios da Ciência é que vemos surgir os gênios a cada momento, de meios rústicos e de pais ignorantes ou mediocrementemente inteligentes. Os nomes de Bacon, Berzelius, Blumenbach, Brewster, Comte, Copérnico, Descartes, Galeno, Galvani, Hegel, Hume, Kant, Kepler, Locke, Malebranche, Priestley, Réaumur, Rumford, Spinoza, etc., atestam que a genialidade não é hereditária.

Julgando supérfluo insistir neste ponto, por se tratar de uma regra geral, preferimos explicar o mais difícil de compreender à primeira vista, ou seja, aqueles casos em que se indica uma transmissão hereditária das faculdades.

As faculdades sensoriais e os hábitos corporais podem transmitir-se hereditariamente, e os atributos mais preciosos do Espírito, quais a percepção, a memória, a imaginação, encontram-se, muitas vezes, na mesma família. Citam-se numerosos casos de pintores, músicos, estadistas, em que as aptidões parecem comunicar-se de pais a filhos.

O problema, neste caso, apresenta-se-nos dúplice: temos de considerar, em primeiro lugar, a função, que pertence à alma, e depois o órgão, que lhe serve à manifestação. Para que lhe seja possível evidenciar as suas faculdades em toda a plenitude, a alma necessita de um organismo material em perfeita correlação com o seu desenvolvimento intelectual.

Já vimos que o perispírito é a condição fluídica do mecanismo de atuação da alma sobre o corpo; de sorte que racional se torna admitir que a alma, desejosa de encarnar, procure na Terra genitores cujo valor intelectual e, por conseguinte, constituição física, tenham com ela maior afinidade, assegurando-se, dessarte e desde logo, dentro das leis mesmas da hereditariedade, um corpo propício ao desenvolvimento das suas aspirações.

Para ser bom pintor ou excelente musicista é necessário possuir algumas aptidões orgânicas especiais, como seja, para um a memória das cores e a precisão visual; e, para outro, a justeza do ouvido e o aumento de sensibilidade. Podemos, perfeitamente, admitir que, em certas famílias, o cultivo persistente das artes, de geração a geração, acabe facultando corpos com disposições peculiares. São precisamente estas preformações que determinam a escolha dos Espíritos em via de encarnação. Identificam-se moral e intelectualmente com os pais, senão que dispõem de um organismo mais apto à manifestação de seus pendores.

Nada a estranhar, portanto, que um músico prefira a paternidade de um maestro à de um pedreiro. Os materialistas tomaram aqui, aliás como sempre, o efeito pela causa, querendo atribuir à matéria o que deriva do Espírito.

Esta observação leva-nos a acentuar que o Espírito não encarna onde quer. No mundo sideral há leis tão ou mais rigorosas do que as do nosso mundo físico. As afinidades perispíricas e as leis magnéticas do pensamento e da vontade representam, no feito, um grande papel. Os Espíritos errantes, os retardatários, que não compreendem as grandes leis da evolução, são propensos a reencarnar na Terra, por darem livre curso às paixões que, no espaço, não podem satisfazer.

Fosse-lhes permitido fazê-lo e eles assediariam as classes ricas, tomariam os ambientes bem ou mal havidos como privilegiados. Em geral, porém, falta-lhes a correspondência fluídica com esses encarnados e, assim, se lhes veda o acesso a esses ambientes. Todos pertencemos a uma certa categoria de Espíritos, que, mais ou menos no mesmo ritmo, procuram conjugar a sua evolução, ajudando os mais adiantados aos que se retardam. Através das vidas sucessivas podemos escalar todas as posições sociais e,

alternadamente, pais, mães, esposas, filhos, parentes, prestarmonos socorro mútuo. Compreende-se, então, que os Espíritos de uma certa gradação reencarnem no seu grupo, ou noutro em que se lhes deparem as mesmas afinidades espirituais.

Nem doutra maneira é que se desenvolve, pouco a pouco, o sentimento de fraternidade que, um dia, nos levará a abranger todos os seres num único amor.

Se há famílias de artistas que honram as artes, nem por isso deixa de haver, infelizmente, famílias outras nas quais os vícios constituem o traço hereditário dominante. Conta o Dr. Morel¹¹⁷ a história de uma família dos Vosges, na qual o bisavô dipsômano, isto é, beberrão inveterado, sucumbira ao próprio vício. O avô, assaltado pela mesma paixão do álcool, morreu maníaco. Este teve um filho muito mais sóbrio, não escapando, porém, da hipocondria, com tendências homicidas, e cujo filho, por sua vez, acabou atingido de idiotia.

Assim, temos na primeira geração excessos alcoólicos; na segunda, embriaguez hereditária; na terceira, diátese hipocondríaca; na quarta, estupidez e possível extinção da prole.

Muitas vezes, é como prova que o Espírito encarna nessas famílias, por querer adquirir forças para domar a matéria. Não traz o Espírito consigo a tara viciosa de pregressas encarnações; entretanto, o organismo inclinado ao vício suscita-lhe necessidades contra as quais tenta reagir, mas cujo domínio não é fácil de conseguir.

O Sr. Trélat, na sua *Loucura Lúcida*, conta que uma senhora morigerada e econômica era assaltada de crises dipsomaníacas irresistíveis. Furiosa consigo mesma, injuriava-se, chamava-se miserável, bêbeda; misturava ao vinho as substâncias mais repulsivas, mas, debalde, porque a paixão era cada vez mais forte. Note-se que a mãe e uma tia dessa criatura também eram dipsômanas.

Certo, há casos em que o crime e a loucura são hereditários.

“Nada há estanque ou isolado na natureza. – diz o Dr. Despinnes – Tudo se encadeia por anéis intermediários que a nossa observação acurada acaba encontrando, lá onde menos pudéramos esperar.”

mos suspeitar. Seria para desejar, no interesse da Ciência, que se promovessem investigações sobre os ascendentes dos criminosos, remontando as duas ou três gerações, pelo menos.

“Seria um excelente meio para evidenciar as relações existentes entre as enfermidades cerebrais que ensejam as anomalias psíquicas, geradoras de crimes, e as afecções patológicas dos centros nervosos e do cérebro, em particular.

“O fato verificado pelos Drs. Férus e Lélut, de ser a loucura muito mais freqüente nos criminosos do que nos outros homens, não prova a existência de laços íntimos entre a loucura e o crime? Grande é o número de criminosos cujos ascendentes deram mostras de loucura. Está nesse número o célebre Verger, assassino do arcebispo de Paris. A mãe e um irmão desse homem morreram loucos, da loucura do suicídio.” ¹¹⁸

A loucura

A loucura, propriamente dita, faz-se acompanhar sempre de um estado mórbido dos órgãos, que se traduz, as mais das vezes, por uma lesão. A alienação será, pois, uma enfermidade física quanto à sua causa, embora mental quanto à maioria dos seus efeitos. Pode a loucura transmitir-se por via hereditária, mas às vezes se transforma, quando manifesta nos descendentes.

Nada tão comum como vemos a loucura degenerar em suicídio, ou o suicídio degenerar em loucura, alcoolismo hipocondria.

“Um ourives, restabelecido do primeiro acesso de alienação mental causado pela revolução de 1789, acabou suicidando-se. Mais tarde, a filha mais velha desse homem foi acometida de monomania e acabou demente. Um seu irmão esfaqueou o ventre e outro se entregou à embriaguez, morrendo na via pública. Ainda um terceiro deu para recusar toda e qualquer alimentação, a pretexto de íntimos desgostos, e morreu de anemia. Uma segunda irmã, aliás dotada de gênio caprichoso, casou-se e teve um casal de filhos: o rapaz morreu louco e epilético e a moça também enlouqueceu de um parto, tornou-se hipocondríaca e queria deixar-se morrer de fome.

Dois dos filhos dessa mesma senhora morrem de uma febre cerebral e outro sucumbe ao nascer.”¹¹⁹

Há famílias cujos membros, com raras exceções, são acometidos de loucura, com a mesma idade. Toda a prole de uma nobre família hamburguesa tornou-se notável, depois que o bisavô, justamente conceituado pelos seus grandes talentos militares, enlouquecera aos 40 anos. Dele não restava mais que um rebento, militar também, ao qual o Senado proibiu casar-se. Isso não impediu que, ao atingir os 40 anos, perdesse a razão.

Impossível percorrer, aqui, todos os casos de loucura. Precisamos, contudo, assinalar que muitos deles, atribuídos a enfermidades do cérebro, são produzidos pela ação dos Espíritos desencarnados.

A obsessão, que mais além estudaremos, apresenta, amiúde, todos os sintomas da legítima loucura, e fora muito de desejar que os médicos conhecessem o Espiritismo, podendo, então, curar muitos doentes considerados perdidos.

Nesta conjuntura, não é do corpo e sim da alma que importa cuidar. Dirigindo-nos ao Espírito obsessor, é certo que conseguimos, algumas vezes, fazê-lo abandonar a presa. A bibliografia espírita menciona algumas curas desse gênero.

Se nos dermos ao cuidado de observar um grande número de fatos chamados alucinatórios, facilmente concluiremos que muitas vezes não passam de pura e simples vidência mediúnica.

Eis aqui alguns exemplos:

Sully conta-nos que as horas solitárias de Carlos IX tornaram-se horríveis, pela reprodução dos gritos e berros que o assaltaram enquanto durou o massacre de S. Bartolomeu.

“O rei Carlos – diz o ministro ilustre – ouvindo, naquela mesma noite, e por todo o dia seguinte, a narrativa das atrocidades praticadas com velhos, mulheres e crianças, chamou de parte o mestre Ambroise Paré, seu médico assistente – a quem muito prezava, posto professasse outra religião – e disse:

“– Não sei o que comigo se está passando nestes dois ou três dias, mas a verdade é que me sinto muito abalado, de corpo e alma, e que, dormindo ou acordado, tenho diante de mim essas

criaturas mutiladas, semblantes horrendos, mascarados de ódio e sangue! Oh! quisera eu que em tudo isso não entrassem os inconscientes e os inocentes!”¹²⁰

Tudo faz crer ali estivessem, em torno do sanguinário rei, Espíritos a clamar vingança.

Outro fato da mesma natureza:¹²¹

O cirurgião Manoury, inimigo de Urbain Grandier, foi, aos 26 de abril de 1634, escolhido para examinar se, de acordo com a declaração da madre-abadessa, o acusado tinha algum ponto insensível no seu corpo.¹²²

Manoury desempenhou-se da tarefa com a maior crueza. Não se pode imaginar, sem horror, os padecimentos e torturas infligidos à pobre vítima. Mas, o fato é que ele se arrependeu mais tarde da sua barbaridade, pois, “certa noite em que regressava dos subúrbios, acompanhado do seu assistente, deteve-se de súbito e exclamou, sobressaltado: “Oh! eis Grandier! Que queres tu?” e começou a tremer, a ponto de mal o poderem sustentar dois homens. Afinal, assim caminhando a custo, continuava a repelir o Grandier, como se o tivesse diante dos olhos. Nem no leito o terror se lhe desvaneceu e, durante os poucos dias de vida que lhe restaram, a situação em quase nada se modificou. Afinal, expirou como se estivesse vendo Grandier e praguejando por afastá-lo”.

Não há que ver em tudo isto uma simples alucinação, e sim uma provável aparição. Mas, ainda bem que hoje não mais se usa trancafiar em manicômios os indivíduos que vêem os Espíritos.

Abercombie cita o caso de um médium vidente, que ele considera, é claro, um doente:

“Conheci – diz – um homem que sofreu de alucinação enquanto viveu. A coisa chegava ao ponto de encontrar na rua um amigo e não saber de pronto diferenciar se era uma entidade real ou um fantasma.

“Só depois de prestar muita atenção é que podia identificar uma diferença entre elas. Para isso, costumava corrigir a visão pelo tato e pela audição, atentando ao ruído dos passos. Este

homem está no vigor da idade, *é são de espírito*, goza excelente saúde e está envolvido em muitos negócios.”

Citemos um último caso, que nos levará ao estudo da obsessão.

Uma senhora, Ohlaven, fora acometida de grave enfermidade, sendo obrigada a desmamar a filhinha, apenas com seis semanas de nascida. A moléstia começara por um desejo irresistível de estrangular a criancinha. Felizmente, o sinistro intento pôde ser conjurado a tempo. A seguir, declarou-se uma febre violenta, que, parece, lhe desvaneceu da mente o tenebroso desígnio, pois voltou a afagar a criancinha, quanto a mais desvelada das mães.

Temos aqui, evidente, um caso de obsessão, pois é inadmissível que uma criatura, que sempre deu provas de acendrado amor materno, pudesse afagar a idéia de matar a filhinha inocente. O que podemos admitir é que, no estado de fraqueza e de enfermidade conseqüente ao parto, um mau Espírito pudesse empolgá-la e sugerir-lhe o monstruoso atentado. Restabelecida, ela readquiriu sua liberdade moral e, portanto, os pendores naturais.

Quando o corpo não goza saúde perfeita, isto é, quando as relações normais de alma e corpo se perturbam, a força vital pode exteriorizar-se parcialmente, dando azo a que Espíritos malévolos e, sem embargo, conhecedores das leis fluídicas, disso tirem o seu partido. Assim, nesses casos peculiares, importa cuidar simultaneamente do corpo e da alma. E a cura será tanto mais rápida, quanto melhor conheçamos a natureza do mal.

É com profundo sentimento de piedade que pensamos nas vítimas sem conta do fanatismo religioso da Idade Média.

Os feiticeiros eram infelizes obsidiados, inconscientes e irresponsáveis, as mais das vezes levados a pagarem com a vida uma imaginária possessão demoníaca. Quando lemos, hoje, os requisitórios dos Bodins, dos Delancres, dos De Loyers, dos Del Rio, não podemos elidir a surpresa de tamanha estupidez.

Entretanto, uma que outra vez é possível fixar fatos bem averiguados, que se não podiam produzir senão mediante a intervenção dos Espíritos.

As respostas em latim aos exorcistas, as levitações, eram frequentes, de permeio às crises da grande histeria.

Hoje, a Salpêtrière guarda enfermos que seriam fatalmente queimados, se tivessem a desventura de ter nascido há 200 anos.

Nesta altura, parece-nos útil pôr sob as vistas do leitor os estudos de Allan Kardec sobre a obsessão, aconselhando-o a que recorra aos seus livros, para curar as enfermidades dessa espécie.

A obsessão e a loucura

Há que fazer rigorosas distinções entre a obsessão, a fascinação, a possessão e a loucura propriamente dita, que compreende a alucinação, a monomania, a mania, a demência e a idiotia.

Só o Espiritismo permite estabelecer essas diferenças, que a ciência médica ainda não sancionou e que a levam, muitas vezes, a atribuir à loucura fatos que aberram do seu domínio.

Allan Kardec ¹²³ definiu perfeitamente estas enfermidades espirituais, que dizem mais com a alma do que com o organismo material. Nosso intuito, aqui, é despertar atenção para as condições físicas que acompanham essas turbações da inteligência.

Ainda não sabemos se, nos casos de obsessão e possessão, inexistem uma desorganização cerebral, correspondente ao distúrbio moral.

Somos, porém, levados a presumi-la, e isto porque tão íntimas são as relações da alma com o corpo, do perispírito com o sistema nervoso, que podemos, sem temor, afirmar que a todo e qualquer determinado estado físico vem a corresponder um estado intelectual, e vice-versa.

Mas, assim como entre a obsessão e a subjugação integral podem existir todas as gradações, assim devem elas corresponder a desordens orgânicas no corpo, de começo pouco importantes, mas suscetíveis de se agravarem com o tempo, produzindo verdadeiras lesões cerebrais.

Em *O Livro dos Médiuns* verifica-se que a subjugação, ou a obsessão simples, não são, a bem dizer, um estado consciencial. Trata-se, mui simplesmente, da intermissão e da imposição

constante de um Espírito a comunicar-se, a impedir que outros o façam, ou a substituir os evocados.

Neste caso, o médium tem a noção do que se passa e fica obediado, isto é, exausto.

Quando atingimos a fascinação, o fenômeno acentua-se e as conseqüências tornam-se mais graves. O médium não se julga ludibriado, já não goza do seu livre-arbítrio integral, só obedece às injunções do Espírito, é a hipnotização espiritual a exercer-se. Mercê da liberdade que o médium outorga ao Espírito, pode este atuar intensamente sobre o perispírito dele, médium, e isso com tanto mais facilidade quanto já não encontra obstáculo, de vez que a vontade mediúnica se lhe rendeu complacente.

Derivam daí as sugestões simples, que redundam no falseamento da razão e da imaginação do paciente. Compreende-se que, se tais sugestões forem freqüentes e persistentes, acabem produzindo desordens no cérebro da criatura perseguida.

Às vezes, são vários os Espíritos que se agregam para atormentar a vítima; de sorte que, simplesmente obsidiada de começo, ela acaba realmente louca.

Estranha-se, comumente, que almas desencarnadas possam assim empregar seu tempo em torturar os encarnados.

Mas, basta lançar os olhos à *Gazeta dos Tribunais* para nos certificarmos de quanta baixeza é suscetível a Humanidade.

Os Espíritos atrasados alimentam as paixões mais ignóbeis e, sobretudo, a da vingança, de sorte que, se puderem identificar na carne um ser que lhes tenha feito mal, ou impedido de o fazerem eles, nesta ou noutras encarnações, votam-lhe ódio inexorável, muitas vezes só extingüível com a morte da vítima, se esta tiver a desdita de lhes facultar acesso, mesmo inconscientemente.

Assim é que muitos obsidiados são tratados como loucos, porque se atribui à alucinação o que de fato não passa de sugestão espiritual incoercível.

Quando vemos um hipnotizado rir, chorar, manifestar alegria, dor, admiração, medo; executar, passivamente, os atos mais extravagantes, mais ridículos e até perigosos, conforme os quadros alucinatórios que lhes sugerimos, compreendemos que a

atuação do Espírito é substancialmente idêntica à do hipnotizador humano sobre o seu paciente.

A única diferença é que, na obsessão, a vontade operante tanto pode ser de um como de alguns agentes invisíveis e inacessíveis aos processos correntes de que dispõe a medicina.

Citemos um exemplo, tomado ao célebre alienista Brierre de Boismont.¹²⁴

“Senhorita M..., 40 anos, muito nervosa e, por isso mesmo, muito impressionável, sempre se revelou de uma versatilidade extrema. Quando jovem, jamais pôde dedicar-se a estudos sérios, tanto que os médicos recomendaram aos pais que preferissem dar-lhe exercícios de ginástica. Bem de fortuna, filha de pais robustos e sensatos, tem, contudo, um irmão de temperamento muito semelhante ao seu, sob vários aspectos. De aparência saudável, tem os cabelos castanhos, tez rosada, estatura normal. De 10 anos a esta parte começou a sentir os primeiros sintomas do mal que agora a tortura. Via personagens bizarras e essas aberrações visuais não a impediam, contudo, de cuidar das suas tarefas. Há seis meses, as alucinações, até então toleráveis e espaçadas, tornaram-se mais freqüentes e já não era só a vista a faculdade lesada, de vez que as outras se foram alterando a seu turno. Evidente desordem empolgava-lhe o espírito; ela ouvia a cada instante, vozes que, dizia, lhe vinham do estômago e lhe causavam o maior tormento. Essas vozes ditavam-lhe a conduta, advertiam-na do que com ela se passava, forneciam-lhe dados sobre a sua enfermidade e receitavam remédios que lhe pareciam muito razoáveis.

“Igualmente lhe forneciam informes precisos do caráter e dos pendores de outras pessoas, com o que teria podido, então, *revelar particularidades curiosíssimas*.

“Ocasões havia em que se exprimia em linguagem mais apurada, com termos escolhidos, que lhe não eram comuns. Essa abundância, fluência e riqueza verbal, *ela as devia às suas vozes*, pois, quando falava por si mesma, fazia-o de modo muito simples. Muitas vezes, *as vozes* ocupavam-se de assuntos elevados, recaindo na geografia, na gramática, na oratória. E, o que mais é:

reprendiam-na quando se exprimia mal, apontando-lhe as faltas cometidas.

“Essas vozes diziam-lhe as coisas mais estranhas: um dia, convenceram-na de estar possessa, coisa estranha na verdade, porque não fora educada com idéias supersticiosas. E foi, então, procurar um padre que a exorcizasse. De então por diante, ficaram-lhe idéias muito pessimistas, quanto à eternidade e às penas futuras, que a mergulharam, momentaneamente, num profundo desespero. Certa feita, revelaram-lhe que ainda seria rainha, que representaria um grande papel no cenáculo do mundo. Esse vaticínio, teve ela o cuidado de o guardar consigo, na expectativa de que se realizasse, até que percebeu que a enganaram, como o costumavam fazer freqüentemente. Não raro, impingiam-lhe os discursos mais extravagantes, diziam-lhe gracejos e zombarias, até que passaram a inusitadas violências, corrompendo, quais harpias, tudo quanto tocavam. Ordenaram-lhe que se afogasse e, contudo, sentiu dentro em si uma força que a impediu de obedecer. Às vezes, tem visões singulares: o quarto enche-se de personagens de todos os matizes. Os alimentos têm para ela sabores nauseantes. Basta meter a mão num prato para que a voz logo lhe transmita um tempero, que a impede de comer. Se caminha, logo começa a suar frio, de um frio que lhe penetra o corpo. Enxuga, então, com as mãos, as vestes molhadas.

“Essa criatura afirma que as vozes provêm de uma afecção nervosa; *que as vozes são mais fortes que o seu raciocínio*; que a subjugam, que a dominam. Seu poder é tanto que a obrigam a ir onde desejam que vá... Agora, já não querem que fale, perturbam-lhe as idéias, e ela apenas se exprime com grande dificuldade. Não é raro perceber que as vozes levam-na a cometer desvarios, e bem que desejaria contrariá-las, mas é constrangida a obedecer-lhes, porque dispõem de um poder irresistível.”

Vejamos, agora, as reflexões de Brierre de Boismont:

“Um fato psicológico que não escapará, certo, à atenção dos observadores, é esta nova manifestação do princípio de dualidade, em virtude do qual essa enferma, acabrunhada pelas chalaças, zombarias, ameaças, projetos sinistros, prestes a ceder ao desespero, vê-se, de súbito, consolada com palavras de benevolência e

animação. *Dir-se-ia coexistirem nela dois Espíritos, um bom e outro mau, assomando-a cada qual a seu modo.*”

Mas, evidentemente, é isso o que se dá. Essa moça é presa de Espíritos perversos, que lhe produzem alucinações de toda espécie, e este exemplo de obsessão completa é bem de molde a inspirar maduras reflexões. Inicialmente, distúrbios de todas as sensações e, a seguir, a desordem do *eu*, a luta da inteligência com os sentidos revoltados; consciência momentânea das ilusões e, depois, a vitória dessas mesmas ilusões; engrenamento da vontade, a debater-se com a força que a empolga.

Haverá espetáculo mais digno da meditação de um filósofo, que o dessa mulher, que reconhece o desregramento dos sentidos, que sabe ser joguete de puras quimeras, sem poder, contudo, subtrair-se à sua influência? Cem vezes ludibriada e persuadida de que o será sempre, não deixa, por isso, de fazer o que as vozes lhe ordenam, indo a toda parte onde elas mandam. Essa anulação da vontade diante da sugestão dos espíritos prende-se à fraqueza do sistema nervoso, e torna-se fácil reproduzi-la artificial e transitoriamente com um indivíduo hipnotizável. Pode comparar-se, então, os obsidiados com os sonâmbulos em vigília, que, não obstante sofrendo a ação do magnetizador, têm consciência do seu estado.

Richet¹²⁵ demonstra, com experiências hoje bem conhecidas, como se podem obter de um sonâmbulo alucinações da vista e do paladar, fazendo-lhe ver alternadamente quadros belos e quadros horríveis, e comentando-os, o que torna mais profunda a impressão alucinatória. De ver-se como eles se interessam e utilizam as aventuras dos heróis descritos, de molde a ficarem violentamente impressionados. Choram ou riem, conforme a narrativa seja triste ou alegre, anulando-se-lhes, em suma, o império das suas idéias pessoais. Este pertence, de fato, ao hipnotizador, e o hipnotizado já não resistirá às impressões que lhe vêm do exterior, transformado em *autômato intelectual*.

O mais notável é que alguns indivíduos têm consciência do seu estado, se bem que incapazes de o modificarem.

Eis um exemplo a mais, tirado de Richet:¹²⁶

“Não há, então, nenhuma desordem intelectual, mas já existe, por uma espécie de ação eletiva, inibição e paralisia da vontade.

“Com a Sra. X... podíamos acompanhar muito bem esse fenômeno singular. Assim é que, capaz de analisar-se a si mesma, dizia-me: “Não tenho idéia alguma, sinto-me incapaz de prestar atenção seja ao que for. Tenho a cabeça vazia, parece-me tudo ver através de um nevoeiro.”

Esta sensação de vácuo é da mesma natureza da manifestada pela senhorita de que nos fala Brierre de Boismont, que confessava ter a cabeça e a coluna vertebral como que cheias de ar. – Continuemos: – Agora o paciente é um homem:

“Tomo, então, de um livro qualquer, entrego-lho e digo: “Não o dê a ninguém.” Ele bem sabe que tudo isso não passa de uma experiência sem maior importância, mas ninguém lhe obterá o livro. Amigos presentes insistem: “Dá-me este livro...” Recusa, alegando motivos e pretextos vários. Por fim, diz: “Não precisais do livro; dá-lo-ei, sim, mas não agora...”

Instado, ainda, e dizendo-se-lhe que a experiência visa, precisamente, avaliar a sua força de vontade para dar o livro, diz que poderia dá-lo, mas não dá. E segue resistindo uns dez minutos a todas as instâncias, procurando arrazoar a sua resistência, e encontrando argumentos que justifiquem a negativa.

“Bruscamente despertado por insuflação, cede logo o livro, dizendo que agora *pode querer*.

“Esta experiência é característica. Eu já a fizera com muitos sonâmbulos, mas com este torna-se ela mais interessante, porque ele conserva a noção de si mesmo e pode analisar muito bem as próprias sensações. É a inibição da vontade em toda a sua nitidez e simplicidade.

“Essa suspensão da vontade impede toda e qualquer reação às diversas injunções impostas aos sonâmbulos. Ordeno a M... que ria e ele adverte: “Rir de que? Isso não é sério, é *pro forma* e eu não tenho vontade de rir...” E, não obstante, ri-se, ou antes, careteia algo de riso, e por tanto tempo quanto me praza. Se lhe mando chorar, começa dando um suspiro, tapa os olhos com as mãos, e as lágrimas entram a deslizar-lhe pelas faces.

“Podemos, então, analisar-lhe as sensações: é um espectador de si mesmo e, sem embargo, um autômato incapaz de resistência, a chorar sem motivo e sabendo que não há mesmo motivo algum para chorar.”

Nesta experiência estamos a ver que o sonâmbulo sabe que nela toma parte como instrumento; que é o seu amigo Richet quem nele atua; mas, se o operador estivesse invisível, a situação de M... seria a mesma da senhora mencionada por Brierre de Boismont. Esta não era louca, tinha consciência do seu estado, pois que, a não ser sob a influência incoercível das vozes, entregava-se, normalmente, aos seus misteres, sem que algo denunciasse os distúrbios intercorrentes.

“Durante 10 anos nesse estado patológico – diz o autor –, a enferma não deixou de ocupar-se com os seus negócios, chegou mesmo a administrar seus bens, cumpriu todos os deveres sociais e, ainda que depois desse tempo as vozes não lhe facultassem um instante de repouso, em nada alterou os seus hábitos. Compreendeu, apenas, de um modo intuitivo, que a razão lhe fugia e procurava, nos avisos e conselhos impossíveis de executar, um alívio para os seus males.”

Eis como o Espiritismo oferece uma explicação lógica de certos estados d'alma, averbados de loucura e que, absolutamente, nada têm de comum com as falsas percepções e com as perturbações cerebrais, porque se prendem a uma certa ação análoga à da sugestão hipnótica, cuja causa há que procurarmos no mundo espiritual.

O que torna assaz difícil distinguir a loucura da obsessão é que os sentidos são suscetíveis de alucinação conseqüente a desordens do sistema nervoso, independente de uma intervenção externa e ostensiva.

Torna-se preciso, portanto, uma grande prática e muito discernimento para reconhecer a origem do mal, e os especialistas acostumados a tratar de alucinações deveriam dispor-se a focalizar o assunto sob este ponto de vista, certos de que daí só poderia resultar enorme progresso neste ramo da medicina.

Na subjugação, antigamente chamada possessão,¹²⁷ o domínio do Espírito é completo. O subjugado é um instrumento absolutamente dócil às sugestões do Espírito, que chega mesmo a não lutar contra esse poder oculto, quer física, quer moralmente falando. Torna-se-lhe, assim, inteiramente passivo.

A vontade do obsessor avassalou, substituiu totalmente a sua vontade. Com mais um pouco, acabará perdendo a noção de si mesmo, passando a crer-se um personagem célebre, um reformador do mundo, etc.

Numa palavra: tornar-se-á louco, pois não é impunemente que a influência perturbadora se exerce por longo tempo e, uma vez sobrevindo as lesões do cérebro, a moléstia torna-se incurável.

Pode o enfermo apresentar diversos tipos de subjugação. Assim que, às vezes, a subjugação é apenas moral e, neste caso, o indivíduo tomará as resoluções mais extravagantes, até contrárias aos seus interesses, ou ilegais, firmemente convicto de estar procedendo com absoluto bom senso.

De caráter material, a subjugação pode apresentar modalidades bem diferentes.

Allan Kardec conheceu um homem, nem jovem nem bonito, que, impelido pelo Espírito obsessor, ajoelhava-se aos pés de todas as moças. Outro, sentia nas costas e nos tornozelos uma pressão tão forte que o levava a genuflectir-se e beijar o chão, em plena rua, diante de todo o mundo. Esse homem era tido por louco, mas ainda não o era, por isso que percebia o seu estado e com isso muito sofria.

O hipnotismo veio dar-nos a chave desses fenômenos. O indivíduo obedece, mais ou menos passivo, a quem o imergiu nesse estado; não pode oferecer resistência eficaz à sugestão, sejam quais forem as conseqüências que lhe possam daí advir.

Suponhamos que essa situação se prolongue por semanas, meses, anos, e teremos as desordens físicas, difíceis de curar, mesmo depois de afastado o Espírito obsessor.

Até agora, ignorava-se que uma causa espiritual extra-orgânica pudesse originar a loucura e, consecutivamente, desor-

dens encefálicas; de sorte que, cuidando apenas do corpo, negligenciava-se quanto ao Espírito.

O Espiritismo veio demonstrar a necessidade de um tratamento moral do enfermo, coincidente com a intervenção junto do obsessor, e mais, que, em muitos casos, se a lesão não for irremediável, torna-se possível restituir ao alienado o seu vigor orgânico e, com ele, a razão.

Os médicos têm o dever de estudar nossa doutrina, uma vez que sua profissão obriga-os a investigar todos os meios de sarar os enfermos. Mais tarde, quando a fenomenologia espírita estiver mais conhecida, muitas formas de loucura, até agora reputadas incuráveis, poderão ceder a uma terapêutica já não sistematicamente materialista.

O voluntário abandono a que relegam a causa psíquica da enfermidade é o que faz que a Ciência se torne impotente, tantas vezes. Não diremos que se não tenha procurado tratar a loucura do ponto de vista intelectual, o que seria passar atestado de ignorância. O que pretendemos dizer é que se tem tomado uma falsa direção, deixando de cogitar da parte condizente ao obsessor, isto é, do hipnotizador desencarnado.

A este é que importa *rechaçar*, antes de tudo o mais, com os recursos preconizados pelo Espiritismo. Isto feito, vencida estará a maior dificuldade e não restará mais que reparar o corpo, tarefa que incumbe naturalmente à medicina, desde que, como acima dissemos, as degradações orgânicas não sejam de maior vulto.

Voltando a tratar da loucura em suas relações com a hereditariedade, é incontestável que, em muitos casos, ela é devida a uma lesão do sistema nervoso e manifesta-se em certas fases da vida, provindo dos pais, por vias hereditárias.

Neste caso, não há que presumir se trate de Espíritos obsessores. Trata-se do próprio organismo viciado, deteriorado, e que, não mais obedecendo à alma, pode engendrar alucinações radicadas no falseado mecanismo cerebral.

Também é freqüente a complicação do fenômeno, podendo a hereditariedade apresentar metamorfoses; assim, um alcoólico pode procriar idiotas, caso em que o encéfalo fica parcialmente

destruído por influência alcoólica, de sorte que, na criança, o cérebro não ocupa toda a caixa óssea. Outras vezes, as convulsões dos ascendentes transmudam-se em histeria, ou epilepsia nos descendentes.

Cita-se um caso de hiperestesia paterna (desenvolvimento doentio da sensibilidade), que se estendeu aos netos e produziu a mania, a hipocondria, a histeria, as convulsões, os espasmos... Casos são estes abundantes,¹²⁸ que a teoria da reencarnação expiatória explica satisfatoriamente. Vamos dar alguns exemplos:

O perispírito *não é criador, é simplesmente organizador* da máquina; mas, se a hereditariedade apenas lhe facultar materiais viciados ou incompletos, ele é incapaz de os regenerar e sempre restam partes do cérebro forradas à sua influência.

Ora, tão complexa é a vida mental, o jogo de faculdades tais como memória, ideação, imaginação, julgamento, etc.; e tão íntima é a sua ligação, que a deficiência de uma só faculdade entrava a manifestação das outras. E daí as desordens a que aludimos.

Guitras também nos conta o seguinte: Um homem acometido de loucura tem filhos normais, que exercem cargos públicos com muito critério. Isto, bem entendido, de começo, porque, aos 20 anos, ficam loucos. Sobre 22 casos de loucura hereditária, Aubanel e Thoré notaram episódios desse gênero.

Famílias há cujos membros, salvo raras exceções, são atingidos da mesma espécie de loucura. De uma feita, internaram-se, no mesmo dia, três parentes, num hospício da Filadélfia. No de Connecticut, havia um louco que era o undécimo da família. Lucas refere-se a uma senhora que era o oitavo, e o mais curioso é que o mal manifestava-se na mesma idade, através de sucessivas gerações.

Um negociante suíço viu morrerem-lhe dois filhos loucos, ao completarem os 19 anos. Uma senhora enlouqueceu de parto aos 25 anos e teve uma filha que enlouqueceu na mesma idade, depois de repetidos partos. Em dada família, pai, filho e neto suicidaram-se aos 50 anos (Esquirol).

Nada obstante todos estes fatos que acabamos de citar, a hereditariedade intelectual não se faz regra, pois se nota que são as enfermidades e não as faculdades propriamente ditas que se transmitem por via seminal. As qualidades inatas são muito mais freqüentes, em que pesem às numerosas exceções.

Foi o que sustentou o Dr. P. Lucas, cuja opinião compartilhamos, visto sabermos que o Espírito, ao encarnar, traz a sua individualidade, quase sempre diferente da dos pais. Não vemos, às vezes, homens de gênio nascidos de troncos medíocres? E, por outro lado, celerados oriundos de famílias honestas?

A lei da reencarnação explica perfeitamente estas anomalias aparentes, visto que neste estudo, como em todos os que afetam o físico e o moral, importa não nos colocarmos num ponto de vista exclusivista, sob pena de ficarmos sempre adstritos a um só lado da questão. O sábio que só encara a matéria engana-se tão redondamente quanto o espiritualista que só enxerga o Espírito.

Ao Espiritismo cabe esclarecer a Ciência, dilatando-lhe os domínios até ao mundo invisível. Diremos, portanto, que o Espírito encarnando traz consigo, incontestavelmente, as aquisições de vidas anteriores, mas é preciso termos em conta as disposições orgânicas, que podem ser favoráveis ou prejudiciais ao desenvolvimento das faculdades inatas.

Eis o que, a respeito, diz o Dr. Moreau (de Tours),¹²⁹ que não admite a hereditariedade senão do ponto de vista fisiológico, quando afirma ser a transmissão hereditária das falhas orgânicas que produz as moléstias mentais nos descendentes. Outra coisa não dizemos nós, embora divergindo, em absoluto, do Dr. Moreau, quanto à natureza do princípio inteligente.

Para os materialistas, sendo a alma uma resultante do organismo, só pode adoecer dele e por ele; nós, porém, que acreditamos na independência constitutiva da alma, dizemos que ela não adoce jamais, e somente não pode manifestar suas faculdades num corpo mal aparelhado, a que faltem quaisquer elementos indispensáveis ao bom funcionamento integral do Espírito.

Seria o mesmo que pretender que um pianista timbrasse a nota sol num piano a que faltasse, em todas as oitavas, a corda correspondente a esse som.

Estamos, pois, com a Ciência, no convir que a loucura resulta, as mais das vezes, de uma lesão ou perturbação nervosa, transmissível por hereditariedade; mas nossa explicação do fenômeno difere em absoluto, visto que a alma é uma entidade independente e sobrevivente à morte, qual o demonstra o Espiritismo.

Uma citação tomada ao Dr. Moreau fará melhor compreender a nossa divergência:

“É – diz ele – compreender mal a lei da hereditariedade o esperar a repetição de fenômenos idênticos em cada nova geração.

“Houve quem recusasse subordinar as faculdades mentais à hereditariedade, porque pretendiam fossem o caráter e a inteligência dos descendentes exatamente semelhantes aos dos ascendentes; que uma geração fosse cópia da sua predecessora; que pai e filho dessem a impressão da mesma criatura binascida, e percorrendo consecutivamente a mesma via, nas mesmas condições. Mas, não é na identidade das funções, dos fatos orgânicos ou das faculdades intelectuais que importa procurar a aplicação da lei de hereditariedade. É, sim, na fonte mesma da organização, *é na constituição íntima...*

“Uma família cujo chefe morreu louco, epilético, não se compõe de loucos e epiléticos, mas os filhos podem sair idiotas, paráliticos, escrofulosos. *O que o pai transmitiu não foi a loucura*, mas o vício de sua constituição, que vai aflorar sob formas diferentes, pela histeria, epilepsia, escrofulose, raquitismo. Assim é que se deve entender a transmissão hereditária.”

Eis um outro testemunho, a confirmar o do Dr. Moreau. Referindo-se aos jovens reclusos das casas de correção, o Dr. Legrand du Saule mostra-nos toda uma categoria de “criaturas rixentas, irritadiças, violentas, nada inteligentes, refratárias a qualquer princípio de honestidade, indisciplinadas e incorrigíveis”. Quem foram, porém, seus pais?

Foram valetudinários, ou consangüíneos, alcoólatras, epilépticos, alienados; ou foram – o que é mais comum – filhos de um pai ignorado e de mãe raquítica, histérica, prostituída ou prostituta.

Fatos são estes que evidenciam o papel e a importância do corpo nos casos de anormalidade. Eles nos elucidam e facilitam compreender por que tal ou qual criança apresenta pendores para a loucura, mas, em absoluto, não destroem a lei da reencarnação e a identidade do ser que vem encarnar-se. Ao demais, a observação estabelece, de modo direto, que *a hereditariedade intelectual não é o que se dá, e que, sempre e por toda parte, o que há é apenas transmissão dos caracteres físicos.*

Firmemo-nos bem neste ponto tão importante para nós outros:

1º) O que prova a reencarnação, diz Burdach, é que, por vezes, tendo os pais uma inteligência assaz limitada, os filhos revelam as mais auspiciosas disposições. É comumente de pais medíocres que derivam homens superiores, espíritos cuja influência se faz sentir por milênios e cuja presença na Terra dir-se-ia necessária à Humanidade, na época em que surgiram.

Veja-se que os maiores expoentes nasceram de famílias pobres, vulgares, quase anônimas. Exemplos: O Cristo, Sócrates, Joana d'Arc.

2º) Temos os filhos indignos de pais ilustres: assim o de Cícero; Germanicus e Calígula, Vespasiano e Domiciano, Marco Aurélio e Cômodo; os filhos de Henrique IV, de Luís XIV, de Cromwell; de Pedro, o Grande; de Lafontaine, de Crébillon, de Goethe, de Napoleão.

3º) As raças inferiores podem produzir grandes homens, como, por exemplo, entre os negros, Toussaint Louverture.

4º) É muito comum observar que, a despeito de grandes semelhanças físicas, os filhos podem, moralmente, em nada se parecer com os pais.

O Espiritismo, graças à lei hoje bem demonstrada da reencarnação, explica essas anomalias da hereditariedade, anomalias

desconcertantes para quantos teimam em recusar a intervenção do elemento espiritual como individualidade bem definida, nos problemas que não dispensam esse postulado para a sua resolução.

E eis por que ficam adstritos a dizer com Ribot:

“Quais as causas dessa metamorfose? Por qual transmutação misteriosa a natureza extrai o melhor do pior, e vice-versa?”

“De nós nada podemos responder, senão que *é questão fora do alcance da ciência atual*. Nós não podemos explicar por que tal ou qual atividade se transforma ao transmitir-se, tampouco por que reveste uma que não outra modalidade.”

Vê-se, pois, em suma, que, para bem compreender a natureza humana, é preciso considerar a hereditariedade que se exerce sempre do ponto de vista fisiológico e que, sem admitirmos sejam transmissíveis as faculdades do Espírito – o que é impossível, segundo o Espiritismo –, haja disposições orgânicas, dos pais, a se revelarem em seus descendentes.

Daí, uma grande responsabilidade para quantos, sabendo-se atingidos de moléstias incuráveis, ou de vícios que lhes deixaram estigmas indeléveis, não temem procriar seres que, fatalmente, trarão esse estigma indelével pela leviandade ou imprevidência dos genitores.

Ouçamos, a propósito, o sábio e consciencioso naturalista Sr. de Quatrefages:

“Há muito se vem notando que os filhos concebidos em estado de embriaguez apresentam, às vezes permanentes, uns tantos sinais característicos desse estado, como sejam: sentidos obtusos e faculdades intelectuais quase nulas.

“Ora, em Tolosa, durante curto estágio clínico, tive ocasião de observar um desses casos. Um casal de operários, oriundos de famílias sadias de corpo e de alma, tinha quatro filhos, dos quais os dois mais velhos eram vivos e inteligentes; o terceiro, imbecil e quase surdo, e o quarto, parecendo com os mais velhos. Informações recolhidas da genitora, a quem muito afligia a condição do terceiro, permitiram-me saber que ele foram concebido estando o pai embriagado.

“Este caso, por si só, teria pouca ou nenhuma significação, mas, aditado aos divulgados por Lucas, Morel, etc., tem uma grande importância.”

Não há como o alcoolismo para produzir esses tristes resultados e, sem querer alongar o assunto, pensamos ter tido o suficiente para que se compreenda a gravidade inerente a essas questões tão delicadas.

As disposições orgânicas herdadas são, por conseguinte, vantajosas ou nefastas, e o Espírito, que se encarna de acordo com o seu grau de progresso, *submete-se* a uma família ou *escolhe*¹³⁰ a que lhe permita realizar, na Terra, as suas aspirações. Se deve cultivar a ciência, a arte ou as letras, as afinidades perispirituais levá-lo-ão, de preferência, aos centros onde se apuram essas atividades. Se, ao invés, precisa sofrer para depurar-se, será traído para famílias nas quais as tendências hereditárias manifestam-se intensamente, fazendo, assim, da vida terrena uma provação dolorosa.

Desse modo se explicam as enfermidades terríveis que parecem assaltar arbitrariamente umas tantas famílias e que levariam a duvidar da Justiça divina, se o Espiritismo não aclarasse o porquê da aparente iniquidade.

Resumo

No momento de encarnar, o perispírito une-se, molécula a molécula, à matéria do gérmen. Possui este uma força vital, cuja energia mais ou menos vigorosa, transformando-se em energia atual durante a existência, determina a longevidade do indivíduo.

Esse gérmen também contém gêmulas modificadoras do organismo, em virtude das leis da hereditariedade, ou melhor, a força vital, modificada pelos pais, transmite as disposições orgânicas da progenitura. É, pois, sob a influência da força vital que o perispírito desenvolve as suas propriedades funcionais.

A evolução vital do gérmen recapitula, de um modo rápido, as conformações *ancestrais* que a raça experimentou.

Assim como o duplo fluídico encerra, sob a forma de movimentos, o traço indelével de todos os estados da alma após o

nascimento, assim também o gérmen material contém em si a impressão indefectível de todos os sucessivos estados do perispírito.

A idéia diretriz que determina a forma está, por conseguinte, contida no fluido vital, e o perispírito, dele se impregnando, nele se transfundindo, a ele unindo-se intimamente, materializa-se o bastante para tornar-se o diretor, o regulador, o suporte da energia vital modificada pela hereditariedade. É graças a ele que o tipo individual se forma, desenvolve-se, conserva-se e se destrói.

Eis por que o perispírito é o decalque ideal do corpo, a rede fluídica estável através da qual passa a torrente de matéria flutuante, que a cada instante destrói e reconstrói todo o organismo. É ao perispírito que o Espírito deve a conservação de sua identidade física e moral, visto ser possível ligar o tão profundo quão persistente sentido do *ego* à matéria em constante renovação.

O que torna essa força invencível com a certeza de sermos sempre *nós mesmos*, desde que nascemos, até à morte, é a memória.

Ora, as moléculas do corpo renovam-se, foram em todos nós renovadas milhares de vezes no curso da vida, e, assim sendo, ela – a memória –, visto que só ela persiste, não pode haver-se como propriedade do que é de si mesmo instável, isto é, a matéria. A memória é atributo do invariável, do invólucro fluídico – o *perispírito*.

Também verificamos no homem instintos específicos, ou seja, privativos da raça.

É coisa que não nos deve surpreender, visto que a alma, com o seu invólucro, não atinge o período humano senão quando apta para dirigir um corpo humano. Portanto, os instintos primordiais são os mesmos para todos; mas, outros há, individuais, que dependem dos progressos particulares, realizados de maneira autônoma, de sorte que a reação aos estímulos exteriores varia conforme a natureza particular de cada um.

A transmissão dos pendores orgânicos permite-nos compreender por que os Espíritos encarnam antes nuns que noutros

meios; é que eles buscam os elementos adequados ao desenvolvimento de tais ou quais faculdades.

As afinidades fluídicas têm, portanto, grande importância no ato do nascimento. Se, igualmente, admitirmos a evolução por grupos, teremos demonstrado que os Espíritos não podem encarnar onde desejam. Um selvagem, cujo desenvolvimento intelectual e moral seja muito inferior à média atingida nos povos civilizados, não poderá colher aí um corpo físico, já que suas afinidades constroem-no a regressar ao seu ambiente, até que tenha progredido o bastante para harmonizar o invólucro fluídico com um meio mais elevado.

Todos os seres evoluem por gradações insensíveis, por transições imperceptíveis; mas, se quisermos avaliar o caminho percorrido, basta comparar os extremos de uma série: o selvagem e o homem civilizado, para vermos a diferença que separa o homem contemporâneo do seu ancestral quaternário.

Temos visto que as disposições mórbidas são transmissíveis e que, não sendo o espírito engendrado pelos genitores, nem por isso deixa de ser coagido, no exercício de suas faculdades, à mercê de uma organização defeituosa.

É uma das mais dolorosas provações. Sucede, às vezes, que a loucura não é real, não se radica no organismo, é produzida por Espíritos obsessores, cuja influência vai da obsessão à subjugação. Nestes casos é que podemos considerar o Espiritismo um benefício social. Ele pode ir ao encontro de milhares de criaturas, pobres vítimas enclausuradas nos manicômios, e que, de simples obsidiados que são, acabam realmente loucos, quando atirados a tais ambientes.

Capítulo VI

O Universo

A matéria e o espírito. – A evolução cósmica. – A evolução terrestre.

Religiões e filosofias que na Terra se têm sucedido sempre estiveram estreitamente ligadas e adstritas aos conhecimentos humanos do tempo em que foram concebidas. No Cristianismo é fácil encontrarmos o traço das falsas idéias cosmogônicas da época romana. A Terra era o centro do Universo e nada do que pudesse existir fora criado senão para a Terra. Os progressos da ciência, contudo, têm modificado muito esse conceito. De fato, sabe-se hoje que a nossa Terra não passa de pequeno planeta caudatário do sistema solar e que mundos outros, em profusão, estendem-se por todas as regiões do espaço, bem como que o Universo é infinito em todas as direções.

Estas verdades atingiram fundo os velhos dogmas e libertaram o espírito humano com o lhe dar uma noção mais elevada do poder eterno que preside às evoluções do Cosmo.

Elevando-se acima das concepções antropomórficas, o homem entreviu o incriado e já se permite sondar todos os mistérios, sem temer ser castigado por sua ousadia.

Foi a lente astronômica o primeiro aparelho que revelou a nossa verdadeira posição no Universo, por demonstrar que os outros planetas são astros como a Terra. Sua forma, constituição, seus movimentos, são semelhantes aos do nosso globo e, portanto, nossos irmãos do Infinito.

Galileu mostrou que, em vez de pontos luminosos, há terras do céu, com os seus continentes, atmosferas e satélites, tal como aqui mesmo.

Maravilhosa descoberta! Se esses mundos apresentam características tão semelhantes às nossas, é força concluir que tenham tido a mesma origem, e as fases por nós percorridas hão de ser as que eles percorreram, ou hajam de percorrer.

Descartes, chamando à Terra um sol encrostado, já tinha pressentido essa grande verdade. Deixando de lado o sistema solar, já então acanhado para o seu arrojo, o espírito humano, mercê do telescópio, voa com Herschell para os astros longínquos, abismalmente separados do nosso sistema. E são as estrelas e nebulosas a estadearem esplendores diante do nosso olhar maravilhado! Aqui, é a vastidão dos céus que nos desafia a imaginação aturdida com as perspectivas insondáveis. A distância das estrelas, uma nebulosa com o diâmetro da órbita terrestre, ou seja, 74.000.000 de léguas, seria invisível! Perceptível, apenas, sê-lo-ia a que o tivesse igual à órbita de Júpiter, ou de Saturno. As mais compactas ultrapassam a órbita de Netuno, computada em 22.222.000.000 de léguas! Outras, ainda mais gigantescas, mal pudera o espírito humano imaginar-lhes as proporções.

Esses formidáveis amálgamas de matéria cósmica mostram, às vezes, pontos brilhantes que, não já considerados em uma só, mas em muitas nebulosas, nos aparecem cercados de nebulosidades mais ou menos extensas. É de se presumir que esses núcleos nos oferecem todos os graus de condensação da matéria que os compõe, desde a nuvem mais difusa até a estrela mais bem formada.

Surge, então, a magnífica concepção da gênese dos mundos, a prosseguir incessante nas solidões do espaço infinito.

Para presenciar essas transformações ciclópicas, preciso fora utilizar períodos de tempo ante os quais a vida e a ciência humanas não representam, certo, mais do que um minuto. Considerando, porém, uma série de astros em todos os graus de transformações, a ciência imita o naturalista, que, ao percorrer uma floresta, examina as árvores da mesma essência em diversas fases de crescimento, e infere das suas observações o ciclo que a planta percorreu nas diversas épocas de sua existência.

Na conquista do astral, onde e como deter a pesquisa audaciosa deste pigmeu, ínfimo entre os mais ínfimos pigmeus do universo? A fotografia recuou os limites de acesso a distâncias incalculáveis, mas quem revelará ao pigmeu a natureza desses mundos longínquos, intervalados de abismos vertiginosos,

imensuráveis? O Espírito está, porém, senhor da matéria e do espaço, visto que um novo meio, eficiente quão inesperado, vai permitir-lhe analisar esses mundos perdidos nas insondáveis profundezas do infinito.

Em vez de considerar a luz do ponto de vista das imagens que ela nos pode facultar, fazemos-lhe a análise, e esta nos revela a natureza química do corpo que no-la envia, e mesmo dos corpos que, colocados no trajeto dos seus raios, podem modificá-los por absorção.

É uma descoberta de alcance filosófico incalculável, de vez que prova materialmente a grandiosa unidade das leis naturais que regem todo o Cosmo.

Essa análise espectral, extensiva a estrelas e nebulosas, afirma que a matéria, idêntica por toda parte, é, portanto, o alicerce fundamental das nossas induções filosóficas.

Entretanto, nesta senda, podemos ir ainda mais longe. Não satisfeitos de podermos calcular, com rigorosa justeza, a trajetória desses astros, de os pesar e analisar, ainda nos foi dado avaliar-lhes a idade no conjunto da criação. Possível, então, decifrar os maravilhosos hieróglifos dessa imagem prismática, que nos mostra o conjunto dos raios de um astro e permite separá-los, classificá-los, ordená-los, segundo a sua composição química, o seu movimento e a sua temperatura.¹³¹

“Se o corpo fosse simplesmente aquecido, sem ser levado à incandescência, o seu espectro advertir-nos-ia dessa circunstância, por esses raios que nos dão a sensação luminosa. Mas, desde que a incandescência se produz, os raios luminosos e fotográficos aparecem. Mais ativada a incandescência, mais se enriquece o espectro no campo violeta, que é sempre indício de alta temperatura.

“Que mais se elevasse essa temperatura, o violeta e os raios invisíveis que o acompanham tornar-se-iam mais abundantes. Pode mesmo conceber-se, por uma espécie de abstração, um corpo levado a tal temperatura que já não emitisse mais que esses raios invisíveis, situados além do violeta, que a vista não

mais perceberia e só reveláveis pela fotografia pela fluorescência ou pelos aparelhos termoscópicos.”¹³²

Sabemos, assim, que as estrelas mais aquecidas são as mais novas e poderemos classificá-las pela sua idade. Existem astros em todos os graus de evolução, desde os sóis mortos até os que ainda não entraram em atividade.

Que dizer desses mundos que, qual o nosso, mais não são que satélites de sóis mil vezes maiores e poderosos?!

Descobriu-se, diz o Pe. Secchi, que Sírius tem, efetivamente, um satélite difícil de ser entrevisto, porque está imerso na irradiação do astro principal; contudo, puderam achá-lo e medi-lo, graças aos possantes telescópios modernos.

Se consideramos, por um momento, as conseqüências físicas da multiplicidade desses sistemas luminosos e dos astros apagados que os acompanham, logo a surpresa nos empolga.

Num sistema de grande excentricidade, como o da *Alpha* do Centauro, os planetas devem ser aquecidos ora por dois sóis muito vizinhos, ora por um sol muito próximo e outro muito afastado. Junte-se a isso o que as estrelas duplas muitas vezes apresentam de matizes variados e complementares, e teremos que ainda o mais imaginoso dos poetas seria incapaz de exprimir as fases de um dia aclarado por um sol vermelho; de uma noite com revérberos de sol verde; de outro dia banhado por dois sóis de cores diferentes e rivais no brilho; de uma noite a preceder-se de aurifúlgido crepúsculo, e seguida de azulínea aurora.¹³³

Calculados, como foram, os movimentos desses astros de maravilhosas cambiantes, temos, hoje, por certo, que a lei de atração não vige apenas para o nosso orbe, mas para todos os ocupantes do espaço infinito.¹³⁴

Sábios houve que presumiram o fim do Universo. Etribando-se nas leis de conservação da energia, eles demonstraram que todas as transformações que se operam num sistema fechado, qual o formado pelo Sol com os planetas que lhe gravitam em torno, têm por fim transformar a energia potencial em atual, ou seja, produzir uma temperatura igual em todas as partes integrantes do sistema. Se a vida deriva – o que é certo – de um determi-

nado grau de temperatura, depreende-se que, extinguindo-se o Sol, é indubitável que a vida desaparecerá da Terra e dos planetas. Mas nós não sabemos ainda qual o momento em que haja de verificar-se esse fenômeno.

As experiências mais perfeitas, os cálculos mais autorizados, não permitiram verificar, desde que se entrou a observar o Sol, qualquer diminuição apreciável da sua energia. Mas, em suma, admitamos que, ao fim de tempos incalculáveis o foco radiante vai esfriar-se, apagar-se, morrer. Será certo mesmo que, daí por diante, não haja mais possibilidade de vida?

Ninguém poderia afirmá-lo, ainda que o Sol fosse fixo, e muito menos sendo móvel, a deslocar-se para a constelação de Hércules com a velocidade de cento e onze milhões de léguas por ano. E ninguém poderá dizer que, decorridos períodos assim milenários, a lhe esgotarem a energia, não venha ele a encontrar-se numa região sideral, onde outro sol possa fornecer-lhe o que nos deu, isto é: o calor, a luz, a vida.

Mas, mesmo supondo que todo o nosso sistema solar pudesse ser atingido de morte, lícito não fora presumir tivesse o Universo a mesma sorte. A verdade accidental para um sistema fechado não pode generalizar-se ao infinito. Nós ignoramos totalmente se o poder organizador, que faz evoluir a matéria, tem fixado limites às suas manifestações.

Tudo, ao contrário, nos induz a crer na eternidade do movimento e da vida. As descobertas astronômicas atestam que a matéria existe em todos os graus de condensação e que, muito antes da formação da Terra, as estrelas já fulgiam no firmamento. Os sistemas que agora começam hão de existir, ainda em plena atividade, quando na Terra se haja de extinguir o último dos olhares humanos. Cremos, portanto, na eternidade do Universo e nas manifestações criadoras a se desdobrarem ao infinito, no tempo e no espaço.

A matéria e o espírito

Não conhecemos a matéria, substancialmente, em si mesma, tal como se dá com a força ou o espírito, que apenas podemos

perceber em suas mútuas relações. Eis por que não podemos formular uma teoria completa, abrangendo todos os fenômenos sucessivos. Não nos é dado saber se uma dessas realidades engendrou as outras por via evolutiva.

Os filósofos, conformes com as suas tendências espirituais, deram ascendente de prioridade a um ou a outra, mas, de qualquer forma, esbarraram todos com dificuldades lógicas intransponíveis.

Se admitirmos que a força é uma maneira de ser, um aspecto da matéria, não haverá mais do que dois elementos distintos no Universo – matéria e espírito – irreduzíveis entre si. O que caracteriza essencialmente o espírito é a consciência, isto é, o *eu*, mediante o qual ele se distingue do que não está nele, isto é, da matéria. Desde as primeiras manifestações vitais, o *eu* evidencia a sua existência reagindo, espontaneamente, a uma excitação exterior. No mundo inorgânico tudo é cego, passivo, fatal; jamais se verifica progresso, não há mais que mudanças de estados, as quais em nada modificam a natureza íntima da substância. No ser inteligente há aumento de poder, desenvolvimento de faculdade latente, eclosão do ser, a traduzir-se por exaltação íntima do indivíduo.

As modalidades da matéria ou da força movimentam-se num ciclo fechado – o ciclo das transformações. Elas podem mover-se umas nas outras, substituírem-se alternadamente por mudanças na freqüência, na amplitude ou na direção dos movimentos vibratórios. A alma, essa, é una, e cada essência espiritual é individual, é pessoal. Nenhuma alma pode transmutar-se noutra, substituir outra. Portanto, uma unidade irreduzível, que tem a existência em si.

Suas faculdades, posto que semelhantes às das outras almas, têm, contudo, um desenvolvimento próprio, peculiar.

Para a alma, há progresso, modificação íntima, ascensão, sem retorno possível a um estado menos desenvolvido. Esse progresso manifesta-se por um poder sempre crescente sobre o *não-eu*, isto é, a matéria.

Já vimos como se pode compreender a evolução espiritual no tempo, engendrando formas materiais, cada vez mais perfeitas, e agora vamos sumariar o conjunto desses conhecimentos, partindo da matéria primordial.

A evolução cósmica

Estudando a matéria através dos seus diferentes estados físicos, sabemos que ela vai-se rarefazendo à proporção que a formos passando do estado sólido ao gasoso. Chegada a este estado, as moléculas adquirem grande instabilidade, porque animadas de movimento rotativo extremamente rápido, e de outro movimento retilíneo em todas as direções. Este último resulta do choque mesmo das moléculas animadas do movimento rotatório, que é, com efeito, a força viva, armazenada e capaz de engendrar todos os demais movimentos. Representa, portanto, a soma de trabalho disponível, isto é, energia. Segue-se, daí, que é nas moléculas gasosas que a energia potencial se nos apresenta no mais alto grau.

De fato, a natureza mostra-nos que a matéria nebulosa afeta, implica um estado de grande rarefação. Supuséssemos toda a matéria do sistema solar uniformemente repartida no espaço esférico abrangido pela órbita de Netuno, e teríamos uma nebulosa gasosa, homogênea, quatrocentos milhões de vezes menos densa do que o hidrogênio à pressão ordinária, que pesa por si mesmo quatorze vezes menos que o ar.¹³⁵

Nesse estado, a matéria deve ser ultra-radiante, apresentando todos os caracteres da energia.

Nem por isso deveremos considerá-la sob a sua forma primordial, de vez que ainda tem peso. Não ignoramos que sábios ilustres quais Helmholtz, Crookes, Carnellay, baseando-se no estudo da energia, admitem possa a matéria afetar estados extremes de peso. Possível se nos torna, assim, imaginar uma substância primitiva, invisível e imponderável, que corresponda ao estado primordial da matéria, ou seja, o fluido universal. A idêntica conclusão chegaremos, examinando as propriedades químicas da matéria. Trata-se, pois, de uma indução muito

legítima e de inteiro acordo com as descobertas e tendências da ciência contemporânea.

Isto posto, é possível compreender que todos os fenômenos físicos da formação de um planeta dependem de condensações sucessivas, cada vez mais completas, do fluido universal.

A matéria, sob sua forma primitiva, ocupa a extensão infinita. Ela existe em todos os graus de rarefação, desde o estado inicial ao de materialidade visível e ponderável.

O éter dos físicos não é senão modalidade já bastante distanciada da matéria universal. Ensinam os Espíritos que esses estados diferenciais de rarefação representam o que denominamos fluidos e existem em grande número, tão diferentes por suas propriedades quanto para nós o são os estados da matéria. É no estudo desses fluidos que vamos encontrar a explicação de inúmeros fenômenos cuja causa atualmente nos escapa. Prosseguindo a condensação da matéria única, o movimento atômico, que se mantinha no seu potencial máximo, vai diminuindo e dando ensejo ao surgimento de múltiplas manifestações da energia a que chamamos forças naturais. Depois, diminuindo sempre de amplitude o movimento original, a rarefação primitiva torna-se menor e aparece-nos a matéria nessas tênues nebulosidades, que ocupam no espaço infinito regiões determinadas, nas quais se hão de desenvolver os mundos do futuro. Quem, no entanto, poderia calcular a série de séculos necessários à formação desses mundos?

Para que o Espírito pudesse ter uma idéia a esse respeito, precisas lhe seriam unidades tais de tempo, que, tomado o período de desenvolvimento e transformações do nosso globo, nem assim chegaríamos a um resultado. A propósito, a Astronomia fornece-nos alguns dados positivos: sabemos como a matéria cósmica se concentra lentamente para o seu centro. A queda de todos os átomos para o centro de atração desenvolve um grande calor, ao mesmo passo que a nebulosa toma um movimento de rotação circular, formando zonas girantes, de velocidades desiguais, segundo o seu maior ou menor afastamento do centro. Cada um desses anéis condensar-se-á para formar uma pequena nebulosa, rodando no sentido da nebulosa integral e em torno do seu centro

particular. À medida que a concentração molecular for aumentando, o calor engendrado irá produzindo sóis que iluminarão a noite profunda.

Se examinamos um desses mundos secundários, como a Terra, por exemplo, chegamos a reconstituir a sua história sideral: temos, de princípio, uma estrela branca e fulgurante qual Sírius, muito quente, e onde a matéria ponderável começa a diferenciar-se, dando o nascimento ao mais leve de todos os corpos – o hidrogênio. Durante muito tempo, esse novo mundo lançará radiações luminescentes em todas as direções do espaço, até que, diminuindo-lhe o calor, ou seja, tornando-se o movimento vibratório menos intenso, se ensejam outras condensações. A sua luz tornar-se-á amarela como a solar, e possível será o aparecimento sucessivo dos diferentes metais que aqui existem. Por fim, os metalóides e as combinações dos metais entre si poderão verificar-se, e a luz já será dum vermelho vivo, a sombrear-se de mais a mais, até extinguir-se de todo. Completa-se, nesse instante, a diferenciação; em temperatura decrescente, as diversas condensações tomaram posições de equilíbrio estável, não mais suscetível de modificar-se. Estão, assim, engendrados os corpos simples.

Disso não se deve concluir que esse decréscimo de temperatura possa, de qualquer modo, comparar-se ao que hoje persiste.

Devemos figurar a Terra como um laboratório imenso, onde os corpos ainda se encontram no estado vaporoso, liquefeitos em parte, isto é, sob uma temperatura de 2.000 graus, aproximadamente. Apenas uma leve camada de escórias reveste o enorme braseiro ígneo. A atmosfera apresenta-se-nos carregada de vapores, sulcada de formidandas descargas elétricas. Mas, o frio dos espaços interplanetários atua ainda de longada, as condensações metálicas operam-se mediante forças físico-químicas desencadeadas, e a crosta sólida vai aumentando, até que chega a interceptar os raios do foco central. Já, então, os vapores aquosos ter-se-ão condensado e todo o globo apresenta-se coberto pelas águas.

Durante essa fase, nascera a Lua, destacada da nebulosa terrestre pela rapidez do movimento de rotação, muito mais célere que o atual.

É no seio tépido dos mares primitivos, sob a ação da luz, do calor e de uma pressão hoje difícil, senão impossível de reproduzir-se, que se formou essa massa viscosa chamada protoplasma, primeira manifestação da vida inteligente, que deve desenvolver-se progressiva e paralelamente, e produzir a inumerável multidão de formas vegetais e animais, para chegar, após uma série de séculos ou milênios, à obra tão pacientemente perseguida: a aparição do ser consciente – o homem.

A evolução terrestre

Não encerrando os terrenos primitivos qualquer traço de matéria organizada, temos por certo que a vida surgiu na Terra em um dado momento. Vimos que ela, a vida, não é mais que uma modificação da energia, a preludiar-se naturalmente na construção geométrica dos cristais que se organizam, reparam as fraturas e reproduzem-se acidentalmente, quando, cindidos por uma força exterior, se mergulha em água-mãe a parte lascada.

Essa matéria, porém, é inerte, desprovida de espontaneidade; torna-se-lhe necessária a adjunção do princípio intelectual para poder animar-se. É um problema que fica resolvido com o protoplasma. Não há individualidade nessas massas gelatinosas, moles, viscosas, que tomam indiferentemente todas as formas; mas, logo que se opera uma condensação na massa, como sucedeu com as nebulosas, essa condensação chama-se núcleo. Depois,, o protoplasma reveste-se de uma camada mais densa e é o começo do invólucro membranoso. A partir desse momento, está o ser vivo constituído; é a célula que há de ser molécula vital, de que se formam todos os seres organizados. Animais ou vegetais, do mais simples ao mais complexo, não passam de associação de células mais ou menos diferenciadas. Todo o trabalho futuro consistirá nesse agrupamento, e os meios utilizados pela Natureza para variar a sua obra primitiva são bem simples, resumem-se em duas proposições: seleção natural, ou,

melhor dito, luta pela vida, e influência do meio, cuja ação é enérgica para variar as formas, a alimentação e os instintos.

Os primeiros habitantes dos mares laurentianos são, portanto, células albuminóides, microzimas, moneras, amebas, cujas primeiras associações irão formar essas algas que tapeçam o fundo dos mares. No princípio, a vida é incerta, os animais e os vegetais como que se confundem; mas não tardarão a diferenciar-se: as células de envoltório flexível engendrarão os seres móveis, os animais; as de invólucro resistente, da natureza da celulose, engendrarão os vegetais imóveis. Nascidos diretamente do protoplasma, os primeiros organismos animais são células livres, dotadas de vida própria. As amebas, bastante parecidas com uma gota de óleo, contraem-se e caminham penosamente, não têm uma forma bem definida ainda. Um primeiro aperfeiçoamento verifica-se nas moneras esféricas, providas de cílios retráteis, que lhes permitem deslocarem-se. Os volvozes são animados por movimento de contínua rotação. Nestes seres primários, surdos, cegos, mudos, o único sentido é o tato. Reproduzem-se por fracionamento; quando a célula ultrapassa um certo volume, opera-se o estrangulamento da massa, seccionada em duas partes, a formar cada qual uma nova célula. Desses primitivos organismos, cuja espécie deve ser contemporânea do surgimento da vida no planeta, ainda se encontram exemplares submarinos. Sua alimentação opera-se por simples absorção, como nas plantas e, no entanto, as células possuem todos os caracteres da vida, são efetivamente os antepassados de todos os animais superiores.

Um pouco mais tarde, essas células já se não separam em se reproduzindo, e apenas ficam associadas por filamentos, tal como se dá com o *myxodictyum sociale*. Os protistas ou zoófitos oferecem o exemplo da primeira vida celular em comum. Variável a forma desses animais, temo-los ovóides e avermelhados, achatados como folhas, vivendo outros encasulados, ramificados em colônias arborescentes. Contudo, a fusão entre individualidades distintas, que formam o animal, ainda não está feita e só se fará lenta e progressivamente. Nos protistas, cada parte vive de sua própria conta e preciso se torna um entendimento da vida em comum, uma divisão do trabalho geral, para engendrar um

progresso. As esponjas patenteiam já uma tal ou qual individualidade obscura. É uma sociedade de amebas e de infusórios flagelíferos, que se soldam em massa comum que se retrai ou se dilata em bloco, absorve e expele a água de que se nutre.

As hidras, os polípeiros, as medusas, são formas transitórias que a natureza emprega para fundir as unidades particulares numa individualidade total. Aí, já existem músculos rudimentares, que dão à massa movimentos de conjunto. Já há um estômago e alguns rudimentos de nervos. Faltam ainda, porém, a vista, o olfato, a audição. Na hidra, por exemplo, as propriedades diferenciam-se tão pouco, que, se lhe invertermos a bolsa, o exterior torna-se interior e continua absorvendo o alimento como se nada de extraordinário houvera sucedido. Os tuníceiros já nos apresentam um progresso notável, qual a existência de um como líquido nutriente, que um coração rudimentar, a bater indiferentemente em todos os sentidos, envia a todas as partes do organismo. E aí temos o animal respirando pelas guelras. Uns há que segregam uma substância da qual se formam conchas arborescentes, como o coral.

Aqui vemos que a Natureza já tem percorrido longo trecho na elaboração das formas. Contudo, só temos assinalado seres difusos, amorfos, vegetando nas profundezas oceânicas, ilimitadas. Milhares de anos foram precisos para se produzirem os anelados, imediatos sucessores dos animais precedentes.

Como os tuníceiros, tampouco a minhoca passa de um tubo; tem brônquios, mas o seu sistema cardíaco é já um tanto aperfeiçoado; rasteja para frente, isto é, na direção da extremidade em que tem a boca, como se soubesse que é por aí que deve buscar e encontrar o alimento. Nos anelídeos também já se entremostam nervos visuais, tanto quanto um sistema nervoso rudimentar. Vimos que, até então, a individualidade pouco se caracterizou. Vimos como se pode conceber a formação de um primeiro nervo sensitivo, diferenciado da sensibilidade geral, mediante a repetição, longamente reiterada, de um movimento vibratório a incidir no mesmo ponto do organismo, e temos admitido que o perispírito acabasse incorporando-se nesse movimento. Concluimos, então, que, em retornando o princípio inteligente a ocupar a nova

forma, esta se organizaria de acordo com a modificação do perispírito.

Não havia, até então, individualidade real, mas, com o nascimento de um sistema nervoso, a vida esparsa, difusa, entra a concentrar-se. Cada parte do corpo desempenhará determinado trabalho. A respiração, a digestão, a circulação, a reprodução, vão localizar-se nos tecidos especiais, que hão de formar órgãos particulares, e o sistema nervoso será o coordenador, o regulador dessa atuação. A partir desse momento, a vida pessoal do princípio pensante acentuar-se-á cada vez mais, e os instintos poderão nascer e tornar-se mais complicados, mais identificados com a mudança das condições exteriores.

A vida é ainda submarina, os terrenos primitivos jazem cobertos de água e é no seio dela que os crustáceos vão suceder os anelídeos. O crustáceo, precursor do peixe, tem já uma carapaça, enxerga e pode conduzir-se na água – é a trilobite do terreno siluriano. Mas, a partir desse momento, a vida pôde tornar-se aérea. A crosta frágil dos terrenos primários teve de ceder muitas vezes à pressão dos gases interiores, uma luta titânica empenhou-se entre o fogo e a água e, no bátrio de cataclismos gigantescos, a força central vomitou, ígnea, as suas escórias, lavas, basaltos, pórfiros, formadores das primeiras ilhas, alicerces de futuros continentes. A ação pluvial, os saís, a temperatura, acarretam as erosões, a desagregação das rochas, formando a primeira camada humosa e propícia ao desenvolvimento das plantas. A atmosfera ainda se apresenta saturada de umidade e, sobre essas plagas baixas e lodosas, vamos surpreender o primeiro crustáceo terrestre, o escorpião, irmão do crustáceo marinho.

Durante muito tempo, será ele o único habitante dos domínios consolidados. As ilhas recobrem-se de plantas primitivas e nas brenhas sombrias nenhum ruído se ouve, além do vento. Todos os seres são mudos.

Vai surgir uma outra fase. Depois dos primeiros ensaios, vai a natureza caminhar mais ousadamente no aperfeiçoamento da sua obra. Alteiam-se os terrenos, a terra vai, lenta, conquistando os seus domínios ao elemento líquido, que se refugia nas depressões mais fundas. Enquanto duram essas mudanças aéreas, um pro-

gresso enorme completa-se no seio dos mares. É no período primário que aparecem os primeiros vertebrados marinhos – os peixes. Os cefalópodes e os pterigotos têm uma coluna vertebral, e transitando do estado ganglionar ao cérebro-espinhal revestido de ossificação perfectível, a natureza como que arma as suas novas criações para uma vida ativa.

Certos peixes tendem a viver, de preferência, nas plagas lodosas e adquirem traços da respiração aérea, ensejando o advento dos batráquios.

A época carbonífera, a seguir-se, caracteriza-se pelo desenvolvimento extraordinário da vegetação. Condensou-se o Sol enorme e nebuloso das idades pregressas, aumentando o seu aquecimento; e, como o calor central da Terra e a umidade são ainda muito fortes, o reino vegetal vai atingir proporções desconhecidas. Os fetos arborescentes, as sigilárias desmesuradas, atingiam, às vezes, quarenta metros de altura. São os gigantes petrificados das nossas minas carboníferas.

Os batráquios, que não passavam de peixes na primeira fase, transformam-se em animais aéreos na segunda, e vão, pouco a pouco, deixando o mar pela terra. E, com isso, já se revelam mais inteligentes do que os primeiros. São, de fato, os primeiros a emitir sons, pouco harmoniosos de começo, mas, sem embargo, precursores de vozes que jamais se extinguiriam na escala dos seres.

A esse período, sucede a era dos répteis; a natureza inaugura uma série de formas fantásticas, horrendas e colossais. Após os precedentes ensaios, ela parece colimar a perfeição na grandeza das mais bizarras e atormentadas formas.

Preciso é ver-se esses animais reconstituídos, para se ter uma idéia dessas concepções monstruosas, que, felizmente, não se transferiram à posteridade. Contemplando-as hoje, elas nos demonstram a potência e facúndia dos meios utilizados, bem como a infinidade e diversidade de engenho dessa operária infatigável que é a natureza. Entretanto, o progresso interior prossegue em sua marcha, o cérebro e a medula espinhal aí já estão mais fortemente defendidos por um sistema nervoso.

Com os marsupiais, apresentam-se-nos os primeiros mamíferos. A cria nasce incompletamente formada, embrionária, para terminar seu desenvolvimento na bolsa materna. É o princípio inteligente a esboçar-se em primórdios de sentimentalidade, é o amor materno que desponta com o nascimento dessa criatura informe, a qual, quanto mais fraca, mais cuidadosamente assistida. Bem conhecida é a ternura da fêmea do gambá para com a sua prole. Da necessidade originou-se o primeiro instinto superior. Os sentimentos mais elevados, que mais tarde se vão patentear nos animais e no homem, não derivariam doutras causas, concluindo-se, destarte, que os fenômenos materiais e intelectuais têm uma conexidade absoluta e racional.

Todos os monstros que povoavam os mares triássicos, jurássicos, cretáceos, desapareceram no período secundário. As condições de vida já lhes não podiam convir. As terras, mais extensas, cobriam-se e recobriam-se de milhões de conchas microscópicas; os continentes destacavam-se mais nítidos, melhoravam-se as condições gerais da vida. Com o período terciário a natureza sai dos limbos da infância e, já instruída pelos tateamentos e experiências sucessivos, desafogada dos empecilhos da gênese, tendo eliminado os animais inúteis à sua empresa, entra a marchar mais rápida e resoluta numa senda mais clara e mais acelerada.

É neste período que despontam todos os antepassados da fauna contemporânea, e a Ciência, que acompanhou passo a passo o desenvolvimento progressivo das formas, leva-nos insensivelmente dos lêmures aos símios. Simultaneamente, tudo progride em nosso globo: o solo, as plantas, os animais. Mudam-se os ambientes, as ilhas fazem-se continentes, o fogo dá lugar à água, diminui a umidade, o solo saneia-se, o Sol derrama torrentes de luz e calor, as plantas abandonam os abismos marinhos, conquistam a gleba e desenvolvem-se, diversificam-se, floream, dão frutos. As estações diferenciam-se, regularizam-se os climas, as formas tornam-se mais apropriadas ao meio, e o nível da criação eleva-se num ritmo constante.

Que grande trajeto percorrido! Os seres diversificaram-se a tal ponto que, antes, parecem estranhos entre si. Mas, nós vimos

que todos partiram da monera primitiva, e o estudo de sua composição demonstrou-nos que eles não passam, a todo tempo, de associações mais complexas do elemento primitivo. Todos eles, ao nascerem, são ainda essa monera que se fragmenta, que se associa às nascentes da sua própria substância, a fim de constituir o recém-vindo, cujo lugar na escala dos seres depende do grau de sua evolução. O desenvolvimento do cérebro prosseguiu independentemente das formas.

Os primitivos zoófitos não apresentam indícios de cérebro, não têm sentidos nem sexo. Com os moluscos, temos um sistema nervoso obtuso, mal definido, geração rudimentar, sentidos imperfeitos. Nos crustáceos, já se nos deparam, coincidentes com o sistema nervoso ganglionar, a visão, a audição, o tato.

Depois, os peixes têm um cérebro e uma medula espinal defendidos, são os primeiros vertebrados, os sentidos se extremaram. Seguem-se os anfíbios e os répteis, que implicam na sucessão da geração ovípara pela vivípara, e apresentam uma ossatura endurecida.

Os marsupiais, mamíferos inferiores, apresentam-se com um encéfalo muito simples, que se vai complicar nos seus sucessores para chegar à divisão em lóbulos e formar as circunvoluções, observáveis nos macacos e no homem.

Macaco e homem são primos, procedem de antepassados primevos, da época terciária, e possível se torna vermos os sucessivos progressos realizados pela nossa raça, acompanhando o desenvolvimento do homem quaternário, cujo crânio, costelas e fêmur oferecem caracteres simiescos, ainda não desaparecidos inteiramente em certas raças inferiores, quais os australianos, os fueguianos, etc.

Nenhuma teoria filosófica pode, como o Espiritismo, explicar todos esses fenômenos. Graças à lei da reencarnação e ao conhecimento da natureza da alma, fácil se torna compreender o progresso do Espírito, desde as modalidades mais rudimentares até as suas manifestações mais altas.

O princípio pensante percorreu, lentamente, todas as escalas da vida orgânica, e foi por meio de uma ascensão ininterrupta,

em transcurso de séculos inumeráveis, que ele pôde pouco a pouco, demoradamente, fixar no invólucro fluídico todas as leis da vida vegetativa, orgânica e psíquica.

Foi-lhe preciso rematerializar-se um sem-número de vezes para que todos esses movimentos, sentidos, conscientes, desejados, chegassem à inconsciência e ao automatismo perfeito, que caracterizam as reações vitais e as ações reflexas. Não é de improviso que o ser, seja qual for, chega a esse resultado, pois a natureza não faz milagres e opera sempre do simples para o complexo. Para que um ser tão complexo quanto o homem, que reúne os caracteres mais elevados de todas as criaturas vivas, possa existir, importa, absoluta e necessariamente, tenha percorrido toda a série, cujos diferentes estados ele em si resume.

Conclusão

Temos visto como o movimento perispiritual explica, de um modo simples, a passagem do consciente ao inconsciente, e como se registram, automaticamente, no perispírito, todos os estados da alma.

As condições de percepção prendem-se a duas causas, que são a intensidade e a duração da sensação, variáveis segundo o estado vibratório do invólucro.

Nos primórdios da vida, o invólucro da alma é grosseiro, mesclado dos fluidos mais próximos da matéria, com movimentos tardos, por assim dizer, incipientes. O trabalho da alma consiste na depuração desse invólucro, em desembaraçá-lo das suas gangas fluídicas, isto é, em dar-lhe um movimento cada vez mais radiante.

Cada existência terrena deixa no perispírito a sua impressão. Assim como, ao cortar-se uma árvore secular, se torna possível saber-se a idade contando as camadas concêntricas anualmente deixadas pela casca, assim também existem zonas fluídicas que se vão superpondo, à medida que o Espírito se vai distanciando da sua origem. As lembranças gravadas no invólucro são, como ele mesmo, inextinguíveis. Posto não passe de simples analogia, é possível comparar essas camadas sucessivas às impressões fotográficas que se podem superpor na mesma placa sem se confundirem. Todos esses movimentos vibratórios têm uma existência própria, um grau vibratório que lhes é peculiar, sendo o último sempre superior aos demais.

Note-se bem que se não trata, aqui, de uma superposição de impressões físicas. Assim como o fenômeno da alotropia nos mostra, tangivelmente, que as propriedades de um corpo prendem-se a um movimento particular das moléculas desse corpo, e que essas propriedades mudam quando o movimento molecular tem outro modo vibratório, assim também, no perispírito, cada zona atômica pode ser constituída pelos mesmos átomos, mas com associações vibratórias inteiramente diferentes, correspon-

dendo cada um desses arranjos a determinada posição de equilíbrio.

Chegada à humanidade, a alma já está amadurecida, e o seu invólucro tem fixado, sob a forma de leis, de linhas de força, os estados sucessivamente percorridos, e será talvez essa a causa da evolução fatal do embrião, repassando por todos os estágios da escala anteriormente percorrida.

No homem primitivo, o inconsciente fisiológico é muito rico e não terá quase de enriquecer-se mais, senão de atos automáticos secundários, ou seja, de hábitos manuais; o inconsciente psíquico, pelo contrário, está quase virgem, constituído pelas modalidades mais apuradas do instinto, e das mais incipientes da consciência e da inteligência.

De fato, o animal apenas possui faculdades simples, rudimentares. Tem o sentimento da existência, mas não tem a consciência do *eu*. Os primeiros homens deveriam aproximar-se muito dos antropóides atuais, e não resta dúvida de que a longa duração do período quaternário foi indispensável à elaboração dessa consciência, que os deveria destacar definitivamente da animalidade.

Insensivelmente, contudo, foi-se a alma desprendendo das brumas que a envolviam; o raciocínio, que apenas lucilava intermitente, afirmou-se como o fundo mesmo do Espírito; o pensamento, a inteligência, exercendo-se por sensações mais nítidas, mais delicadas, ensejaram observações sempre mais exatas, relações melhor estabelecidas, generalizações e abstrações cada vez mais amplas, à medida que a linguagem se aperfeiçoava.

Trazendo cada encarnação um aperfeiçoamento, o inconsciente psíquico enriqueceu-se progressivamente, e o esforço ia-se tornando menos considerável, à proporção que aumentava o número das clausuras terrenas.

Hoje, o que importa é desembaraçarmo-nos das paixões e instintos residuais da nossa passagem pelos reinos inferiores.

A luta é demorada e difícil, pois há que modificar os primeiros movimentos perispirituais que em nós se encarnaram, e que

eram os únicos constituintes de nossa vida mental, nessas épocas remotas e mil vezes seculares de nossa evolução.

Entretanto, a vontade tudo pode em relação à matéria, o progresso entremostra-nos perspectivas cada vez mais brilhantes, e essa mesma força que nos erigiu em seres inteligentes saberá desvendar-nos o roteiro de mundos melhores, nos quais imperam a concórdia, a fraternidade, o amor.

Nos estudos parciais, que constituem este livro, pensamos haver demonstrado que os fenômenos vitais e psíquicos, coexistentes no homem, encontram explicação racional na Doutrina Espírita. Nada, nas teorias por nós expostas, colide com a filosofia das ciências. A existência do perispírito, durante a vida e depois da morte, foi experimentalmente estabelecida, com todas as garantias possíveis contra a fraude e o erro; sua composição fluídica foi comprovada pela fotografia, e nós podemos conceber-lhe a natureza, por analogia, com os estados da matéria extremamente rarefeita. Nem a sua imponderabilidade é mais estranha do que a das forças físico-químicas que se traduzem por luz, eletricidade, afinidades, etc. Nem sua ação sobre a matéria é mais extraordinária que a do magnetismo sobre a limalha de ferro. Finalmente, nenhuma de suas propriedades é irracional.

A sua união com a alma é da mesma espécie da que ocorre com as forças ligadas aos átomos materiais. Se não podemos aniquilar a matéria, maiormente não podemos destruir o Espírito: a alma que se manifesta depois da morte é verdadeiramente imortal.

A reencarnação é a conciliação lógica de todas as desigualdades intelectuais com a justiça de Deus. Ela se comprova experimentalmente com a encarnação de Espíritos em certos e determinados ambientes, preditos por circunstâncias que de antemão os identificam. Se essa encarnação é possível uma vez, não vemos por que o não seja inúmeras vezes. Isto posto, podemos inferir uma lei geral, posta ao princípio inteligente, e aplicá-la aos animais, ainda porque, neles e com eles, podemos observar fatos que tendem a estabelecer essa verdade.

A existência do fluido vital, ainda que posta em dúvida na atualidade, parece-nos indispensável para explicar os fenômenos

da vida, visto que a forma e a evolução de todos os seres vivos, bem como os fenômenos de reconstituição orgânica, não os explica a ciência moderna.

Nós, que conhecemos a verdadeira natureza da alma, oferecemos a nossa teoria, que resolve logicamente grande número de dificuldades.

A fonte de todos os mal-entendidos que dos espíritas separam os materialistas e espiritualistas deriva da ignorância em que se mantêm os sábios e os filósofos, no concernente à existência e à natureza do perispírito.

Para os fisiologistas, a alma não é mais que resultado das funções vitais do cérebro. Iludidos pela concordância que verificam entre o estado mórbido desse órgão e o concomitante desaparecimento de certas faculdades, acreditam eles haver nisso uma correlação de causa e efeito, e o que os confirma nessa maneira de ver é que a faculdade se restabelece logo que o órgão retorna ao estado normal.

Nós, porém, que possuímos a prova da sobrevivência da alma à desagregação do corpo, sabemos que aquela concordância é devida à ação do perispírito sobre o corpo, entravado, desde que a força vital se perturbe, mas pronta a reassumir o seu império, tão logo a calma se restabeleça.

A teoria materialista nada explica do Universo. Ela apenas aponta os fatos, que atribui a leis materiais, a se encadearem, a se determinarem sucessivamente. O Espírito é uma possibilidade qualquer, poderia deixar de existir, de sorte que a inteligência não passa de mero acidente na criação. É para nós essa uma conclusão absurda, por isso que, não existindo um ser racional, a criação seria um contra-senso.

Vimos as forças naturais concorrerem com todas as forças ativas para a eclosão do ser pensante, e pretende-se que este último produto da evolução – o homem, que, ao invés de submeter-se passivamente, como o fizeram os seus predecessores, tomou a direção de si mesmo – seja o fruto de uma surpresa, de um jogo do acaso? É uma conclusão contraditada por toda a natureza e, ainda que não tivéssemos a prova material da imorta-

lidade da alma, o bom senso faria justiça a essas alegações infundadas.

A matéria é cega, inerte, passiva, e só se move por influência da vontade. O que denominamos forças, nada mais é que manifestações tangíveis da inteligência universal, infinita, incriada. São sinais evidentes da Vontade suprema que mantém o Universo.

Assim como agentes se fazem precisos, por executar as leis promulgadas pelos nossos parlamentos, assim também se faz necessária uma potência, eternamente ativa, para tornar exequíveis as leis naturais.

Todas as alterações verificadas nos estados da matéria não têm mais que um fim – o progresso do Espírito, que é a única realidade pensante. Nisto, aproximamo-nos dos espiritualistas. Estes filósofos, porém, estudando a alma, apenas subjetivamente são levados a conferir-lhe uma espiritualidade absoluta, que fatalmente os impede de compreender a sua ação sobre o corpo.

Ao demais, essa atitude interdita-lhes a explicação de numerosos e variados fenômenos da vida inconsciente do Espírito.

Mas, isso ainda não é tudo.

A fisiologia demonstra-lhes que todo estado de consciência liga-se, necessariamente, a um substrato material; que a memória, por exemplo, está intimamente ligada a determinado estado do sistema nervoso, sem o que não poderia produzir-se; de sorte que, se, após a morte, a alma fosse puramente espiritual, não reteria nem um dos conhecimentos do passado, uma vez destruído o corpo.

Chegou o tempo de se rasgarem todos os véus. O Espiritismo faculta provas tangíveis da imortalidade, e preciso se faz que, afrontando todos os sarcasmos, todos os prejuízos, ele obrigue os pensadores sérios a estudá-lo atentamente.

Todos os espíritos chumbados às suas velhas concepções terão de abrir os olhos diante da luz radiosa da verdade solidamente apoiada em fatos inconcussos.

Teremos, então, a satisfação de ver milhares de inteligências superiores arrotearem o campo magnífico desdobrado aos seus olhos. O domínio da matéria imponderável é tão vasto quanto o

ponderável, de nós conhecido. Fecunda messe de profícuas descobertas acena para quantos se disponham a perlustrar esses territórios ainda inexplorados.

Com a certeza das vidas sucessivas e da responsabilidade dos nossos atos, muitos problemas revelar-se-ão sob novos prismas. As lutas sociais, que atingem, nesta nossa época, um caráter de aguda aspereza, poderão ser suavizadas pela convicção de não ser a existência planetária mais que um momento transitório no curso de uma eterna evolução.

Com menos orgulho nas camadas altas e menos inveja nas baixas, surgirá uma solidariedade efetiva, em contato com estas doutrinas consoladoras, e talvez possamos ver desaparecer da face da Terra as lutas fratricidas, ineptos frutos da ignorância, a se dissiparem diante dos ensinamentos de amor e fraternidade, que são a coroa radiosa do Espiritismo.

FIM

Notas:

- ¹ A realidade dessa força triunfou com as experiências de Richet, Dariex, de Rochas, Lombroso, Carl du Prel, etc. Ler *L'Extériorization de la Motricité*, pelo Cel. de Rochas.
- ² *O Fenômeno Espírita*, testemunho dos sábios. – Chamuel, editor.
- ³ *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno, A Gênese* e, sobretudo, as 12 edições da *Revista Espírita*, de 1858 a 1869, que versam estudos altamente interessantes sobre os mais variados temas.
- ⁴ *Matéria cósmica primitiva*, prótilo de Crookes.
- ⁵ Consulte-se o excelente livro de M. Ferrière – *La Vie et l'Ame*. Posto que o autor não compartilha as nossas idéias, julgamos dever recomendá-lo aos leitores, dado que o seu trabalho en-

cerra quantidade de fatos bem coordenados. Também teremos ocasião de o citar muitas vezes no curso desta obra.

- ⁶ Claude Bernard – *Les Phénomènes de la Vie*, T. I, pág. 167.
- ⁷ Claude Bernard – *La Science expérimentale*.
- ⁸ Claude Bernard – *Les Phénomènes de la Vie*, págs. 148 e seguintes.
- ⁹ Ferrière – *La Vie et l'Âme*, primeira parte. Consultar *Leçons sur les tissus vivants*, por Claude Bernard, que foi o primeiro a assinalar a importância desse meio interior.
- ¹⁰ Claude Bernard – *Rapport sur les Progrès de la Physiologie*.
- ¹¹ É preciso não interpretar o vocábulo no sentido que lhe emprestam teólogos e filósofos, e sim no de alma fisiológica.
- ¹² Flourens – *Considérations générales sur l'analyse organique*.
- ¹³ Dizemos quase, porque organismos inferiores, como as moneras, que são uma simples célula, jamais se destroem, a não ser acidentalmente. De fato, o que sucede é que, depois de atingirem um certo volume, por efeito da nutrição, esses corpos de bipartem e os dois segmentos tornam-se dois seres distintos, a crescerem e se reproduzirem pelos mesmos processos. Nesse caso, não há morte, não se pode distinguir a geradora da gerada, nem saber em qual reside a individualidade. São, portanto, realmente imortais.
- ¹⁴ As experiências de Pasteur demonstraram à sociedade que, presentemente, todo indivíduo provém de um semelhante. Nada prova, porém, que assim tenha sido originariamente e que, em épocas prístinas, as condições vitais não pudessem variar a tal ponto que a monera engendrasses, mediante evoluções gradativas e ascendentes, o homem atual.
- ¹⁵ Claude Bernard – *Introduction à la Médecine*.
- ¹⁶ Charles Richet – *Essai de Psychologie générale*, págs. 27 e seguintes.
- ¹⁷ Claude Bernard – *Leçons sur les tissus vivants*, pág. 262.
- ¹⁸ G. Delanne – *O Fenômeno Espírita*.

-
- ¹⁹ Esta obra foi publicada, originariamente na França, em 1895. Hoje, quantas conquistas haveria de registrar o autor, como o submarino e o avião, o rádio, a televisão, o radar, os satélites artificiais, os laboratórios espaciais, a astronáutica, etc.? E que será daqui a algumas dezenas de anos? (Nota da Editora).
- ²⁰ Ver Charles Richet – *L’Homme et l’Intelligence*.
- ²¹ Viana de Lima – *L’Homme suivant le Transformisme*. A sordícia dos Diggers ultrapassa tudo o que se pode imaginar. O mesmo sucede com os selvagens da baía de Motka (ilhas Quadro e Vancouver), que acumulam diante das suas tocas toda a espécie de imundícias. Diz Kolben, referindo-se aos Hotentotes, que nenhum mamífero é mais porco. Algumas tribos são indomáveis e de extrema ferocidade. Dalloux conta, dos Abors, que eles não podem habitar a dois, na mesma lura, sem se destruírem, e que a si mesmos se comparam com os tigres.
- ²² A.-L. Krapf – *Reisen in Ostafrika*.
- ²³ Este e outros exemplos são colhidos em Buchner.
- ²⁴ C. Richet – *L’Homme et l’Intelligence*. Citamos livremente, resumindo-a, a controvérsia deste autor sobre as semelhanças do homem e do animal. Convém ler, igualmente, *La Vie et l’Âme*, de Ferrière, e *Exposé des théories transformistes*, por Artur Viana de Lima, e *Le Monde avant la Création de l’Homme*, de Camille Flammarion.
- ²⁵ Consultar Lubbock – *Origens da civilização*. Romanes – *Evolução mental dos animais*. Darwin – *Descendência do homem*.
- ²⁶ Romanes – *L’Intelligence des Animaux* (*Revue Scientifique*, 04/01/1879).
- ²⁷ Artur Viana de Lima – *L’Homme selon le Transformisme*, pág. 133.
- ²⁸ Gratiolet – *Anatomie du Système nerveux*, t. II.
- ²⁹ Agassiz – *L’Espèce*, pág. 90.
- ³⁰ Sanson – *Sélection*, pág. 521.
- ³¹ Vulpian – *Leçons sur le Système Nerveux*.

-
- 32 Darwin – *Descendance de l’Homme*, t. I, pág. 56.
- 33 Ménault – *L’Amour maternel*.
- 34 Gratiolet – *Anatomie du Système nerveux*, pág. 642.
- 35 Viana de Lima – *L’Homme selon le Transformisme*, pág. 139.
- 36 Agassiz – *L’Espèce*, pág. 97.
- 37 Charles Richet – *L’Homme et l’Intelligence*.
- 38 Viana de Lima – Obra citada, págs. 159 a 226.
- 39 Dassier – *L’Humanité posthume*, págs. 83 e seguintes.
- 40 Reichenbach – *Lettres odiques magnétiques*.
- 41 *Rapport du docteur Kerner*.
- 42 Viana de Lima – *Exposé des théories transformistes*, pág. 72.
- 43 *Bathybius*, descoberto na expedição do “Porcupine” (1863), é uma matéria gelatinosa, viva, agregando-se em pequenas massas viventes, a que Haeckel chama *moneras*. Recentemente, o Sr. de Folin, assistindo às sondagens do “Talisman” e do “Travailleur”, no golfo de Gasconha, colheu protoplasma vivo, do fundo do mar.
- 44 Ver Perrier – *Philosophie zoologique avant Darwin*, cap. XVIII.
- 45 Isidore Geoffroy-Saint-Hilaire – *Histoire naturelle générale des règnes organiques*, t. II, pág. 295.
- 46 *Comptes rendus*, 16 de maio de 1881.
- 47 A irritabilidade e a motilidade caracterizam os animais inferiores, chamados protozoários, quais os infusórios, as esponjas, as gregarinas, etc. Também os vegetais possuem essas duas propriedades, quais a sensitiva, a dionéia papa-mosca, a drósera, etc. Assim, também, os anterozóides dos musgos, dos fetos, os zoospórios das algas, etc (Ferrière – *La Vie et l’Âme*, pág. 318).
- 48 Ver Piazzeta – *Les Secrets de la Plage*, págs. 165, 182, 196.
- 49 Princípio de Arquimedes.

-
- ⁵⁰ *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle*, tomo XIX, pág, 76, 1812. Ver também suas memórias sobre *L'Anatomie de la patelle*, 1792; *Anatomie de l'escargot*, 1795, sobre *La Structure des Mollusques*, 1795, etc.
- ⁵¹ Leuret – *Anatomie comparée du Système Nerveux*.
- ⁵² Para a parte fisiológica, consultar Claude Bernard – *Les Tissus vivants*; Rosenthal – *Les Muscles et les Nerfs*; Longet – *Physiologie*; Charles Richet – *Essai de Psychologie générale*; Delboeuf – *Psycho-physique*; Féré – *Sensation et mouvement*.
- ⁵³ Richet – *Psychologie générale*, 1887. Seguiremos de perto este autor, citando-o livremente, por isso que o seu trabalho expositivo, muito bem feito, resume as últimas perspectivas da ciência sobre o tema em apreço. Consultar também Viana de Lima – *Exposé des théories transformistes*.
- ⁵⁴ J. W. Draper – *Les Conflits de la Science et de la Religion*.
- ⁵⁵ Balfour-Steward – *La Conservation de l'Énergie*, último capítulo.
- ⁵⁶ Delboeuf – *Eléments de psycho-physique*, págs. 127 e seguintes. Utilizamo-nos parcialmente desta teoria, modificada sob nosso ponto de vista.
- ⁵⁷ A. de Lapparent – *Traité de Géologie*, pág. 1468.
- ⁵⁸ E. Ferrière – *La Matière et l'Énergie*, pág. 474.
- ⁵⁹ A. de Lapparent – *Traité de Géologie*.
- ⁶⁰ Para pormenores, ver *Physiologie*, de Muller; Longet – *Physiologie*, 2º vol., e Richet – *Psychologie générale*, cap. II.
- ⁶¹ Richet – *Psychologie générale*, pág. 61.
- ⁶² A propósito do instinto, consultar: Darwin – *Origine des Espèces*, cap. VII; Romanes – *L'Évolution mentale chez les animaux*; e Richet – *Psychologie générale*, cap. VI.
- ⁶³ Ferrière – *La Vie et l'Âme*, págs. 344-345.
- ⁶⁴ Ed. Perrier, prefácio da obra de Romanes, *L'Intelligence des Animaux*, pág. XXVI.
- ⁶⁵ Herbert Spencer – *Principes de Psychologie*.

-
- ⁶⁶ Ver Ribot – *Les Maladies de la Mémoire*; Richet – *Origines et Modalités de la Mémoire*; (*Revue Philosophique*, junho 1886); Delboeuf – *Eléments de Psycho-physique*; Ferrière – *La Vie et l'Âme*; Féré – *Sensation et Mouvement*; Binet – *Les Altérations de la Personnalité*.
- ⁶⁷ Richet – *Origines et Modalités de la Mémoire*.
- ⁶⁸ Maudsley – *Physiologie de l'Esprit*, tradução Herzen, pág. 140.
- ⁶⁹ Ribot – *Les Maladies de la Mémoire*, págs. 22 e seguintes.
- ⁷⁰ Carpenter – *Mental Psysiology*.
- ⁷¹ Richet- *Psychologie générale*, pág. 63.
- ⁷² Ribot – *L'Hérédité*, pág. 310.
- ⁷³ Despines – *Psychologie naturelle*, pág. 485, t. I.
- ⁷⁴ Ribot – *Les Maladies de la Mémoire*, págs. 6 e seguintes.
- ⁷⁵ Ferrière – *La Vie et l'Âme*, págs. 228-241.
- ⁷⁶ Féré – *Sensation et Mouvement*, págs. 17 a 20.
- ⁷⁷ Richet – *Origines et Modalités de la Mémoire*, pág. 584.
- ⁷⁸ Ribot – *Les Maladies de la Personnalité*.
- ⁷⁹ Nós, no Brasil, dizemos de preferência, *incorporação*, que parece melhor traduzir um estado transitório. *Encarnação* fica com a acepção de nascimento no mundo (Nota do Tradutor).
(*).
- (*). Lembramos ao leitor que a expressão *incorporação* pode não ser adequada, por sugerir que o espírito que se comunica toma posse total do corpo físico do médium, o que, na realidade, não acontece. Por esse motivo, denomina-se, atualmente, *psicofonia* esse tipo de mediunidade, na qual o espírito comunicante atua sobre os órgãos vocais do médium para se comunicar, como ensina Allan kardec em *O Livro dos Médiuns*, Capítulo XIV, questão 166 - Médiuns falantes.
- ⁸⁰ *O Fenômeno Espírita*.

-
- ⁸¹ Sabemos que se chama *tempo de reação* o necessário para que uma sensação seja percebida. No tópico “Condições da percepção”, deste capítulo, vimos que esse tempo foi medido.
- ⁸² Nota à sua edição de *Rapports du Physique et du Moral*, de Cabanis, págs. 108 e 109. Citação de Ribot – *Les Maladies de la Personnalité*, pág. 25.
- ⁸³ *Hypnotisme, Double Conscience et Altération de la Personnalité*.
- ⁸⁴ Dr. Dufay – *Revue Scientifique*, pág. 69, 5 de julho de 1876.
- ⁸⁵ O leitor curioso de conhecer os casos em que o *eu* se apresenta sob múltiplos aspectos poderá ler *Changements de Personnalité*, dos Srs. Bourru e Burot. O Sr. Provot publicou um caso na *Tribune Médicale*, de 27 de março de 1890; O Sr. Mesnet – *De l’Automatisme de la Mémoire et du Souvenir dans le Somnambulisme pathologique* (*Union Médicale*, 21 e 23 de julho de 1874); Guinon – *Progrès médical*, 1891.
- ⁸⁶ Binet – *Les Altérations de la Personnalité*, pág. 69.
- ⁸⁷ Claude Bernard – *Leçons sur les Tissus vivants*.
- ⁸⁸ Pierre Janet – *L’automatisme psychologique*, pág. 110.
- ⁸⁹ *O Espiritismo perante a Ciência*, Ensaio de teoria geral, págs. 153 e seguintes.
- ⁹⁰ Aubin Gauthier – *Histoire du Somnambulisme*, pág. 358, t. II.
- ⁹¹ Liébault – *Le Sommeil et les états analogues*, págs. 80 e seguintes.
- ⁹² Despine – *Somnambulisme*.
- ⁹³ Baragnon – *Magnétisme animal*, pág. 172.
- ⁹⁴ Myers – *Proceedings*, Sociedade de Investigações Psíquicas, 1887, 514.
- ⁹⁵ Gille de la Tourette – *Le Somnambulisme et les états analogues*, pág. 23.
- ⁹⁶ Aubin Gauthier – Op. cit., pág. 363.
- ⁹⁷ Delatour, no *Hermès*, jornal de magnetismo, pág. 116, agosto, 1826.

-
- ⁹⁸ Binet – *Les Altérations de la Personnalité*, pág. 72.
- ⁹⁹ Bertrand – *Traité du Somnambulisme*, pág. 318.
- ¹⁰⁰ *L'Anesthésie systématisée et la Dissociation des Phénomènes psychologiques. (Revue Philosophique, 1887, I, 449).*
- ¹⁰¹ De Rochas – *Les Forces non définies, appendice; États profonds de l'Hypnose.*
- ¹⁰² Pierre Janet – *L'Automatisme Psychologique*, pág. 84 e seguintes.
- ¹⁰³ Ribot – *Les Maladies de la Mémoire*, pág. 141.
- ¹⁰⁴ Allan Kardec – *O Céu e o Inferno.*
- ¹⁰⁵ Binet – *Les Altérations de la Personnalité*, pág. 237 e seguintes.
- ¹⁰⁶ Bourru e Burot – *Changements de la Personnalité*, pág. 152.
- ¹⁰⁷ *Comptes rendus*, 16 de maio de 1881.
- ¹⁰⁸ Stuart Mill – *Logique*, 1, VI, 4 e 1, III.
- ¹⁰⁹ Ribot – *L'Hérédité.*
- ¹¹⁰ Claude Bernard – *Phénomènes de la Vie.*
- ¹¹¹ Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos*, União da alma e do corpo (Parte 2^a – cap. VII)
- ¹¹² Ribot – *L'Hérédité*, pág. 455.
- ¹¹³ Brierre de Boismont – *Des Hallucinations*, pág. 342.
- ¹¹⁴ Darwin – *Variations*, tomo II, cap. XVII.
- ¹¹⁵ P. Lucas – *Traité Physiologique et Philosophique de l'Hérédité naturelle*, tomo I, pág. 125.
- ¹¹⁶ Benoiton de Chateaufort – *Mémoire sur la durée des Familles nobles en France.*
- ¹¹⁷ Dr. Morel – *Traité des Dégénérescences*, pág. 103.
- ¹¹⁸ Despines – *Psychologie naturelle.*
- ¹¹⁹ Piorry – *De l'Hérédité dans les Maladies*, pág. 169.
- ¹²⁰ Sully – *Mémoires*, 1, I.
- ¹²¹ Brierre de Boismont – *Des Hallucinations*, pág. 425.

-
- ¹²² Sabemos que era esse um dos meios para reconhecer a possessão demoníaca.
- ¹²³ Allan Kardec – *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. XXIII.
- ¹²⁴ Brierre de Boismont – *Des Hallucinations*, pág. 102, O. s. XXXII.
- ¹²⁵ Richet – *L’Homme et l’Intelligence. Du Somnambulisme provoqué*.
- ¹²⁶ Richet – Obra citada, Nota III – *De l’Automatisme*, pág. 517.
- ¹²⁷ Ver o que se registra sobre os convulsionários de Saint-Médard, os tremedores de Cévennes, os iluminados, os predadores da Suécia, etc., constantes de *L’Histoire des Sciences occultes*, de Salvest, e de *L’Histoire contemporaine du Merveilleux*, de L. Figuier.
- ¹²⁸ Piorry – *De l’Hérédité dans les maladies*, pág. 119; Maudsley – *Pathology of mind*, págs. 244 e 256; Lemoine – *L’Aliéné*, págs. 105 e 137; Brierre de Boismont – *Des Hallucinations*; Moreau – *Psychologie morbide*.
- ¹²⁹ Moreau – *Psychologie morbide*.
- ¹³⁰ As leis magnéticas norteiam-no inconscientemente, no caso em que não seja bastante adiantado para compreender esses fenômenos.
- ¹³¹ Jeanssen – *L’Age des Étoiles (Revue Scientifique*, novembro, 1887, pág. 644).
- ¹³² Isso vem confirmar tudo quanto sabemos da fotografia dos Espíritos.
- ¹³³ Secchi – *Les Étoiles*, t. II, págs. 58 e 68.
- ¹³⁴ Faye – *Classifications des Mondes (Revue Scientifique*, abril, 1885, 489).
- ¹³⁵ Flammarion – *Le Monde avant la Création de l’Homme*, pág. 40.

FIM